

DEATH IS
HIS UNDOING

THE
CURSED

HARPER L.

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

WOODS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SINOPSE

Traição.

Ele era o engano que esperava durante a noite, a verdade que eu nunca imaginei chegando. Depois de uma vida inteira de manipulação, finalmente descobri a verdade. Eu era sua marionete... mesmo que nunca tenha visto minhas cordas.

Mesmo sabendo a quão profunda é sua traição, não consigo me livrar da conexão inegável entre Gray e eu... a forma como um único olhar dele incendeia minha alma. Não somos os mesmos. Somos inimigos, prontos para lutar pelo futuro daquilo que eu queria destruir.

Com o fim do Covenant, a vingança que pensei que queria não é mais minha prioridade. As bruxas que restaram não desempenharam nenhum papel na morte da minha tia, e a única pessoa que está no caminho da correção desses erros é o próprio homem determinado a me manter em sua cama.

Mas os membros restantes do Coven nunca me perdoarão pelo papel que desempenhei na sua morte e subjugação, o pior de tudo é que não posso sequer culpá-los por isso. Eu tinha sido ingênua, acreditando em minhas próprias ilusões de grandeza quando o destino claramente tinha outros planos para mim. Planos que foram postos em prática séculos antes do meu nascimento.

Mas mesmo isso tinha sido uma mentira, agora é meu dever fazer tudo o que estiver ao meu alcance para desfazê-lo.

Para proteger meu Coven do ódio do meu marido... não importa a que custo.

OS GATILHOS INCLUEM:

- Consentimento duvidoso
- Alimentação forçada
- Violência gráfica
- Conteúdo sexual violento e explícito
- Proximidade forçada e cenários cativos
- Traição
- Referências a abusos passados e reações traumáticas a estímulos desencadeantes
- Violência com faca
- Representações gráficas de sangue
- Danos físicos infligidos ao personagem principal
- Assassinato ritualístico
- Estupro de menor por adulto (fora da página, contexto histórico)
- Automutilação/corte para fins mágicos
- Magia de sangue
- Na página violência e tortura

PRÓLOGO

LÚCIFER MORNINGSTAR CINQUENTA ANOS ANTES



Loralei Hécate vagou pelos corredores, seu longo cabelo de ébano balançando enquanto ela se movia. O pedaço de ônix em sua palma não faria nada para protegê-la da criatura que a caçava, mas isso não a impediu de se agarrar a ele como uma tábua de salvação enquanto eu seguia pelas sombras. Sua melhor amiga era uma Branca, dando a Lorelei a joia para se proteger contra aquela sensação incômoda de ser seguida da qual ela simplesmente não conseguia se livrar.

A única proteção que ela teria encontrado seria a segurança nos números, e ela foi tola o suficiente para deixar o refúgio de sua cama à noite. Não demorou muito para atraí-la, apenas o sussurro silencioso de uma chamada tão sutil que não ativou o amuleto em seu pescoço.

Eu a segui, mantendo-me nas sombras para evitar que ela percebesse. Seria o lugar certo para a morte dela, porque por mais que ela precisasse morrer, eu não queria que ela sofresse. Eu não precisava que seus momentos finais fossem preenchidos com medo e escuridão.

Sua morte não era nada pessoal. Na verdade, a sua morte era um sacrifício destinado a levar tudo a bom termo.

Séculos de planejamento dependiam desse momento e da cessação de seus batimentos cardíacos, mas o papel que ela desempenhou nos anos que antecederam isso lhe valeu um sinal do meu respeito.

Loralei parou de repente, girando para olhar para mim. O azul vívido de seus olhos brilhava na escuridão, brilhando como o luar com um leve tom roxo que lembrava tanto sua ancestral, Charlotte. Sua testa se torceu enquanto sua boca se abria em um grito silencioso enquanto ela se movia, deixando cair o cristal de ônix no chão.

A proteção da pedra foi esquecida quando ela me encontrou andando atrás dela. Ela não sabia a verdade sobre quem eu era, sobre o que eu era por baixo do traje de carne que eu chamava de lar, mas nada de bom poderia vir de um Receptáculo perseguindo sua presa durante a noite.

Dei um único passo em direção a ela, parando de repente quando um olhar incompatível olhou em minha direção. Uma mulher entrou na luz fraca que brilhava pelas janelas, aproximando-se de Lorelei hesitante. Havia algo de irreal em seu corpo, como se ela estivesse lá, mas não, se eu estendesse a mão para tocá-la, me perguntaria se encontraria carne ou apenas o mais leve sussurro de uma memória meio esquecida.

Loralei correu, avançando e se dirigindo para uma curva no corredor enquanto a mulher procurava nas sombras que eu chamava de lar. Ela não viu nada, seu misterioso olhar multicolorido percorrendo todo o corpo e procurando como se pudesse me *sentir*, mas não me ver.

Mas eu a vi.

Eu a senti. Assim que aqueles olhos roxos e âmbar pousaram nos meus, eu soube exatamente o que ela era... quem ela era. Seu cabelo longo e escuro caía sobre os ombros em ondas suaves, o leve tom bordô na parte inferior me lembrando do melhor merlot. O seu corpo era curvilíneo e macio, com coxas grossas que eu podia imaginar enroladas à volta da minha cabeça, e seios que saltavam quando eu a fodia.

Minhas intenções com 'a filha de dois filhos' nunca foram torná-la minha. Elas nunca foram para mantê-la, mas simplesmente para usá-la para o que sua combinação única de magia poderia me oferecer.

Tudo isso mudou quando um grunhido retumbou em meu peito, atravessando meu corpo. O chão tremeu sob meus pés com a força, as janelas chacoalhando na parede enquanto os pedaços do destino estalavam e batiam juntos em uma sinfonia sem fim, como o barulho de ossos balançando ao vento.

Loralei agarrou o saco de ossos em seu quadril enquanto a jovem bruxa Hécate se virava e seguia sua tia, o fantasma de seu rosto tremeluzindo ao luar. Seu olhar caiu para aquele saco de ossos como se sentisse o chamado, parte dela reconhecendo que um dia eles seriam seus.

Ela os queria, e tudo que eu queria era pegar o que era meu.

Ela.

— Eu não tenho o que você procura — disse Lorelei ao nada. Seu olhar permaneceu fixo em mim, seu corpo estremecendo a cada passo que eu dava. Os corredores pulsavam em reconhecimento do que se movia por eles enquanto eu liberava os pequenos pedaços de poder que conseguia acessar dessa forma, enchendo a universidade com a minha presença.

A bruxa Hécate mais jovem, a mulher que ainda não havia nascido, vacilou, prendendo-se com a mão na parede. A respiração de ambas as bruxas se espalhou diante de seus rostos enquanto a temperatura do salão caía tanto que queimava.

— Lorelei! — A bruxa mais jovem chamou em pânico. Lorelei desviou o olhar para o lado como se também visse a bruxa estranha, arregalando os olhos com o reconhecimento. Ela tirou a mão do saco de ossos que lhe dava poder, seu corpo paralisando enquanto eu observava algo se arquear entre elas.

— Corra, Charlotte. Corra! — Ela gritou enquanto a outra bruxa se aproximava para ajudar sua tia.

Charlotte.

Havia certa familiaridade nela, pulsando em ondas que me lembravam da bruxa original. Daquela que me chamou na floresta naquela noite e implorou pelas ferramentas para se vingar.

Mas o nome estava totalmente errado para ela, como se a parte que permanecia independente dessa familiaridade se rebelasse contra a noção de estar tão profundamente ligada ao antepassado que tinha começado tudo.

Eu ataquei, uma mão com garras escorregou das sombras tão rapidamente que duvidei que a nova bruxa tivesse me visto. O peito de Lorelei revelou três marcas vermelhas e profundas rasgando-a enquanto o sangue respingava no rosto da mais jovem. Ela estendeu a mão e caiu de joelhos, agarrando a sobrinha pelo braço enquanto o

chão tremia embaixo dela. Dei um passo mais perto, pronto para pegar o que era meu, mesmo que isso estragasse tudo.

Meu corpo se movia como se estivesse em transe, como se ela tivesse usado os ossos que não possuía para comandar meu corpo.

— Acorde, Willow. — Lorelei sussurrou enquanto seus olhos reviravam.

Willow.

Esse nome estava certo. Aproximei-me, minha atenção não se concentrou na bruxa que eu viria matar, mas naquela que planejava possuir um dia.

Passei minhas garras por seu ombro em três movimentos rápidos e bruscos. Willow gritou enquanto seu sangue afundava sob minhas unhas, cobrindo meus dedos e me fazendo sentir completo pela primeira vez em séculos. Eu os levei à boca, sentindo pela primeira vez o gostinho do meu futuro.

Ela se virou para olhar para mim, me perguntei se a criatura curiosa me veria ali. Eu me perguntei se ela já era minha quando me inclinei para frente, passando meu nariz pelos cabelos de sua nuca e inalando seu perfume.

— Acorde! — Lorelei gritou.

O chão tremeu embaixo de mim enquanto minha raiva aumentava, a bruxa sangrando fazendo tudo ao seu alcance para tirar minha feiticeira de mim. Willow caiu, os joelhos prontos para bater na pedra.

Até que ela desapareceu.

CAPÍTULO UM

WILLOW



Eu engasguei no momento em que aqueles estranhos e brilhantes olhos dourados encontraram os meus sem hesitação, seu olhar me prendeu e me segurou no lugar. Minha mão tremia contra seu peito enquanto eu piscava para conter as lágrimas de horror.

O que eu fiz?

Engoli em seco, lentamente desviando o olhar dele e olhando para os arquidemônios, observando nossa interação com muito mais interesse do que eu gostaria. Puxei minha mão, ainda pressionada contra seu peito, sua pele estalando e descascando onde havia queimado contra a minha. A náusea doeu no fundo da minha garganta com o cheiro quando puxei novamente, revelando carne vermelha e crua no formato da minha mão.

A marca da mão era de um vermelho vivo contra o dourado de sua pele. Minha respiração estremeceu em meus pulmões enquanto eu lutava para me libertar, mas não ousei fazê-lo rapidamente. Ele me observou, seu misterioso olhar dourado avaliando cada movimento meu enquanto eu tentava reprimir o pânico em meu corpo.

Sua mão se moveu rapidamente enquanto eu me afastava, arrancando mais da pele queimada e carbonizada dele. Ele me agarrou pelo pulso, seu aperto sólido enquanto eu lutava para me libertar. Movendo-se lentamente, ele sentou-se num deslizamento suave e fluido que não revelava o quanto tempo seu corpo estava vazio e negligenciado. Movi-me com ele, pois ele não me deixou escolha, balançando lentamente as pernas para o lado da cama. Os arquidemônios o levantaram, colocando-o sobre os braços do trono de

Tethys para que ele ficasse no mesmo nível meu enquanto eu estava de pé.

A cama não se movia enquanto ele se movia, apesar da posição precária, seu movimento controlado com tanto cuidado que não era natural. Seu olhar aquecido nunca deixou meu rosto para olhar para os outros na sala enquanto sua outra mão se levantava do seu lado, passando por baixo do meu braço livre para se acomodar na minha cintura. Seus dedos agarraram o tecido da minha blusa, apertando-o contra a minha pele enquanto ele me empurrava para frente, para ficar entre suas pernas abertas.

Ele sustentou meu olhar, ignorando o tremor de minha mão e lábio inferior enquanto se inclinava para frente, pressionando sua testa contra a minha. Um suspiro profundo o deixou no momento em que nossa pele se tocou, seu aperto contra meu pulso enquanto seus olhos finalmente se fechavam.

Engoli em seco, me afastando para olhar para ele. Ele cerrou os dentes de trás quando sua mão caiu da minha cintura e a levantou para deslizá-la sob a cortina do meu cabelo e tocar meu queixo. O suor escorria pela minha pele com o contato, seu corpo tão quente que parecia que poderia me queimar. Era um grande contraste com a sensação do seu Receptáculo, com aquele frio impressionante que sempre permeava o ar ao seu redor.

— Não me olhe desse jeito, Feiticeira — ele murmurou suavemente, seu aperto aumentando ainda mais na curva da minha cabeça quando tentei me afastar de seu toque.

Aqueles olhos etéreos endureceram em um brilho, brilhando como ouro derretido quando usei seu momento de distração para arrancar minha mão de seu peito. Tentei não olhar para a marca perfeita da mão que marcava sua pele, para o modo como ela não parecia mostrar nenhum sinal de cura como eu esperava.

Ele inclinou a cabeça para olhar a marca, seus lábios formando um sorriso cruel. — Você me marcou — disse ele, olhando para mim através dos cílios com a sugestão de dentes brancos aparecendo através dos lábios entreabertos. Era um olhar de satisfação presunçosa, puramente dominante... um predador que havia conquistado sua presa.

— Eu fiz tudo que você pediu — eu disse, balançando a cabeça enquanto tentava me afastar de seu toque. Ele agarrou minha mão, levantando-a para olhar para os restos de carne queimada que

grudavam na minha pele. Quando ele tocou nela com um único dedo, observei com horror enquanto os restos se transformavam em sangue, escorregando da minha mão e pingando no chão, aos nossos pés. Foi da mesma forma que ele derreteu a nova carne dos ossos do Covenant para formar Charlotte, e a memória estava muito fresca em minha mente.

— Você fez — ele concordou, passando um dedo pelo sangue e arrastando-o até onde meu pulso aparecia na manga do meu suéter.

— Então me deixe ir. Você não tem mais utilidade para mim — argumentei, mantendo minha voz baixa. Seu dedo parou naquela trilha lenta e traidora sobre minha pele, congelando no lugar enquanto sua unha parecia se alongar na raiva repentina que pulsava dele em ondas.

Ele perfurou minha pele, meu próprio sangue jorrou enquanto eu engasgava com a sensação do calor dele deslizando para dentro da ferida e se enredando no meu. Não deveria ter sido assim, não deveria ter inundado minhas veias com um calor formigante que me deixou em chamas.

Mas aconteceu.

— Você quer me deixar — ele disse, girando lentamente aquele olhar animalesco para meu rosto mais uma vez. Não havia calor na dureza de sua raiva, apenas raiva que eu não queria contemplar enquanto recuava diante dele.

— Que razão eu teria para ficar? — Perguntei. Seu rosto caiu imediatamente, a raiva de um momento antes de desaparecer tão de repente que me deu uma chicotada. De alguma forma, o vasto vazio e a falta de emoção em suas feições eram piores que sua raiva.

Ele me soltou, permitindo que eu tropeçasse em meus próprios pés com a minha liberdade repentina. Recuei mais um passo enquanto ele permanecia suavemente, esta forma dele tão semelhante ao Receptáculo que ele ocupou durante séculos. Exceto que tinha sido uma imitação vazia do homem real diante de mim, da beleza dominante e masculina que rondava em minha direção com lenta confiança.

Ele tinha sido lindo antes, mais bonito do que qualquer ser humano que eu já tinha visto, mas agora, nesta forma, ele era de alguma forma mais. Seu cabelo era mais espesso, mais escuro e de um castanho profundo tão próximo do preto que apenas as lanternas no alto expunham a diferença. Sua estrutura óssea era de alguma forma

mais nítida, mais refinada e distintamente masculina. Seus olhos dourados pareciam estar mais profundos na estrutura de seu rosto, tornando sua testa mais pronunciada. Apesar da plenitude delicada de sua boca, a linha tensa dela era ameaçadora e implacável enquanto ele olhava para mim. Ele parecia maior do que antes, não apenas em altura, mas em largura. Seus músculos estavam esculpidos em sua forma esbelta, como se ele fosse uma escultura pertencente a uma das igrejas de Roma.

Porque elas foram baseadas nele.

Até mesmo seus antebraços e mãos falavam de força, da capacidade de quebrar minha coluna ao meio se eu olhasse errado para ele. Sua própria essência encheu a sala, mergulhando-nos na escuridão enquanto o ar esquentava nauseantemente, o gosto de maçãs cobria minha língua.

— Consegui o que vim fazer aqui e coisas que nunca teria desejado — eu disse em uma tentativa de lembrá-lo de que sempre tive uma agenda ao vir para Crystal Hollow. No meu cenário ideal, esta cidade sempre foi uma parada, se pelo menos eu conseguisse sobreviver.

Este último parecia improvável, dada a infeliz evolução dos acontecimentos.

Como ser esfaqueada pelo homem por quem de alguma forma me permiti me apaixonar, semelhante à garotinha ingênua que ele me acusou de ser.

Até eu sabia que não tinha chance de lutar para chegar à liberdade. Minha magia estava distante, usada demais na abertura do selo e sem nada da terra por perto para eu invocar. Olhei para o trono Madizza pelo canto do olho, as pétalas de rosa pretas flutuando em uma brisa invisível como se sentissem o leve chamado da minha magia.

Recuei mais uma vez, na esperança de chegar um pouco mais perto e evitar a morte que Lúcifer prometeu em seu olhar. Eu esbarrei em algo enorme e duro nas minhas costas, inclinando a cabeça para cima para ver onde Belzebu me olhava com desinteresse... suas asas pretas e de couro se contorcendo enquanto se enrolavam em torno de seus ombros. Ele alcançou a frente do meu corpo, capturando meu queixo com uma mão enquanto a outra tocava a parte de trás da minha cabeça.

A respiração ficou presa na minha garganta, a compreensão do que ele pretendia passou por mim mais rápido do que eu poderia reagir. Gray nem sequer me deu a cortesia de me matar ele mesmo, permitindo que seu servo fizesse seu trabalho sujo no final.

Os olhos de Lúcifer se arregalaram, sua expressão ficou horrorizada quando sua boca se abriu de repente. — Não! — Ele ordenou enquanto Belzebu virava bruscamente minha cabeça para o lado.

Um estalo ressoou em meu crânio quando Gray correu para frente, me pegando enquanto eu caía. Ele me impediu de cair no chão enquanto minha cabeça pendia em um ângulo não natural que eu não conseguia corrigir, meus pulmões se comprimiam enquanto expeliam um último suspiro.

Sua mão bateu em meu peito, uma dor se espalhando pelo calor de seu toque quando tudo ao meu redor estava frio.

Mas por dentro, eu queimava.

CAPÍTULO DOIS

LÚCIFER MORNINGSTAR



Willow caiu, suas pernas dobrando sob ela enquanto seus olhos vidrados. Belzebu a soltou como se ela o tivesse queimado no momento em que gritei meu protesto, como se isso fosse suficiente para desfazer o que ele tinha feito. Meu corpo se moveu mais rápido do que eu lembrava, me fazendo tropeçar um pouco enquanto me adaptava à sensação da minha própria pele envolvendo minha alma.

Peguei Willow antes que ela pudesse cair no chão, deslizando um braço por baixo dela para oferecer apoio. Estremeci com o ângulo estranho de seu pescoço, com a maneira como ele pendia mole, sem nada para apoiá-lo. A forma dela me lembrou de Susannah, da forma grotesca como sua morte se agarrou ao que restava dela, mesmo depois que Charlotte e eu a levantamos do túmulo.

Não.

Seus olhos reviraram para trás enquanto sua alma se separava de sua forma física, o fantasma de seu espírito subindo de seu peito em uma forma tênue e enevoadada.

— Sinto muito — murmurei, mesmo sabendo que ela não me ouvia mais. A Willow que eu conhecia não conseguia mais sentir aqueles que tentavam alcançá-la, seu espírito perdido para o chamado do Inferno em sua alma. O que eu faria iria trazer-lhe dor, iria atormentá-la e provavelmente faria com que ela me odiasse ainda mais do que já odiava.

Empurrei minha mão através daquela névoa que vazava de seu coração, batendo minha palma contra a pele nua de seu peito. Gavinhas escuras de magia negra e proibida se espalharam pela névoa que poderia tê-la trazido à paz se sua alma não tivesse sido amaldiçoada pelas ações de sua ancestral, envolvendo o que restou de Willow e agarrando-se a ela.

Sua pele se partiu sob minha mão, rachando como se ela fosse feita de porcelana. A escuridão se espalhou por sua pele como as vinhas que ela amava, criando um vazio em seu corpo enquanto eu concentrava minha magia em agarrar cada último pedaço de sua alma. Eu não deixaria nenhuma parte dela escapar de mim, não deixaria nenhum pedaço da mulher que eu passei a desejar mais do que a minha própria liberdade, separar-se do que a tornava ela.

As gavinhas se agarraram, prendendo-a em um abraço brutal e cruel enquanto seu corpo estremecia em meus braços. Minha mão livre subiu por suas costas, deslizando por baixo de sua blusa e tocando a marca que eu havia colocado em seu ombro. Aquela que a tornou *minha*.

Aquela que me permitiu amarrá-la a mim em uma tentativa desesperada de salvá-la.

Suas costas arquearam involuntariamente enquanto minhas unhas afundavam no centro do triângulo com o qual eu a marquei, alongando-se em garras pretas que perfuraram sua carne. Eu sabia que a dor que ela sentiria ao acordar seria incapacitante, que ela se lembraria de pedaços do que havia acontecido nas dores que atormentavam seu corpo.

Embalando-a em meus braços, inclinei-me para frente e toquei minha testa na dela, segurando-a na posição enquanto movia minha mão em seu peito, afundando meus dedos entre as rachaduras que criei em sua pele.

A magia negra que usei para prender sua alma aqui voltou para mim, envolvendo minha pele e puxando-a de volta para seu corpo. Somente quando sua alma retornou para ela, envolvendo seu coração e se acomodando na carne morta e inútil de seu corpo, é que soltei meus dedos e olhei para baixo, para onde a névoa tingida com leves fios verdes e pretos girava dentro da fenda que eu fiz.

Ela ficou pendurada, mole, enquanto eu me afastava, erguendo meu antebraço para Belzebu, que olhou para ela e engoliu em seco. —

Lúcifer... — ele disse, sua voz sumindo enquanto olhava entre mim e minha esposa.

— Faça isso agora — ordenei, observando enquanto ele desembainhava sua adaga favorita da alça cruzada sobre seu peito. Ele pressionou-a na parte inferior vulnerável do meu pulso, arrastando-o pela minha veia até chegar à parte interna do meu cotovelo. O que eu pretendia fazer exigiria muito mais sangue do que qualquer mortal poderia facilmente dar, apenas a verdadeira imortalidade da minha forma oferecendo a sua salvação.

O sangue fluiu livremente pela minha pele, pingando no chão abaixo de mim enquanto eu me movia para colocá-lo sobre a boca de Willow. Ela não respondeu quando eu o pressionei em seus lábios, manchando sua boca e pele com meu sangue e permitindo que ele se acumulasse em sua boca. Os arquidemônios ficaram em silêncio enquanto esperávamos que aquilo escorresse pelo fundo de sua garganta, que seu corpo consumisse o que consertaria o mal feito à sua forma mortal.

Uma respiração irregular encheu seus pulmões, seu pescoço se deslocando e voltando ao lugar enquanto os ossos se recuperavam. Abaixei minha cabeça para frente, puxando-a com mais força para mim e obtendo conforto da subida e descida de seu peito em um ritmo natural e uniforme. Era o mesmo que ela tinha quando eu a observava dormir, o mesmo batimento cardíaco que ecoava em sua respiração.

Meu sangue pingou no chão enquanto minha carne trabalhava para se recompor, esticando enquanto eu estava com Willow em meus braços e me dirigia para a porta. Seus gritos de dor começaram, rasgando meus tímpanos e me fazendo estremecer. A dor naquele som era inimaginável. Pensar no que ela devia estar sentindo para fazer barulhos assim mesmo nas profundezas do sono...

— Lúcifer, precisamos saber o que você quer que façamos. Os planos mudaram claramente. — Asmodeus gritou atrás de mim.

— Os planos podem esperar — eu rosnei, deixando os arquidemônios causarem qualquer estrago que desejassem no Coven. Nenhum deles importava. Nada disso importava.

Apenas a bruxa em meus braços.

CAPÍTULO TRÊS

WILLOW



Num momento, havia apenas escuridão. Apenas um buraco onde antes havia luz. Os vagos vestígios de chamas queimavam a parte de trás das minhas pálpebras, provocando-me e aquecendo-me como se meu espírito se preparasse para a pira.

Então houve ar, cortante e doloroso, que enchia meus pulmões. Meus olhos se abriram quando eu soltei um suspiro irregular, sentando-me tão de repente que minha visão ficou confusa. Meus pulmões queimaram com o ar que os enchia, como se estivessem congelados no tempo, esperando que eu acordasse.

Minha mente estava uma bagunça, um labirinto do qual não conseguia sair. Meu peito pesava com o esforço, como se eu tivesse acabado de correr um quilômetro, minha respiração estava difícil devido ao pânico que me consumia. Minha mão rastejou em direção à minha garganta, agarrando a pele ali enquanto eu lutava para lembrar como fui parar na cama de Gray.

No momento em que meus dedos tocaram minha pele, o estalo do meu pescoço estourou na minha memória. A escuridão que veio depois e depois a dor completa e cegante que dominou meu corpo.

Saí da cama, me enroscando nos cobertores enquanto jogava as pernas para fora da cama. Caindo no chão com um baque, lutei para me libertar da bagunça característica deles em meu pânico. Chutando e arranhando-os enquanto balançava a cabeça de um lado para o outro, rastejei em direção ao banheiro do outro lado do quarto de Gray.

— Willow! — Ele gritou, mas eu não suportava virar os olhos para ele. Eu não aguentava olhar para ele, mesmo quando o senti entrar pela porta aberta de sua área de estar privada. Fiz uma careta enquanto tentava me levantar, resistindo à vontade de gritar quando não conseguia tirar as pernas da porra do cobertor.

Meu peito latejava de dor e toquei nele com a palma da mão enquanto um ruído estrangulado subia pela minha garganta.

Gray se moveu, evitando cuidadosamente minhas pernas enquanto removia o cobertor e o deixava cair na cama. Minhas pernas estavam nuas no chão, apenas uma camisola preta cobrindo minhas áreas íntimas enquanto eu apertava minhas coxas. Ele se abaixou ao meu lado, sentando-se sobre os calcanhares enquanto seu rosto aparecia. — Você está bem — ele disse suavemente, sua voz enganosa e calmante. Ela me chamava como a melodia mais suave, uma provocação provocante de magia que não existia em sua forma de Receptáculo.

Pecado envolto em pele, um corpo destinado a atrair humanos para um lugar de sofrimento sem fim.

Lágrimas arderam em meus olhos com as notas que ainda me lembravam do homem que eu conheci, daquele que de alguma forma, tolamente, permiti que me enganasse e me apaixonasse por ele.

O homem que nunca existiu em primeiro lugar.

Passei os braços em volta da barriga, minha mente um turbilhão. Eu não conseguia entender tudo o que havia acontecido. Eu não conseguia entender as implicações do que ele tinha feito, de há *quanto* tempo ele estava planejando isso.

— Como eu cheguei aqui? — Eu perguntei, engolindo em seco enquanto fechava os olhos. Eu não teria ido para a cama dele de boa vontade, não depois de tudo que ele fez. Havia uma lacuna na minha memória onde eu não conseguia lembrar de nada.

Eu abri o selo e coloquei Gray de volta no corpo de Lúcifer, mas houve muito pouco depois disso. — Você precisa descansar — disse Gray, estendendo a mão para deslizar a mão por baixo da cortina do meu cabelo. Seus dedos roçaram minha pele primeiro. Então sua palma segurou meu queixo enquanto ele me virou para encará-lo. Seus olhos dourados brilharam enquanto ele olhava para mim, seu polegar roçando minha pele em uma carícia suave.

O som do meu pescoço estalando novamente pulsou em minha mente, fazendo com que eu me afastasse do próprio diabo.

Respirei fundo e estremeço, tentando reprimir a náusea crescente em meu estômago que veio com a compreensão.

— Eu morri — eu disse, minha voz quase um sussurro enquanto olhava para Gray, para *Lúcifer*. Obriguei-me a pensar, dando-lhe o nome que ele sempre possuiu. Separando o ser que estava diante de mim daquele que eu pensava conhecer.

— Brevemente — disse ele, como se isso o absolvesse de qualquer culpa. Seu demônio quebrou meu pescoço, me tirando do mundo que eu mal tinha visto. Mas o reconhecimento foi suficiente para perceber que ele tinha feito algo ainda pior para me trazer de volta.

— O que você fez? — Perguntei, levantando a mão para cobrir a boca enquanto minha náusea piorava.

— Volte para a cama, amor. Seu corpo precisa de mais descanso — disse ele, ignorando totalmente a pergunta.

Eu gemi, ficando de pé e correndo para o banheiro enquanto a culpa me atingia no peito que já estava latejando. Minhas pernas escorregaram debaixo de mim, como se não fossem minhas. Havia algo tão estranho no corpo que sempre foi meu, algo tão estranho no que eu sempre chamei de minha casa neste plano.

— Willow — Gray repetiu, seguindo atrás de mim com passos lentos e medidos. Ele passou os braços em volta da minha cintura, ajudando-me a recuperar o equilíbrio enquanto me levava ao banheiro e me deixava cair de joelhos na frente do vaso sanitário bem a tempo de meu estômago se esvaziar.

Dedos macios e gentis puxaram meu cabelo para trás, dos lados do meu rosto e de onde ele ameaçava cair para frente, prendendo-o na minha nuca enquanto eu vomitava. — Você está bem — ele murmurou, eu me perguntei se as palavras eram mais para me convencer disso, ou a ele mesmo.

Meu estômago continuou revirando muito depois que terminei de vomitar, meu corpo contraiu-se enquanto tentava expelir o que não estava mais lá. Levantei minha mão, limpando a boca com as costas dela antes de colocar uma mão em cada lado do vaso sanitário e me levantar fracamente. Lavando o conteúdo, tentei não entrar em pânico

ao ver o líquido vermelho enchendo o vaso sanitário e fui até a pia para enxaguar furiosamente a boca.

— Não se preocupe, feiticeira. Não é o seu sangue — disse Gray, sempre prestativo enquanto a pia ficava manchada de rosa. Como se vomitar sangue fosse minha maior preocupação no momento.

O reflexo que vi no espelho quando levantei o olhar finalmente parecia exatamente como eu lembrava, como se não houvesse nenhum sinal de como eu havia mudado tão drasticamente. A única diferença chocante estava no meu peito, na parte superior do meu decote, onde um círculo preto manchava minha pele. Gavinhas de escuridão vazaram do centro, esculpindo minha pele como rachaduras em uma vidraça que ainda não havia quebrado.

Meu amuleto estava pendurado logo acima dele, o ouro rosa contrastando com a turmalina negra e a marca. Meu lábio inferior tremeu enquanto eu olhava para ele, tentando não deixar meus dedos tocarem a mancha. — Isso irá embora? — Eu perguntei, afundando meus dentes em meu lábio inferior. Era uma coisa tão estúpida de se preocupar, quando a alternativa estava apodrecendo no Inferno.

Mas eu não queria passar o resto da minha vida marcada pelo fato de ele ter se sacrificado para me salvar.

— Não — ele disse calmamente, entregando-me um frasco de enxaguante bucal. Peguei, recusando-me a agradecer, enquanto tomava um gole e enxaguava a boca mais profundamente.

Olhei para ele no espelho quando terminei, mantendo seu misterioso olhar dourado. Seu cabelo estava mais desgrenhado do que eu já tinha visto, seu torso ainda nu. A linha de uma única cicatriz se elevava em branco do pulso até o cotovelo, tive certeza de que ela não estava lá antes de eu...

Engoli.

— Quem? — Exigi, virando-me para encará-lo. Ele se aproximou enquanto eu girava, prendendo-me entre seu corpo e a pia enquanto se inclinava para frente.

— Não importa — ele disse simplesmente, encolhendo levemente os ombros enquanto levantava a mão para tocar um único dedo na escuridão que florescia em meu peito.

Engoli em seco, tentando avaliar meu melhor curso de ação. Gray era forte quando eu pensava que ele era apenas um Receptáculo, mas

esta forma devia ter um poder infinito à sua disposição. Foi ele quem criou meu ancestral. Aquele que lhe deu a magia que ela compartilhou com todas as bruxas. Esse tipo de poder fazia com o que eu segurava na ponta dos dedos parecesse uma brincadeira de criança. — Isso acontece comigo — eu disse, sem saber como proceder.

Meu instinto foi dar um soco na garganta dele, dar uma joelhada nas bolas dele, amaldiçoá-lo até o esquecimento e, a julgar pelo sorriso em seu rosto, o bastardo sabia muito bem disso.

— Não me olhe desse jeito quando não consigo dobrar você sobre a pia e lembrá-la exatamente do que você realmente quer, Feiticeira — ele rosnou, pegando-me pela mão enquanto me guiava para fora do banheiro. Tropecei nos meus próprios pés, meus passos descoordenados. Ele puxou as cobertas que havia deixado na cama quando me ajudou a me desembaraçar.

— Tudo que eu quero fazer com você é cortar a porra da sua garganta — eu rosnei, estremecendo quando ele enfiou a mão na gaveta da mesa de cabeceira e puxou uma lâmina.

Ele estendeu-a para mim, girando-a de modo que segurasse as laterais planas da lâmina entre dois dedos e me entregasse o cabo. — Vá em frente então, amor. Veja o que isso faz de bom — disse ele, sua voz se transformando em uma risada condescendente.

Eu peguei, segurando o cabo e não encontrando conforto nisso. Eu poderia cortar sua garganta, mas sabia que não adiantaria. Ele sangraria por todo o chão, mas a vida nunca o abandonaria por causa de um ferimento na carne. — Certamente, você sabe que isso não vai dar certo para nenhum de nós. Como exatamente você vê esse final? — Eu perguntei, batendo a ponta da adaga na mesa de cabeceira ao lado da cama.

Gray fez uma pausa, colocando um dedo sob meu queixo. — Fim? — Ele perguntou, sua voz ficando confusa, como se fosse eu quem tivesse perdido o juízo. Como se fosse eu quem precisasse de uma verificação da realidade. — Não há fim para você e eu, Feiticeira.

Dei um passo para trás, o colchão atrás de mim pressionando a parte de trás das minhas coxas e não me dando nenhuma saída, a menos que eu quisesse me tornar vulnerável ao tentar passar por cima dele. Fiz uma pausa, levantando o queixo enquanto olhava para ele. — Tudo acaba, Lúcifer. Até você — eu disse, forçando meu lábio inferior a permanecer imóvel. A tarefa parecia assustadora, até *impossível*, mas eu encontraria um jeito.

— Você se lembra quando eu disse que posso me dar ao luxo de ser paciente? Um dia, tudo que você conhece, todos que você ama, deixarão de existir. Eu serei tudo o que você terá a quem recorrer — disse ele, as palavras me atingindo no peito. — Seria uma pena se você lutasse contra isso... nós. Isso só pode me motivar a ajudar no curso natural da vida e da morte e nos livrar de todos aqueles a quem você recorreria em busca de ajuda.

Engoli em seco, olhando para ele com a testa franzida enquanto tentava entender o significado de suas palavras. Certamente ele não poderia querer dizer...

A lembrança dele matando rápida e eficientemente os outros doze estudantes para se juntar a Hollow's Grove me forçou a fechar os olhos.

Ele poderia. Ele poderia, e ele faria.

— Lúcifer — eu disse, o apelo silencioso em minha voz me fazendo sentir fraca. Eu o odiei por me fazer implorar pela vida dos poucos amigos que tinha.

— Isso não é quem eu sou. Não para você — ele retrucou, segurando meu rosto suavemente e roçando o polegar na frente da minha bochecha.

— Gray — eu disse, a palavra saindo sufocada. Eu não queria mais que ele fosse Gray. Queria me lembrar do mal que escondia sob sua pele.

— Não precisa ser assim — disse ele, as palavras um lembrete de como foi entre nós tão brevemente. Eu não respondi, incapaz de encontrar palavras para lembrá-lo de que ele tinha feito isso dessa maneira. Ninguém o forçou a me manipular, a me usar para seus próprios propósitos. Ele se inclinou para frente, tocando seus lábios nos meus suavemente. Ele se afastou antes que eu pudesse protestar, sua boca quente onde eu estava acostumada a senti-lo frio. — Descanse um pouco.

Olhei para a cama por cima do ombro, balançando a cabeça. Eu precisava ver Della e Iban, para saber que estavam seguros. — Eu preciso de...

— Você precisa dormir. Seu corpo voltou da morte, não importa quão breve fosse. Durma, minha Willow — ele disse, pressionando meus ombros até que eu não tive escolha a não ser sentar na beira do colchão.

— Não. Preciso saber quem pagou meu preço. Quem você matou em meu lugar para satisfazer o equilíbrio — eu disse, tentando ficar de pé.

— Inferno me ajude, Feiticeira. Você vai descansar mesmo que eu tenha que colocá-la nesta cama e prendê-la eu mesmo — ele argumentou, o aviso pairando no ar entre nós. Eu não o queria na cama comigo, não quando não pudesse confiar em mim mesma perto dele.

Mesmo odiando-o, ou mesmo querendo estripá-lo e mandá-lo de volta para as profundezas do Inferno pelo que ele tinha feito comigo, parte de mim se lembrava de como ele se sentiu quando pensei que me importava com ele. — Vou descansar — eu disse, oferecendo um ramo de oliveira por enquanto.

Uma batalha de cada vez, lembrei a mim mesmo.

— Se você me disser quem — eu disse, observando enquanto ele cerrava os dentes em frustração.

— Uma bruxa. Não sei o nome dela, nem me importo. Belzebu tornou isso rápido e indolor, assim como fez com você — disse ele, a declaração prosaica parecendo verdade. Gray não se preocupou em se familiarizar com as bruxas que não podiam lhe oferecer nada em troca.

Balancei a cabeça, esperando que ele pelo menos tivesse reconhecido Della ou Margot como minhas colegas de quarto. Eu só podia esperar que elas não tivessem sido prejudicadas por minha causa, incapaz de viver com isso na consciência.

Eu lentamente levantei minhas pernas para cima da cama, ignorando a dor em meus ossos, pois parecia que eu estava sendo deslocada com o movimento. Como se meu corpo não conseguisse se ajustar à estranheza de voltar dos mortos. Deitei-me sem jeito, desejando ter mais roupas e odiando a ideia de Gray me despir enquanto eu estava inconsciente. Gray me cobriu com o cobertor no momento em que minha cabeça bateu no travesseiro, fixando residência na cadeira ao lado da cama.

Suspirei, olhando para o teto.

Quem poderia dormir enquanto o diabo o observava?

CAPÍTULO QUATRO

WILLOW



A luz gotejava pela janela na extremidade do quarto, o leve toque de sol desaparecendo no horizonte enquanto eu lentamente abria os olhos. Um resmungo suave subiu pela minha garganta quando me forcei a sentar, segurando a testa com as mãos enquanto uma dor de cabeça lancinante parecia me dividir em duas.

Respirando fundo algumas vezes, olhei para a cadeira que Gray havia ocupado quando eu de alguma forma adormeci. Meu senso de autopreservação seria gravemente deficiente se eu conseguisse descansar com o diabo me observando, já que eu claramente não podia confiar em nenhuma de suas motivações ou planos.

Deixe-me te amar.

Essas palavras assustadoras ecoaram em meus ouvidos enquanto eu olhava para a cadeira vazia enquanto empurrava o cobertor até os pés e liberava minhas pernas. Parecia que ele havia fechado a porta do quarto quando saiu, então caminhei lentamente com os pés instáveis para tentar testar a maçaneta. Ela mal se moveu, a fechadura a manteve parada quando me virei rápido demais e tropecei.

O que diabos havia de errado comigo?

Sacudi a sensação instável e tensa em meu corpo, movendo-me em direção à janela onde os últimos raios de luz do dia brilhavam. Olhando para o pátio abaixo do quarto de Gray, engoli em seco enquanto procurava por qualquer indício de um Receptáculo ou Arquidemônio abaixo.

Não encontrei nenhum, olhando para a porta do escritório de Gray. Eu não conseguia imaginar abandonar os outros ao destino que eu tinha desempenhado um papel tão importante em causar, mas não poderia ajudar ninguém se permanecesse trancada no quarto do diabo.

Meus olhos se fecharam quando eu abri a fechadura no topo da vidraça, abrindo apenas quando me equilibrei contra a culpa que já sentia.

Eu voltaria, prometi a mim mesma. Prometi a eles mesmo que eles não pudessem me ouvir. Apenas algumas semanas antes, eu cheguei determinada a destruir o Coven e todos os seus membros. Eu estava empenhada em obter a vingança pela qual fui criada, mesmo que isso significasse a minha própria morte.

Então, por que hesitei em deixá-los entregues ao seu destino agora?

Fiz uma careta enquanto empurrei a janela com raiva da minha própria hesitação, estremecendo quando a força da janela deslizando no lugar quebrou o vidro. Encostei meus dedos trêmulos nas rachaduras parecidas com teias de aranha, olhando para as mãos que não pareciam diferentes do que eu lembrava *antes*.

Antes de eu morrer.

Engolindo em seco, subi no parapeito da janela. Eu sabia que meu tempo seria limitado e que Gray nunca me deixaria sozinha por muito tempo. Certamente, ele sabia que fugir seria a primeira coisa em minha mente, então ele simplesmente não esperava que eu acordasse tão cedo.

Consegui colocar as pernas no parapeito da janela, sentindo-me tão estranha quanto um cervo recém-nascido enquanto manobrava pelo pequeno espaço. O edifício de pedra era como um penhasco, sem partes mais curtas do edifício nesta seção para me aproximar do chão. Olhando para o pátio, fechei os olhos e respirei fundo enquanto chamava a parte de mim que era tão vital para mim quanto o ar.

A terra abaixo respondeu, as vinhas da treliça que escalavam as laterais do prédio se contorceram enquanto ganhavam vida. Elas cresceram lentamente, estendendo-se em minha direção até que eu pudesse alcançá-las e agarrá-las. Envolvendo-a em minha mão e apertando-a com força, respirei fundo.

As bruxas verdes não foram feitas para voar, e o conhecimento do impacto que me aguardava se eu caísse foi quase suficiente para me mandar de volta para o quarto que se tornara uma prisão.

O rancor mesquinho me levou adiante. Eu pulei, contente por saber que se eu morresse em minha tentativa, pelo menos sairia tendo arruinado os planos de Gray.

Ele não conseguiu vencer. Não depois do que ele fez, não depois de toda a minha vida ter sido uma manipulação desperdiçada para seu próprio ganho egoísta. Eu não queria pensar em quem eu poderia ter me tornado se não fosse pelo sofrimento que ele causou através de qualquer ligação que ele e meu pai compartilhavam.

Reprimi meu grito enquanto caía em direção ao chão, movendo-me gradualmente a princípio, como se o próprio tempo tivesse parado no momento em que meu corpo deixou o parapeito da janela. O ar correu em minha direção, forçando minha camisola até minha cintura enquanto caí no abraço suave das vinhas que dispararam para me pegar.

Fechei os olhos enquanto o chão se aproximava, certa de que as vinhas não seriam capazes de me impedir da morte que me esperava. Enrolando-me em posição fetal, estremeci quando bati em algo macio que me empurrou de volta no ar no momento em que me pegou.

O impulso tirou um pouco da força da minha colisão, fazendo com que o segundo golpe contra algo macio fosse mais desconfortável do que doloroso. Relaxando meu corpo, deixei minhas pernas caírem do peito quando finalmente abri os olhos e olhei para o travesseiro de flores que havia subido dos canteiros do jardim para me embalar.

Elas subiram mais alto, me colocando de pé antes de recuar de volta para a terra. A videira que eu tinha enrolado em minha mão se enrolou com mais força, espinhos afundando em minha pele para tirar o sangue necessário para a ajuda.

Os ossos em volta do meu pescoço tilintaram quando me afastei das plantas, lembrando-me de sua presença a cada passo. Considerei a entrada de automóveis e a estrada que cortava um caminho através da floresta que eu sabia que provavelmente me levaria à morte certa, mas eu sabia que sair furtivamente de Hollow's Grove seria muito mais difícil se eu fizesse isso à vista de todos.

Engoli em seco enquanto me dirigia para a floresta e para os Amaldiçoados que me esperavam lá, determinada a me arriscar com as

feras em vez dos arquidemônios. Os Amaldiçoados poderiam ser mortos.

Eu não tinha tanta certeza sobre os arquidemônios.

A videira desenrolou-se lentamente do meu braço enquanto eu caminhava, separando-se de mim com saudade. Ela sabia tão bem quanto eu que eu era a melhor chance que esta terra tinha de uma verdadeira restauração. Recusei-me a agradecer o adeus com aquele toque de saudade, prometendo que as ajudaria quando voltasse para trazer o Coven de volta ao que sempre deveria ter sido.

Sangue escorria pelo meu braço enquanto eu caminhava lentamente para a floresta. Meu ritmo ficou mais constante e fiquei menos insegura quanto ao modo como meu corpo funcionava. O que quer que tenha mudado dentro de mim quando Gray me trouxe de volta dos mortos não podia ser visto, mas eu senti isso nas linhas de músculos sob minha pele. Senti uma força estranha e desconhecida em cada um dos meus dedos.

Meus passos ganharam impulso, aumentando a velocidade até que corri em direção à floresta. Normalmente, eu teria detestado correr desde o início. Inferno, eu teria odiado ter que correr antes mesmo de mover as pernas.

Isso não consumiu energia, fazendo-me avançar com tão pouco esforço que quase tropecei. A figura enorme saiu das sombras da floresta assim que cheguei até lá, suas asas de couro se abrindo de onde ele as havia enrolado para protegê-lo de vista. O cabelo de Belzebu estava desgrenhado, emoldurando seu queixo quadrado enquanto ele olhava para mim.

— Você deveria estar dormindo, Consorte — ele disse enquanto eu derrapava até parar na frente dele. Ele nem sequer recuou quando minha tentativa desajeitada de controlar meus membros me fez cair para frente, colidindo com ele e batendo minhas mãos contra a pele bronzeada e brilhante de seu peito.

Ele se tatuou com runas que brilhavam com o mesmo dourado dos olhos de Lúcifer, os símbolos Enochianos parecendo se contorcer sob minha mão enquanto eu entrava em pânico e me empurrava para trás. Caí de bunda na grama, meus dedos instintivamente cavando a terra abaixo de mim.

Ancorando-me contra o desconhecido, contra o medo do arquidemônio na minha frente.

— Você me matou, porra — eu disse, minha voz baixando em alerta.

O bastardo encolheu os ombros, suas asas se abrindo atrás dele como se precisassem se esticar. — Peço desculpas. A última vez que Lúcifer e eu conversamos, você estava destinada a morrer. Eu não estava ciente da mudança de planos.

— Você *se desculpou*? — Eu perguntei, minha voz tão incrédula quanto parecia. — Você honestamente acha que isso é suficiente pelo que você fez comigo?

Ele arrastou seu olhar pelo meu corpo, trazendo-o de volta ao meu rosto com nada além de desinteresse em suas feições. — Você parece bem para mim.

— Eu não estou bem. Você sabe o que é ficar presa no abismo entre a vida e a morte? Você tem alguma ideia de como é desorientador e aterrorizante saber que eu morri e de alguma forma ainda estar presa neste Inferno? — Eu gritei, avançando.

Plantei duas palmas em seu peito, empurrando-o com toda a minha raiva isolada no movimento. Os olhos de Belzebu se arregalaram brevemente em choque antes que o som da minha carne batendo contra ele irrompesse pelo pátio. Ele tropeçou para trás, mal conseguindo se segurar com a ponta da asa no chão atrás dele enquanto nos encarávamos.

Seu olhar se estreitou quando ele se endireitou, descendo para as palmas das mãos, onde as limpei na seda da minha camisola. — Volte para seu marido, Consorte. Ele não ficará satisfeito em encontrar você fora da cama ainda.

— Ele não é meu marido — rosnei, minhas narinas dilatadas com a lembrança constante de algo que tinha sido feito comigo enquanto eu estava *dormindo*.

Ele se aproximou, elevando-se sobre mim enquanto olhava para baixo. — Qualquer coisa que te ajude a dormir de noite. Não sei que feitiço você lançou, mas faz bem a você saber que a própria armadilha que você armou para fazê-lo amar você foi o que a aprisionou no final.

— Você acha que eu o encantei? — Perguntei, zombando enquanto o desviava e me afastava em direção à floresta.

Foda-se isso.

Sua mão envolveu meu bíceps, me fazendo parar enquanto ele permanecia perfeitamente imóvel ao meu lado. — Acho que você o queria enrolado em seu dedo mindinho torcido e conseguiu exatamente o que queria. Ele deixou amigos no Inferno em vez de arriscar perder você para o selo. Se isso não é um encantamento, então não sei o que é.

— Talvez tenha sido simplesmente minha personalidade brilhante que o atraiu. Você pensou nisso? — Eu perguntei, puxando meu bíceps. O aperto de Belzebu escorregou, seus dedos me machucando duramente enquanto ele lutava para me segurar.

Ele baixou o olhar e o ergueu de volta antes de soltar uma risada suave e condescendente. — Eu vejo você, Willow Hécate. Não estou impressionado.

Minha fúria cresceu, enrolando-se em meu estômago com uma força que me tirou o fôlego. Eu não conseguia ver além do tom vermelho da minha raiva, além da visão do túnel enquanto olhava para o demônio que estava tão disposto a me subestimar e me acusar de enredar o diabo, tudo ao mesmo tempo.

Os galhos das árvores estalavam, movendo-se como se fossem soprados pelo vento, mas não havia nenhum movimento no ar que pudesse ser responsável por tal coisa. Na verdade, o ar ficou estranhamente parado enquanto eu olhava para o demônio de olhos roxos.

Ele parecia não perceber o farfalhar das árvores que eu sentia em meu sangue, totalmente ignorante da maneira como elas avançavam lentamente em direção a ele com minha raiva.

— Já chega, Belzebu. Solte minha esposa errante — Gray disse de algum lugar atrás de mim. Suspirei, tentando não estremecer quando Belzebu lentamente soltou meu bíceps e se afastou. Fiz uma pausa, tentando acalmar o zumbido em meu sangue, mas mantendo a vida ao meu redor à minha disposição caso precisasse de ajuda.

Engolindo em seco, virei-me e encarei o homem que rapidamente passou de “bom demais para ser verdade” para meu pior pesadelo.

Ele vestiu um terno, tendo renunciado ao paletó para que apenas uma camisa branca cobrisse seu peito. As mangas foram arregaçadas para revelar a pele dourada que estava em desacordo com o quão belo ele era antes de recuperar seu corpo. Suas mãos estavam cerradas ao lado do corpo, o único sintoma físico de sua ira, isso deixava os

músculos de seu antebraço tensos e visíveis. Ele inclinou a cabeça para o lado, deixando seu olhar percorrer meu corpo, ainda vestido apenas com a camisola de seda que ele me vestiu na pressa de escapar.

— Indo a algum lugar, Feiticeira?

CAPÍTULO CINCO

WILLOW



— Estou indo embora — eu disse, respirando fundo enquanto ele abaixava o queixo levemente. Há uma semana, posso ter perdido a mudança sutil, mas uma parte de mim reconheceu seus movimentos pelo que eram.

Uma ameaça. Uma promessa.

Ele suspirou, caminhando lentamente em direção a onde eu estava ao lado de Belzebu e diminuindo a distância. Ele não disse uma palavra para me dizer que eu não teria permissão para sair, mas ele realmente não precisava. Girei lentamente para encará-lo mais completamente enquanto ele diminuía a distância, deixando o outro arquidemônio finalmente se afastar e caminhar em direção à escola. Suas asas se contraíam enquanto ele andava, tive a sensação de que era um sinal de sua irritação com o macho que se aproximava de mim.

Ele levantou a mão lentamente, deslizando-a sob a cortina do meu cabelo e me agarrando naquele espaço sensível onde minha mandíbula encontrava a lateral do meu pescoço. — Não torne isso mais difícil do que precisa ser, amor.

Eu recuei com seu toque, estremecendo quando seus dedos percorreram a frente da minha garganta e sua mandíbula endureceu. Seus olhos dourados brilharam, um contraste horrível com o azul que eu estava acostumada a ver olhando para mim. — Não torne isso difícil? — Eu perguntei, minhas palavras saindo bruscamente enquanto o poço de raiva que existia dentro de mim ameaçava me engolir inteira.

Eu tinha um alvo para tudo isso. Tinha um propósito para todas as coisas feias e ruins da minha vida. Houve uma maneira de canalizá-la antes, mas agora...

Agora, havia apenas raiva e só havia um alvo lógico para ela.

— Willow... — ele disse cuidadosamente.

— Você me esfaqueou, porra! — Eu gritei. — E você tem a porra da *coragem* de agir como se eu fosse o problema?

Sua mão caiu para o lado lentamente, fechando-se em punho enquanto ele abria e fechava a boca uma vez antes de falar. Sua própria raiva permaneceu sob as palavras, escondida sob algo suave e vulnerável que eu não me importei em pensar. — Você estava tentando me deixar.

Meus lábios se abriram em um sorriso cruel e incrédulo quando virei a cabeça para o lado e estremeci com a risada amarga que subiu pela minha garganta. — Claro, eu quero deixar você. — Eu parecia mais o demônio e ele a vítima, quando na realidade era o oposto.

Eu acreditei em cada manipulação. Acreditei em todas as mentiras e verdades distorcidas.

— De novo — eu disse, fazendo uma pausa enquanto voltava minha atenção para ele. Meu sorriso caiu, minha risada parou de repente quando me inclinei em direção a ele. — Você me esfaqueou, porra.

— Para salvar sua vida! — Ele gritou, tirando minha mão do meu lado e me puxando em direção a ele. Meu peito colidiu com seu abdômen, causando arrepios através de mim, apesar das roupas entre nós. Eu sempre fui hiperconsciente de seu corpo e senti a carga de atração entre nós, mas tinha sido mais extrema desde que acordei. — Tudo o que fiz naquela sala do tribunal foi para mantê-la viva.

— Não — argumentei, balançando a cabeça. Ele não conseguiu reescrever o que fez como se fosse para meu benefício. Como se eu tivesse pedido para ele matar todas aquelas bruxas.

Eu teria morrido mais cedo.

— Tudo o que você fez naquela sala do tribunal foi por *você*. Foi para que você pudesse ter seu corpo neste plano. Tudo o que você fez durante *séculos* foi para que você pudesse acabar aqui e danem-se as consequências e as pessoas que foram feridas. Se fosse por mim, você nunca teria aberto o selo.

Ele fez uma pausa, pegando minha mão livre e colocando-a em seu peito, onde sua camisa estava desabotoada na parte superior. Meu dedo roçou sua pele nua e seus olhos se fecharam com um suspiro de prazer. Ele segurou meu pulso com força, mantendo-me presa ali enquanto inclinava a cabeça para o lado, um pequeno sorriso curvou seus lábios para cima quando ele abriu aquele olhar dourado para olhar para mim.

— Você tem razão. Eu fiz o que tinha que fazer para estar aqui de verdade, para sentir isso — disse Gray, pressionando minha mão com mais força em sua carne. — Isso foi para mim e somente para mim, esperei séculos para que isso acontecesse. Porém, se eu não tivesse tirado a costela de você, você teria dado sua vida à força. Eu não poderia permitir isso.

— E porque não? Esse sempre foi o plano, não foi? — Perguntei, esperando a confirmação do quão longe tinha chegado seu engano. Se fosse tão intenso como Charlotte havia insinuado, se eu realmente fosse o custo de sua barganha, então não via outra saída.

Ele teve a decência de parecer envergonhado enquanto franzia os lábios. — Isso foi antes.

— Antes do que exatamente? Antes de você me foder? Antes de você dizer ao meu pai para me criar para acreditar que eu estaria me vingando da irmã dele, mesmo sendo você quem a matou? — Perguntei.

— Antes de te ver na noite em que matei Lorelei — disse ele, roubando o fôlego dos meus pulmões.

— Isso é impossível — eu disse com uma zombaria. — Isso foi décadas antes de eu nascer.

— E ainda assim foi à noite em que marquei você como minha — disse ele, finalmente soltando meu pulso e tocando-o no topo do meu ombro. Seus dedos roçaram a pele nua, as pontas roçando o olho do diabo com o qual eu acordei depois do meu pesadelo.

— Lorelei já estava morta há décadas, Gray — argumentei, recusando-me a admitir o que tinha visto em meu pesadelo. Era insondável demais para sequer considerar.

— Para você — ele admitiu, admitindo esse ponto. — Embora eu tenha dado esta marca a uma aparição que apareceu ao lado dela quando a matei, há cinquenta anos.

— Não entendo como isso é possível. Eu não tenho esse tipo de magia — eu disse, parando. Não havia como negar o que ele disse, não de verdade, quando eu sabia o que tinha visto.

O que eu senti.

— Você canaliza sua magia negra através dos ossos de seus ancestrais. Mesmo sem eles, o sangue deles corre em suas veias. Há uma conexão aí que nenhum de seus parentes pensou em considerar, mas parece que talvez você pudesse percorrer a vida deles em seus sonhos, se tentasse.

— Não tenho interesse em usar nada relacionado à linha Hécate — respondi, sabendo que cada pedacinho da minha vida que me trouxe até aqui, foi para que eu pudesse morrer.

Charlotte queria que eu corrigisse o que ela tinha feito. E eu só queria ir para casa.

— Você seria uma tola se não o fizesse. Você vai precisar dele se quiser tomar o lugar do Covenant aqui. — Gray disse quando eu me afastei novamente. Eu não conseguia pensar direito com as mãos dele em mim, com aquela carga entre nós que desafiava toda a natureza, fazendo minha pele arrepiar de consciência.

— Não tenho intenção de ocupar o lugar de ninguém. Estou saindo de Crystal Hollow. — Engoli em seco enquanto dizia as palavras, sabendo que era a única maneira de recuperar um pouco da minha humanidade. Para eu salvar quem eu queria ser diante de tudo o que perdi na minha vida.

Eu não seria mais o fantoche do diabo.

Gray suspirou enquanto eu me afastava, movendo-me em direção à linha das árvores esperando por mim e pelos Amaldiçoados, que me caçariam se pudessem. Mesmo isso seria muito melhor do que uma vida de prisioneira. As árvores balançavam como se pudessem me receber em casa, me abraçando enquanto eu colocava meu primeiro pé na floresta.

— Por favor, não me faça fazer isso com você. — Gray disse atrás de mim. Parei no meio do passo, colocando o pé no chão lentamente, quando algo naquela voz fez meu coração afundar. Ele se aproximou lentamente enquanto eu me virava para observá-lo, enraizado no local como a árvore às minhas costas. — Fique comigo, Feiticeira.

— Ou o quê? — Eu perguntei, olhando para ele. Dei um passo para trás quando ele se aproximou, suas ações eram casuais e fáceis, como se ele não se importasse com o mundo.

— Ou pegarei de volta o que dei — disse ele, finalmente me alcançando.

Ele tocou um único dedo no meu peito enquanto eu tentava invocar a terra ao meu redor. Um sussurro vindo das árvores voltou, um pedido de desculpas ao vento, mas nada o atingiu. Nada me defendeu desta vez.

Sua unha se alongou em uma garra, a ponta afiada pressionando contra minha pele. Eu engasguei quando ele rompeu, uma gota lenta de sangue caindo da ferida. Não foi o corte em si que roubou o fôlego dos meus pulmões e fez meu corpo se contrair de dor.

Foi a sufocação da minha magia, o silêncio repentino enquanto as árvores ao meu redor se acalmavam. Pela primeira vez desde que completei dezesseis anos, elas ignoraram minha ligação.

— Gray — eu engasguei.

Ele cerrou a mandíbula, arrastando a unha pelo centro do meu peito. O corte que ele fez sangrou pouco, considerando a profundidade que era, uma névoa verde enrolando-se ao emergir do corte. Ele torceu a mão, deixando a névoa assentar em sua palma enquanto ela deslizava para longe de mim.

— Não precisava ser assim — disse ele, com o rosto triste quando levantei os olhos para encontrar os dele. Minhas mãos tremiam quando eu agarrei as dele, segurando-o firmemente contra meu peito. Tudo dentro de mim estava vazio, a falta de zumbido na minha cabeça fazia tudo ser...

Silencioso.

Meu lábio inferior tremeu enquanto lágrimas arderam em meus olhos. — Não — implorei, odiando o apelo nessas palavras. — Por favor. — A névoa negra seguiu a verde, acumulando-se em sua mão enquanto ele roubava o que havia dado a Charlotte e às primeiras bruxas Madizza. — Não sei quem sou sem isso — eu disse com um soluço estrangulado.

Seu rosto revelou o que eu chamaria de uma espécie de tristeza, se não fosse ele quem me causou dor. Ele ergueu a mão livre para segurar minha bochecha, inclinando-se para tocar sua testa na minha.

— Você é minha — ele disse enquanto lágrimas manchavam meu rosto e caíam do meu queixo para sua mão, que eu me recusei a soltar. — Não posso permitir que você guarde a magia que usaria para me deixar.

— Eu ficarei — eu disse, minha voz ficando frenética enquanto o silêncio se expandia em minha cabeça. A náusea agitou meu estômago, a sensação distinta de estar sozinha em meu corpo me oprimiu. Eu não conseguia me lembrar de uma época em que me sentisse tão desconectada de tudo ao meu redor, quando a solidão ameaçasse me engolir por inteira. — Eu ficarei, qualquer coisa menos isso, Gray.

Ele suspirou, tocando sua boca na minha suavemente enquanto eu chorava. — Eu gostaria de poder acreditar em você. Eu gostaria de poder confiar que você não me abandonaria, mas você conta mentiras tão lindas, esposa. Não consigo acreditar em nenhuma delas — disse ele.

A casca nas minhas costas parecia estranha e desconhecida, não parecia em nada com o conforto quente da terra. — Eu farei qualquer coisa — eu disse, engasgando enquanto tentava exercer aquela magia de volta para mim. Enquanto tentava recuperar o que era meu.

— Então faça um acordo comigo, amor. Há algo que eu quero, e essa é a única maneira de você sair deste lugar com sua magia — disse ele, seus olhos dourados brilhando enquanto o demônio sob sua pele queria sair e brincar. Eu não suportava saber que estava presa na verdade, que não havia outra maneira de contornar o acordo a não ser me acostumar a ficar sozinha.

— O que você quer? — Eu perguntei, mesmo que a resposta potencial me aterrorizasse. Ele já tinha seu corpo. Certamente, essa era a extensão de seus planos doentios e distorcidos.

— Quero finalmente consumir nosso casamento — disse ele simplesmente, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

Minha confusão me obrigou a questionar tudo. — Mas nós já... — Parei, incapaz de completar a frase. Eu não conseguia acreditar que estava tão cega a ponto de entregar minha virgindade *ao diabo*.

— Eu estava usando um traje de carne falso — disse ele, a suavidade de sua voz desaparecendo enquanto ele expunha seu desejo. — Você fez sexo com meu Receptáculo e sim, era eu dentro dele. No

entanto, você não é a esposa de um Receptáculo, Willow. Você é a esposa de Lúcifer Morningstar¹, então precisa consumir *comigo*.

Afundi meus dentes em meu lábio inferior. Foi só sexo, né...

— Agora? — Eu perguntei, tentando acalmar o tremor em minhas mãos. — Aqui?

— Não — ele disse com uma risada amarga. — Eu não tenho interesse em te foder enquanto você chora. Então você vai correr, se conseguir atravessar a floresta, estará livre para ir.

Olhei por cima do ombro quando a névoa em sua palma começou a diminuir, afundando dentro de mim e lentamente me enchendo com o zumbido da magia. Meu alívio por isso afogou o medo que eu deveria ter sentido sobre o que aconteceria se ele me pegasse, mas a oportunidade de liberdade – de uma vida com Ash – era grande demais para eu ignorar. — E se você me pegar?

— Se eu te pegar, então você me dará a luta que eu desejo de você. Se eu pegar você, iremos para a guerra da maneira que nossas almas já sabem... até que meu corpo reconheça cada centímetro de sua pele pelo toque. Quando eu te pegar, vou te foder, e nós dois sabemos que você vai adorar cada maldito minuto disso. — Gray disse simplesmente, inclinando-se para sussurrar a ameaça. Seus dentes mordiscaram o ponto sensível abaixo da minha orelha, ao mesmo tempo uma provocação e um tormento do que estava por vir.

— O que isso muda? Ter nosso casamento consumado? — Eu perguntei, olhando para onde a névoa restante havia desaparecido em meu corpo. Gray retirou a mão e observei com horror a ferida cicatrizar sozinha.

Meu corpo não era mais meu.

— Deixe que eu me preocupe com isso, amor — disse ele, dando um único passo para trás. Ele enfiou a garra da ponta do dedo, tocando-a no meu peito como forma de consentimento aos termos do acordo.

Um acordo com o diabo.

O preto se espalhou pela minha pele, gavinhas de escuridão brilhando sobre ela antes de desaparecer. Ele estendeu a garra para mim, deixando-me estender a mão trêmula e furiosa para espetar a

¹ Estrela da Manhã

ponta do dedo na ponta afiada antes que ele voltasse a ser uma unha normal.

Toquei o dedo ensanguentado na cavidade na base de sua garganta, observando enquanto minha própria escuridão se espalhava por sua pele antes que ela também desaparecesse.

Ele fechou os olhos, deixando um suspiro antes de abri-los para olhar para mim. Fiquei ali sem jeito, sem saber quando nosso jogo começaria. Ele respondeu a essa pergunta não feita com uma única palavra ameaçadora.

— Corra.

CAPÍTULO SEIS

WILLOW



Respirei fundo, olhando nos olhos do próprio diabo. Tentando mergulhar na sensação do barulho em minha cabeça, do movimento de cada folha em um galho de árvore enquanto minha magia preenchia cada fenda do meu corpo. Pode ter sido um presente do diabo há séculos, no entanto, agora era uma parte de mim da qual eu não suportava me separar.

Eu não queria pensar em quem eu poderia ser sem isso. Mesmo que as manipulações de Lúcifer tenham me causado tanta dor, a beleza da terra ao meu redor preencheu aqueles espaços vazios dentro de mim que minha vida criou.

Sem a magia fluindo em minhas veias, tudo o que restou foi a casca vazia de uma mulher que sofreu.

— Você nunca mais tirará minha magia depois disso — eu disse em vez de correr. O cheiro característico de maçãs encheu o ar, acompanhando nossa barganha enquanto eu pronunciava as palavras. Observei os fios de escuridão se espalharem por sua pele mais uma vez quando ele assentiu, aceitando o acréscimo ao nosso acordo.

— Ao contrário do que você pode acreditar, não quero você fraca, Feiticeira. Quero que você aceite quão poderosa você é, e governe ao meu lado. Os outros da sua espécie podem estar abaixo de mim, mas você? — Ele perguntou, estendendo a mão para colocar dois dedos sob minha mandíbula e levantar meu queixo mais alto. — Você poderia ser minha igual. Você é a única que está no seu caminho.

— Se você não me quer fraca, por que quer me perseguir pela floresta antes de me foder? O medo é fraqueza, não é? — Eu perguntei com um olhar furioso. Meus dedos cravaram-se na casca da árvore nas minhas costas, afundando minha magia na madeira e usando-a para construir minha conexão com a floresta novamente.

Parando. Ganhando tempo.

Gray riu, me soltando com uma última cutucada no queixo. — Mas você está com medo? — Ele perguntou, inclinando a cabeça enquanto olhava conscientemente para onde eu enterrei meus dedos na base da árvore, fundindo a madeira ao meu redor para que eu pudesse me tornar um com ela. — Ou você está apenas chateada?

— Estou *sempre* chateada — eu respondi, cerrando os dentes enquanto afundava naquela raiva. Na sensação de estar tão cansada de ser o fantoche de outra pessoa. Se eu fosse mais forte, teria deixado Gray pegar minha magia e então ido embora assim que tive a chance, mas estava com muito medo de viver com o buraco dentro de mim. — Você querer me foder quando estou com medo não me deixa exatamente de bom humor.

— Eu não quero te foder quando você estiver com medo, *esposa* — disse ele, enfatizando a palavra. Eu me encolhi, como suspeitava que aconteceria toda vez que ele me chamasse pelo termo que eu tinha tanta certeza de que não seria possível.

Eu não pretendia discernir as complexidades dos ritos de casamento demoníaco, mas parecia que mesmo para as criaturas malignas do Inferno, algum nível de consentimento deveria estar envolvido. — Eu quero te foder quando você está tão brava que tenta arrancar meus olhos. Quero lutar com você e depois quero te foder enquanto você direciona toda essa raiva para mim.

— Você quer que eu lute com você? Por quê? — Eu perguntei, afundando os dentes no canto da boca em descrença. Havia algo tão primitivo na maneira como ele me observava, na maneira como observava cada movimento do meu corpo, como se eu fosse fugir no meio de uma conversa.

Ele sabia que eu estava ganhando tempo e que iria embora assim que sentisse que era capaz de começar sem estar despreparada.

— Porque você é assim — disse ele, enfatizando as palavras que me dissera na noite em que lhe mostrei o meu lado vulnerável e irregular. As partes que ninguém mais tinha visto, que estavam tão

escondidas nas profundezas da minha alma até que ele de alguma forma conseguiu abrir caminho sob a minha pele e se sentir em casa. — Porque você é a única corajosa o suficiente para tentar.

— Sorte a minha — eu disse, engolindo em seco contra a emoção crescente que crescia em meu estômago. Eu não queria me lembrar das noites em que ele me fez pensar que eu era mais do que apenas um peão em seu jogo. Elas tinham sido uma mentira, assim como todo o resto. A dor era confusa e caótica e tudo o que eu não podia permitir nos momentos que antecederam minha única chance de liberdade.

A raiva era mais segura.

Gray riu, o som suave e silencioso quando retirei meus dedos da árvore. Procurei algo para dizer. Esperei que ele continuasse a conversa para que eu pudesse pegá-lo desprevenido. Mas ele apenas me observou com conhecimento de causa, enfiando as mãos nos bolsos das calças com aquele sorriso irritante no rosto... como se conhecesse cada pensamento dentro da minha cabeça.

— Eu nem tenho chance, tenho? — Eu perguntei, rangendo os dentes. Eu sabia que havia uma pequena possibilidade de fuga quando fiz o acordo, mas sua segurança e facilidade casual fizeram um buraco nas minhas entranhas.

— Só um tolo se atreveria a subestimar você, meu amor — disse ele, inclinando-se em minha direção enquanto eu soltava a árvore e corria para a linha da floresta.

Não ousei olhar para trás para ver se ele havia me seguido, incapaz de ouvir qualquer coisa além das batidas do meu próprio coração e do desespero enchendo minhas veias. Enquanto corria, esperei pelo som familiar dele me seguindo, pelo som de seus passos rápidos enquanto eu saltava a raiz de uma árvore e continuava correndo.

Contornei uma árvore caída, vislumbrando a clareira atrás de mim por um breve segundo antes de me virar para frente e me concentrar no caminho para escapar.

O lugar onde o diabo estivera estava vazio.

Gray se foi.

CAPÍTULO SETE

GRAY



Willow correu, correndo por entre as árvores. A sensação de sua magia tomou conta de mim, sua conexão com a terra pulsando pela floresta com uma força que eu não sentia há séculos. A filha de Susannah possuía uma magia como essa, aquela conexão profunda que ia além de qualquer coisa que eu pudesse oferecer.

Esta era a magia do amor. De respeito mútuo que veio de uma relação simbiótica, que nunca poderia ser ensinada. Willow era uma só com a terra ao seu redor, de uma forma que teria sido uma tragédia tirar dela.

Foi por isso que eu nunca teria seguido adiante se ela tivesse optado por rejeitar nosso acordo.

Eu poderia tê-la mantido trancada em um quarto nos andares superiores de Hollow's Grove e vedado todas as janelas para que ela não pudesse escapar, mas não poderia ter tirado essa parte dela.

Não sabendo o quão severamente isso a teria quebrado. Onde outros poderiam querer controlar o fogo em suas veias, eu só queria vê-la aprender como abraçar o que era queimar.

Caminhei pela floresta, mantendo meu ritmo casual para dar a ela uma chance de lutar... ou a ilusão de uma. Sua ira atingiria o ponto mais alto quando ela *pensasse* que conseguiria.

Quando a vitória estivesse fora de seu alcance, eu a arrancaria dela.

Willow precisava saber que eu era seu único lar. Que o futuro dela começou e terminou comigo. Eu toleraria nada menos que uma eternidade com ela ao meu lado, guiando-a pelo caminho que ela sempre esteve destinada a trilhar.

Eu escutei, ouvindo cada galho quebrar enquanto ela passava por cima dele. Ouvindo o farfalhar das folhas a seus pés e usando-as para localizá-la. Os Amaldiçoados mantiveram distância enquanto eu caminhava entre eles, tendo aprendido a lição anteriormente, quando encontraram os cadáveres de seus mortos. A bruxa era minha e eu não permitiria que eles a machucassem pelos crimes de sua ancestral.

Mergulhando no lugar onde Willow se sentia mais em casa, tentei mergulhar naquela parte da magia que compartilhei com sua ancestral. Mesmo reconhecendo o chamado da magia, o amor que Willow sentia pela terra não era o que residia dentro de mim. O amor que ela tinha estava faltando em meu ser.

Talvez tenha sido porque eu passei tantos séculos separado dele, incapaz de tocar qualquer parte da minha magia. Mas para mim era uma ferramenta a ser usada.

Para Willow, era uma parte dela... uma parte da qual ela sentiria falta todos os dias de sua vida, caso fosse perdida.

Um sorriso surgiu em meu rosto enquanto eu continuava meu caminho. Passei os dedos por uma folha, sentindo-a amassar-se sob meus dedos enquanto esperava pela Feiticeira, que teria sentido aquela perda como se fosse sua.

Sentindo-a se aproximar do centro da floresta, corri para frente. Com a mesma velocidade que usei naquele dia na floresta perto da casa de sua infância, corri facilmente por entre as árvores. Passei rapidamente por Willow, parada no caminho que ela precisaria atravessar se quisesse alcançar sua liberdade.

Liberdade que não existia para ela.

Encostando as costas em uma árvore, esperei que a bruxa me alcançasse. No momento, sua esperança se dissipou em nada. Ela, sem saber, chegou ao lugar perfeito para nossa batalha final, uma clareira onde o sol flutuava através da copa das árvores para iluminar o chão com um sol suave e calor. Gostei da sensação na minha pele, do calor confortável que estava tão em desacordo com o que esse corpo lembrava no Inferno.

Quanto tempo se passou desde que eu realmente senti o sol?

Uma figura apareceu ao longe, caminhando lentamente em minha direção, como se não quisesse que eu a ouvisse. Ela sabia o quão aguçada era a audição de um Receptáculo, mas Willow não entendia minhas habilidades nesta forma. Ela era uma bruxa que gostava de conhecer seu oponente antes de uma batalha, mas nisso ela não sabia nada, e isso transparecia em seu andar desajeitado. Ela fez muito barulho enquanto tropeçava nas folhas de outono no chão da floresta, arrastando os pés em minha direção. As mudanças em seu corpo eram evidentes na forma como ela lutava, eu sabia que levaria algum tempo para ela aprender a controlar sua nova força e o que isso significava para completar as tarefas mais simples.

Se ela não tomasse cuidado, ela poderia quebrar os dentes ao tentar escová-los. Ela poderia quebrar uma caneta quando simplesmente tentasse agarrá-la.

Só quando ela entrou sob o sol brilhando por entre as árvores é que percebi o que a bruxinha esperta e enganadora tinha feito.

A criatura, que não era minha esposa, tinha sido criada a partir de galhos caídos, e ela de alguma forma conseguiu amarrá-los, enfeitando-os para avançarem em dois tocos de árvores como pernas. Ela amarrou grama na cabeça, imitando seu cabelo à distância, mas quando o sol pousou sobre ele, ele não compartilhou nada do brilho de suas profundas tranças negras.

Os ruídos que ouvi eram desta coisa cambaleando pela floresta sem olhos para ver, animada apenas pelo sangue que ela espalhou na casca para compartilhar sua magia.

— Willow! — Eu gritei, girando na floresta para ouvi-la enquanto passava a mão pela criatura da floresta e a fazia cair no chão. Eu esperava que ela se perdesse em sua raiva, que lutasse com pânico e fúria.

Em vez disso, ela me enfrentou com uma astúcia calma e letal.

Ela se comportou como uma rainha, quando eu ainda esperava uma menina.

Sem a criatura mais barulhenta para me distrair, ouvi os sons muito mais silenciosos dela se movendo pela floresta. Ela passou por mim, aproximando-se da borda da floresta no lado oposto muito mais rapidamente do que eu achava tolerável.

Corri para frente, correndo pela floresta enquanto meu coração disparava. O sangue bombeava em minhas veias mais rapidamente do

que eu jamais me lembrava, o que estava em desacordo com o modo como meu corpo não tinha tais funções quando eu era um Receptáculo. Não foi a atividade física que fez meu coração disparar, mas meu pânico cegante sobre o que eu faria se Willow *fosse* embora.

Se ela conseguisse escapar, eu não teria escolha a não ser honrar minha parte no acordo. Eu não teria escolha senão deixá-la sair de Crystal Hollow... deixá-la me deixar.

Era impensável voltar a ficar sozinho dessa forma.

Corri para frente, colidindo com as costas dela e derrubando-a no chão. A luz brilhava através das árvores que formavam a linha das árvores logo à frente, sua liberdade tão próxima que eu praticamente podia sentir seu gosto.

Willow rosnou ao cair no chão, jogando a cabeça para trás na minha cara com um grito de frustração. Senti a dor disso, a raiva, ecoar pelos meus ossos.

Ela esteve tão perto. *Muito perto.*

Meu nariz latejava com o que teria sido um golpe esmagador para um humano, ou mesmo para um Receptáculo. O formigamento da dor me deixou saber o quão duramente ela havia golpeado. Seu corpo tremia em minhas mãos, sua fúria deixando todos e cada um de seus músculos tensos enquanto ela se preparava para a luta que ambos sabíamos ser inevitável.

Eu esperava por isso, esperava a guerra quando a derrubei e a peguei em meus braços.

Eu tinha planejado ficar mais longe da linha das árvores, buscando brincar mais com ela, para permitir-lhe as pequenas vitórias que tornariam nossa batalha ainda mais prazerosa. Especialmente quando finalmente a rolasse para baixo de mim, rasgasse sua camisola no meio e a fodesse no chão.

Meu pau endureceu com o pensamento, contorcendo-se nas minhas calças. Fazia muito tempo que esse corpo não sentia o prazer de uma mulher. Mesmo que tivesse sido saciado ontem, minha necessidade por Willow teria superado isso.

Ela colocou o braço atrás da cabeça, enfiando dois dedos dobrados em meus olhos e me forçando um pouco para trás. Seu corpo se torceu embaixo de mim enquanto seu torso era libertado, seus dentes à mostra enquanto ela olhava para mim e balançava os quadris.

Agarrando-a pela cintura com um braço, forcei-a a se curvar ligeiramente. Puxando-a pela cintura para que sua bunda se levantasse em minha direção, eu me pressionei contra ela enquanto a camisola preta deslizava por suas coxas e expunha sua curva.

— Solte-me! — Ela gritou, continuando sua luta. Isso apenas deslocou sua camisola mais para cima, até que toda a extensão de sua bunda estivesse nua para eu ver.

— Tínhamos um acordo, Feiticeira — eu disse, lembrando-a com uma risada. Eu a peguei, prendendo-a em meus braços, mesmo que ela estivesse perto de escapar. — Agora, fique quieta para que eu possa te foder.

— Vou arrancar seu pau enquanto você dorme e alimentar Belzebu com ele, seu idiota — ela rosnou, torcendo o corpo para tentar se libertar do meu aperto de ferro em seu quadril. Deixei meus dedos deslizarem para baixo, para a parte dela que estava nua embaixo de mim. Ela se encolheu quando meus dedos roçaram o topo de sua entrada, mergulhando e circulando seu clitóris antes de mergulhar mais baixo e provocar sua entrada. O movimento involuntário de seus quadris que veio em seguida a pressionou mais perto do comprimento duro do meu pau em minhas calças, em vez de afastá-la, buscando o prazer que só eu poderia dar a ela.

O primeiro toque de seu calor úmido contra minha pele e eu encontrei meu lar. Eu viveria na sua boceta, viveria no refúgio do seu corpo durante o resto dos meus dias.

— Você pode gritar e me xingar o quanto quiser, mas nada mudará o fato de que você *concordou* com isso. Você escolheu isso e agora? — Fiz uma pausa, arrastando a humidade que tinha recolhido da sua boceta e usando-a para aplicar o calor úmido dos meus dedos no seu clitóris. Inclinei-me, sussurrando as palavras condenatórias que mostravam o quão adequada ela era para mim. Quão sombria e depravada era sua pequena alma distorcida, uma alma que eu reivindiquei como minha. — Agora nós dois sabemos o quanto você vai gostar.

— Se ao menos o resto de você fosse tão agradável quanto seu pau — ela rosnou, arrancando uma risada minha. Ela nunca teve esse pau, apenas esteve comigo na minha forma de Receptáculo. Não parecia natural para mim sentir ciúme da minha outra forma, possuir sentimentos de raiva porque a outra versão de mim estava dentro dela.

Se não fosse um monte inútil de lama agora, eu a teria matado por saber como ela se sentia por dentro.

Coloquei minha mão em minha calça, me libertando enquanto Willow se contorcia embaixo de mim. Ela parou quando eu me guiei para o espaço entre suas coxas, deslizando através delas enquanto ela as pressionava firmemente. Deixei-a sentir tudo de mim enquanto deslizava, tocando a sua boceta e deslizando pela humidade até que esbarrei no seu clitóris.

Minha mão se arrastou até sua camisola enquanto eu empurrava superficialmente, atormentando-a com o que estava por vir. Mesmo ela não podia negar o quanto ela queria isso, os pequenos pulsos dela se movendo comigo eram um forte lembrete de que mesmo que ela lutasse, ela sabia disso tão bem quanto eu.

Rasguei sua camisola pelas costas, desejando que sua pele nua passasse pelos meus dedos. Eu os arrastei por sua espinha, sentindo muito prazer nos arrepios que arrepiaram sua pele em resposta ao meu toque.

— Se meu pau é minha única qualidade redentora — eu disse, empurrando seu cabelo para fora do meu caminho para envolver seus dedos em sua nuca. Usei esse aperto para pressioná-la contra o chão, deixando-a virar a cabeça para ver seu perfil. Eu a preendi, mantendo-a perfeitamente imóvel enquanto movia meus quadris e recuava. — Então espero que você passe a maior parte do tempo sentada nisso, esposa.

Eu empurrei para frente, afundando dentro dela em um impulso rápido e forte. Ela engasgou, o som ficando mais alto quando seus lábios se separaram e seus olhos se fecharam. O gemido que me escapou foi arrancado da minha alma quando seu suspiro se transformou em um gemido agudo de prazer, me deixando ainda mais determinado a fazê-la gritar.

Para permear a floresta com o som do seu prazer puro e implacável. Para fazê-la sentir exatamente o que eu senti enquanto isso me fortalecia, deslizando pelo comprimento do meu pau e subindo pela minha espinha, enchendo-me com a sensação de seu calor. Ela estava tão molhada quando eu me afastei e fui mais fundo, abrindo-a para mim. A magia do nosso vínculo conjugal se concretizou e finalmente foi consumada na verdade, aquele calor que tudo consome.

Os olhos de Willow se abriram, um flash negro os consumindo enquanto se aproximava dela. Esse olhar brilhou para o meu, choque e

descrença espreitando sob a mancha preta que a marcava como minha. Eventualmente desapareceu, retornando seus olhos ao olhar incompatível pelo qual eu me apaixonei enquanto a magia penetrava em todos os cantos de sua alma e corpo.

Ainda assim, ela continuou a sustentar meu olhar, um desafio em seu olhar e seu corpo tenso. Eu me afastei, empurrando para frente e fodendo com ela rapidamente. Não porque eu quisesse apressar meu tempo com ela, mas porque não conseguia imaginar mais nada.

A minha necessidade de a encher com o meu esperma era inegável. Minha necessidade de vê-lo vazar de sua boceta inchada como algo que eu nunca tinha conhecido. E quando eu a levasse de volta para o nosso quarto, eu transaria com ela de novo e sentiria o quão molhada ela estava quando já estava cheia de mim.

— Gray — ela disse, seu gemido como música para minha alma. Foi o apelo de uma mulher à beira do esquecimento, de uma mulher que não podia negar o orgasmo que a puxava para baixo. Eu a soltei, saindo dela enquanto ela me encarava.

— Pegue o que você precisa, amor — eu disse, ajoelhando-me e esperando que ela se movesse. Eu queria que não houvesse dúvidas em sua mente de que ela queria isso. Eu não queria que ela fosse capaz de reescrever a história para dizer que não estava disposta quando a levei, eu a conhecia bem o suficiente para saber que ela tentaria negar a parte mais sombria de si mesma que ela não estava disposta a aceitar.

Ela não estava pronta para dançar com o monstro sob sua pele. Reconhecer que, embora eu pudesse ser o diabo, ela morava em minha alma e se sentia confortável ali.

Ela ficou de joelhos, respirando fundo e totalmente concentrada enquanto olhava para mim. Eu ainda estava completamente vestido, exceto pela minha braguilha aberta, seu olhar passivo passou por mim antes de pousar no meu pau pela primeira vez. Ela estendeu a mão com uma única mão, empurrando-me para trás com uma força que conseguiu me derrubar. Caí de costas no chão da floresta, mudando para colocar minhas pernas em um ângulo natural enquanto Willow tirava sua camisola rasgada e arruinada e se levantava. Ela passou por cima de mim, olhando para mim, me dando uma visão perfeita e impecável dela em toda a sua glória.

Ela caiu de joelhos rapidamente, rápido demais para uma humana, e pareceu perceber isso enquanto diminuía a velocidade ao

montar em meus quadris. Ela levantou apenas o suficiente para deslizar a mão entre nós, colocando meu pau no ângulo que ela precisava para que pudesse abaixar-se sobre ele enquanto seus olhos se fechavam.

— Puta que pariu — eu gemi, agarrando-a pelos quadris quando ela começou a se mover. A maneira como ela me montou foi como uma dança, um movimento fluido de seus quadris para trás e um movimento brusco para frente para me levar profundamente, pressionando seu clitóris contra mim com cada movimento.

Ela agarrou as laterais da minha camisa com cada mão, separando-as para que os botões voassem no ar, ela tocou meu peito com as mãos nuas para se equilibrar. Ela hesitou apenas momentaneamente quando a marca da mão em meu peito apareceu, colocando as mãos em cima dela para bloqueá-la de sua visão. Tinha cicatrizado um pouco, o vermelho brilhante se transformando em uma cicatriz branca. Eu esperava que nunca sarasse, que ficasse comigo para sempre.

Observei-a, adiando o meu próprio prazer o tempo suficiente para permitir que a minha mulher me usasse de uma forma que nunca pensei que desfrutaria.

Mas eu gostei de tudo que trouxe prazer a Willow.

— É isso, amor — murmurei quando ela jogou a cabeça para trás. Seus mamilos se esticaram em minha direção, me implorando para levá-los em minha boca e amá-los do jeito que cada pedacinho dela merecia.

Mais tarde.

Passaremos séculos juntos... uma eternidade para eu adorar cada parte dela.

Ela buscou sua liberação, os movimentos de seus quadris se tornando menos rítmicos e controlados. Seu corpo se transformou em caos enquanto a consumia, seus gemidos ameaçando me fazer gozar. Ela ficou em silêncio enquanto o orgasmo a engolia, sua boca se abrindo em um grito silencioso enquanto o centro do meu peito queimava.

Preto encheu minha visão, sombras cercando suas mãos onde ela me tocou quando gozou. A queimação era diferente de tudo que eu já havia sentido, mais quente que as próprias chamas do Inferno. A

cicatriz branca sob suas mãos mudou, formando algo totalmente novo... algo único.

Ela tinha me marcado.

Saber que ela me reivindicou como seu marido me trouxe mais alegria do que deveria. Mesmo sabendo que não tinha sido intencional, não pude evitar o sorriso que surgiu em meu rosto quando estendi a mão e a puxei para mim. Selando meus lábios aos dela, devorei sua boca enquanto a virava de costas e subia uma de suas pernas para poder foder com ela.

— Bruxinha malvada — eu disse com uma risada, sentindo sua boceta apertar em volta de mim com cada impulso. Ela ainda estava no auge de seu orgasmo, seu corpo tendo espasmos enquanto eu penetrava nela com toda a força e rapidez que conseguia.

— Porra! — Ela gritou, o som preenchendo o silêncio ensurdecedor da floresta enquanto eu a levava a um segundo orgasmo logo após o primeiro. A boceta dela apertou-me, mantendo-me prisioneiro e roubando o esperma das minhas bolas. Eu a enchi com jorros fortes, rugindo minha própria liberação enquanto me inclinava em direção a ela e mordida seu ombro. Não havia presas para tirar sangue, e senti falta da sensação daquela parte dela dentro de mim.

Quando me afastei, o olhar da bruxa se voltou para o emaranhado circular de labirintos que ela havia impresso em meu peito.

O labirinto de Hécate marcou minha pele, a marca da minha esposa necromante queimou em minha carne como uma marca.

Willow engoliu em seco, olhando para mim enquanto procurava as palavras.

— Você é minha agora, Willow Morningstar.

CAPÍTULO OITO

WILLOW



Aquela marca em seu peito me manteve prisioneira, um gole latejando pela minha garganta enquanto eu tentava aceitar o que tinha feito. Eu não tinha a intenção nem queria reivindicá-lo de forma alguma, mas a magia pulsando em minhas veias agora parecia selvagem... incontrolável.

— O que você fez comigo? — Perguntei a ele, recusando-me a permitir que ele visse a emoção que obstruía minha garganta. Minha conexão com a terra sempre foi forte, nosso relacionamento intenso, já que eu a amava mais do que qualquer outra parte de mim.

Mas agora...

Agora, parecia que a própria magia estava viva dentro de mim, quase como se se contorcesse e se enrolasse sob a minha pele. Havia um tom mais escuro, como se as sombras estivessem seguindo a luz. Uma luz que eu só poderia presumir ser a que herdei de Charlotte e dos ossos pendurados em meu pescoço. A parte que mais me assustou foi a ameaça pulsante que ansiava pela morte e pela decadência, o ciclo da vida que exigia pagamento.

Eu não poderia ser a única a entregá-la. Eu não poderia ser a única a fazer escolhas entre a vida e a morte.

— Eu sei que você era virgem antes, mas já fizemos isso tantas vezes agora que sei que você sabe o que é um orgasmo, meu amor — Gray respondeu, levantando uma sobrancelha para mim enquanto aquele sorriso irritante tentava fazer com que fosse a luz da situação.

Como se ele não tivesse virado todo o meu mundo de cabeça para baixo.

— O que eu sou? Eu não deveria ter sido capaz de queimar sua pele. Eu não sou uma bruxa do fogo...

— Você ainda é minha feiticeira — disse ele, seu rosto suavizando e os traços de sua diversão arrogante diminuindo. Ele me observou como se eu estivesse a duas palavras de um colapso, e talvez estivesse.

Os colapsos geralmente significavam que eu chorava no chuveiro, onde ninguém podia me ver. Exceto aqui fora, cercada pela natureza e pelo curso natural da vida...

Eu não sabia o que aconteceria. Não imediatamente.

— Você é minha esposa — acrescentou ele, tocando um único dedo na parte inferior do meu queixo.

— Ainda sou humana? Ainda sou uma bruxa? — Eu perguntei, olhando para a floresta ao meu redor. Eu ainda sentia o zumbido das árvores em meu sangue, mais alto do que nunca, então não achei que minha conexão com aquela parte de mim tivesse sido afetada.

Mas algo estava claramente diferente.

— Você nunca foi humana — respondeu Gray, afirmando um fato que eu nunca reconheci. Eu poderia ter magia em minhas veias, mas sangrei como uma humana. Estava machucada e faminta, todas as partes de mim que importavam *pareciam* humanas.

O irmão mais novo que eu amava parecia humano, pois permaneceria impotente até completar dezesseis anos. Foi através dos olhos dele que vi o mundo, através da vida que sabia que ele viveria sem mim, que vi o que gostaria de ter.

Porém, eu não era forte o suficiente para ficar sozinha em meu corpo sem minha magia para chegar lá. Eu não era forte o suficiente para enfrentar o vazio que minha vida havia criado, os buracos onde o amor deveria residir e só havia mágoa, dor e raiva.

— Eu sou uma bruxa? — Perguntei, observando enquanto ele chamava uma das árvores mais próximas de nós. Ela respondeu ao seu chamado, balançando um único galho em sua direção para que ele pudesse pegar uma folha entre os dedos. Ele olhou para aquilo como se fosse uma curiosidade. Era como se ele não conseguisse entender por que eu me importava tanto com algo tão... comum.

— Isso é complicado — disse ele, seu olhar dourado finalmente encontrando o meu. Engoli em seco, tentando lutar contra o tremor em meu lábio inferior. Eu não suportava a ideia de perder tudo o que conhecia.

— Como? — Eu sussurrei, uma tensão em minha voz que sugeria minha paciência cada vez menor. Ele me trouxe de volta à vida quando eu não pedi, o mínimo que ele podia fazer era explicar o que tinha feito comigo.

— Para trazê-la de volta, tive que lhe dar muito do meu sangue. Mais do que daria agora que você aceitou o vínculo conjugal. Só dei tanto do meu sangue a uma pessoa no passado, e isso teve um propósito muito diferente, mas algumas das consequências parecem ser semelhantes.

— Charlotte? — Eu perguntei, zombando. Claro, minha ancestral seria a única outra pessoa. Eu parecia estar condenada a repetir a história de sua vida. — Vocês dois eram...

— Não. Charlotte e eu tínhamos uma relação de respeito mútuo, mas nunca houve nada além de uma tentativa de amizade. Ela não confiava em mim e eu não confiava nela, mas respeitei sua tenacidade — respondeu Gray, parando para olhar em direção à floresta enquanto seu corpo ficava tenso. — Ela também não foi a quem eu dei meu sangue, embora tenha sido a pedido dela.

— Quem? — Perguntei, franzindo a testa quando percebi a única outra possibilidade. — O Covenant? — Eu perguntei, as palavras parecendo arrancadas da minha garganta.

— Sim, meu amor. O dom do meu sangue foi o que ressuscitou Susannah e George de seus túmulos. Mesmo a magia de Charlotte não poderia animar uma pessoa além do momento em que ela os comandou. Depois que ela liberou sua magia, eles retornaram ao seu estado natural — ele disse, fazendo meu sangue gelar. Olhei em direção à floresta ao som de folhas sendo esmagadas, tentando reprimir meu pânico crescente.

— Isso significa...

— Isso significa que você é o que sempre deveria ser. Nosso povo tem a oportunidade de viver em verdadeira harmonia com você para levar as bruxas de volta aos velhos tempos, e comigo para guiar os arquidemônios e receptáculos para um novo modo de vida — disse ele,

e algo esperançoso iluminou seus olhos dourados. — Podemos construir uma casa aqui.

Eu me perguntei, mesmo que por apenas um segundo, se o Inferno alguma vez me pareceu um lar. Ou se fosse um lembrete de sua punição, um lugar do qual ele não poderia escapar, assim como as almas presas lá. Afastei aquela pena, determinada a não me permitir sentir nada pelo homem que me usou e quebrou meu coração sem remorso.

— Você matou doze bruxas para me trazer de volta. O Coven não vai perdoar isso — eu rebati, balançando a cabeça diante de sua estupidez.

— Eu matei doze bruxas que vieram de famílias fora de Crystal Hollow — disse ele com um sorriso tortuoso. — Aquelas que não tinham família ou relacionamentos duradouros aqui. Eles ficarão com raiva por um tempo, mas os humanos são tão passageiros. Mesmo que a raiva persistisse, eles morreriam em breve. O futuro é nosso para escrever — disse ele, dando-me um último sorriso antes de se virar de repente.

Um dos Amaldiçoados saltou das árvores que nos cercavam, jogando todo o seu peso em Gray. O diabo agarrou-o pela garganta, com um aperto implacável enquanto o segurava no alto. Os ossos do meu pescoço chacoalharam, avançando em direção à criatura com o chamado da magia que parecia tão familiar e ao mesmo tempo tão diferente. Enquanto a pulsação da terra em meu sangue parecia um conforto caloroso, este era o mergulho frio das profundezas geladas.

Meus dedos formigaram com isso, a dor preenchendo as pontas enquanto eu lutava para manter minha mão pressionada ao meu lado. Essa magia – Magia Negra – não era algo que eu sempre quis para mim. A única consideração que levei a isso foi desfazer os Receptáculos por vingança.

Eu nunca planejei usá-la para mais nada.

Gray o manteve imóvel, sua atenção se voltando para mim e para a luta que ele sem dúvida podia sentir. — Sempre siga a magia, Feiticeira — ele murmurou, girando a criatura em seu domínio. Ele envolveu a frente da garganta da criatura com a palma da mão, mantendo-o imóvel com uma força inimaginável. Os braços do lobisomem se debateram, suas mãos totalmente formadas com pelos nas costas e garras mais longas que um lobo normal. — Se ele quer a

vida dele, alimente esse desejo. Um necromante tem que alimentar o equilíbrio da mesma forma que você alimenta a terra.

Mas não foi a morte que chamou minha magia, apenas o sacrifício de sangue, carne e corpo. Fui em direção ao Amaldiçoado, engolindo em seco quando ele estalou a mandíbula para mim. Aquelas mãos com garras se debateram, tentando pegar um pedaço de mim enquanto eu o fixava com um olhar furioso.

Um aceno de minha mão chamou a terra sob seus pés, raízes se estendendo do chão da floresta para envolver suas patas caninas traseiras que sustentavam seu peso. Elas o envolveram, circundando seu torso e prendendo suas mãos ao seu lado. Gray o soltou gradualmente, afastando-se quando teve certeza de que eu o segurava com firmeza.

Ele se moveu atrás de mim, passando um braço em volta da minha cintura e moldando-se à minha coluna. Eu não deveria ter gostado do apoio ou da maneira como ele me fez sentir ancorada, dando ao meu corpo uma âncora enquanto a magia ameaçava me consumir. — Dê o que ele quer — ele murmurou, acariciando o lado do meu pescoço com o nariz em algo que me trouxe tanta vergonha quanto conforto.

— É demais — eu disse, balançando a cabeça. Minha mão tremia ao meu lado, a atração da magia era demais para ser ignorada. Eu não queria nada que pudesse me forçar, que pudesse me tirar a vontade com a magia assumindo o controle.

— Deixe para lá. Você vai se esgotar lutando contra isso. A linha Madizza é apenas uma linha de bruxas verdes. Existem duas, o que significa que os Madizzas controlam apenas metade da magia da terra que eu dei. A linha Hécate é a única linha necromante. Tudo isso existe dentro de você. Você precisará de tempo para se ajustar à força desse poder — disse ele, envolvendo a mão em meu antebraço. Ele o levantou na minha frente, parando apenas para respirar no peito do Amaldiçoado e me deixando cruzar a distância final.

Senti as batidas de seu coração sem tocá-lo, senti a pulsação dele pulsando com o fluxo de seu sangue. Sua vida pairava fora de alcance, mas não me chamava.

Porque a necromancia não era sobre a morte, mas sim sobre dar vida a quem já a havia perdido.

Toquei minha palma em seu peito de forma decisiva, enquanto uma onda de gavinhas pretas enxameava para absorver minha mão. Elas me cercaram, pulsando da minha carne para envolver seu pescoço.

Seus olhos sustentaram meu olhar, algo humano espreitava naquele olhar enquanto ele gritava. Aquele grito, um apelo, transformou-se em um uivo, o som ecoando pelas árvores enquanto ele jogava a cabeça para trás.

A pele caiu no chão da floresta, caindo em sua cabeça e flutuando ao vento até tocar as folhas abaixo. Elas a envolveram, levando sua pele como oferenda.

Observando com horror, não consegui afastar minha mão enquanto sua pele seguia, derretendo como se tivesse sido mergulhada em ácido. Seu focinho desapareceu na sombra, sangue escorrendo de seu rosto enquanto se transformava no de um homem. Sua forma encolheu, suas pernas e braços torceram e os ossos quebraram. As unhas recuaram para seus dedos enquanto uma cabeleira crescia para substituir seu pelo.

As raízes das árvores recuaram para a terra, retornando ao lugar ao qual pertenciam e deixando o homem que havia tomado o lugar do Amaldiçoado balançando. Seus braços se levantaram, segurando meu pulso suavemente enquanto ele caía de joelhos na minha frente.

Ele estava inteiramente nu, uma onda de desaprovação veio na forma do grunhido de advertência de Gray.

O Amaldiçoado voltou seu olhar para meu rosto, olhos violetas chocantes encontrando os meus de um homem humano bonito.

— Consorte — disse ele, sua voz cheia de admiração enquanto se inclinava para frente e esfregava o rosto na mão que segurava. — Eu sou seu.

CAPÍTULO NOVE

GRAY



Willow congelou, olhando horrorizada para o homem ajoelhado diante dela. Um grunhido retumbou na minha garganta, observando-o acariciar a mão da minha esposa como se ela pendurasse a lua no céu.

— *Minha* consorte — esclareci da minha posição atrás dela. O bastardo nem sequer desviou o olhar de Willow, incapaz de desviar aquele olhar misterioso dela. Quando Charlotte aprisionou o Amaldiçoado na floresta, eu não pensei que fosse possível desfazer. Não deveria ser uma surpresa, visto que toda magia tem um preço.

Eu só tinha que me perguntar qual seria o custo para Willow, o que ela faria com o novo conhecimento de que poderia libertar aqueles que permaneciam na floresta.

Apertei-me com mais força contra sua coluna, tornando minha presença conhecida quando ela parecia inclinada a me esquecer completamente.

Ela respirou fundo, afundando-se em meu corpo como se de repente fosse demais para ela se sustentar. Meu braço apertou sua cintura, reivindicando-a para mim mesmo enquanto o Amaldiçoado se levantava para ajudá-la.

Willow aceitou a ajuda, sua incerteza sobre o homem à sua frente a levou a se apoiar no único apoio que tinha. Se fosse do meu jeito, não precisaria esperar pelo dia em que eu fosse tudo o que lhe restava. Quando todos que ela conheceu e cuidou partiram, esse seria o dia em que eu saberia que Willow seria minha e somente minha.

— Seu nome — Willow disse. As palavras não eram uma pergunta, mas uma exigência sussurrada. Os olhos da criatura pulsavam com luz, o violeta brilhando quando ele se levantou e parecia completamente despreocupado com sua própria nudez.

— Jonathan — ele disse, seu olhar mudando para um de confusão, como se ele tivesse que se concentrar para tentar localizar a memória de quem ele tinha sido todos aqueles séculos antes. — Jonathan Hatt.

Willow endireitou as pernas embaixo dela, ficando de pé até ficar de pé sob o homem Amaldiçoado. Ela estendeu a mão com uma única mão enquanto ignorava meu toque, segurando a bochecha de Jonathan. Movi-me ligeiramente para o lado, apenas o suficiente para observar o que ela fazia. Mesmo que me doesse fisicamente permitir que ela tocasse outra pessoa, a expressão em seu rosto não tinha nada a ver com desejos carnavais e tudo a ver com o reconhecimento de suas próprias capacidades.

— Sua dívida ainda não foi paga, Jonathan Hatt — disse ela, as palavras pronunciadas suavemente. Mesmo que fossem pouco mais que um sussurro em sua exaustão, não havia dúvidas sobre o poder que vibrava em cada nota. Seu olho violeta brilhou enquanto ela dizia as palavras.

— Uma dívida como a minha nunca poderá ser paga integralmente, Consorte — disse Jonathan, a reverência em sua voz me fazendo cerrar o punho ao meu lado.

Gavinhas escuras como tinta se espalharam pelas pontas dos dedos de Willow, afundando na bochecha de Jonathan. Ele não recuou, apesar da forma como elas morderam sua pele, afundando profundamente. O zumbido da magia encheu a clareira, fazendo meu sangue ecoar a sinfonia da minha esposa.

O pelo se espalhou ao longo de sua pele quando ela o tocou, suas costas se curvaram e seus ossos estalaram quando ele caiu de quatro. Era muito mais curto do que na forma de sua criatura amaldiçoada, uma textura mais suave à medida que seu próprio ser encolhia.

Ele foi ficando cada vez menor, seus gritos abafados enquanto lutava para contê-los. Eles pararam com o tempo, o som estridente se transformando em um uivo distintamente felino.

O pequeno gato preto girou nos pés de Willow, acariciando seus tornozelos e inclinando-se para olhar para ela com admiração. Seus

olhos permaneceram violetas e seu uivo se transformou em ronronar quando Willow se abaixou para pegar a criatura inútil.

Ela coçou a nuca dele, fazendo-o arquear o pescoço para se aproximar dela. A outra mão dela permaneceu na frente do rosto dele, o polegar e o indicador se espalhando para dar ao gato acesso à teia entre eles.

Ele lambeu a superfície de sua pele antes de mordê-la, afundando suas presas em sua pele e tomando o que não lhe pertencia. Estiquei-me ao longo da distância, agarrando-o pela nuca e puxando sua cabeça para trás.

Seu rosto se alongou no fantasma de um focinho, uma lembrança da Maldição que ainda permanecia dentro dele, apesar da nova forma que Willow havia fornecido enquanto ele rosnava para mim.

— O que você estava pensando? — Eu perguntei, rosnando para minha esposa quando ela soltou o gato. Eu o joguei no chão, olhando quando ele caiu de pé de uma forma que parecia muito natural para alguém que não tinha sido felino apenas um momento antes.

Ela pegou um Amaldiçoado e criou dele um maldito familiar, embora eu nunca esqueceria o que ele realmente era sob seu pelo.

A porra de um homem que era muito próximo da minha esposa.

— Sangue é poder — disse Willow, balançando enquanto seus joelhos dobravam. Sua pele zumbia com energia quando a peguei, vibrando em cada ponto que conectava nós dois. A necromancia dentro dela tinha um gostinho de conexão, de ser libertada depois de permanecer adormecida por décadas. Os ossos ao redor de seu pescoço chacoalharam enquanto seu corpo caía sob o peso daquele poder, precisando de tempo para chegar ao nível de uso que ela era capaz.

Isso a magia exigia dela.

— Então por que dar isso a alguém que não merece? — Eu perguntei, levantando-a em meus braços. Ela não lutou, aninhando a cabeça no meu peito em sua exaustão. Willow pode ter lutado contra nossa conexão com tudo que ela tinha quando era forte, mas em seus momentos de vulnerabilidade, ela revelou exatamente quem ela era por trás de toda a bravata.

Uma jovem que estava apavorada com o fato de enfrentar o mundo sozinha.

Ela não achava que alguém perceberia se ela pudesse apenas fingir que não estava afetada, concentrando-se nas amizades superficiais que formou, sem nunca permitir que aqueles que poderiam se importar com ela se afundassem mais profundamente em sua alma.

Amar era perder. Amar era machucar. Quer fosse um pai que colocasse suas próprias necessidades antes das nossas ou os irmãos que seríamos forçados a deixar, o amor era uma dor para seres como nós.

— Porque eu cuido do que é meu — ela disse, fechando os olhos enquanto um grunhido ressoava em meu peito. Eu não tinha dúvidas de que ela podia sentir isso, que a ira fervendo em meu sangue quando passei pela porra do gato que andava ao meu lado e se recusava a sair do seu lado estava potente no ar.

Ela não dormiu – embora não tenha aberto os olhos para ver minha raiva – optando por se esconder dela. Deixei passar, entendendo que era devido ao fato de que ela não sabia o que estava acontecendo melhor do que eu.

Tomar um familiar geralmente era relegado a animais *reais*, embora pela forma como Jonathan olhou para ela e insistiu em permanecer com ela, eu não consegui pensar em nenhuma resposta alternativa.

Era uma complicação que eu não precisava nem queria em nossas vidas, um ser que tentava constantemente exigir uma atenção que não tinha tempo para dar.

Pois o tempo dela pertencia a mim.

— Suponho que você ficaria com raiva de mim se eu me livrasse dele, então? — Eu perguntei, injetando humor em minha voz, independentemente de não ser brincadeira.

— Furiosa — ela murmurou, ainda sem abrir os olhos. Sua exaustão vazou para mim, espalhando-se pelo vínculo entre nós. Eu me virei, pressionando meus lábios em sua testa enquanto voltava para a escola que se tornaria nossa casa por um tempo.

Eventualmente, íamos nós mudar para a aldeia de Crystal Hollow, tornando-nos uma parte totalmente integrada da comunidade. Eu falei sério quando disse a ela que poderíamos construir uma casa aqui, um lugar onde bruxas e Receptáculos poderiam aprender a coexistir em harmonia pacífica.

Foi assim que aconteceu antes, antes de Susannah e George terem promulgado A Escolha para me impedir de obter a mulher que abriria o selo para permitir minha forma física na Terra pela primeira vez desde que fui banido para o Inferno. Eles criaram uma barreira entre nós em uma tentativa desesperada de poder, de repente eu tive que esperar a hora certa para conseguir o que deveria ter sido meu séculos antes.

Olhando para o rosto de Willow quando ela finalmente sucumbiu ao sono, sua respiração se acalmando em um ritmo constante que parecia um lar, eu não teria mudado isso por nada.

Ninguém mais teria se sentido como ela em meus braços. Ninguém mais teria me tentado a ir tão longe para mantê-la viva.

Ninguém mais teria importância para mim, simplesmente um meio para alcançar o que eu queria. Apenas Willow não importava.

Ela era o fodido tudo.

Saí da floresta, olhando para a escola enquanto caminhava até as portas da frente. Leviatã ficou de guarda do lado de fora, apesar de um único olhar meu e ele acenou com a cabeça antes de acelerar o passo atrás de mim. Ele nos seguiu até o quarto onde eu permitiria que Willow dormisse, deixando-o ficar de olho nela do meu escritório enquanto eu tentava lidar com parte do caos que se seguiu após minha aquisição hostil do Coven.

Ela não tentaria fugir de mim novamente, sabendo que seria inútil. Eu a sentiria em qualquer lugar agora que nosso vínculo havia sido concluído, unindo-nos irrevogavelmente.

Eu a encontraria onde quer que ela tentasse se esconder e massacraria qualquer um que tentasse ajudá-la.

Sua consciência não permitiria isso.

CAPÍTULO DEZ

WILLOW



Esforcei-me para frente, alcançando a escuridão diante de mim e procurando por algo que não conseguia ver. Nada existia exceto o escuro da noite pura; a luz atrás de mim era algo parecido com uma memória apagada.

Respirei fundo enquanto aquela luz tremeluzia, atraindo meus olhos para as vinhas que deslizavam pelo chão para me alcançar. Tão perto e tão longe, eu sabia que eles não iriam me tocar antes de eu mergulhar na escuridão da morte.

Estava vazio de toda vida, uma paisagem árida de terra seca e cinzas sob meus pés. Os pelos do meu braço se arrepiaram quando dei um único passo à frente, impulsionado pelo barulho dos ossos em volta do meu pescoço. Eles procuraram o que os esperava naquela obscuridade, deixando que isso os chamasse de volta para casa.

A escuridão sussurrou meu nome, os sons muito mais nítidos do que nunca.

Dei um passo mais perto, até meu cotovelo mergulhar no gelo da escuridão. Um olhar minucioso através da escuridão confirmou as imagens nebulosas de mulheres em fila para eu ver. Doze mulheres estavam diante de mim, começando pela esquerda. A mulher usava roupas antiquadas o suficiente para que eu soubesse quem ela devia ser.

Filha de Charlotte.

Ela se parecia muito com a mãe, e a ausência da Primeira Bruxa pesou em meu coração enquanto eu folheava a linha. Minha tia estava bem no final, com a mão estendida para me dar as boas-vindas em casa.

— Venha, Willow — ela disse, sua expressão solene enquanto eu vacilava.

— Não estou pronta. — eu disse, balançando a cabeça. Eu não estava pronta para a morte me engolir, para me tornar mais uma das bruxas Hécate ligadas por ossos.

Nossa linhagem morreria comigo.

Por mais que eu achasse que queria isso quando acordei da minha breve morte, lembrei-me do frio daquela escuridão na minha pele. Lembrei-me do vazio dentro de mim que surgiu ao saber que havia falhado.

— Você nunca estará pronta — disse ela, sorrindo tristemente. — Não permita que ele transforme você em algo que você não é. — A imagem mais tênue de um caminho escuro brilhou atrás dela, a forma borrada de sebes verdes me atraindo para mais perto como uma armadilha.

Fazendo uma pausa, considerei suas palavras e a estranheza que sentia em meu corpo a cada movimento que fazia. Eu era muito rápida, muito forte, muito tudo para ser como antes.

Por mais que isso me aterrorizasse, eu também sabia o que importava mais do que tudo.

Eu vim aqui para encontrar a fraqueza de Gray. Eu vim aqui para encontrar os ossos e usá-los para Desfazer os Receptáculos e conseguir justiça para minha tia. Eu pensei que o Covenant fosse responsável pela morte dela, mas eles não eram.

Minha missão de desfazer os Receptáculos e vingá-la era a mesma, e Gray cometeu um erro fatal.

Ele me deu Sua fraqueza.

Eu o faria viver para se arrepender.

Acordei assustada, meu braço esticado em direção ao teto enquanto o deixei cair ao meu lado. Arrepios pontilharam minha pele, o remanescente físico da visão persistindo para me dizer que era real. A linha de Hécate sempre confundiu os limites entre a vida e a morte, entre o que era real e o que só era visto.

Sentei-me lentamente, passando os braços em volta da barriga e encontrando uma simples camisola preta de seda. Gray deve ter me trocado quando me devolveu ao seu quarto, me forcei a não me sentir

violada por saber disso. De qualquer forma, não era nada que ele não tivesse visto e tocado apenas uma hora antes.

A desconexão da minha carne parecia estranha, como se de repente eu percebesse que meu corpo era apenas isso. Mesmo que minha alma tivesse ficado separada da minha forma por um tempo, eu ainda teria sido eu mesma no período que passei sem ela. Meu corpo era apenas um Receptáculo, igual ao de Lúcifer.

O Inferno era o oposto daquele lugar escuro cheio de frio e nada? Foi o calor que queimou sua pele durante cada momento de sua existência, um vazio preenchido com Fogo do Inferno?

Afastei o pensamento, jogando as cobertas para o lado e deslizando as pernas para fora da cama. Forcei-me a me mover lentamente, tentando me mover da maneira que pensei que tinha feito antes. Parecia dolorosamente lento, como se eu precisasse de tudo para ignorar quanto tempo perdi.

Fui até o banheiro, entrando no chuveiro para abrir a água. Arrancando a camisola com a qual Gray me vestiu, observei-a cair no chão quando entrei no chuveiro. A água parecia quente demais na minha pele, em contraste com o frio daquela escuridão oca. Eu deixei isso tomar conta de mim, me trazendo de volta de algum lugar que eu não queria ir ainda.

Uma vez que os Receptáculos desaparecessem e o Coven se ajustasse às tradições que nunca deveriam ter desaparecido, eu vagaria por aquela escuridão e aceitaria meu destino.

Ao fazer isso, eu libertaria os ancestrais que estavam presos ali, oferecendo seu poder aos ossos que me alimentavam. Eles não poderiam realmente seguir em frente até que nossa linhagem tivesse cumprido seu destino, eu senti isso em minha alma enquanto os ossos pareciam esfriar contra minha clavícula.

Segurei-os contra mim, sentindo o sussurro do seu desejo de paz dentro de mim. Eu daria a eles quando nosso trabalho estivesse concluído e os erros de Charlotte fossem corrigidos.

Terminando meu banho, entrei no ar fresco do banheiro e me sequei antes de me vestir. Eu não suportaria pegar o uniforme verde floresta que me marcava como Verde, não quando me sentia tão fragmentado daquela garota. A magia Verde ainda pulsava dentro de mim, mas me senti desleal quando ela entrou em guerra com a magia negra.

Vasculhando as gavetas de Gray em busca de algo para vestir, fiquei chocada quando abri uma e encontrei minhas roupas do meu quarto. Cada peça que ele providenciou para ser trazida para mim quando cheguei a Crystal Hollow estava em suas gavetas, como se eu tivesse ido morar com o homem que se considerava meu marido.

Mas eu não tinha feito isso.

Vesti minha armadura em vez de me fixar no erro da situação, deslizando para o que era familiar para mim antes mesmo de me tornar uma bruxa Hécate de verdade. Minha calça jeans preta e botas de combate me fizeram sentir mais eu mesma, coloquei um suéter preto largo na cabeça para combinar, deixando-o pendurado em um dos meus ombros antes de sair em busca do homem que havia tirado tudo de mim.

Quem sabia o que minha vida poderia ter sido se ele nunca tivesse sussurrado planos de vingança no ouvido de meu pai.

Abri a porta do quarto, olhando para meus pés quando Jonathan miou e se enrolou em meus tornozelos. Curvando-me, peguei-o e aninhei-o contra meu peito, deixando-o acariciar meu queixo enquanto saía para a sala de estar. Ele beliscou minha pele, desenhando uma pequena ferida de sangue com a afiação de seus dentes.

— Ganancioso familiar — eu repreendi, virando um olhar rápido e severo para ele enquanto me dirigia para a sala de estar.

Um dos arquidemônios permaneceu em uma das cadeiras, de costas para mim, mas eu o observei levantar uma mão para bater uma garra longa e preta em sua bochecha uma vez.

Leviatã.

Ele se levantou lentamente, elevando-se enquanto preenchia o espaço com sua altura. Engoli em seco quando ele se virou para me encarar, me encarando com um olhar que me fez sentir insignificante. Ele era o mais alto dos arquidemônios, fazendo a sala parecer pequena. Ele não usava camisa, como se não tivessem conseguido encontrar uma que se ajustasse aos músculos largos que tensionavam seus ombros e bíceps. Seus antebraços estavam cobertos de escamas fracas e iridescentes que se misturavam parcialmente com sua pele. Eles brilhavam levemente quando o sol os tocava quando se movia, lembrando-me uma serpente marinha. Seus olhos eram do azul vívido do Caribe, inseridos em um rosto impossivelmente quadrado e um

queixo definido. Ele puxou o cabelo escuro na altura dos ombros para trás, mostrando as linhas de suas feições duras sem impedimentos.

— Consorte — disse ele, inclinando a cabeça para o lado enquanto eu balançava a cabeça e me virava para ir até a porta. — Ele solicitou que você ficasse em seu quarto por enquanto.

— Por favor — eu disse, parando no meio do caminho e me virando com uma zombaria. — Ele não saberia como fazer um pedido se sua vida dependesse disso.

Sua boca se abriu em um sorriso, seus dentes retos, perfeitos e brancos. Foi apenas o comprimento de suas presas que fez aquele sorriso parecer tudo menos humano, mais longo até do que os dos Receptáculos. — Fico feliz em ver que você o conhece bem o suficiente para ler nas entrelinhas.

— Eu não o conheço realmente, não é? — Perguntei, coçando a nuca de Jonathan para me consolar. Isso me fortaleceu contra a dor, contra a turbulência dentro de mim.

Eu não queria conhecê-lo antes, mesmo sabendo que era a coisa mais inteligente a fazer. Eu precisava de sua fraqueza, mas não queria saber o que o tornava humano.

Agora eu percebi o quão pouco ele compartilhou comigo. Os pedaços de sua humanidade foram estrategicamente compartilhados para me tornar querida por ele, para servir ao seu propósito e para me levar exatamente onde ele me queria.

Na verdade, mesmo que eu não quisesse admitir, seria honestamente tão diferente do que os homens humanos faziam às mulheres com quem queriam dormir? Omitir as verdades horríveis em favor de compartilhar mentiras bonitas parecia uma parte padrão do processo de namoro, pelo que eu tinha visto.

Mas a maioria dos homens humanos não esfaqueou seus acompanhantes e convocou arquidemônios.

— Suspeito que você o conhece melhor do que acredita agora, Consorte — disse ele, dando um passo à frente para ficar entre mim e a porta.

Engoli minha ira, forçando um protesto silencioso. — Eu tenho um nome.

— Consorte...

Minha próxima resposta foi mais alta e mais firme, enquanto eu me mantinha firme e me lembrava de quem eu era. Não me encolhi diante da dor e não importava que o pior dano que me foi causado tenha sido às minhas emoções e não ao meu corpo. — Eu. Tenho. Um. Nome — eu disse, inclinando-me para frente. Jonathan pulou do meu aperto, sibilando aos meus pés quando Leviatã estava perto demais para seu conforto. — Eu sou mais do que apenas...

— A esposa dele? — Leviatã perguntou, terminando a frase antes que eu pudesse. Esposa não teria sido a palavra que escolhi, mas pouco importava. Mesmo eu não poderia negar isso agora, não com nossas marcas um no outro e o conhecimento pulsante dele em algum lugar dentro de mim.

Sua raiva era potente, alimentando a minha, mesmo quando eu não conseguia vê-lo.

— Meu nome é Willow, e você vai me chamar assim a partir deste momento — ordenei, sentindo os ossos pressionarem mais fundo em minha pele. Eles concordaram com minha afirmação, com minha tentativa de colocar distância entre Gray e eu, mesmo que fosse apenas uma ilusão que me ajudasse a dormir à noite.

Leviatã sorriu novamente, a expressão suavizando as linhas duras de seu rosto. — Como quiser, Willow — ele disse incisivamente, fazendo uma reverência zombeteira sem tirar os olhos de mim.

Esperei até que ele parasse na parte mais profunda da sala, girando e correndo para a porta o mais rápido que pude. De repente, grata pela velocidade desumana, levei meu corpo ao limite enquanto envolvia meus dedos na maçaneta e girava, abrindo a porta.

Leviatã foi igualmente rápido, seguindo atrás de mim com uma velocidade que eu não achava possível. Sua mão desceu sobre a madeira acima da minha cabeça, a membrana entre seus dedos e aquelas unhas compridas consumindo minha visão enquanto ele fechava a porta com um estrondo.

Lutei para abri-la, gemendo quando não consegui e soltando um grunhido de frustração. Girando para encará-lo, levantei minha mão até seu rosto e segurei sua bochecha. Derramando aquela magia negra em meu toque, observei os fios de escuridão se espalharem por sua pele. Eles irradiavam da minha mão, dos meus dedos, movendo-se dentro da superfície de sua carne como veias da morte.

Os ossos chacoalharam quando eu despejei sua magia nele, desejando que ele voltasse ao nada.

O bastardo sorriu para mim enquanto as linhas pretas afundavam mais profundamente em sua pele, desaparecendo de vista e me deixando cambaleando.

— Eu não sou feito de lama, Pequena Necromante — disse ele, limpando a garganta. Ele forçou seu sorriso a desaparecer, adotando uma expressão séria enquanto se corrigia. — Willow.

Caí de costas contra a porta, minha mão colidindo com a madeira. A magia dentro de mim recusou-se a abandonar, derramando-se pela sala enquanto aquelas veias escuras se espalhavam pelas paredes, em busca de vida. — Você não pode simplesmente me manter trancada aqui para sempre! — Eu gritei.

Minha raiva reverberou pela sala, espalhando-se como uma pulsação. Bateu nos móveis como uma onda de choque, balançando-os no lugar. Algo se quebrou ao cair no chão, o som veio apenas um momento antes das janelas quebrarem onde davam para os jardins, vidro derramando-se e caindo no chão abaixo.

Eu estremeci, apertando meus olhos fechados. — O que há de errado comigo? — Eu sussurrei, mais de mim mesmo do que do arquidemônio na minha frente. Não era ele quem poderia e iria fornecer respostas.

— Não há nada de errado com você — disse Leviatã enquanto estendia a mão, tocando um único osso que estava pendurado em meu pescoço. Seu toque era surpreendentemente gentil, seus dedos trabalhando para evitar tocar minha pele tanto quanto possível. A magia recuou para dentro de mim mais uma vez, selando-se dentro dos ossos e fazendo-me sentir como se eu pudesse respirar novamente. — Mas acredite ou não, ele está fazendo isso para proteger você. Alguns membros do Coven declararam guerra a Lúcifer. Eles o culpam, mas ainda mais do que isso? — Ele perguntou, olhando para mim como se me desafiasse a tentar escapar novamente. — Eles culpam sua linda esposa por trair sua própria espécie.

— Eu não sabia o que ele estava fazendo. Eu...

— Você sabe disso, e eu sei disso, mas o Coven não sabe disso. Eles não vão acreditar exatamente no seu lado da história, vão? Eles não estavam lá para ver o que ele fez com você — ele disse, suas

feições suavizando quando ele deu um passo para trás. — Sua segurança é tudo o que importa para Lúcifer.

— Se isso fosse verdade, ele nunca teria me machucado — eu disse, pensando na queimadura de sua lâmina quando ele a enfiou em meu abdômen.

— Você está viva, não está? Ele passou por muitos problemas para mantê-la assim.

— Não é suficiente — murmurei, afastando-me da porta e caminhando até o sofá. Eu caí sobre ele sem sutileza, meu corpo se sentindo pesado com a percepção de que, apesar do vínculo estúpido entre nós, ele pretendia me manter prisioneira também.

— Então eu sugiro que você decida exatamente o que será suficiente. Se você nem sabe, como diabos ele vai saber?

CAPÍTULO ONZE

WILLOW



A porta da sala de Gray abriu mais tarde naquele dia. Eu me levantei, jogando o livro que estava lendo no sofá ao meu lado, na minha ansiedade para sair deste quarto. Leviatã não se preocupou em tirar os olhos do livro, embora eu tenha visto seu sorriso pelo canto do olho.

— Você é pior que um animal enjaulado — disse ele, com a voz leve, apesar das palavras zombeteiras.

Pegando o livro do sofá às pressas, joguei-o no rosto sorridente de Leviatã. Ele estendeu a mão, pegando o livro no ar e endireitando as páginas com cuidado.

Eu apreciei isso, mesmo que eu preferisse que isso o atingisse primeiro.

— Então talvez você não devesse me tratar como tal — eu disse, inclinando a cabeça para o lado com um sorriso zombeteiro que combinava com o dele.

Gray entrou na sala, apoiando o ombro no batente da porta com as mãos enfiadas nos bolsos da calça. Ele arregaçou as mangas de sua camisa branca, deixando o botão de cima desabotoado o suficiente para revelar um pequeno pedaço do labirinto com o qual eu o marquei.

Seus lábios se curvaram em um sorriso enquanto seus olhos dourados esquentavam, flutuando sobre mim da cabeça aos pés. — Feiticeira — disse ele, com a voz baixando. Senti isso nas partes mais profundas do meu corpo, afundando no meu estômago. Minhas pernas se pressionaram juntas por instinto, bloqueando aquela necessidade

avassaladora que ele parecia ser capaz de criar com nada mais que uma palavra. Era pior agora, como se a consumação tivesse apenas fortalecido o vínculo que pulsava entre nós como uma entidade viva.

Eu queria arrancar isso da minha alma.

Seu sorriso se transformou em um grande sorriso quando ele percebeu minha reação a ele, e ele empurrou o batente da porta para entrar na sala. — Eu trouxe uma surpresa para você — disse ele. Engoli em seco quando ele apareceu na minha frente, levantando meu queixo com um dedo para que eu encontrasse seu olhar. Ele se inclinou para frente, parando quando sua boca roçou a minha suavemente. — Embora talvez eu devesse apenas levar você para a cama.

— Eu quero respostas — eu disse, balançando a cabeça e me afastando de seu toque. Só porque ele foi capaz de convencer meu corpo de que ele era exatamente o que eu precisava, isso não significava que eu tivesse que ser reduzida a uma massa de carne e desejo.

Desejo não era igual a amor.

Atração não significava que éramos aliados.

Eu poderia querer transar com ele e planejar cortar sua garganta ao mesmo tempo, e talvez essa fosse a melhor maneira de fazer isso. Minha respiração engatou com o pensamento, eu o afastei antes que ele pudesse sentir a mudança em meus pensamentos.

Jonathan ficou entre nós, esgueirando-se entre minhas pernas para olhar para Gray. O diabo olhou para a pequena criatura enquanto atacava, afundando suas garras nas calças de Gray. Eu sorri para ele, estremecendo quando Gray o agarrou pela nuca e o segurou. Jonathan mostrou os dentes, suas pequenas presas ferozes.

— Praga inútil — Gray resmungou, deixando Jonathan cair no sofá com um movimento de lábios.

— Pelo menos eu *gosto* dele — eu disse, me abaixando para esfregar o topo da cabeça de Jonathan suavemente. Meu familiar se acomodou, inclinando-se ao meu toque com um olhar que eu poderia ter considerado arrogante.

Se ele não fosse um maldito gato.

— Continue assim, Feiticeira. Vou deixar seu pequeno animal de estimação observar para que ele possa ver o quanto você gosta de mim

quando suas roupas caírem — Gray disse, ganhando um suspiro assustado de mim.

— Gray! — Eu repreendi, olhando para onde Leviatã havia pressionado os lábios e começou a ler meu livro como se não pudesse ouvir a conversa.

Seu peito tremeu com uma risada silenciosa.

Eu precisava de outro livro para jogar nele.

— Talvez da próxima vez você pense duas vezes antes de insinuar que gosta mais de outro homem do que de mim — disse Gray, movendo-se em minha direção e diminuindo o que restava da distância entre nós. Seu torso pressionou o meu, deixando-me curvar para trás se eu quisesse algum espaço. Jonathan sibilou novamente, mas Gray nem sequer olhou em sua direção enquanto apontava um dedo para o rosto da bola de pelos preta.

— Ele é um gato! — Eu protestei, jogando um braço para fora para gesticular em direção ao meu familiar.

— Mas ele é? Ele é mesmo? — Gray perguntou, inclinando a cabeça para o lado.

Olhei para o gato que começou a golpear o dedo de Gray com garras estendidas, passando-as sobre sua carne e deixando cortes superficiais que curaram imediatamente. — Me parece que sim. Seu ciúme é ridículo. Não preciso foder meu familiar para transar. Há muitos homens entre os quais eu poderia escolher.

Gray rosnou, enquanto enterrava a outra mão no cabelo da minha nuca, agarrando-o com força e usando-o para puxar meu pescoço para trás. Inclinei-me, franzindo o cenho para ele enquanto ele me segurava e pressionava sua virilha contra mim. — Vamos deixar uma coisa bem clara, Feiticeira. Eu não sou *ciumento*. Sou possessivo com o que é *meu*.

Ignorei o modo como aquele grunhido zumbiu através de mim, resistindo à vontade de pressioná-lo. — Não vejo diferença.

— A diferença é que ter ciúmes implica que eu ainda não possuo você. Ele existe porque eu permito isso. Nunca se engane que a presença dele em sua vida é meu presente para você, e posso tirá-lo tão rápido quanto o concedi — disse ele, tocando sua boca no canto da minha enquanto eu me afastava dele. — Diga-me que você entende.

— Eu entendo — eu disse, lutando contra as palavras. Seu aperto em meu cabelo era muito forte, os fios puxando apenas quando eu lutava.

Ele finalmente me soltou, ajeitando as mangas da camisa. — Eu não vim aqui para lutar — disse ele, parecendo genuinamente arrependido. Ele também não ofereceu mais informações, em vez disso virou-se para a porta. Meus olhos se arregalaram quando vi Della, Nova e Margot paradas ali com incerteza, tendo testemunhado toda a nossa exibição.

Olhei para Gray rapidamente, contornando-o para me aproximar das bruxas hesitantemente.

E se elas também me odiassem?

— Willow — disse Della, com alívio palpável ao dar o primeiro passo para o escritório. Corri até ela, pegando suas mãos com as minhas e estendendo a mão livre para pegar a de Margot. A bruxa loira se encolheu, mas se recuperou quando Nova se esticou para tocar meu braço com um sorriso. Então olhei para Juliet, onde ela permanecia no fundo.

— Vocês estão bem? — Perguntei, ignorando a presença do Receptáculo e me concentrando nas minhas colegas de quarto.

— Nós? — Nova perguntou, sua voz aumentando de preocupação. — E você? — Ela acenou com a mão em direção a onde Gray permanecia atrás de mim, observando nossa interação com algo entre malícia e tédio.

Olhei para baixo, incapaz de encontrar palavras para responder à pergunta. Eu não poderia responder com sinceridade com os olhos atentos de Gray, eu sabia o que aconteceria no momento em que abrisse a boca.

Afundi meus dentes em meu lábio inferior quando ele tremeu, puxando minhas mãos das meninas e me virando para encarar Gray enquanto ele falava.

— Estarei de volta em uma hora. Juliet irá acompanhar as meninas de volta aos seus quartos se você precisar de privacidade antes disso — disse ele, ficando na minha frente. Ele tocou minha bochecha com uma gentileza que eu não deveria ter encontrado conforto. Seus olhos eram tão calorosos enquanto ele olhava para mim, que quase desejei que ele voltasse ao ódio que eu sabia ter visto ali quando nos conhecemos.

O ódio mútuo era fácil. Eu sabia como lidar com isso.

— Estarei lá fora, Willow — disse Leviatã, seguindo Gray porta afora enquanto Juliet entrava na sala. Ela observou Della enquanto ela se dirigia ao escritório, sentando-se à mesa de Gray. Della voltou a olhar até o Receptáculo desaparecer de vista.

— Della, ela é um Receptáculo — eu disse, alertando minha amiga para não cometer o mesmo erro que eu.

— E? Você está fodendo o Diabo. Eu dificilmente acho que você esteja em posição de me julgar — ela retrucou. Estremeci, recuando fisicamente enquanto caminhava em direção ao sofá e caí nele. Enterrei meu rosto em minhas mãos, soltando uma risada amarga.

— Isso foi duro, Del — disse Margot, olhando para a outra mulher e sentando-se ao meu lado. Ela estendeu a mão, tirando minha mão do rosto, embora eu tivesse certeza de que o toque e a demonstração de cuidado lhe custaram caro.

— Ela está certa — eu disse, balançando a cabeça. — Eu estraguei tudo. E eu, entre todas as pessoas, não tenho o direito de dizer a você o que fazer ou o que não fazer. Eu só queria não ter cometido meu erro em primeiro lugar.

— Ela não é um erro — disse Della, dando um passo em nossa direção. Nova sentou-se ao lado de Margot, deixando o lugar ao meu lado para Della.

— Você se preocupa com ela — eu disse, a observação pairando entre nós.

Ela olhou por cima do ombro para a área onde Juliet estava sentada, sabendo tão bem quanto eu que ela ouviria qualquer coisa que ela dissesse. — Eu a amo. Ela não é como Ele. Ela nunca me machucaria — disse ela, enquanto torcia as mãos na frente dela.

Estendi a mão, apertando-as entre as minhas e acalmando a energia nervosa enquanto sorria e falava. — Ok.

Ela fez uma pausa, congelando enquanto levantava os olhos para encontrar os meus. — Ok?

— Se você diz que ela não iria te machucar, então eu acredito em você. Contanto que ela te faça feliz, isso é tudo que posso esperar no final, não é? Acho que nossa história não é tão preta e branca como fomos feitos para acreditar. É lógico que Receptáculos e bruxas também não seriam. E se ela algum dia te machucar, ela sabe que farei

com que ela se arrependa. Não é, Juliet? — Perguntei, sem me preocupar em levantar a voz para a audição do Receptáculo.

— Seria nada menos do que eu mereço, Consorte — Juliet respondeu, Della sorriu enquanto se inclinava para frente e descansava a cabeça em meu ombro.

Jonathan pulou no chão, estendendo a pata embaixo do sofá. Ele golpeou uma única pena branca, seguindo-a enquanto ela flutuava pelo chão.

Eu o observei brincar, preso pela mistura iridescente de cores que brincava na pena sob a luz.

Nova se levantou do sofá e me distraiu, sentando-se na mesa de centro na minha frente. Ela ficou ali empoleirada, olhando para mim e esperando que eu desabasse daquele jeito silencioso e vigilante que ela faz. Não era sempre que ela falava muito, preferindo ficar quieta como uma brisa calma de verão. — O que aconteceu? — Ela perguntou, estendendo a mão para tocar os ossos em volta do meu pescoço.

Ela recuou ao sentir a magia neles, franzindo a testa ao observar as roupas pretas. Ela provavelmente não pensou nada sobre elas, já que eu sempre preferi o preto ao verde do meu uniforme, embora eu tenha assistido a informação dançar em sua cabeça de qualquer maneira.

— Você é uma Hécate — disse ela, com o peito cedendo ao perceber.

Della ficou imóvel ao meu lado e senti seu olhar sondando o lado do meu rosto. Balancei a cabeça, sem me atrever a pronunciar as palavras. Eu presumi que todos já saberiam a verdade, que o que aconteceu na sala do Tribunal teria sido compartilhado em profundidade com o Coven.

— Você sabia? — Della perguntou. A voz dela endureceu, um sintoma do segredo que eu escondi delas. Não estávamos perto o suficiente para revelar verdades que exigiriam que elas fossem contra o Covenant, no entanto, a culpa ainda me consumia. Eu vim aqui para tirar tudo o que elas conheciam e amavam.

— Eu sabia. Vim aqui para encontrar os ossos — eu disse, observando enquanto ela se recostava no sofá. O choque dela foi palpável, ressoando entre nós com o gosto amargo da traição.

— Eu não entendo — disse Margot, com a voz incerta. — Você é uma *Verde*. Todos nós já vimos isso.

— Minha mãe era uma Madizza. Meu pai era um Hécate que nunca fez a Escolha — respondi, deixando essa confissão pairar entre nós.

Era.

Porque Charlotte o matou pelo que ele fez comigo.

— Uau — disse Margot, sua voz ofegante ecoando tudo o que eu sentia dos outros.

— Você sabia? O que ele pretendia fazer? Foi por isso que você estava praticamente agarrada pelo quadril no momento em que chegou? — Nova perguntou. Havia um tom de raiva em sua voz, mas mais do que isso era descrença. Elas não queriam pensar que eu era capaz de tal coisa.

— Juro que não sabia. Ele me usou. Me fez pensar que ele não sabia quem eu era e me fez acreditar que estava procurando os ossos por vontade própria, embora ele quisesse que eu os encontrasse. Ele queria que eu os usasse, já que ele precisava que eu abrisse o selo. Eu não tinha ideia de que ele estava matando as bruxas. Por favor, acreditem em mim — eu disse, incapaz de imaginar como seria minha vida aqui se três das pessoas que me conheciam o melhor nem confiava em mim.

Eu estaria completamente, inteiramente sozinha, depois de perder Ash novamente, eu não conseguiria suportar isso.

— Tudo bem — disse Della, repetindo a palavra que eu dei a ela antes.

Virei-me para ela, observando enquanto ela processava as informações e trabalhava para ligar os pontos. — O quê?

— Se você diz que não sabia, então eu acredito em você — disse ela, afundando-se ao meu lado. Ela sentiu um aperto na minha respiração, passando um braço em volta das minhas costas para esfregar círculos suaves no tecido da minha camisa.

— Eu acredito em você — disse Margot, imitando a postura de Della do meu outro lado.

Um soluço estrangulado subiu pela minha garganta, forçando-me a engoli-lo e reprimir a emoção que ameaçava me consumir. Eu não podia ceder, não podia deixar as lágrimas começarem.

Suspeitei que, uma vez que o fizessem, eu nunca seria capaz de parar.

Nova se inclinou para frente, pegando minhas mãos e esfregando as costas delas. — Não há problema em quebrar — disse ela, me observando lutar contra isso.

— Estaremos aqui para ajudar você a se recompor — disse Margot, abrindo minha parede. Fechei os olhos com força enquanto as lágrimas vinham sem parar, fazendo toda a minha cabeça latejar de dor. Minhas mãos se viraram, agarrando as de Nova enquanto minha raiva se manifestava em lágrimas.

— Eu me sinto tão estúpida — murmurei, balançando a cabeça de um lado para o outro. Eu não podia acreditar que tinha caído em suas mentiras, pensando que era muito inteligente.

— Você não é estúpida. Você foi manipulada pelo mestre deles — disse Della, com a voz pesada ao meu lado.

Nova segurou meu queixo com o polegar, forçando-me a encarar seus olhos cinzentos. A raiva dela era tangível, mesmo que não fosse dirigida a mim. Não, era tudo para ele.

— Agora, o que você vai fazer sobre isso?



— As casas estão lutando pelo poder — admitiu Della quando eu parei de chorar. Meu rosto estava inchado, meus olhos inchados e secos, mas eu me sentia mais fundamentada do que desde que acordei após minha morte. Eu tinha um propósito novamente, uma razão para continuar.

Eu iria fazê-lo *sofrer*.

Eu o faria sentir toda a dor que ele me causou.

— Deixe-me adivinhar, o diretor Thorne está incentivando as brigas internas? — Eu perguntei, revirando os olhos. Ocasionalmente,

eu me perguntava como ele e os arquidemônios sobreviveram tanto tempo se tudo o que queriam fazer era matar.

— Não, na verdade — explicou Nova, levantando a sobrancelha para mim. — Ele está tentando impedir que as bruxas lutem contra si mesmas e contra os Receptáculos e os demônios. Ele afirma que há muito mais razões para que nossa espécie seja capaz de viver juntos em harmonia agora do que nunca. Você sabe o que ele quer dizer com isso?

— Ele quer dizer que Lúcifer tomou uma bruxa como noiva — disse Juliet, entrando na sala e fixando residência em uma cadeira do outro lado da mesa de centro. Ela relaxou, apoiando os pés sobre um dos braços e apoiando as costas sobre o outro para se esticar. Della rastreou o movimento para saber o que era.

Uma provocação destinada a ela.

Juliet sorriu, sabendo que tinha conseguido o efeito desejado enquanto se endireitava e se inclinava para frente.

— Mas com quem ele teria se casado? Nós duas sabemos que ele está obcecado por Willow... — Della disse, silenciando quando Juliet ergueu a sobrancelha em desafio.

— Você? — Margot perguntou.

— Não é como casamentos de bruxas. Não há cerimônia. Ele me marcou em um *sonho*. Eu nem sabia o que isso significava, na época — expliquei, tentando fazê-las entender como diabos eu deixei isso acontecer.

— Isso não impediu você de marcá-lo de volta — disse Juliet, sorrindo com meu desconforto.

— Eu não sabia o que estava fazendo. Minha magia agora tem vida própria — eu disse, a vergonha aquecendo meu rosto. Espiei cada um dos rostos das minhas amigas, esperando julgamento, mas apenas encontrando simpatia.

Todas elas se lembraram de como foi quando completamos dezesseis anos e de repente recuperamos nossos poderes, aquela sensação avassaladora de que não estávamos mais sozinhas em nossos corpos. Eu tinha mais magia do que qualquer uma delas, mesmo antes dos ossos de Hécate se prenderem em meu pescoço, só que depois disso, foi como me afogar em um poço sem fim do qual nunca conseguiria sair.

— Isso é justo — disse Juliet, balançando a cabeça em concordância. Suspirei de alívio, grata por ela ter decidido parar de me pressionar. — Mas quando a magia quer alguma coisa, o coração a *seguirá*.

— Chega, Juliet — disse Della, lançando-lhe um olhar severo. Juliet ergueu as mãos para dizer que havia terminado, me chocando com seu respeito pela minha amiga.

— Então ele quer que você governe ao lado dele — disse Nova, encolhendo os ombros. — Você tem que fazer isso, Willow.

— O quê? O Coven mal sabe quem eu sou. Não há como eles concordarem em me seguir — eu disse.

— Alguns irão, apenas pelo poder que conhecerão, especialmente depois de se revelar usando esses ossos. Bruxas estão morrendo ao tentar matar os arquidemônios. Você tem a chance de trazer a paz entre todos nós — disse ela, balançando a cabeça. Estava claro que ela odiava o que havia acontecido com o Coven, as demonstrações de violência com o único propósito de ganhar poder. Virar-se sozinha já foi um crime uma vez na nossa história, então talvez fosse hora de fazer isso acontecer novamente.

— Você não estava apenas me perguntando o que eu faria para me vingar?

— Eu não disse para não lutar. Apenas disse para trazer a paz ao nosso povo enquanto você trabalha para eliminar a origem do problema. Precisamos nos livrar dos arquidemônios e fazer isso da maneira mais eficiente possível — disse ela, olhando para Margot ao meu lado.

Juliet ergueu a sobrancelha para Nova, parecendo desafiar sua franqueza ao admitir que queria um golpe. Nova ergueu as costas, um lembrete silencioso de que todos esperavam que lutássemos. Não deveria ter sido uma surpresa.

Margot enrijeceu quando me virei para olhar para ela, observando enquanto ela se encolhia dentro de si mesma. — Um deles está incomodando você?

— Ele tem sido tão gentil quanto pode, eu acho. Embora tenha deixado claras suas intenções — disse ela, cruzando os braços sobre o peito. — Se eu fosse qualquer outra pessoa, ele não teria feito nada de errado. Nova é apenas protetora.

— Como deveria ser — eu disse, puxando os braços de Margot para baixo para soltá-la. — Você é responsável por quem tem permissão para entrar em seu espaço. Não é a porra de um arquidemônio. Qual é, afinal?

— Belzebu — disse Nova, cruzando os braços sobre o peito. Ela parecia estar no mesmo campo que eu quando balancei a cabeça para Margot.

— Acho que não — eu disse, ganhando uma risada assustada e desconfortável.

— Tenho plena consciência de que são todas más notícias, Willow — ela disse, sua voz ficando mais baixa com a incerteza. — Ele respeita minha necessidade de distância, embora eu nunca tenha dito a ele de onde ela vem.

— Duas coisas, Margot — eu disse, pegando suas mãos nas minhas. — Primeiro, Belzebu? Quebrou a porra do meu pescoço. Ele literalmente me matou, e a única razão pela qual estou aqui é porque Gray me trouxe de volta à vida.

— Puta que pariu, Willow — disse Della, embora eu a tenha silenciado com um olhar. Essa conversa não era sobre nada além de dar a Margot o aviso que ela precisava sobre exatamente que tipo de homem Belzebu era.

— Em segundo lugar, espero que um dia você se vingue pelo que foi feito com você. Pois aquilo que faz você sentir vontade de não agredir você é uma bandeira verde quando deveria ser o mínimo. Eu não preciso saber o que foi ou como, mas espero que você o faça sangrar, porra — eu disse, odiando o jeito que ela olhou para onde nossas mãos se tocavam.

— Eu não acho que tenho esse tipo de violência em mim. Sou melhor do que isso — disse ela, mesmo quando o tremor cauteloso em sua voz dizia tudo o que ela não diria.

Ela tinha medo dele, fosse ele quem fosse.

Dei de ombros, puxando minhas mãos dela suavemente. — Então espero que um dia você confie em mim o suficiente para me dizer o nome dele, pelo menos.

— Por quê? — Ela perguntou, parecendo envergonhada enquanto levantava os olhos para os meus e via a raiva fervendo de volta para ela.

— Porque você pode estar acima disso, mas tenho certeza que não — eu disse, me levantando e ignorando o aceno de aprovação de Juliet enquanto caminhava até as janelas que havia quebrado. Uma brisa fresca passou por elas, deixando o ar frio que imaginei que só pioraria até que uma bruxa de cristal aparecesse com uma solução temporária.

— Era Itar Bray — disse Margot, acalmando tudo em mim enquanto me virava para encará-la.

Observei o rosto dela, embora ela não olhasse para mim, e observei como ela cutucava as unhas. — Quantos anos você tinha? — Perguntei. Seus olhos se fecharam em confirmação de tudo que eu precisava saber.

— Eu tinha quatorze anos — disse ela, com os olhos arregalados quando finalmente olhou para mim.

Balancei a cabeça, sabendo que não poderia sair da sala. Não importa suas falhas, eu sabia que se contasse a Gray, ele cuidaria disso para nós. Ele poderia ser mau, mas até ele tinha limites que nunca ultrapassaria. — Nem uma palavra — eu disse a Juliet, apontando o dedo para ela.

— Você o quer para você? — Juliet perguntou, levantando-se. Algo parecido com respeito brilhou em seu rosto quando ela se aproximou de mim, colocando a mão em meu ombro. Seus dedos roçaram a marca que Lúcifer havia colocado ali, fazendo minhas veias congelarem.

— Quero que o último rosto que ele veja seja o de uma mulher que ele pensa estar abaixo dele — eu disse, cerrando os dentes. — Se não pode ser a sobrevivente de seu abuso, então quero ter certeza de que ele se lembrará do rosto dela quando eu cortar seu pau e alimentá-lo com ele.

Margot empalideceu enquanto Juliet sorriu.

— Como desejar, Consorte.

CAPÍTULO DOZE

GRAY



Willow foi para a cama depois que Juliet acompanhou suas amigas de volta ao santuário de seus quartos. Ela mal conseguiu olhar para mim, mas não foi por causa de algum sentimento de vergonha.

Ela estava chateada, eu não queria pensar sobre o que ela percebeu enquanto estava com suas amigas.

Coloquei meu uísque em um copo, diante da janela cristalizada. A bruxa que veio consertar não ficou feliz em ser convocada, mas deu uma única olhada no rosto inchado de Willow e como ela se encolheu no frio e teve piedade dela.

Eu não conseguia sentir e não teria me incomodado com o frio. O calor do Fogo do Inferno há muito que havia queimado de mim qualquer sensibilidade à temperatura, uma consequência da minha eternidade de aprisionamento.

— Gray — disse Juliet, passando pela porta aberta do meu escritório. Sabendo que ela voltaria depois de acompanhar as meninas em seus quartos, não me preocupei em fechá-la. Ela me entendeu bem o suficiente para reconhecer que eu esperaria um relatório.

— Diga-me — eu disse, minha voz tão melancólica quanto quando tomei um gole de meu uísque. Deixei que isso me queimasse por dentro, deixei que aquecesse o vazio frio que havia se instalado em mim. Já se passaram tantos anos “séculos” desde que tive sentimentos e emoções que pudessem impactar minhas decisões. Mesmo quando eu sabia que Willow era minha, mesmo quando senti esse vínculo com ela, não era assim.

Não foi nada além da obsessão e da necessidade de possuí-la. Agora, era uma coisa distorcida e retorcida que me fez querer vê-la feliz comigo. Eu precisava disso mais do que tudo, só que não sabia como chegar lá. Eu não sabia ser nada além do que eu era, mesmo com todo o meu amor por ela.

— Ela se culpa pelo que fizemos — disse Juliet, com a voz sombria enquanto se deixava cair dramaticamente em uma cadeira. De todos os Receptáculos, ela era a que parecia estar mais em contato com os sentimentos dos humanos e das bruxas. Como se ela mesma se lembrasse de como era ter essas coisas, mesmo que todos nós tivéssemos esquecido tão rapidamente.

— Isso é ridículo. Ela me culpa, acredite — eu zombei. Seu ódio era potente sempre que nossos olhares se encontravam, eu sabia que esperaria uma jornada desafiadora para fazê-la entender tudo o que aconteceu.

— Você não estava lá, Gray. — Juliet disse gentilmente quando me aproximei dela e fiquei na frente dela. Ela estendeu a mão, pegou o copo da minha mão e bebeu um gole do líquido. — Eu a observei quebrar. Ela acha que deveria ter pensado melhor.

Eu me esforcei para não deixar minha fúria por Willow quebrar por causa de outra pessoa influenciar o modo como eu segui em frente. Eu queria ser aquele que a abraçaria quando ela chorasse, que a confortaria no chuveiro quando ela pensasse em desistir.

Eu odiava a ideia de alguém ver através de seu exterior duro, para o coração carnudo e vulnerável que ela mantinha trancado.

— Ela nunca teve chance — eu disse, pegando meu uísque de volta e me sentando no sofá. Eu sabia quase tudo sobre ela. Sabia quais botões apertar e como fazê-la acreditar que talvez eu fosse algo mais do que o pai dela a havia criado para acreditar. — Ela nunca foi protegida de perigos. O pai dela evidentemente fez de tudo para machucá-la, e a mãe dela permitiu isso por causa de sua própria ignorância.

— Ela sempre foi à protetora — disse Juliet, balançando a cabeça enquanto pensava no garotinho que eu tirei da situação. Eu nunca poderia machucá-lo, não se quisesse voltar disso. — Então, quando você a protegeu do perigo...

— Eu usei o que sabia para manipulá-la, embora eu tivesse feito isso de qualquer maneira. A história dela simplesmente funcionou a

meu favor — expliquei, balançando a cabeça. Willow eventualmente se recuperaria de sua auto-aversão, direcionando toda aquela raiva para mim, se ela ainda não tivesse feito isso. Era apenas uma questão de tempo.

— Você sabia sobre o pai dela? — Juliet perguntou, eu cerrei a mandíbula enquanto pensava no que Charlotte tinha feito com ele. Ela cuidou de Willow durante toda a sua vida, se apegando à garota quando ela se tornou uma mulher. Ela não teria escolhido uma punição tão brutal para o pai se não fosse justificada.

— Ainda não sei nenhum detalhe, mas confio no julgamento de Charlotte de que ele mereceu seu destino — respondi.

— Você acha que isso tem a ver com o medo dela do escuro? — Juliet perguntou, ganhando uma sobrancelha levantada de minha parte. — Della me contou.

— Você vai machucá-la — eu disse, ignorando a quebra de confiança. Della acreditava que Juliet era uma parceira igual em seu relacionamento secreto que elas haviam escondido do Covenant, mas no final das contas, Juliet era um Receptáculo.

Ela não poderia amá-la de verdade.

— Um dia, Willow será forte o suficiente para abrir o selo sozinha. Mesmo que ela faça isso apenas o tempo suficiente para permitir que um de nós passe de cada vez, terei meu corpo de volta. Serei capaz de dar a ela o que você pode dar a Willow — disse Juliet, agarrando-se à esperança de que poderíamos convencer Willow a fazer exatamente isso. Ela era uma bomba-relógio, com mais probabilidade de desfazer todos os Receptáculos que conseguisse colocar em suas mãos do que de abrir o selo voluntariamente.

— Pode levar anos — expliquei, permanecendo gentil enquanto lhe dava o choque de realidade que ela precisava. Ela sentiu o lugar vazio onde o amor deveria estar, sentiu a conexão como se fosse um sussurro do que poderia ter sido.

Era a forma de tortura mais lenta que eu poderia imaginar, *saber* que amava alguém, mas era incapaz de sentir isso de verdade. Eu não teria desejado isso ao meu pior inimigo, muito menos a uma amiga que esteve ao meu lado em todos os sentidos durante séculos. Ela foi um dos primeiros demônios que criei depois dos arquidemônios, assombrado pela memória de meu pai e da família que me expulsou

simplesmente por discordar dele sobre o futuro dos humanos que ele criou.

Seus novos filhos.

Ele disse que o orgulho era um pecado e que o meu me condenaria. Ele alegou que foi meu próprio desejo egoísta de atenção que me levou a ficar obcecado com minhas próprias necessidades e a nunca mais voltar minha mente para ele quando descobri que poderia manipular os outros para me darem o que eu precisava.

Eu queria o amor do meu pai, mas me conformei com o amor dos filhos que criei no lar que ele me amaldiçoou.

Agora, olhando para a porta do meu quarto e sabendo que Willow dormia atrás dela, me perguntei se eles se sentiriam negligenciados de maneira semelhante quando eu inevitavelmente comesse uma nova família com ela. Eu faria tudo o que pudesse para que eles se sentissem valorizados, mas não podia negar o sentimento dentro de mim. O sentimento que dizia até onde eu iria para proteger nossos filhos.

Eu queimaria tudo em vez de vê-los prejudicados.

— Ela vai tentar matar você — disse Juliet, ignorando completamente minha declaração sobre Della. Não havia mais nada a dizer, não quando ambos entendíamos que seria uma longa batalha.

— Eu ficaria desapontado se ela não tentasse — eu disse, colocando meu copo na mesa de centro e me levantando sem pressa. O conhecimento de que Willow esperava além daquela porta, aquecida e sonolenta e sentindo-se em casa, de repente foi tentador demais para eu ignorar. Eu precisava me perder nela depois do caos do meu dia.

— Leviatã disse que ela acha que não conhece você — Juliet inseriu, me interrompendo enquanto me preparava para ir até Willow.

— Ela me conhece — eu disse, ignorando seu comentário.

— Sério? O que você disse a ela sobre você? Se você quer que ela se apaixone por você, então ela tem que pelo menos te conhecer. Sim, ela sente a conexão que vocês dois compartilham devido ao destino que os une... No entanto, isso não significa amor, especialmente com todo o mal que você deu a ela — disse ela, levantando-se. Ela se aproximou, tocando os botões da minha camisa e abrindo-os para revelar mais da marca de Willow. Eu recuei com seu toque, incapaz de suportar a sensação de suas mãos em mim.

Pela forma como sua sobrancelha se ergueu e pela risada suave em sua garganta, a reação volátil foi tão surpreendente para ela quanto foi para mim.

— O que gostaria que eu fizesse? — Perguntei, olhando para o rosto de uma das pessoas que estiveram ali para testemunhar meu sofrimento após a rejeição de meu pai. Amar Willow e aceitar que eu queria que ela me amasse de volta significaria me colocar em risco de rejeição novamente.

— Conheça-a — disse Juliet com uma risada.

— Eu já a *conheço* — eu disse, apontando a verdade. Eu a pesquisei profundamente e fiz espiões relatarem seus movimentos para mim. Eu sabia quais notas ela tirou no ensino médio, pelo amor de Deus.

— Mas você sabe? O que você sabe é o que está documentado no papel, não o que existe dentro dela. Você não sabe o que o pai dela fez com ela ou como isso a afetou. Você sabe melhor do que ninguém que o mais simples dos eventos pode alterar-nos de uma forma que ninguém entende além de nós — disse ela, fazendo uma pausa para deixar essas palavras serem absorvidas. — Mas independentemente de você achar que a conhece ou não, ela não pensa isso. Nenhuma mulher quer ser reduzida a uma lista de fatos no papel. Ela é uma pessoa, Gray, e você precisa tratá-la como tal.

— Ela não vai me responder se eu começar a fazer perguntas difíceis — eu disse, sabendo a verdade nessas palavras. Willow só iria reagir se eu comesse a interrogá-la sobre seu pai e a vida que ela viveu com sua mãe e Ash.

— Você a está cortejando, não a interrogando. É uma questão de dar e receber. Você terá que dar a ela sua verdade para obter a dela. Deixe que ela conheça você, Gray, ou então me ajude, você a perderá de uma maneira que você não conseguirá recuperar — disse Juliet, cerrando a mandíbula em frustração.

Às vezes era fácil esquecer que, como mulher, ela entendia como funcionava o cérebro de Willow. Por tantos séculos, eu a considerei uma amiga. Estávamos de acordo, eu tinha visto a crueldade com que ela sobreviveu em um mundo dominado por homens que esqueci que ela não era totalmente como eu.

— Tudo bem — resmunguei, insatisfeito com o rumo dos acontecimentos.

Contornei-a, caminhando em direção à porta fechada do meu quarto. Abrindo-a lentamente, vi Willow enrolada no centro da cama. Ela não se preocupou em se trocar ou se esconder, se o que Juliet disse era verdade, suspeitei que fosse por causa da exaustão emocional do dia.

Jonathan se esticou ao pé da cama, torcendo o corpo para esfregar o rosto na colcha antes de se virar de costas. Ele sibilou quando eu o peguei sem delicadeza, levando-o para o sofá e deixando-o cair na almofada. Seus olhos violetas olharam para mim, estreitando-se em aborrecimento quando eu apontei um dedo em sua cara. — O quarto está fora dos limites para você — eu avisei, observando enquanto ele inclinava a cabeça para o lado.

Ele pode não ter conseguido falar, embora eu soubesse exatamente o que o movimento significava.

É assim mesmo?

— Você pode fingir ser um gato o quanto quiser, mas você e eu sabemos que tudo o que ela precisa fazer é estalar o dedo, e você é um humano com um pau. Fique bem longe da minha esposa — eu disse, ignorando a risada incrédula de Juliet quando ela se sentou no sofá e deu um tapinha no colo para Jonathan se aconchegar com ela.

Deixei-os sozinhos, indo para o quarto e fechando a porta atrás de mim. Tirando minhas roupas ao som da respiração relaxada e regular de Willow, eu a levantei da cama para puxar a colcha e cobri-la antes de subir ao lado dela.

Minha cueca boxer esfregou em sua calça jeans enquanto eu me pressionava contra suas costas, passando um braço em volta de sua cintura e aproveitando seu calor.

Ela suspirou feliz, murmurando um sonolento. — Gray.

— Volte a dormir, Feiticeira — eu disse, ignorando o desejo de usar os momentos em que ela estava macia e flexível, meio adormecida e disposta, para meu próprio prazer.

Na próxima vez que eu entrasse nela, seria ela quem me imploraria por isso.

CAPÍTULO TREZE

WILLOW



Acordei com o calor de Gray em volta de mim, sentindo muito calor com as roupas que nunca havia tirado. Havia algo reconfortante no fato de ele não ter me despido enquanto eu dormia, mas isso me fez pensar no que havia mudado. Ele nunca hesitou em fazer isso antes, não reconhecendo os limites que deveriam existir.

Eu chorei até dormir na noite anterior, deixando escapar toda a raiva que sentia. As lágrimas quentes e raivosas serviram ao seu propósito, diminuindo minha fúria até que eu senti que poderia fazer o que fosse necessário para sobreviver neste lugar e neste relacionamento estranho e complexo. Gray pode ser meu marido, mas isso não significa que nada menos que o ódio absoluto me motiva a seguir em frente.

Ele simplesmente não tinha como saber, não quando minha única chance de derrotá-lo envolvia usar sua fraqueza contra ele. Ele era muito poderoso por si só, mas e se eu fosse o que o tornava vulnerável?

Então eu o manipularia da mesma forma que ele fez comigo, até que ele nunca visse a lâmina chegando.

Levantei-me da cama, tomando cuidado para não incomodá-lo, e fui até o banheiro. Eu sabia o que precisava fazer. Eu sabia que a linguagem do amor de Gray era o toque físico, nada o manipularia tanto quanto ter acesso a mim. Parecia uma traição para mim mesma, como se eu não fosse capaz de sobreviver à sedução.

Eu seria forçada a admitir quanto prazer encontrei em seu corpo e precisaria encontrar uma maneira de manter esse prazer separado

do meu coração. Ele poderia ter meu corpo, como outros homens fariam quando ele se fosse, por mais que me doesse pensar.

Mas ninguém jamais teria meu coração novamente. Ele tinha certeza disso.

Fiquei na frente do espelho, lavando o rosto e escovando os dentes antes de tirar a roupa que usei para dormir. Minhas mãos agarraram a borda do balcão da pia, apertando-a com força enquanto deixei meus olhos voltarem para a porta.

Eu já estive aqui antes. Sabia o que eu estava fazendo quando permiti que Gray me tocasse pela primeira vez ou quando permiti que ele tirasse minha virgindade, embora isso tivesse sido claramente diferente. Todas as vezes antes disso, eu me enganei pensando que estava agindo por causa da minha necessidade de vingança e de respostas. Na verdade, eu só estava reagindo a ele.

Ele iniciou tudo, ele me reivindicou e eu simplesmente não o impedi. Foi uma sorte que ele se enquadrasse no plano que havia sido estabelecido, provavelmente desde o momento em que nasci, porque eu não sabia que teria condições de controlá-lo.

Mas isso? Desta vez, eu estava no controle. Desta vez, eu entraria conscientemente naquele quarto e faria o que fosse necessário para fazê-lo baixar a guarda um pouco. Não me desiludi pensando que isso derrubaria todas as paredes entre nós e ele acreditaria que de repente eu o recebi de braços abertos e o perdoei.

Mas eu poderia usar seu corpo contra ele do jeito que ele usou o meu.

Ele não teve coragem de me afundar quando ele era um Receptáculo.

Mas ele fez agora.

Soltei o balcão, olhando momentaneamente para as depressões na pedra enquanto suspirava. As fissuras no mármore me fizeram engolir em seco, odiando a lembrança de tudo que ele havia tirado de mim.

Deixei-o para trás, abrindo lentamente a porta do quarto. Gray ainda dormia pacificamente, tendo virado de costas na minha ausência. A colcha estava estendida sobre sua cintura, deixando a extensão de seu peito descoberta. A marca no centro de sua pele me encarava como se tivesse vontade própria, um símbolo do poder que eu não entendia.

Meu corpo cantarolava enquanto eu caminhava até a cama com passos suaves, tomando cuidado para não acordá-lo. O dourado de sua pele brilhava à luz do sol, que entrava pela janela na beirada da cortina. A luz fraca fez algo com ele, me mostrou um sussurro do que ele deve ter sido antes de ser expulso do céu.

Era como se ele brilhasse por dentro, mas apenas emanava poder em vez de pulsar com luz.

Engoli em seco enquanto me ajoelhava na ponta da cama entre suas pernas, puxando a colcha ainda mais para baixo. O corte profundo de seu músculo sob seu abdômen levava à cueca boxer preta que o cobria, eu o observei se alongar, embora seus olhos nunca abrissem e sua respiração permanecesse estável.

Passei dedos gentis sobre seus quadris, pressionando levemente com meus polegares enquanto me aproximava e me inclinava sobre ele. Tocando minha boca na marca no centro de seu peito, tentei ignorar o poder distinto vibrando através daquela marca e afundando dentro de mim.

Parecia eu, como morte e vida, decadência e novo crescimento, tudo ao mesmo tempo. A próxima respiração que respirei foi forte enquanto me forçava a me acalmar, arrastando meus lábios pela elevação no centro dos músculos de seu abdômen. Gray gemeu embaixo de mim, o som de seu prazer me fazendo queimar de uma maneira totalmente diferente enquanto afugentava o frio em meu sangue.

Deslizei minha mão pela sua cueca boxer, envolvendo meus dedos em torno dele. Ele já estava duro, e o gemido que soou quando o toquei parecia um eco do desejo crescendo dentro de mim. — Feiticeira — ele gemeu, eu olhei para ele por baixo dos cílios enquanto o libertava.

Seus olhos ainda estavam fechados e me perguntei se ele me reconheceu durante o sono ou se estava apenas fingindo me deixar pegar o que queria.

Inclinei-me para frente, passando minha língua pela base de seu pau. Ele se contorceu em meu aperto quando circulei sua cabeça com minha língua, beijando seu pau. Sua mão enterrou meu cabelo, agarrando-o com força e puxando minha cabeça para trás para encontrar seu olhar quando ele acordou. Seus olhos ardiam com uma mistura de fúria e desejo, o puxão forte e tudo que eu precisava.

Eu poderia alegar que precisava assumir o controle o quanto quisesse, embora houvesse algo altamente viciante em saber que só estava no controle porque ele permitia. Havia algo em seu aperto cruel e punitivo que me fez querer agradá-lo, além de precisar fazer isso para poder machucá-lo do jeito que ele me fez.

— O que você está fazendo, Feiticeira? — Ele perguntou, seus olhos caindo para onde eu o acariciei com minha mão.

— Eu acho que isso é óbvio — eu disse com uma risada. Sua mão se afrouxou, mantendo seu lugar na minha cabeça, mas cedendo um pouco do seu controle. Inclinei-me para frente, dando um beijo provocador na cabeça de seu pau.

— Foda-se — ele sibilou, levantando os quadris enquanto me observava. — Por quê?

— Porque eu quero — respondi, abrindo bem a boca e puxando-o vagarosamente. No início, foi apenas a cabeça que envolvi, girando minha língua sobre ela antes de afundar ainda mais e levá-lo mais fundo. Ele gemeu quando me afastei, mudando para conseguir um ângulo melhor enquanto eu o puxava de volta.

Ele pressionou, balançando os quadris para me dar mais do que ele pensava que eu poderia aguentar. Engoli em seco ao redor dele, levando-o em minha garganta e observando como seus olhos se arregalaram de surpresa. Seu aperto em meu cabelo aumentou, me puxando de seu pau enquanto eu olhava para ele presunçosamente.

Eu queria que ele soubesse. Queria que isso o incomodasse.

Eu queria que isso o deixasse furioso, visto que ele fez parte do que foi feito comigo. Ele participou do que eu tive que aprender para agradá-lo, mesmo que indiretamente. — Você já fez isso antes — disse ele, sua voz caindo em um estrondo enquanto ele me puxava para cima. Eu não tive escolha a não ser soltá-lo, deixando-o me colocar de joelhos enquanto se movia para sentar diante de mim.

Eu não disse nada, mas não pude resistir ao meu sorriso diante do ciúme dele. — Eu tive que guardar meu primeiro sangue para você. No entanto, isso não significa que eu nunca tive que fazer outras coisas para aprender como agradar você eventualmente.

Ele parou, sua mão liberando meu cabelo enquanto ele deixava cair a mão ao seu lado. — O que você acabou de dizer?

— Não finja que você não sabia — eu disse com uma zombaria, incapaz de conter minha raiva quando me abaixei e passei meus dedos em torno dele novamente. Ele ainda estava duro, apesar de sua raiva, e sibilou entre os dentes quando eu o apertei e trabalhei.

Ele cobriu sua mão com a minha, me acalmando enquanto levantava a outra mão para segurar minha bochecha. — Quem? — Ele perguntou, cerrando os dentes enquanto pronunciava a palavra.

— Eu pude escolher quem eu queria na maior parte do tempo, a menos que perdesse uma luta — eu disse, encolhendo os ombros. Sua intensidade lavou minha raiva e desejo que ele soubesse, me fazendo duvidar se ele tinha feito parte disso. Ele estava furioso, e o fato era inegável olhando para ele.

O quarto parecia ficar mais escuro com sua fúria, aquela luz que eu sentia brilhando dentro dele amortecendo até que apenas a escuridão permanecesse. — A menos que você tenha perdido uma luta... — ele disse, sua voz sumindo.

— Quando eu tinha dezoito anos, já tinha aprendido a não perder, foi aí que meu pai começou a apostar outras coisas além de dinheiro — expliquei, dando uma desculpa pelas poucas vezes que perdi. Nas palavras de meu pai, se eu não fosse a melhor a, poderia pelo menos aprender como distrair um Receptáculo adequadamente para nunca ter que lutar.

— O que Charlotte fez com ele nunca será suficiente — disse Gray, sustentando meu olhar enquanto pegava meu rosto entre as mãos e pressionava sua testa na minha.

— Você realmente não sabia? — Eu perguntei, o choque me dominando. Depois que ele revelou que conhecia meu pai e o guiou nesse caminho de vingança, tive que assumir que ele tinha aprendido tudo sobre como eu estava preparada para ele. Que lhe trouxe uma espécie de satisfação doentia compreender que ele estava me treinando para agradá-lo muito antes de eu saber seu nome.

— Ele deveria lhe dar uma vida boa. Criar você para se vingar, sim, mas eu disse a ele para tratá-la bem e garantir que você fosse feliz — disse ele.

— E ao fazer isso, provavelmente foi assim que você garantiu que ele iria abusar de mim. Você tirou tudo dele. Você matou a irmã dele, e mesmo que ele não soubesse que era você, ele culpou os Receptáculos por isso. Você pegou o que ele amava, então ele

machucou a única coisa que parecia importar para você, de alguma forma — respondi, balançando a cabeça. Gray achava que entendia meu pai bem o suficiente para antecipar seu comportamento.

Ele não sabia de nada.

— Posso não ter sido capaz de amar naquela época, mas lembrei-me do que era amar mesmo assim. Não poderia imaginar que um homem faria algo assim com alguém que amava...

— E aí foi o seu primeiro erro — eu disse com uma risada maliciosa, balançando a cabeça de um lado para o outro. — Meu pai nunca me amou. Eu não passava de uma ferramenta para ele, uma ideia que *você* plantou.

Ele engoliu em seco, deixando cair uma das mãos para agarrar a roupa de cama embaixo dele. Ele agarrou-a com tanta força que a rasgou, fazendo-me engolir em seco quando aqueles olhos dourados fixaram os meus. — Por que você tem medo do escuro? — Ele perguntou, eu soube sem pensar duas vezes que ele se referia à venda durante a Colheita.

Foi minha principal preocupação quando descobri que tinha sido ele naquela noite, que ele sentiu meu medo. Achei que talvez tivesse escondido bem o suficiente, já que ele nunca havia falado sobre isso.

Expor essa parte de mim parecia uma traição, como dar a ele acesso a informações que ele poderia usar contra mim um dia. Eu me forcei a oferecê-la, de qualquer maneira.

Se meu passado fosse o que eu precisava sacrificar para conseguir minha liberdade no final, então eu o daria com prazer.

— Quando eu era mais jovem, perdi uma das brigas na gaiola — eu disse, hesitando enquanto respirava fundo. Era um segredo estúpido de manter, uma tolice esconder a verdade quando ele já conhecia o provável culpado. Só que sempre foi *meu*. — Meu pai tinha um caixão que enterrou no quintal ao lado da casa. Havia uma porta de aço no pé que dava para o porão. Ele costumava me colocar lá e trancar a porta. Não havia luz digna de nota, apenas as paredes do caixão me pressionando — respondi, ignorando a maneira como ele se encolhia a cada palavra.

— Por que você não saiu? — Ele perguntou, eu sabia que ele queria dizer porque um caixão enterrado na terra deveria ter sido um trabalho fácil para uma bruxa Verde.

— Minha magia ainda não tinha se manifestado — eu disse, dando a resposta sobre o quão mais jovem eu queria dizer. A magia de uma bruxa se manifestava aos dezesseis anos, o que significa que eu devia ser mais jovem quando meu pai começou a me enterrar viva.

Ele cerrou os dentes, o som deles me fazendo estremecer. Não dei mais detalhes sobre quão jovem eu era quando tudo começou, ou sobre os pesadelos que atormentaram meu sono durante anos.

— Foi por isso que Charlotte o enterrou vivo, entre todas as coisas — disse ele, sua voz sumindo enquanto pensava no assunto. — Sinto muito, Feiticeira. Presumi que você estaria protegida. Esse foi meu erro, e não cometerei novamente. Você merecia ser amada. Você merecia ser adorada.

Soltei uma risada, o som saindo tão agri-doce quanto parecia. — Eu fui amada. Minha mãe me *amou*. Ela o compensou.

— Não. Ela te amou do jeito que deveria, mas isso não significa que você não merecesse mais. Você merecia tudo — disse ele, tocando meu lábio inferior com o polegar. Ele puxou-o para o lado enquanto se inclinava, selando sua boca sobre a minha. O beijo foi gentil, sem a raiva e o calor que eu procurei quando entrei no quarto.

Eu queria irritá-lo, não fazê-lo agir de maneira gentil. Esta era outra batalha em nossa guerra, mesmo que a gentileza com que ele me beijou fosse algo completamente diferente. Parecia que eu tinha perdido uma batalha e nem sabia por quê. Torná-lo querido para mim era uma coisa boa.

Então, por que eu senti como se meu coração tivesse sido aberto novamente?

CAPÍTULO QUATORZE

WILLOW



Tomamos banho juntos, seu toque reverente, mas não sexual. Era carinhoso e gentil, calmante e reconfortante.

Seu objetivo naquele momento não era me seduzir com seu corpo, mas com o coração em que ele queria que eu acreditasse.

Ele saiu logo depois, me deixando com meus pensamentos durante o dia, até que ele voltou com uma bolsa na mão. A promessa de sair do quarto iluminou algo em mim, arrancando de mim um sorriso que odiei no momento em que saiu. Eu não deveria ter me sentido grata por ter uma aparente liberdade.

— Estou fazendo o que devo para mantê-la segura. Você sabe disso, certo? — Ele perguntou, forçando-me a reconhecer o quanto ele entendia do meu processo de pensamento.

— Eu não preciso ser protegida — eu respondi, cruzando os braços sobre o peito. Ele largou a bolsa, colocando-a sobre o banco ao pé da cama e levantando as mãos para desabotoar o paletó. Ele tirou-o dos ombros em silêncio, cobrindo-o com a bolsa e passando para os botões da camisa.

— Você pode dizer isso o quanto quiser, mas quer saber o que eu penso? — Ele perguntou, aproximando-se enquanto tirava a camisa. Ele entrou no meu espaço, agarrando minha blusa pela bainha e levantando-a com cuidado o suficiente para que eu tivesse que cooperar levantando os braços para ajudá-lo. Eu não tinha me incomodado em usar sutiã, não querendo sofrer com o desconforto apenas para ficar em um espaço mínimo com outro ocupante. Ele se

inclinou, colocando a boca na minha orelha enquanto seu peito pressionava contra o meu.

— Não particularmente, mas tenho certeza que você vai me agradecer com sua opinião de qualquer maneira. — Murmurei, ganhando uma risada profunda de diversão dele.

— Aí está minha bruxinha cruel — ele disse, sua voz quente enquanto colocava a mão na base da minha coluna. Seus dedos se espalharam sobre mim, me puxando para mais perto de seu corpo. — Acho que você gosta de saber que alguém se preocupa com você o suficiente para protegê-la de perigos. Acho que você quer me odiar por isso, porque sabe que não há mais ninguém que faria o que tenho por você.

Engoli em seco, odiando a maneira como essas palavras rasgaram minha parede. Eu mesmo disse isso naquela noite no chuveiro, depois que as bruxas me atacaram. Quem se importaria se eu estivesse longe do irmão que nunca mais poderia ver se quisesse protegê-lo?

Por mais que me doesse admitir, Gray se importaria. Em algum nível, de alguma forma, ele notaria minha ausência.

Era mais do que eu poderia dizer sobre qualquer outra pessoa.

— Você é um bastardo. Você não deveria ter alegria em me lembrar de que estou sozinha no mundo — eu disse, recuando enquanto lutava contra o aperto em meu peito.

Ele se recusou a me soltar, me segurando firme enquanto levava a mão ao meu rosto e tocava minha bochecha. — Você esteve sozinha, mas não está mais. Quando você vai entender isso? — Ele perguntou, sustentando meu olhar. Seus olhos dourados eram tão intensos enquanto ele me observava. Parecia que ele estava olhando através dos meus olhos e vendo cada pensamento em meu cérebro... sentindo cada emoção em meu coração.

Quando a vontade de correr se espalhou pelos meus membros, eu ignorei. Apoiando-me na ponta dos pés, toquei minha boca na dele suavemente. Seus lábios se moveram contra os meus com ternura, guiando-me durante o beijo cuidadoso. Ele me segurou como se eu fosse quebrar, como se eu fosse feita de vidro, até que coloquei as mãos em seu cinto, abrindo-o e arrancando-o de sua calça.

Ele sorriu contra mim, aprofundando o beijo enquanto eu fazia um trabalho rápido em seu botão e braguilha, empurrando suas calças

pelas coxas com movimentos rápidos e cuidadosos enquanto ele fazia o mesmo com as minhas. Ele tirou os sapatos e a calça, tirando as meias antes de ir para a cama.

Ele se acomodou contra os travesseiros, apontando um dedo para mim para me chamar ao seu lado. Ajoelhei-me na ponta, subindo por seu corpo da mesma forma que fiz nessa manhã. Montando em sua cintura, deixei seu comprimento roçar em meu centro e gemi quando o encontrei duro e pronto para mim. — Para que conste, Feiticeira — ele disse enquanto eu me inclinava sobre ele, estendendo a mão para colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Você não pode me foder sempre que não quiser confrontar seus sentimentos por mim.

— Não posso? — Eu perguntei, inclinando minha cabeça para o lado enquanto estendia a mão entre nós para agarrá-lo. Ele riu, seus lábios abrindo um sorriso ofuscante quando não me preocupei em negar sua insinuação.

Não fazia sentido. Mesmo que não tivesse servido ao meu propósito, nós dois saberíamos da mentira que era.

Ele se abaixou, colocando os braços paralelos ao corpo. Suas mãos envolveram minhas pernas, me puxando ainda mais para cima em seu corpo e me apoiando no colchão quando eu montei em seu peito. Ele ajustou seu aperto, fazendo tudo de novo até que eu montei em seu rosto. — O que você está fazendo?

— Agarre a cabeceira da cama e segure firme, meu amor — ele ordenou, passando um braço em volta de cada uma das minhas coxas. Seus dedos pressionaram a pele, fazendo aparecer covinhas onde ele tocava a carne macia. Ele usou seu apoio para me forçar a me abaixar, segurando com mais força quando tentei resistir. — Agora, sente-se — ele rosnou, me puxando para baixo. Sua boca tocou minha boceta, sua língua imediatamente se moveu contra mim. Eu engasguei, jogando minha cabeça para trás enquanto minhas mãos agarravam a cabeceira da cama para me firmar conforme ele ordenava.

Gray me devorou, arrancando um fluxo constante de gemidos da minha garganta que eu não conseguiria conter nem se tentasse. Curvando meu corpo para frente com respirações profundas, olhei para seu rosto entre minhas coxas. Olhos dourados brilharam abaixo de mim, olhando para mim e absorvendo todo o meu corpo. Do volume das minhas coxas onde elas envolviam sua cabeça até a curva da minha barriga e o vale entre meus seios, não havia nada que ele não pudesse ver.

Não havia nada que ele não gostasse.

Sempre me senti confortável na minha pele e no meu corpo, mesmo que houvesse algo em ter um homem que apreciava cada centímetro que me fazia amá-lo ainda mais. Eu me senti linda com seus olhos em mim, examinando cada parte de mim que ele podia ver. Meus quadris se moviam por vontade própria enquanto ele circulava meu clitóris com a língua, aplicando pressão suficiente para me levar mais perto do meu orgasmo, sem nunca me empurrar além desse limite.

— Gray — eu implorei, meus quadris se movendo descaradamente e roçando seu rosto. Ele não falou enquanto me deixava pegar o que precisava, usando sua boca para meu próprio prazer. Inclinei-me para frente, pressionando o topo da minha cabeça contra a cabeceira e colocando a mão entre as pernas para enterrá-la em seu cabelo. Eu o segurei imóvel, prendendo-o onde eu queria enquanto minha necessidade aumentava ainda mais.

Seus dedos apertaram minhas coxas, me puxando para trás tão de repente que me senti no ar até que minhas costas ricochetearam na cama. Ele estava em cima de mim em um instante, colocando a mão atrás do meu joelho e levantando-o enquanto entrava dentro de mim.

— Oh, porra — eu gemi, tendo espasmos ao redor dele enquanto ele colocava totalmente seu peso sobre o meu e saqueava minha boca com a dele. Eu me provei em seus lábios, em sua língua enquanto ele se enterrava profundamente entre minhas coxas.

— Quero sentir quando você gozar — ele murmurou, sua boca se movendo contra a minha enquanto ele se afastava e empurrava para frente com golpes fortes e sem pressa. Meu orgasmo veio, me forçando a gritar contra sua boca enquanto ele engolia o som.

Ele me fodeu, tocando sua boca na minha quando minha respiração se estabilizou. Suas estocadas diminuíram, algo mudando enquanto ele compartilhava minha respiração. Abri os olhos para encontrá-lo olhando para mim atentamente, seus braços apoiados na cama ao lado da minha cabeça até que não havia nada além dele e do calor de seu olhar dourado.

— Gray... — Eu parei, fechando os olhos quando isso se tornou demais.

— Deixe-me amar você — disse ele, suas palavras pronunciadas suavemente contra minha boca. Ele pegou minha mão, guiando-a até a

marca no centro de seu peito e espalhando meus dedos sobre onde seu coração batia em sintonia com o meu.

— Eu não posso — eu disse, um soluço quebrado escapando.

— Oh, Feiticeira — disse ele, sorrindo tristemente enquanto olhava para mim. — Você já está.

Ele subiu minha perna mais alto, se aproximando do meu corpo enquanto me beijava. Ele não disse outra palavra enquanto buscava sua própria liberação, me preparando para outro orgasmo antes de finalmente ultrapassar o limite. Ele ficou depois de terminar, seu peso sobre mim me dando conforto em vez de claustrofobia.

Eu estava tão fodida.

CAPÍTULO QUINZE

GRAY



Willow sentou-se na beira da cama, com as mãos nos joelhos enquanto olhava para a janela na beira do quarto. Ela queria estar com a natureza, com a parte dela que lhe parecia familiar no caos em que ela estava se tornando. Abriu o zíper da sacola de roupas, observando enquanto Willow revirava os olhos e se levantava para olhar o vestido que eu havia trazido para ela. Ela normalmente não se preocupava muito em se vestir para ninguém além de si mesma e de seu próprio gosto, eu poderia imaginar, pelo estado da casa de sua mãe e pela realidade do que seu pai havia feito em sua vida era que ela não tinha muitos motivos celebrações formais.

Mas quando a bolsa de roupas se abriu e permitiu que os tecidos pretos aparecessem, ela se levantou e foi olhar mais de perto. A saia de tule tinha trepadeiras e flores esporádicas caindo da cintura até sobre as pernas... exceto pela fenda que subia até a coxa e a deixava se mover livremente se necessário. O torso estava espartilhado e coberto de seda e renda que me lembrava a treliça de ferro das portas do Tribunal. Com decote em coração, delicadas vinhas de tecido enroladas em um dos ombros.

Ela tocou suavemente as vinhas com um dedo, seu esmalte preto fosco era um complemento perfeito para o vestido que havia sido feito para ela.

— Para onde exatamente estamos indo? — Ela perguntou, cruzando os braços sobre o peito.

— Sala do Tribunal — eu disse, indo até a cômoda onde alguns funcionários levaram suas roupas. Peguei uma calcinha de renda preta, ajoelhando-me na frente dela.

Ela ainda estava nua, sem se preocupar em se vestir depois que eu fiz o que queria com ela. Eu coloquei uma cueca boxer quando me levantei para pegar seu vestido, mas adorei que Willow fosse dona de sua sexualidade. Seu corpo era perfeito como era, tudo que eu poderia desejar em minha esposa, me agradou que ela se sentisse confortável nele.

— Você percebe que a maioria dos homens se ajoelha quando pedem casamento, não depois de terem manipulado uma mulher para se casar, certo? — Ela perguntou enquanto eu sorria para ela. Passei a mão na parte de trás de sua panturrilha, levantando-a em minha direção para que ela pudesse se equilibrar. Onde outras poderiam ter tropeçado com a mudança na estabilidade, Willow nem sequer se mexeu, mas sua outra perna assumiu o controle. Deslizando seu pé na calcinha, repeti o processo com a outra perna e depois me levantei na frente dela enquanto deslizava o tecido por suas coxas fortes e o colocava no lugar.

Segurando suas bochechas com as duas mãos, passei meus polegares sobre as maçãs do seu rosto e observei seus olhos ganharem vida. Mais do que apenas preencher com ela e com o desafio que sempre veio da minha posse física dela, a magia dentro dela reconheceu seu dono anterior e se iluminou para mim.

Seus olhos naturalmente únicos brilharam com o brilho da magia, o dourado de um deles tão parecido com o meu que me deixou sem fôlego... um símbolo da forma como nossos destinos estavam ligados desde o momento em que Charlotte e eu fechamos nosso acordo. Eu nunca esperei encontrar tanto conforto no fato de que nunca tive escolha.

Eu não gostava de não estar no controle de todos os aspectos da minha vida e da minha casa, exceto Willow Morningstar. Ela era a exceção a todas as regras que eu já fiz para mim e para minha espécie.

— E o que estamos fazendo na sala do Tribunal que exigiria um vestido como esse? — Ela perguntou, engolindo em seco o toque e o desconforto que sentia. Ela pensou que eu não percebia todos os tiques nervosos, embora parecesse determinada a me convencer de que estava a caminho de me perdoar.

Seja qual for o propósito que serviu para Willow, eu permitiria. Se ela fingisse por tempo suficiente, eventualmente ela não seria capaz de ver através de suas próprias mentiras e elas se tornariam sua nova realidade.

— Estamos resolvendo as disputas entre as bruxas anunciando a substituição do Covenant — eu disse, me afastando dela e ignorando propositalmente seu suspiro. Ela teria apenas argumentado que era um alívio, mas nós dois sabíamos que era porque ela lamentava a falta de contato tanto quanto eu.

— Quem? — Ela perguntou, caminhando até o banco e tirando o vestido da bolsa. Ela abriu o zíper do espartilho, vestindo o vestido e se virando para me dar as costas. Ela era muitas coisas, embora nunca abrisse mão de sua responsabilidade com seu Coven. Não importa o que ela pudesse ter se convencido de que estava aqui para fazer, ela sentiu o desejo de consertar o que ela havia desempenhado um papel na quebra.

Levantei minha sobrancelha para ela, sorrindo enquanto ela lutava para encontrar o zíper. Guiando-a até o espelho no canto, deslizei seu cabelo sobre um ombro. Envolvendo a mão em torno dela e pressionando-a contra sua barriga, usei minha mão livre para fechar o zíper do espartilho para ela. Ele deslizou como manteiga, encaixando-se perfeitamente nela e abraçando cada uma de suas curvas do jeito que eu sabia que faria. — Há apenas uma bruxa adequada para o trabalho.

— O Tribunal nunca me aceitará como Covenant — ela argumentou, balançando a cabeça como se eu fosse ridícula. — Se você espera acalmar as brigas, não é assim que se faz.

Afastei-me dela, indo até a gaveta de cima da cômoda e as caixas de joias que havia guardado lá. Willow enfiou a mão nos intrincados detalhes da videira cruzando seu peito, puxando o amuleto de sua mãe e seu colar de osso para que eles caíssem sobre o tecido, parecendo ameaçadores em comparação com a natureza delicada do vestido.

O amuleto de sua mãe estava pendurado, eu sabia que, embora não servisse mais a nenhum propósito e não fizesse nada para protegê-la, ela o usaria pelo resto da vida. Os ossos a protegiam da compulsão da natureza, agora que ela os reivindicou como seus.

Ela tocou os ossos com uma careta, desejando desesperadamente que houvesse uma maneira de usá-los da mesma forma que todos os seus ancestrais fizeram, em uma bolsa na cintura, em vez de

pendurada no pescoço. Estendi a mão em direção a ela, passando meu dedo sobre os ossos em um caminho suave que se curvava sobre sua clavícula. Gostei de ver o lembrete macabro de quão horrível seu poder poderia ser se ela o aceitasse. Porém, também gostei de ver seu peito nu sem nada atrapalhar minha visão.

Os ossos bateram, liberando-se de sua garganta com meu toque. Guiando-os até a cintura, observei enquanto eles se acomodavam em seus quadris como uma corrente baixa, cobrindo-a suavemente e acentuando a curva de seu corpo.

Willow tocou seu peito e pescoço, espalhando os dedos sobre a pele. Seu alívio pairou entre nós enquanto ela mudava de posição, os ossos batendo um contra o outro. — E quem do Tribunal você gostaria que ocupasse o seu lugar? — Perguntei, colocando as caixas de joias na cama. Abri a primeira enquanto ela olhava boquiaberta, me observando com cautela enquanto eu colocava a gargantilha de ouro em seu pescoço. Era estruturada, cobrindo a frente de sua garganta sem nunca se conectar e permanecendo entre os lados da corrente de arame de sua mãe. Acompanhei com os brincos de ouro combinando que comprei para ela, enfiando-os em suas orelhas enquanto ela me encarava.

Ela não gostou dos meus presentes, apesar da minha intenção de cortejá-la.

— Isso não é justo — disse ela finalmente, incapaz de encontrar uma solução adequada para a minha pergunta.

— Isso é porque todos eles estavam cientes das intenções do Covenant anterior para este Coven, e você sabe tão bem quanto eu que nunca daria seu apoio a um deles — eu disse, deixando cair a caixa de brincos na cama.

Agarrei a última caixa, ignorando o suspiro de Willow. Os anéis na caixa eram o culminar perfeito de tudo o que fez dela a bruxa que ela se tornou, uma aliança de ouro esculpida nos detalhes de vinhas e folhas. A pedra central era ágata musgosa no lugar de um diamante tradicional, mas o significado disso e a simples faixa de vinhas douradas abaixo dela superavam em muito a tradição.

— Gray — ela disse, balançando a cabeça enquanto eu pegava sua mão esquerda.

Sorri ao pegá-la, segurando-a imóvel enquanto deslizava os anéis em seu dedo anelar. — Você disse que não era um demônio e que

nossas tradições matrimoniais não são as suas — eu disse, admitindo a verdade e usando suas próprias palavras contra ela. — Pretendo me casar com você em todas as tradições, Feiticeira. Você usará meus anéis, assim que pudermos, convocará a deusa. E então buscaremos sua aprovação para nossa união.

— Por que ela concordaria com este casamento? A deusa reivindica as bruxas que você abandonou — ela argumentou.

Eu zombei, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. Ela olhou para mim, finalmente desviando os olhos dos anéis que eu havia colocado em seu dedo. Outra marca da minha propriedade dela. Enfiando a mão no bolso, removi a única faixa dourada e coloquei-a no meu, marcando-me como ela. — De onde o Coven ensina a você que sua deusa veio? — Eu perguntei, observando enquanto tudo em Willow congelava.

— Ela é a personificação da própria natureza. Ela representa o equilíbrio — argumentou Willow, a ignorância do que eu permitia como ensinamentos aparecendo em cada palavra. Mesmo que ela não estivesse no Coven para aprender, sua mãe transmitiu a mensagem.

Eu sorri com o choque dela, ajeitando o colar enquanto ela olhava para mim. — Ela *me* representa — eu disse, parando para ver se ela tinha alguma resposta. Sua boca ficou tensa em uma linha, revelando sua frustração por eu estar jogando xadrez antes mesmo do Coven perceber que existia. — Porque sua deusa é minha irmã.

CAPÍTULO DEZESSEIS

WILLOW



Gray amarrou as botas que comprou para mim como um compromisso com as botas de combate que ele sabia que eu teria exigido usar. Fiquei sentada processando suas palavras, quieta enquanto tentava entender até onde tudo isso remontava. Como eu deveria agir no caminho da vingança quando havia séculos de história que eu nem *conhecia*?

— Sua irmã? — Eu perguntei, pressionando meus lábios.

Ele assentiu, olhando para mim com olhos dourados e brilhantes através dos cílios escuros. — Outro anjo lançado do céu — ele respondeu, ficando de pé suavemente enquanto pegava minha mão e me guiava para ficar de pé. Ele afofou todo o comprimento do meu cabelo, as pontas vermelhas brilhantes destacando-se nitidamente contra o tecido preto. — Eu não sou o único que ganhou a ira do meu pai ao longo dos séculos desde a nossa criação. Eu fui apenas o primeiro.

— O que ela fez? — Perguntei, evitando perguntar sobre seu próprio banimento. Eu sabia no que acreditávamos. Eu sabia no que os humanos acreditavam. E eu não tinha dúvidas de que ambas as versões da história eram tendenciosas no sentido oposto ao que seria a dele.

Gray sorriu enquanto me direcionava para o espelho no canto de seu quarto, tomando seu lugar atrás de mim enquanto me deixava sem escolha a não ser olhar para meu próprio reflexo. Mesmo com as cunhas nas minhas botas até o joelho, ele era muito mais alto do que eu. — A mesma coisa que eu — disse ele, dando-me uma resposta vaga. O fato de ele não confiar em mim o suficiente para me fornecer um

pedaço da verdade não deveria ter me surpreendido, dadas as minhas próprias razões nefastas para fazer a pergunta em primeiro lugar.

Se eu não fosse confiável, não poderia ficar exatamente com raiva por ele não confiar em mim. Ele não deveria, mesmo que eu precisasse que ele fizesse isso de qualquer maneira.

— E o que foi isso exatamente? — Eu perguntei, engolindo em seco enquanto fazia a pergunta para a qual realmente não queria saber a resposta. Eu queria que tudo permanecesse preto e branco, não confuso com preconceitos pessoais e meios-termos.

— Tenho certeza de que você já ouviu a história — disse Gray com desdém.

— Quero ouvir isso de você, não de um texto antigo que passou por tantas mãos e traduções, nada mais é certo — eu disse, sustentando seu olhar.

— Você está esperando que não seja verdade — ele disse enquanto eu me virava para encará-lo. De repente, pareceu tão importante que senti seu olhar fixo em mim para esta conversa, sem vê-lo refletido no espelho.

Os espelhos eram portais, eu não queria arriscar que alguém compartilhasse a intimidade deste momento daqui a séculos, quando minha bisneta entrasse em minhas memórias.

— Não estou esperando nada. Só quero entender meu marido — falei, odiando a verdade nas palavras. Ele conhecia minha vergonha mais profunda, meus segredos mais obscuros, mas eu sabia muito pouco sobre seu passado diretamente dele.

— Eu amava meu pai — disse ele, a expressão sombria em seu rosto me lembrando muito do retrato de Lúcifer caindo em desgraça que ele mantinha em seu escritório. *Seu lembrete*. — Eu o amava tanto que nunca quis arriscar que alguém me afastasse dele. O fato de eles não conseguirem chegar ao Céu e sentir o calor do seu abraço era incompreensível para mim. Eu queria fazer com que os humanos não pudessem escolher pecar, em vez de correrem o risco de serem condenados.

Suspirei, odiando a simpatia que senti. Foi diferente de quando um pai impôs restrições aos filhos, até que estes provassem que podiam tomar boas decisões?

Eu não sabia e desprezava essa falta de clareza.

— Você queria privá-los de seu livre arbítrio — eu disse em vez disso, procurando que ele confessasse as ações das quais ele sabia que eu discordaria. Eu queria sua honestidade mais do que tudo, mesmo que isso não pudesse mudar nada na minha opinião sobre a criatura que ele havia se tornado.

— Eu queria fazer o que fosse necessário para garantir que eles nunca fizessem a escolha *errada* — ele corrigiu, sua convicção nessas palavras atingindo algo profundamente dentro de mim. Seus olhos brilharam como se ele entendesse também, os paralelos que poderíamos traçar entre o que ele queria para os humanos todos aqueles anos atrás, e a situação a que ele me forçou agora. — É diferente — disse ele, balançando a cabeça em frustração.

— É isso? Então, sou livre para fazer uma escolha com a qual você não concorda? — Eu perguntei, estremecendo quando ele deu um passo para trás de mim. Agarrei seu antebraço, mantendo-o imóvel e forçando-o a ficar comigo para esta conversa.

Se ele pudesse me prender nesse relacionamento, então ele poderia muito bem ouvir o que eu tinha a dizer sobre isso.

— Você pode escolher o que quiser, *qualquer coisa*, desde que *me* escolha — disse ele, cobrindo minha mão em seu antebraço com a sua. Seus dedos se enrolaram em volta de mim, agarrando-me com mais força do que eu esperava.

— Não é assim que funciona e você sabe disso — eu disse, minha voz severa, mas suave.

— Por que não?! — Ele gritou, se afastando de mim. Ele andava em círculos, sua respiração errática de raiva. A exibição foi tão estranha para ele que me fez recuar, mas sua expressão de dor quando ele se virou para mim finalmente fez meus ombros caírem, a luta se esvaindo de mim. — Eu dei o suficiente. Já perdi o suficiente. Eu não vou perder você também.

Apesar das minhas melhores intenções, o fundo da minha garganta queimou. Sua dor era tão palpável, tão parecida com a minha, que me ocorreu o quão parecidos éramos.

Dei um passo em direção a ele com cautela, diminuindo a distância até parar na frente dele. Estendendo a mão para segurar seu rosto, eu lhe contei a verdade, mesmo sabendo que isso iria machucá-lo. Uma eternidade *assim* doeria mais.

— Porque até que você esteja disposto a me deixar ir, você nunca me terá de verdade. Você sempre se perguntará se eu ficaria, se eu *escolheria* você, se tivesse a chance, e não saber irá assombrá-lo pelo resto de seus dias.

Sua testa franziu, seu rosto se contorceu enquanto ele considerava meu aviso. Isso me pareceu uma eternidade de absoluta miséria, nunca poder confiar em nada que o homem que eu amava disse.

Sempre esperando que eles partam.

Soltei seu rosto, prestes a ir embora. Ele ainda precisava se vestir para a noite, eu tinha feito o suficiente para deixá-lo nervoso durante a noite. — Vou deixar você se vestir — eu disse, a gentileza em minha voz surpreendendo até mesmo para mim. Se ele fosse realmente como eu, precisaria de algum tempo para organizar seus pensamentos em particular.

Fui até a porta, parando quando Gray segurou meu braço gentilmente. Virei minha cabeça para olhar para ele por cima do ombro, encontrando suas costas ainda perto de mim. — Você iria? — Ele perguntou. — Ficar? Você me escolheria? — Ele perguntou, e a vulnerabilidade nessa pergunta me lembrou de alguém muito mais jovem que Lúcifer Morningstar.

— Não sei. Não posso escolher você até que você me dê a escolha — eu disse, superando minha hesitação em responder. Eu queria machucá-lo, queria me vingar pelo que ele tinha feito comigo. Só que de alguma forma foi como chutar um cachorrinho ferido quando ele estava caído. — E você nunca vai.

Saí do quarto, deixando-o com seus pensamentos. Achei que machucá-lo me faria sentir melhor. Me ajudaria a sentir como se tivesse recuperado um pouco mais do meu poder.

Mas eu me senti uma merda.



Esperei que Gray aparecesse, mantendo a ideia de ganhar sua confiança no fundo da minha mente enquanto me aproximava dele e

ajeitava sua gravata. Ele vestiu sua máscara cuidadosa novamente, a vulnerabilidade de alguns momentos atrás era uma coisa do passado.

Mas eu vi isso na maneira como ele me estudou, na maneira como considerou se havia alguma verdade em minhas palavras. Talvez ele estivesse sem consciência e o que eu queria não importasse para ele, desde que ele tivesse o que queria.

Ou talvez eu tenha atingido um ponto nevrálgico.

— O que exatamente você espera de mim esta noite? — Eu perguntei, olhando para ele por baixo dos meus cílios em uma oferta de paz. Seu olhar era intenso no meu, como se ele visse através das minhas ações, então me virei para a janela para escondê-las. As luzes que cercavam a escola iluminavam os jardins do lado de fora do prédio, lançando sombras misteriosas sobre o cemitério ao longe. Os ossos pressionaram minha cintura, me lembrando de sua presença enquanto eu olhava para as bruxas que haviam sido enterradas de forma errada. O chamado daquela magia foi tão avassalador que mal consegui desviar o olhar, olhando para o olhar conhecedor de Gray.

— Não há problema em atender o chamado — disse ele, virando meu rosto para ele novamente. Ele tocou minha bochecha, segurando-a com uma gentileza que me fortaleceu contra a violência daquela magia. Era vida ou morte, o redemoinho de uma tempestade de duas forças em conflito.

Um não poderia existir sem o outro, mas parecia que os dois iriam me despedaçar muito antes de coexistirem com sucesso.

— Por que você disse ao meu pai para seduzir minha mãe em particular? Por que tinha que ser uma Verde? — Eu perguntei, incapaz de impedir que a pergunta me escapasse. A resposta mais urgente teria sido esperar para ouvir o que ele esperava de mim, mas nos momentos em que eu sentia que estava a apenas um centímetro de quebrar, não me importava em me importar.

Gray suspirou, indo até o braço do sofá. Ele se sentou, empoleirando-se suavemente enquanto abria as pernas e me guiava entre elas. Mesmo sentado, ele era tão alto que chegava à minha garganta. Tomando minhas mãos nas suas, ele as pressionou com a ansiedade de responder coisas que achava melhor deixar no passado.

Eu podia ler em seu rosto, aquele vínculo entre nós ficando tenso. Eu não precisava ler sua mente para saber seus pensamentos e odiava o que isso fazia com minhas emoções em relação a ele.

— Charlotte era a bruxa mais poderosa que já conheci — disse ele, com a voz triste... como se sentisse falta da mulher que admirava à sua maneira. — Até você.

— Então você queria que eu fosse poderosa? — Perguntei.

— Não, de alguma forma, você ser mais forte do que ela me colocaria em desvantagem. No entanto, vi inúmeras bruxas Hécate, incluindo Charlotte, serem corrompidas pelo chamado da morte e pelo poder esmagador que isso lhes dava. Queria aproveitar a oportunidade para lhe dar a chance de ainda se sentir viva, mesmo que os ossos dos mortos a cercassem — disse ele.

— Mas você nunca planejou que eu sobrevivesse — eu disse, sendo que suas palavras não faziam nenhum sentido.

— Eu não planejei que você sobrevivesse até que vi seu eu onírico à espreita quando matei Lorelei. Eu reivindiquei você naquela noite — disse ele, passando os dedos sobre a marca com a qual acordei cinquenta anos depois que ele me deu. — Nunca pretendi que essa afirmação fosse menos que permanente e sabia que adicionar um pouco de vida à necromancia seria sua melhor chance.

— Minha melhor chance para quê?

— Sobreviver a mim — disse ele, levantando-se. Ele me guiou até a porta enquanto eu tropeçava atrás dele, vacilando enquanto considerava suas palavras. Isso significava que ele pensava que eu sobreviveria a ele? Ou simplesmente que eu poderia sobreviver às coisas que ele me fez passar?

Jonathan miou enquanto nos caminhamos para a porta, saltando de seu lugar no encosto do sofá e se espreguiçando.

— Eu não entendo — eu disse, deixando Gray me guiar pelo corredor. Ele estendeu o braço e eu o peguei, embora quisesse esnobá-lo. Eu não achava que tinha muitos aliados além dele e das minhas amigas. Além disso, eu não era burra o suficiente para acreditar que o Coven me receberia de braços abertos. Eles me despedaçariam com as próprias mãos se eu deixasse.

— Não sou um homem fácil de amar, Feiticeira. No entanto, se alguém tem chance de fazer isso e sair do outro lado, é você — ele disse, me deixando cambaleando. O que ele disse era verdade, mas era diferente de ouvi-lo admitir que sabia que era verdade. — Você perguntou o que eu espero de você esta noite — disse ele, me chocando quando fez uma pausa no meio do corredor e mudou de

conversa. Eu entendia a urgência de onde estávamos prestes a ir, mas mesmo assim meu cérebro lutava para acompanhar. — Não espero nada de você, mas apreciaria se pudesse deixar de lado sua animosidade contra mim por tempo suficiente para apresentar uma frente unida.

— Você está me perguntando? — Eu perguntei com uma zombaria. Gray não pedia nada.

— Juliet me lembrou de que se eu quisesse um brinquedo obediente, eu poderia ter uma dúzia de opções que estariam dispostas a fazer exatamente isso — disse ele, sorrindo com a fúria que tomou conta do meu rosto.

Minhas bochechas ficaram quentes quando puxei meu braço para trás. — Obrigada por esse lembrete explícito.

— Mas eu não quero isso, e nunca quis. Eu quero uma parceira. Quero uma mulher que me ame o suficiente para me desafiar a ver o mundo de forma diferente. Eu quero você, Willow, entendo que não posso ter você se eu lhe disser para fazer o que lhe foi dito — disse ele. — Posso não estar pronto para permitir que você escolha tudo, mas posso lhe dar isso agora mesmo.

— Quem é você e o que fez com o Diretor Thorne? — Eu perguntei, levantando uma sobrancelha para ele enquanto cruzava os braços sobre o peito.

— Não estou dizendo que não vou te irritar ou fazer merdas que você despreza quase todos os dias, embora esteja dizendo que nisso posso ficar ao seu lado e permitir que você escolha fazer o mesmo por mim — ele disse, agarrando meu braço e colocando-o de volta no dele para que pudéssemos continuar a andar.

— Por que você simplesmente não me deixou escolher quando tentei sair? Eu não queria abandoná-los — eu disse, referindo-me ao Coven que eu havia condenado a brigas internas.

— Porque não estou pronto para dizer adeus, e você estava reagindo por impulso, por medo. A Willow que eu conheço nunca desistiria de uma briga. Você se lembra do que eu disse quando você perguntou o que acontece quando você está cansada de lutar? — Ele perguntou, fazendo meu coração pular no peito com a lembrança daquela noite. Da surra que sofri e da quão devastada isso me fez sentir por ter confiado em um homem que deveria ser meu inimigo.

— Isso é diferente — eu contestei.

— Eu disse que você me permitiria lutar por você. Você desistiu de nós, mas eu nunca parei de lutar, Feiticeira — disse ele quando chegamos ao topo da escada. Ele me soltou o tempo suficiente para me deixar pegar a lateral do vestido na mão e levantá-lo para que eu pudesse descer suavemente. As pedras aos meus pés pareciam me reconhecer, erguendo-se ao meu encontro a cada passo e oferecendo todo o conforto que a superfície fria poderia proporcionar.

— Então você quer que eu faça o papel da mulher apaixonada pelo diabo que dizimou todo o Coven? — Eu sussurrei.

— Não. Quero que você diga a verdade. Eu manipulei você tanto quanto qualquer um deles, e não me importo se eles sabem dessa verdade. Eu sou o diabo, não um santo — explicou ele com um sorriso malicioso. — Quero que você tome o Coven que pertence a você, independentemente de seus erros, e reconheça a necessidade de estabilidade neste caos. Você e eu lideraremos nosso conjunto de povos da mesma forma que o Covenant sempre foi projetado para fazer.

Continuamos descendo as escadas em silêncio, Gray parecendo entender que eu precisava de tempo para processar como isso iria acontecer e o que eu queria fazer para que isso acontecesse. Eu não queria que meu Coven estivesse em guerra com os Receptáculos e Arquidemônios e entendi que isso não traria nada além da morte, mas o que eu sabia sobre como liderá-los?

Olhei pelas janelas enquanto passávamos, meus olhos imediatamente atraídos para aquele cemitério mais uma vez.

Eu lhes daria algo que eles não tinham há muito tempo.

Eu lhes daria a verdade.

CAPÍTULO DEZESSETE

WILLOW



As portas do Tribunal estavam escancaradas e o mecanismo de tranca era inútil. Nunca antes todo o Coven tinha sido permitido dentro destas paredes, apenas alguns selecionados tinham permissão para estar no espaço privado do Covenant anteriormente.

Mas não havia mais nenhum Covenant a respeitar, eu sabia o que aconteceria ao Coven depois de séculos de liderança estrita. Eles cairiam no caos, eles se voltariam contra aqueles que já haviam sido amigos em um esforço para preencher o vácuo de poder.

Gray me guiou através das portas, o murmúrio de vozes imediatamente um ataque comparado ao lugar normalmente silencioso de respeito sombrio. Respirei fundo enquanto passávamos pela bolha para entrar no círculo central que estava lotado demais, aquela mesma sensação de estalo pulsando dentro de mim enquanto eu sentia como se tivesse mergulhado na água.

Mesmo sem o Covenant, este lugar era sagrado para a nossa magia. Sagrado para nós.

Eu não o veria profanado.

A fronteira parecia zumbir de acordo comigo enquanto Gray tentava me puxar para o outro lado, a pequena alfinetada de magia perfurando a pele dos meus braços. A fronteira me manteve firme, me consumindo enquanto o sangue jorrava dos ferimentos leves que causou. Contas únicas subindo de feridas semelhantes a agulhas, eu as observei flutuar através da magia da fronteira enquanto Gray observava com satisfação presunçosa. Elas se reuniram em uma gota

considerável em forma de lágrima, pairando na minha frente até que eu levantei a mão para descansar embaixo dela.

A fronteira finalmente me libertou, permitindo-me passar para o outro lado. O som retornou imediatamente, o murmúrio frenético de vozes abafado pela repreensão furiosa de um homem enquanto ele lançava um discurso inflamado contra Gray.

— Qual é o significado disso? Você decora sua prostituta com os ossos do legado que *perdemos* agora? — Itan perguntou, acenando com a mão em minha direção e os ossos permanecendo na minha cintura.

Eles estalaram juntos enquanto eu dava um passo em direção a ele, passando diretamente por ele para me aproximar do trono abandonado de Hécate, onde havia sido deixado para apodrecer. O sangue se moveu comigo e olhei de volta para a fronteira que de alguma forma sabia que eu precisaria dela e me vi sem uma faca.

Estúpida.

— O que está perdido sempre pode ser encontrado, Itan — eu disse, erguendo o queixo e olhando para ele. Era seguro dizer que a maior parte do Coven não tinha ouvido a verdade sobre minha linhagem, olhando para mim confusos.

Itan recuou fisicamente, parecendo ter sido atingido antes de se recuperar com um aceno de cabeça. — Besteira — disse ele, erguendo o queixo. Ele me deixou sem escolha, me forçando a fazer a única coisa da qual eu nunca seria capaz de voltar.

Quando pensei nos erros que poderia corrigir, não tinha certeza se algum dia desejaria fazê-lo.

O trono de Hécate me chamou quando me aproximei dele, olhando para o assento antigo feito com os ossos daqueles que vieram antes de mim. Os que estavam na minha cintura eram ossos de dedos e mãos, as menores partes dos meus ancestrais, mas o trono havia sido refeito a partir dos restos mortais das primeiras gerações de bruxas Hécate.

Virando-me para olhar por cima do ombro para Itan, sorri enquanto lançava meu olhar para Gray. Ele cruzou os braços sobre o peito, observando divertido enquanto eu deixava cair minha mão ao meu lado. O sangue que levitava na minha frente caiu, caindo na superfície do trono e espirrando nos ossos amarelados.

— Parabéns. Você pode fazer bagunça tão bem quanto qualquer criança que tente brincar com os adultos. O que isso deveria provar? — Itan perguntou, resultando em gargalhadas de seus apoiadores que se escondiam atrás dele.

Meu sorriso afetado se transformou em um sorriso quando me virei para encará-lo completamente. Com os lábios repuxados sobre os dentes, recusei-me a olhar para Iban enquanto me preparava para a vergonha do seu tio. — Você não está completamente familiarizado com as preliminares? — Sua sobranalha caiu quando eu levantei minha mão, acenando preguiçosamente em direção aos ossos agora cobertos com meu sangue.

Cobertos pela minha magia.

A cadeira gemeu, rangendo quando os ossos começaram a se mover, desabando no chão de ladrilhos até que o trono desapareceu. — Eu não entendo — alguém sussurrou, sem paciência.

Esperei por aquele som familiar de ossos batendo, sentindo cada toque ressoar em minha alma. Não me preocupei em olhar quando senti os ossos se juntarem no corpo de um homem, ficando um em cima do outro e se movendo até que sua figura avançou para ficar ao meu lado.

Em algum lugar da sala, Gray soltou uma risada de pura alegria, o calor dela cobrindo minha pele enquanto Itan olhava horrorizado para o esqueleto ao meu lado. — Você — ele fez uma pausa, olhando para frente e para trás entre mim e a criatura que eu convoquei dos mortos com apenas um aceno de mão e a liberação de sangue. — Mas você é uma Madizza! Eu vi isso com meus próprios olhos.

Voltei minha atenção para o trono de Madizza, levantando levemente meu vestido e batendo um único pé no chão. As vinhas do trono Madizza se contorceram instantaneamente, deslizando para fora dos lugares onde estiveram presas durante séculos. O trono deslizou pelo chão, transformando-se em nada além de um emaranhado de rosas, vinhas e espinhos enquanto eles atravessavam o centro do círculo Madizza. Eles subiram os degraus do estrado, centrando-se onde antes estavam os dois tronos do Covenant.

Eu não tinha ideia do que Gray tinha feito com eles, mas o conhecimento de que ele abriu o caminho para eu fazer exatamente o que eu tinha escolhido afundou profundamente no meu estômago. Eu não gostava de ser previsível.

Acenei com a cabeça para o esqueleto, ganhando um aceno mudo de volta antes que ele seguisse para o trono junto com as vinhas. Ele caiu no chão em cima deles, observei com satisfação enquanto as vinhas se enrolavam em volta dos restos de meus ancestrais.

Unindo-os como um só.

Eles se contorceram e viraram, manobrando para chegar a um novo trono... um trono de ossos, sangue e vida.

Subi os degraus lentamente, um de cada vez, exalando um único suspiro de costas para o Coven.

Virando-me para encará-los, tomei o trono que não poderia pertencer a ninguém além de mim, no lugar onde o Covenant uma vez esteve sentado. — Alguma outra pergunta, Itan, ou você já parou de me questionar?

CAPÍTULO DEZOITO

WILLOW



Itan olhou para mim, dando o primeiro passo em direção ao trono. Ele fez uma pausa apenas quando Gray se moveu para se juntar a mim, subindo os dois degraus para ficar ao lado do trono que eu reivindiquei. Gray encarou as janelas às minhas costas, parando e alcançando meu queixo. Inclinando meu rosto até o dele, ele sorriu para mim com algo que parecia muito com orgulho. Considerando que o Coven não podia ver seu rosto, meu coração batia forte, sabendo que era só para mim e não parte do espetáculo.

Quando foi a última vez que alguém além dele olhou para mim desse jeito?

Ele se inclinou, tocando suavemente seus lábios nos meus para o Coven ver. Suspirei em sua boca, amando e odiando a exibição pública que não deixaria absolutamente nenhuma dúvida sobre a acusação de Itan. Para aqueles que acreditavam em rebaixar o lugar das mulheres, reduzindo-nos ao fato de gostarmos ou não de sexo, Gray colocou lenha na fogueira.

Exceto por esses padrões, eu não era a *prostituta* de Lúcifer. Eu era a porra da *esposa* dele e não deixaria minha vida sexual determinar meu valor.

— Nunca pare de me surpreender, Feiticeira — disse Gray, parando ao lado do meu trono recém-construído. Ele parecia muito confortável ali, absolutamente disposto a permitir que eu tivesse um momento para brilhar se quiséssemos alcançar o que nos propusemos a fazer. O verdadeiro poder não consistia em arrogância e bravata. Não

estava nos momentos em que eu fazia um show para fazer as mentes mais fracas de homens como Itan entenderem.

Era na paz tranquila da noite, onde homens como Lúcifer podiam se sentir confortáveis em sua própria pele e saber que nada nem ninguém poderia impedi-los de pegar o que queriam.

— Você não nega então? Você se reduziu a ser um brinquedo para esse idiota? — Itan perguntou, olhando para Iban, que ele observava com um rosto que empalideceu de choque.

— Não nego nada — eu disse, ficando mais confortável no meu trono. Recostei-me, deixando minhas mãos repousarem sobre os braços e cruzando as pernas com cuidado. — Embora eu pense que podemos concordar, pareço ser muito mais do que um brinquedo. Talvez a verdadeira razão pela qual você o considere uma ameaça é porque ele realmente respeita as mulheres o suficiente para me permitir sentar ao seu lado.

— Willow é minha esposa, e em breve tornaremos isso oficial diante de sua deusa. Nesse momento, espero que todos vocês se alinhem e aceitem esta união pelo que ela é: a chance de começarmos de novo. Temos a oportunidade para nos unirmos na verdade, nossos povos unidos pelo casamento — disse Gray enquanto eu me inclinava para frente em meu assento.

— Devo confessar, Itan, você não estará por perto para testemunhar o que acontece com este Coven — eu disse, batendo meu dedo nas vinhas do meu trono. Elas avançaram lentamente, Itan entrou em pânico e lutou pelo controle da vida vegetal que deveria pertencer a ele tanto quanto a mim.

Mas ele não nutriu a sua relação com a terra; ele tinha, de fato, agido contra isso em benefício de seus próprios interesses. Eu apenas aceitei o que me foi dado em igual medida, mantendo o equilíbrio da melhor maneira possível e oferecendo tanto amor quanto recebi.

As videiras ignoraram seu chamado.

— Willow, pare com isso! — Iban chamou, sua voz penetrando o silêncio daqueles que observavam. As vinhas envolveram os tornozelos de Itan, mantendo-o no lugar quando ele se virou para fugir.

Ele atacou com sua magia, pegando uma única videira do trono de Bray. Atingiu-me no peito, rasgando a delicada organza da parte superior do meu vestido e rasgando minha pele. Eu olhei para ele, olhando para a divisão da minha carne por um momento.

A dor era suportável quando não deveria ser, uma pulsação surda quando não deveria ser nada além de um calor ofuscante. O ouro se espalhou sobre a ferida como se estivesse derretido, exatamente da mesma cor dos olhos de Gray enquanto ele olhava para mim e cerrava os dentes.

Suas narinas dilataram-se quando levantei a mão, observando com uma compreensão horrível enquanto o ouro recuava e a ferida cicatrizava para todos verem.

— Isso é impossível. Somente o Covenant é eterno — disse Itan, lutando contra as amarras das vinhas enquanto elas se espalhavam por seu peito e ombros. Elas a colocaram de joelhos, o baque dele atingindo a pedra ecoando pela sala.

— Eles eram mesmo? — Perguntei, torcendo o nariz ao me lembrar de como eles haviam explodido em pedaços de carne e sangue.

— Sua vadia traidora! Ela era sua avó — disse Itan, cuspiendo nos meus pés.

— Ela era uma abominação para este Coven — eu disse, levantando-me. Desci os degraus, parando bem diante de Itan enquanto olhava ao redor da sala. — E você vai contar a eles exatamente o que ela conspirou com os membros do Tribunal para fazer.

Itan empalideceu, olhando para mim com a testa franzida. Havia uma dúvida ali, uma sincera falta de compreensão de como eu poderia ter conhecido a verdade.

— Como...

— Isso mesmo, Itan. Eu sei o que você fez com este Coven, e sei o que você fez com as filhas deles — eu disse, apontando para os membros do Coven olhando para mim. — E você vai confessar tudo.

As vinhas apertaram-se com mais força ao seu redor, fazendo-o gemer quando o rangido soou pela sala. — Vá para o inferno.

— Diga a eles por que as bruxas são enterradas em caixões quando deveriam estar com seus elementos. Diga a eles por que você privou a Fonte de nossa magia quando a devolvemos ao equilíbrio. Diga a eles como você a deixou com fome e os enfraqueceu, tudo com a intenção de que cada um deles fosse um sacrifício para que você pudesse viver livre dos Receptáculos quando todos eles estivessem mortos.

Levantei a mão, tocando um único dedo na frente de sua garganta. Uma das vinhas o seguiu, enrolando-se em seu pescoço e apertando enquanto ele olhava para mim. Ele ofegou, lutando contra as amarras que o mantinham firmemente preso.

— Willow! — Iban protestou, vindo ficar ao meu lado. Gray bloqueou seu caminho, forçando-o a manter distância enquanto seu tio lutava para respirar. Inclinei-me o suficiente para que meu rosto preenchesse sua visão, certificando-me de que era tudo o que ele conseguia ver enquanto tudo ficava confuso e ele lutava para respirar.

— Conte ao seu sobrinho o que você fez com *ela* — zombei. Não dei o nome dela, mas o suspiro chocado atraiu meus olhos para o centro da multidão. Os profundos olhos cor de mogno de Margot encontraram os meus, olhando para mim em estado de choque enquanto ela cobria a boca com as mãos. Iban seguiu meu olhar, franzindo a testa enquanto olhava entre nós e seu tio.

Levantei minha mão, gesticulando enquanto as trepadeiras se enrolavam entre as pernas de Itan e pressionavam a parte dele que ele havia usado para violência contra uma garota que não queria isso. — Tio — disse Iban, mas a cautela em sua voz quebrou algo dentro de mim. Iban tinha tudo a ver com a família e os laços dela, tendo dado tudo apenas pelo potencial de criar uma nova. Saber que alguém que ele amava e valorizava com um vínculo como aquele poderia ser capaz de coisas tão horríveis iria arruiná-lo.

Margot me chocou, dando um passo à frente para abrir caminho no meio da multidão. Ela veio ao meu lado sem dizer uma palavra, deslizando a mão na minha. Seu aperto tremeu quando ela tomou seu lugar e olhou para seu agressor enquanto seu rosto ficava roxo. — Chega — ela murmurou. Eu imediatamente soltei a videira em volta de sua garganta, observando-o cair de peito no ladrilho. Eu permiti que ele caísse, batendo seu rosto no chão enquanto seu lábio se partia sob a força.

— Margot, obrigado — ele ofegou, o som rouco de sua voz mal nos alcançando, embora estivéssemos na frente dele.

Margot deu um passo à frente, pressionando a ponta do calcanhar no topo da mão de Itan. Ela o controlou, arrancando um grito de sua garganta enquanto aqueles olhos cor de mogno dela esquentavam em fogo líquido. — Eu não a impedi por sua causa — disse ela, agachando-se diante dele com cuidado. Havia tanta graça nos movimentos, uma fluidez que eu nunca esperaria possuir enquanto ela

colocava o vestido cuidadosamente atrás dos joelhos. — Eu quero ouvir você dizer isso.

— Dizer o quê?

— Conte a eles o que você fez comigo — disse ela, com a voz firme mesmo enquanto suas narinas dilatavam. A umidade das lágrimas encheu seus olhos, mas ela nunca permitiu que caíssem. Pelo canto do olho, observei Gray balançar a cabeça para Belzebu enquanto ele dava um passo à frente. A fúria estava estampada em seu rosto, seu corpo tenso e uma máquina de matar mal controlada. Ele congelou no lugar, olhando para Lúcifer como se fosse arrancar sua cabeça. Margot pressionou o pé com mais força, colocando o salto agulha no centro da mão dele.

Ele gemeu quando eu torci minha mão, permitindo que minhas vinhas serpenteassem por baixo da bainha de sua camisa e tocassem o cóis de suas calças. A ameaça por si só o fez se assustar, pulando no lugar como se pudesse detê-la. — Entrei no seu quarto à noite — disse ele, mantendo as palavras vagas.

— E fez o quê? — Margot perguntou, me chocando enquanto se levantava e se afastava dele. Usei as vinhas para forçá-lo a levantar-se do chão, colocando-o de joelhos para que Margot pudesse ter uma chance na parte mais íntima dele, se quisesse.

— Toquei em você.

— Não — ela cuspiu, inclinando-se em seu rosto. — Você não me *tocou*. Você me estuprou. Diga a palavra.

— Sua vadia...

— Diga a porra da palavra. Admita o que você fez com ela e o que você e o resto do Tribunal conspiraram para fazer com este Coven, e eu lhe darei uma morte rápida. Mas não se engane, Itan, você morrerá de qualquer maneira. Vou garantir que você sofra por cada dia que você fez com que ela olhasse para sua cara nojenta, temendo que esse fosse o dia em que você voltaria — eu disse, esperando enquanto ele considerava.

Ele olhou para os outros membros do Tribunal, o horror em seus rostos me trazendo uma satisfação doentia. Seria necessária apenas uma confissão para que as vítimas do seu plano se manifestassem. Para que eles percebessem o que sua própria família pretendia fazer com eles para ganhar mais poder.

— *Eu estuprei você* — disse ele, fazendo a única escolha correta. Margot caiu de alívio, sua respiração ficando irregular com as palavras finalmente sendo ditas. Belzebu apareceu imediatamente, aconchegando-a contra o peito para que ela pudesse esconder as emoções. Olhei para ele, mas não disse uma palavra, sabendo que ela não precisava mais de mim para chamar atenção para ela.

— E o resto? — Eu perguntei, sentindo Gray tomar seu lugar atrás de mim.

— O Covenant e o Tribunal conspiraram para livrar Crystal Hollow dos Receptáculos de uma vez por todas — disse ele, eu sorri com sua tentativa de expressá-los como se fossem os heróis.

— Diga a eles como você planejou fazer isso.

Ele gemeu, cerrando os dentes. — Não diga mais uma palavra! — Gritou o membro do Tribunal de Petra.

— Íamos matá-los de fome. Para fazer isso, estávamos matando a Fonte. Quando a magia morre, o mesmo acontece com as linhagens familiares. A reprodução se torna mais difícil. As bruxas adoecem. Seu sangue se torna menos potente, até que...

— Acabe com isso, Itan — eu disse, observando-o.

— Até que apenas o Tribunal permanecesse. Os Receptáculos não podem se alimentar de nós sem quebrar o acordo, e os Receptáculos seriam então fracos o suficiente para definhar. Os membros do Tribunal carregariam a magia dentro de nós, e nós devolveríamos o poder à Fonte. Nós consertaríamos isso — disse ele como se isso mudasse alguma coisa.

— Você quer dizer que depois que todos no Coven estivessem mortos, vocês mesmos consertariam isso — eu disse, esperando que ele colocasse o último prego em seu caixão.

— Sim. É exatamente isso que quero dizer — ele concordou.

Concedendo-lhe a morte rápida que ele não merecia, enrolei minha videira em volta de sua garganta novamente e torci-a, quebrando seu pescoço de forma rápida e eficiente.

Foi mais do que eu poderia dizer dos membros do Coven que se voltaram contra os mais velhos de suas linhagens, erradicando a existência do atual Tribunal.

Afastei-me do derramamento de sangue, caminhando até as portas que me levariam para fora. — Onde você está indo? — Iban perguntou, olhando para mim como se nunca tivesse me visto antes.

— Vou corrigir outro erro.

CAPÍTULO DEZENOVE

WILLOW



Gray gritou meu nome em meio à carnificina dos membros do Coven voltando-se para o Tribunal atrás de mim, eu praticamente pude senti-lo abrindo caminho no meio da multidão para me seguir. Acenei com a mão, batendo as portas da sala do Tribunal atrás de mim. Trepadeiras passavam pelo ferro dourado das portas, enroscando-se nos mecanismos de travamento e selando-os como uma tumba. Gray seria capaz de escapar, mas eu tinha que esperar ter ganhado algum tempo.

Seus olhos dourados encontraram os meus enquanto as vinhas consumiam as portas, preenchendo lentamente as lacunas. Seu rosto estava imutável, mas não era apenas raiva que enchia sua expressão.

Era medo.

Isso era algo que eu tinha que fazer sozinha, no silêncio da noite, sem o alarde que o público precisaria. Eles mereciam descansar em paz, levados para os mesmos lugares onde sempre deveriam ter estado. Não importava que o silêncio me assombrasse; faria com que cada palavra sussurrada pelos mortos afundasse dentro de mim e me atingisse profundamente.

Atravessei o corredor, indo direto para as portas. Leviatã esperou na frente delas, recostando-se preguiçosamente na porta e brincando com uma adaga. Peguei-a de suas mãos quando me aproximei, ignorando a forma como ele chamou a atenção e olhou para mim. — Consorte? — Ele perguntou.

As portas estavam abertas, o murmúrio silencioso pairava no ar da noite enquanto eu olhava para fora das portas abertas. Leviatã entrou no meu caminho, bloqueando meu caminho quando eu não parei. — Eu tenho um nome — lembrei-lhe baixinho, sem ousar falar muito alto. Os espíritos inquietos estavam demasiado próximos, e a força conjunta dos seus sussurros aumentava à medida que até os mais calados começavam a falar.

Eles sabiam que eu estava aqui. Eles sabiam o que eu iria fazer.

— Willow — Leviatã disse, desviando minha atenção daquele cemitério horrível para finalmente encontrar seu olhar. — O que você está fazendo?

— Posso ouvir os gritos deles — admiti, voltando minha atenção para o cemitério ao longe. Leviatã se virou para olhar por cima do ombro, seguindo o caminho do meu olhar. Seu peito afundou quando ele fez a conexão. Aproveitei a oportunidade, passando por ele facilmente e saindo para o ar noturno.

Ele agarrou meu braço com delicadeza, seus dedos envolvendo-o completamente. — Onde está Lúcifer? — Ele perguntou finalmente, me segurando imóvel enquanto olhava de volta para o Tribunal.

— Ele está ocupado com outras coisas — eu disse evasivamente, puxando meu braço de seu aperto. Meu tempo era limitado antes que Gray se libertasse das portas do Tribunal. Elas foram feitas para responder ao sangue de bruxa, eu tinha esperança de que ele não possuísse o que era necessário para abri-las sozinho.

Leviatã me soltou em vez de correr o risco de me machucar, permitindo que eu levantasse minha saia e continuasse meu caminho. Cada passo me aproximava, o murmúrio daquelas vozes ficava mais alto até parecer que eu estava cercada pelos gritos.

— Porra — Leviatã grunhiu, apressando-se e abandonando seu posto. Ele entrou na minha frente novamente. — Apenas espere...

— Eu tenho que fazer isso — eu disse, mantendo os olhos naquele cemitério. Eu não conseguia desviar o olhar, mal conseguia me ouvir falar sobre a dor daquelas bruxas que foram separadas de tudo que consideravam sagrado.

Leviatã olhou para mim, estudando cuidadosamente a determinação desolada em meu rosto antes de finalmente concordar e se afastar. Ele acelerou, seguindo ao meu lado. — O que você está

fazendo? — Eu perguntei, vacilando quando ele se recusou a sair do meu lado.

— Você pode ter que fazer isso, mas isso não significa que vou deixar você fazer isso sozinha — disse Leviatã, sua voz suave sob o zumbido dos mortos. Minhas veias bombeavam com a magia em meu sangue, seu chamado cantando através de mim.

Eu não poderia ter voltado se quisesse, não porque meus pés avançaram sem minha permissão.

Olhei para Leviatã com tristeza. — Estou *sempre* sozinha — admiti, sorrindo quando seu rosto caiu em resposta às minhas palavras. Ele parou no lugar e eu me afastei dele enquanto continuava. Não senti seus passos atrás de mim enquanto segui em frente, caminhando em direção ao cemitério. Olhando para trás brevemente, encontrei o espaço onde ele estava vazio.

Ignorei a pontada de solidão em meu peito, deixando-a afundar profundamente naquele buraco no centro do meu ser. Eu não era estranha em entrar sozinha em situações terríveis; na verdade, foi onde encontrei conforto. Eu poderia confiar em mim mesma, sempre.

Foram todos os outros que me decepcionaram constantemente. A cada momento de cada dia, fiquei sozinha quando as coisas ficaram difíceis.

Avancei, parando apenas quando cheguei à beira do cemitério. A terra sob meus pés mudou, a podridão e a decomposição daqueles enterrados nela tornaram-na mais fértil. Eu senti a mudança em um lado da minha magia. A maneira como a vida poderia prosperar aqui, em oposição a outros cemitérios sagrados em Crystal Hollow.

A vida continuou, mesmo quando outros tipos de magia passaram fome.

Levantei meu vestido, entrando com cuidado no círculo interno do cemitério. O frio da morte tomou conta da minha pele imediatamente, a bolha de vida lá fora estourou. Uma mulher conhecida esperava por mim no centro das lápides, seu cabelo muito parecido com o meu e seus olhos roxos olhando para mim.

— Olá, Willow — disse Lorelei com um pequeno sorriso. Ela ergueu a mão e as vozes dos outros espíritos que ali permaneciam desapareceram em ruído de fundo. Meu alívio foi imediato, por não ter percebido o quão penetrantes os sons haviam se tornado e a maneira como atingiram meu crânio.

No silêncio da noite, um rosnado penetrante finalmente penetrou na névoa. Jonathan andava de um lado para o outro na beira do cemitério, sibilando furiosamente, mas totalmente relutante em cruzar a fronteira sozinho.

Loralei pegou minha mão, seu toque frio como gelo. Não pude evitar a raiva que senti ao olhar para ela, o conhecimento de que o amor do meu pai por ela foi o que atrapalhou totalmente a minha vida. Ele a amou de uma forma que nunca pensou que se importaria comigo, disposto a me sacrificar por ela mesmo na morte. — Você deve deixar este lugar. Você ainda não está pronta para esse tipo de magia.

— Não posso deixá-los — eu disse, balançando a cabeça. Levantei minha mão que segurava a adaga de Leviatã, pressionando-a na outra palma que Lorelei soltou e arrastando-a pela superfície. O sangue jorrou imediatamente, escorregando para o chão.

— Não será suficiente — disse ela com tristeza, olhando para a ferida enquanto ela cicatrizava. O que quer que Gray tenha feito para me trazer de volta me fez curar rápido demais para os cortes superficiais com os quais eu estava acostumada a dar oferendas.

— Willow — disse Gray, atravessando a névoa de Lorelei. Ela desapareceu de vista, dispersando-se no ar quando ele apareceu na minha frente e tirou a adaga das minhas mãos. Suspirei, minha frustração aumentando com a perda dela. Eu sabia que tinha sido um sonho pensar que poderia segurar Gray por tempo suficiente, mas ousei fazê-lo, de qualquer maneira. — O que você estava pensando?

— Isso tem que ser feito — eu disse, fechando a boca enquanto procurava pelo espírito da minha tia.

Gray enfiou a adaga no bolso do terno, segurando meu rosto entre as mãos e me segurando imóvel enquanto olhava para mim. — O que eu tenho que fazer para chegar até você? Você *nunca* está sozinha e também não precisa fazer *isso* sozinha.

Cerrei os dentes para lutar contra a queimação de ácido que subia pela minha garganta, as emoções surgindo enquanto ele usava minhas próprias palavras contra mim. Não havia dúvida sobre onde Leviatã tinha ido buscar o único homem que ele achava que poderia chegar até mim. — Eu posso ouvi-los, Gray. Nunca conseguirei dormir agora que senti essa dor, mas não sou forte o suficiente. Lorelei disse que não tenho controle suficiente para algo assim.

Se ele ficou surpreso ao saber que minha tia me visitou, ele não demonstrou. — Ela está certa. Você não é forte o suficiente para isso — disse ele, passando as mãos pelos meus braços. Ele pegou minha mão, virando minha palma para o céu e olhando para meu antebraço. — Mas estamos juntos.

— Eu não achei que você se importaria com eles — admiti, engolindo em seco enquanto ele retirava a adaga mais uma vez e colocava a ponta na parte interna do meu pulso. — Achei que você tentaria me impedir.

— Eu não, mas eu me importo com você. Se isso te impede de ser feliz? Então eu me importo com isso. — Ele pressionou a ponta na minha pele e eu estremeci e olhei para ele com horror.

— Vou perder muito sangue.

Ele sorriu para mim, lentamente me puxando de volta para seu espaço. — Eu não vou deixar nada acontecer com você. Você confia em mim?

— Absolutamente não — eu disse, franzindo a testa quando ele riu.

— Boa menina — disse ele, inclinando a cabeça para o lado. — Mas você confia em mim para mantê-lo *viva*?

Fiz uma pausa, estudando-o e a lâmina pressionada em meu pulso que poderia acabar com tudo. Ele me deu pedaços de si mesmo para me trazer de volta uma vez, eu senti seu medo momentos antes de perder toda a noção do que estava ao meu redor, quando Belzebu quebrou meu pescoço.

Eu não podia confiar nele nem um pouco, mas podia confiar nele nisso.

— Sim — eu disse, balançando a cabeça enquanto ele enfiava a faca profundamente. Uma dor quente e branca se espalhou pelo meu braço, afundando fundo o suficiente para cortar músculos e tendões. Meu braço tremia enquanto ele me segurava imóvel, abrindo caminho até meu cotovelo com eficiência antes de passar para o outro braço e fazer o mesmo.

Meus braços caíram ao lado do corpo, o sangue escorrendo pelas minhas mãos e dedos e caindo no chão. Minha visão vacilou com a dor, meus olhos se fecharam por um momento até que o grunhido de dor de Gray ecoou o meu.

Ele cortou sua própria carne, esculpindo seus braços da mesma forma que fez com os meus. Ele emprestou seu sangue para minha ressurreição, o sabor da vida e da morte revestindo o ar ao nosso redor. Era o mesmo que a decomposição das folhas no outono, como o primeiro brotamento das folhas nas árvores na primavera.

Jogando a adaga para o lado, ele pegou minhas mãos e virou meus braços para o chão enquanto gentilmente me puxava para me ajoelhar no chão. Entrelaçando nossos dedos, ele os guiou para o chão que parecia se separar, permitindo-nos escorregar para a terra da sepultura sem esforço. Ele me cercou, afundando sob minhas unhas e aderindo ao sangue que cobria minha pele até que minhas mãos foram enterradas como os cadáveres abaixo de mim.

Eu balancei enquanto sangrava, meus olhos pousando no olhar etéreo de Gray. — Não sei o que fazer — admiti. Isso era tão diferente de levantar um esqueleto do trono, tão diferente da magia da vida que normalmente me chamava. Eu não sabia como invocar tantas áreas diferentes da magia ao mesmo tempo.

— Apenas sinta — disse ele, fechando os olhos. Seus dedos entrelaçados com os meus me garantiram que ele não tinha me abandonado, eu segui o exemplo. Meu mundo inteiro se reduziu aos meus dedos na terra, ao meu sangue fluindo através dos grãos de terra fértil. Segui o fluxo, segui o caminho que a terra percorreu para espalhar nosso sangue pelo cemitério como um rio, entregando-o a cada bruxa que precisasse.

Uma única gota era tudo que eles precisavam para se tornarem meus.

— Agora *respire* — Gray sussurrou, sua voz quente e confortável. Ele era a lareira num dia de inverno, sua palavra uma lembrança de tudo vivo. Segui a terra na outra direção, até as folhas de grama e as raízes das árvores espalhadas pelo terreno do cemitério. O verde da minha magia me alcançou, a sensação familiar de vida se espalhando por mim. Eu deixei isso crescer dentro de mim, sentindo isso me encher de calor.

Eu respirei, respirando fundo e entrecortado que encheu meus pulmões de primavera.

Eu o liberei, dando vida à morte do cemitério. O chão tremeu embaixo de mim, forçando meus olhos a se abrirem enquanto Gray rapidamente me guiava para ficar de pé. Ele me levantou, me levando até a borda da fronteira enquanto o chão se abria onde estávamos

apenas um momento antes. Eu balancei em seu aperto, observando enquanto mãos esqueléticas surgiam da terra.

As bruxas abriram caminho até a superfície, uma mistura de ossos e carne podre emergindo da terra. O chão abaixo delas assentou, grama fresca e flores brotando onde ficavam os túmulos vazios. Os mortos se levantavam em estágios variados, alguns cambaleando apenas sobre os ossos e outros com carne caindo enquanto se moviam.

Segurei minha ânsia, observando enquanto o grupo formava um círculo. Havia cerca de cinquenta bruxas enterradas naquele cemitério desde que o Covenant virou as costas à balança.

Gray pressionou o braço na minha boca, deixando o sangue de sua pele tocar meus lábios. Abri, bebendo dele pela primeira vez desde que ele me trouxe de volta. Eu só consegui algumas gotas antes que seu ferimento cicatrizasse completamente, um momento depois, o meu seguiu o exemplo com um brilho dourado.

Gray me soltou quando soube que eu tinha me estabilizado o suficiente, dando um passo em direção ao cemitério. — O que é que você fez? — Ele perguntou, girando para olhar para mim em estado de choque.

Olhei além dele para as figuras apodrecidas das bruxas que vieram antes de mim, observando com horror enquanto a carne se recompunha. À medida que músculos frescos e tendões cobriam os ossos novamente.

Eles se viraram para mim como um só, mas foi o rosto jovem da minha tia que prendeu meu olhar, levantando a mão para virá-lo enquanto o estudava fascinada.

— Eu não queria... — eu disse, mas as engrenagens já estavam girando na minha cabeça. As implicações do que eu fiz, do que eu *poderia* fazer.

Eu tinha levado em vida.

E então eu respirei.

Gray falou, sua voz calma com sua surpresa. — Willow, você não levantou os mortos. Você os ressuscitou, porra.

CAPÍTULO VINTE

GRAY



O olhar de Willow percorreu as cinquenta pessoas que estavam mortas e desaparecidas momentos antes, observando os corpos de cada uma delas. Aquelas que eu matei para abrir o selo olharam para ela, tendo sido recentemente enterrados enquanto ela dormia para se livrar dos efeitos de sua própria ressurreição.

Eu não tinha parado para pensar no que a magia Verde dela faria com a necromancia em suas veias. Às complicações que isso poderia causar, se ela fosse inexperiente em bloquear uma das forças que nadavam dentro dela. Eles poderiam ser duas entidades separadas se ela os treinasse para isso, mas até então... *claramente* seu instinto natural era combiná-los e usá-los perfeitamente.

Eu deveria ter previsto isso depois da forma como os tronos se fundiram, criando algo novo.

A própria Willow era algo *novo*. Ela não era uma Madizza ou uma Hécate, nem uma Verde ou uma Preta. Ela era parte de mim, e isso foi antes mesmo de ela descobrir as leves impressões das outras magias em sua alma. Para trazê-la de volta, eu dei a ela o suficiente do meu sangue para que ela ganhasse acesso a magias que não eram dela.

Assim como o Covenant antes dela fez.

Eles eram o fantasma do que eu tinha, e foi por isso que o Covenant nunca foi forte o suficiente para me desafiar de verdade. No entanto, Willow já tinha os presentes que eram dela por direito de nascença, então eu fui e acrescentei a eles como um maldito idiota.

Ela era uma bomba-relógio e era um milagre ela não ter feito algo muito pior do que isso.

— Gray — ela disse, o sorriso que transformou seu rosto fez meu coração doer. Quase desejei não ter aquilo de novo, para não sentir o eco de sua dor quando ela aceitasse a realidade do que tinha feito.

E o que ela teria que fazer para consertar isso.

— Eles estão vivos? — Ela perguntou, como se não conseguisse acreditar. Ela conhecia o suficiente de sua linhagem para entender que eles deveriam ser zumbis estúpidos, um exército de mortos-vivos que existia apenas para servi-la. Em vez disso, eles percorreram o cemitério, cumprimentando todos os conhecidos com abraços e sinais de carinho.

O Coven emergiu das salas do Tribunal logo depois de mim, mas Willow estava muito perdida na magia e no chamado dos mortos para perceber. Ela girou enquanto eu olhava por cima do ombro, encontrando seu pessoal olhando para ela. Tudo nela ficou imóvel e estendi a mão para pegá-la confortavelmente.

Della foi a primeira a dar um passo em nossa direção e enfiar a mão no tecido da saia. Fechando-o em punhos para poder ajoelhar-se graciosamente, ela se ajoelhou diante de Willow e olhou para ela. — *Mihi donum tuum est*², Covenant. — ela disse, tocando as mãos no chão aos pés de Willow e abaixando-se para pressionar a testa na terra em uma reverência.

A água se acumulou nas folhas de grama, enrolando-se em uma única corda que subia pelas pernas de Willow. Enrolando-se sobre o vestido, ela a circulou como uma serpente ao se aproximar de seu peito. Minha esposa estremeceu quando o frio tocou a pele nua de seus braços e peito, penetrando em seu corpo e tornando-se um com ela. Della era muito jovem para fazer tal oferenda de lealdade, mas sua lealdade levou outros a darem um passo à frente e se ajoelharem.

— Por quê? — Willow perguntou quando uma das bruxas mais velhas lutou para se levantar de seu arco. Ela estendeu o braço para ajudar a velha, o amarelo de suas roupas brilhando contra o preto do vestido de Willow.

— Não temos nenhum Covenant. Não temos Tribunal. Não há ninguém para nos guiar através deste caos depois de séculos de regras

² Seu presente para mim.

e ordem — disse ela, olhando para mim por cima do ombro. — Podemos não gostar da sua proximidade com o Morningstar, mas nossos ancestrais confiavam em Charlotte. Ela nos salvou da morte certa e nos deu este lugar. Ela nos deu algo em que acreditar.

— Eu não sou Charlotte. — Willow disse, mantendo o queixo erguido. Ela não aceitaria o manto de poder se eles o dessem, porque esperavam que ela fosse algo que não era. Ela governaria com fogo no sangue ou assistiria o Coven queimar. De qualquer forma, ela faria isso com honestidade.

— Não, você não é. Mas acho que você é algo em que acreditar — disse ela, recuando para que os outros pudessem tomar seu lugar e continuar a procissão de lealdade. As únicas pessoas que poderiam ter se oposto a ela eram aquelas que já fizeram parte do Tribunal e estavam mais próximas do poder do que Willow.

Mas Willow já havia cuidado deles quando virou o Coven contra eles, deixando-os morrer na sala do Tribunal em que governavam.

Quando a última das bruxas observou Willow e lhes prometeu ouvir, Willow se virou para mim e olhou para aqueles que ela havia ressuscitado. Aquela esperança em seus olhos me fez querer morrer, sabendo que eu teria que ser o único a arrancá-la dela. — Sei que as coisas estão uma bagunça agora, mas tenho que ir para Vermont — disse ela.

Loralei deu um passo à frente como se pudesse se aproximar de Willow, mas eu segurei as mãos de minha esposa. — Willow — eu disse, parando enquanto lutava para encontrar palavras para explicar.

— Ela está sozinha — Willow disse, um lindo sorriso transformando seu rosto. Lágrimas arderam em seus olhos enquanto ela pensava no que poderia dar à sua mãe sem a ameaça do Covenant, que a expulsou de sua casa em seus esforços para torná-la obediente. — Mas eu posso trazê-la de volta.

— Feiticeira, eles não podem ficar — eu disse, observando seu sorriso congelar no lugar. Caiu no momento seguinte, confusão fluando em sua testa. Ela recuou, puxando as mãos quando eu não a soltei.

— O que você está falando? — Ela perguntou, olhando para mim como se eu tivesse arruinado o mundo dela.

— Você, entre todas as pessoas, sabe como o equilíbrio é delicado. Você tirou algo da morte — eu disse, inclinando a cabeça para

o lado. Meu rosto doeu por lutar contra a onda de emoção que senti pulsando em Willow. Atingiu-me como uma flecha no peito, penetrando profundamente em meu coração com a dor aguda de mil lâminas. — Você tem que devolver.

— Você me salvou! — Ela gritou, arrancando as mãos do meu aperto e tropeçando para trás. — Você não me colocou de volta!

— Eu estava disposto a pagar o preço para mantê-la aqui! Eu estava disposto a matar *qualquer um* que o equilíbrio exigisse de mim, se isso significasse ter você, e não vou passar um único momento me arrependendo dessa escolha. Quem você ofereceria no lugar deles? — Eu perguntei, dando um passo à frente enquanto ela balançava a cabeça. Ela olhou para o grupo de bruxas atrás dela, as implicações do número de mortes que ela precisaria satisfazer, fazendo seu peito arfar.

Por mais que minha bruxa quisesse fingir que era implacável, ela se importava. Ela se importava demais em condenar pessoas inocentes à morte para salvar aqueles que já tiveram a chance e a perderam.

— Eu não posso simplesmente deixá-la — Willow disse, seu lábio inferior tremendo. — Eu não me importo com quem seja, eu vou...

— Nunca se culpe — eu disse, avançando para segurar seu rosto e olhar para ela. — E se o equilíbrio exigisse que Ash tomasse o lugar de sua mãe?

Ela empalideceu, balançando a cabeça furiosamente enquanto suas narinas dilatavam. — Qual é o sentido de ter esse poder se eu não posso USÁ-LO, PORRA?! — Ela gritou. Ela enterrou o rosto nas mãos, deslizando-as no cabelo em frustração.

— O objetivo de tê-lo — eu disse, enfiando as mãos nos bolsos para não estender a mão para tocá-la — É que você se importa o suficiente para não abusar dele. — Eu sorri tristemente. Ela precisaria do meu conforto no silêncio do nosso quarto mais tarde, quando pudesse quebrar sem outros olhos para observá-la.

Por enquanto, ela precisava da minha força.

Qualquer outra pessoa, e eu, nunca teria acreditado que eles passariam pela vida sem nunca perturbar o equilíbrio para ganhos egoístas. Mas Willow nunca iria querer brincar de Deus com a vida das pessoas.

— Está tudo bem — Lorelei disse, finalmente se aproximando de Willow. Ela não mostrou nenhum sinal de ódio por mim, não revelando nada de lembrar que fui eu quem tirou a vida dela. Ela apenas olhou para a sobrinha, desejando que ela entendesse. Ela pegou a mão dela, guiando-a até a linha das árvores. Eu sabia o que esperava naquela floresta, a cripta que muitos desconheciam. — Deixe-nos descansar. Dê-nos paz, finalmente.

Lorelei foi a única a ir com Willow para aquela floresta, respeitando a santidade da cripta de Hécate. Pode não conter os ossos que agiam como canal de poder, mas abrigava os ossos que não podiam ser contidos naquela bolsa que a maioria das bruxas Hécate carregava ao lado.

Eu a observei desaparecer com a tia, sabendo que ela precisava descobrir isso sozinha. Eu podia sentir a emoção surgindo dela, mesmo que não pudesse ver, sabendo o que Lorelei pedia a ela. O que ela a guiou quando eu não pude.

O Coven assistiu, olhando uns para os outros com expressões sombrias enquanto Willow fazia o trabalho que eles não podiam. Ela colocou o último osso de Hécate para descansar adequadamente, levando o que havia sido negado a Lorelei. Ela foi a primeira bruxa a ter seus direitos de enterro negados, feito discretamente enquanto o Coven permanecia ignorante do que estava acontecendo.

Era justo que ela fosse a primeira a encontrar a paz.

Willow saiu cambaleando da floresta com uma expressão concisa no rosto, os lábios apertados. Ela segurou o osso de um dedo na mão, envolvendo-o com os próprios dedos antes de enfiá-lo na corrente de ossos pendurada em sua cintura. O osso de sua tia encontrou o lugar ao qual pertencia, acomodando-se em seu quadril enquanto seu olhar úmido encontrou o meu.

— Feiticeira — eu disse do outro lado do cemitério, dando um passo em direção a ela.

Ela se afastou de mim, indo para o centro e chamando os brancos. Aqueles que pertenciam a essas casas deram um passo à frente, permitindo que Willow os guiasse até os penhascos de cristal ao lado do oceano. Ela seguiu em direção ao caminho rochoso que descia a encosta, com a fila de bruxas brancas seguindo atrás dela. Seus vestidos brancos esvoaçantes faziam com que parecessem fantasmas, mesmo que fossem corpóreos, poderiam muito bem ser, pois seguiam sem palavras. Willow estava na beira do penhasco, observando com o

vento em seus cabelos enquanto aquelas bruxas vestidas de branco se envolviam nos cristais.

A lua refletia a luz, lançando uma deslumbrante variedade de cores na noite e em seus vestidos brancos. Quando a mais jovem das bruxas colocou seu corpo sobre um cristal roxo, deitando-se de costas sobre ele com o vestido caído no chão, Willow levantou as mãos em direção a elas.

Seus olhos encontraram os meus, eu observei do topo do penhasco, uma única lágrima acompanhando o tremor de seus lábios quando ela fechou os olhos.

Seus lábios se separaram.

Willow respirou fundo, prendendo o ar em seus pulmões enquanto recuperava a vida. Sua pele brilhava quando ela o puxou, brilhando com uma luz dourada. As bruxas retornaram ao seu estado natural nos cristais sem a magia que ela havia dado.

A carne derreteu dos ossos, o cheiro de decomposição encheu o ar. Ela deslizou sobre os cristais, espalhando o sangue e a essência da magia de volta à própria Fonte de onde elas extraíram.

Willow engoliu em seco, suas feições se contorcendo em concentração antes que ela finalmente ousasse liberar sua magia completamente.

Seus olhos se abriram lentamente, olhando para a carnificina dos mortos que ela ousou esperar poder salvar. Ela virou as costas para eles, seu rosto era uma máscara vazia de força enquanto subia o penhasco.

Ela tinha ido com um grupo de quatro ao seu lado, embora, como eu estava gradualmente percebendo que era o padrão para Willow, ela sempre voltava sozinha.

CAPÍTULO VINTE E UM

GRAY



Willow não quebrou.

Ela não se dobrou.

Ela não demonstrou nenhum sinal de emoção ao começar a trabalhar, colocando as bruxas para descansar como ela pretendia fazer em primeiro lugar.

Ela colocou os Roxos sob as estrelas, observando enquanto a magia deles deixava seus corpos e retornava à fonte no céu.

Ela colocou os Verdes no cemitério, enterrados em buracos sem caixão para mantê-los longe da mesma terra para onde retornariam.

Ela deixou o vento soprar sobre os Cinzas, transformando-os em pó e espalhando-os pelo ar.

Ela observou os Azuis entrarem na maré, devolvendo-os à morte para que a água pudesse acelerar o processo de decomposição.

Ela trouxe os Vermelhos para o jardim, observando-os abraçarem-se com carinho sob o velho salgueiro enquanto todos morriam juntos.

Ela tirou a vida dos Amarelos, observando enquanto um dos que viviam os incendiava e deixava o fogo reivindicar o que restava.

Ela fez o que era necessário, agindo como se cada vida não pesasse em sua alma. À medida que Willow cedeu sob o peso do que ela teve que fazer, as pessoas de seu Coven ficaram mais fortes. A magia voltou e suas ações restauraram parte do equilíbrio.

Ela deu o que o antigo Covenant havia roubado deles.

Quando terminou, Willow simplesmente se afastou de seu povo e voltou para a escola. Eles permaneceram radiantes com o retorno daquilo que haviam perdido tão lentamente que nem conseguiram ver.

Willow lhes deu um presente; não importa o que isso custasse a ela, eles nunca esqueceriam.

Eu segui atrás dela silenciosamente, mantendo distância enquanto ela se movia. Ela caminhou como se ela própria fosse apenas um fantasma, voltando para o quarto que dividia comigo.

Ela buscou o conforto da privacidade, onde nenhuma celebração se infiltraria em seu luto.

Eu a segui, perseguindo-a em silêncio. Eu nem sabia dizer se ela estava totalmente consciente da minha presença até o momento em que deixou a porta bater na minha cara. Sorri enquanto a abria, encontrando Willow onde ela havia se mudado para a janela com vista para a festa que acontecia ao redor do fogo lá embaixo. As bruxas dançavam de maneiras que eu não tinha visto desde a formação do Coven, a restauração do equilíbrio e a falta de regras rígidas as libertaram.

Ela deslizou para o chão ao lado da janela que a parte branca havia consertado, sem se importar com o quão desconfortável ela deveria estar em seu espalho. Ela dobrou as pernas até o peito, sentando-se no chão ao lado da janela. Apoiando o rosto no vidro cristalizado, ela não se incomodou em olhar para mim. — Deixe-me em paz — ela murmurou, o som quebrado daquela voz calma me levando a dar mais um passo em sua direção.

Sentei-me ao lado dela, perto o suficiente para que nossos quadris se tocassem. Não ousei interrompê-la, apenas lhe ofereci minha presença para que ela soubesse que eu estava ali. — Eu já te disse, Feiticeira. Você não está mais sozinha.

O rosto de Willow se contorceu, sua testa franziu quando Jonathan saiu do quarto e se aninhou em seus pés. Ela olhou para as bruxas e para a celebração da qual ela não conseguia participar. Separada do Coven que ela lutou tanto para salvar.

Ela não pertencia ali mais do que eu pertencia a festejar com meus Receptáculos.

Ela apertou os lábios, as narinas dilatadas quando Jonathan começou a ronronar. Eu odiava aquele maldito gato mais do que tudo, mesmo quando estendi a mão para coçar seu pescoço.

Um agradecimento pela companhia que ele ofereceu a Willow em seu momento de necessidade.

Um soluço entrecortado cortou a sala, o peito de Willow arfando com a força disso. Ela virou o rosto para longe da janela, encontrando meu peito e enterrando-se no tecido do meu terno.

— Eu devo estar uma merda se você está sendo legal com a porra do gato — ela murmurou, esfregando a bochecha contra mim e usando-a para tirar a umidade que ela não queria que eu visse.

Passei meus braços em volta dela, colocando sua cabeça sob meu queixo e segurando-a perto. Talvez eu não tenha entendido sua capacidade de amar, de se importar com pessoas que ela nunca conheceu tanto que a morte delas poderia afetá-la tão fortemente.

Havia apenas uma pessoa em meu coração.

— Você está tão linda quanto no dia em que te conheci — eu disse, mesmo sabendo que seus olhos estariam inchados e seu rosto vermelho.

— E você é tão mentiroso — ela disse, com uma pequena risada em sua voz.

Ela olhou para mim, o ouro e o roxo de seus olhos brilhantes e com bordas vermelhas de tanto esfregá-los. Eu segurei sua bochecha, desejando que ela finalmente acreditasse em mim. — Eu amo cada parte sua, Feiticeira. Até mesmo as partes que fazem de você humana.

Seus olhos suavizaram e algo quente permaneceu naquele olhar enquanto ela me observava. Ela desligou-o com a mesma rapidez, abaixando a cabeça para que eu não pudesse vê-la quebrar. — Gray...

— Eu tenho você, amor. Está tudo bem — eu disse, murmurando as palavras no topo de sua cabeça. Willow assentiu contra meu peito, ficando em silêncio, exceto por sua respiração irregular.

Esperamos a celebração juntos, separados daqueles que dependiam de nós.

Mas nunca sozinhos.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

WILLOW



Peguei Della e Nova no pátio no dia seguinte, depois que Gray me deixou para cuidar dos arquidemônios e informá-los do que havia acontecido na íntegra. Não pude evitar um suspiro insidioso e aliviado quando descobri que Margot não estava com elas. Em vez disso, eu não queria considerar onde ela estaria, a sensação de aperto em meu estômago era tudo menos uma confirmação dessas suspeitas.

Era mais uma razão para esconder isso dela, mesmo que me doesse ter segredos. A necessidade deles tornou-se aparente quando a observei se transformar nos braços de Belzebu, como se ela estivesse bem familiarizada com isso.

Para uma bruxa que não gostava de ser tocada, mas principalmente por homens, ela encontrou consolo nele.

Iban estava diante delas, virando-se e descobrindo que eu me aproximava. Diminuí meus passos, sem saber o que me esperaria. Eu matei seu tio a sangue frio na noite anterior, mesmo que o homem merecesse, eu, mais do que ninguém, entenderia que nem sempre era simples desembaraçar as emoções da lógica.

Às vezes, você poderia amar alguém e ainda assim admitir que essa pessoa era uma pessoa absolutamente terrível.

Jonathan enfiou a cabeça para fora da bolsa que eu pendurava no ombro antes de sair da privacidade do quarto que dividia com Gray. Eu não tive coragem de pedir para voltar para o meu dormitório, sabendo que isso só iria criar uma barreira entre nós.

Há uma semana, eu teria insistido e dito que se danem as consequências. Chegar perto dele deveria ter sido meu objetivo até então, mas eu não tinha nenhum interesse pessoal no objetivo final.

Agora...

Agora, eu não queria nada mais do que enganar Gray do jeito que ele me enganou. Eu queria que ele acreditasse que eu havia me adaptado às nossas vidas.

Porque eu precisava mandá-lo de volta para o poço de onde ele veio, mais cedo ou mais tarde. Mesmo que a simples ideia de removê-lo da minha vida, de machucá-lo, fizesse com que um choque de agonia passasse por mim, a noite anterior provou por que isso era necessário.

Eu não era forte o suficiente para resistir a ele. Eu não era forte o suficiente para não ser vítima de suas palavras doces e sussurradas. Eu pensei que o sexo seria minha ruína, mas foi o jeito que ele parecia determinado a afundar dentro do meu coração e fazer ali seu novo lar.

Margot não foi a única que o inimigo comprometeu, eu sabia que era apenas uma questão de tempo até que estivesse completamente perdida.

Iban enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans, sem estender a mão para me abraçar como faria antes. A distância era necessária e era de se esperar, mas isso não impediu a onda de tristeza que senti de qualquer maneira.

— Quando você arrumou um gato? — Ele perguntou, olhando para Jonathan.

— É uma longa história — eu disse, virando-me para as meninas. — Eu preciso de sua ajuda.

— O que estamos fazendo? — Nova perguntou, enfiando o último pedaço do almoço na boca e se levantando. Ela jogou o lixo na lata de lixo, esfregando as mãos para se livrar de quaisquer migalhas.

— Quero encontrar uma maneira de mandá-los todos de volta. Os Receptáculos, os arquidemônios, Lúcifer — eu sussurrei, olhando entre os três. Eu esperava poder confiar isso em Iban, mas ele acenou com a cabeça em aprovação e aliviou meus medos no momento.

— Acho que sei onde procurar — disse Iban enquanto Della se levantava. — Há uma seção na biblioteca. Foi proibido pelo Covenant, mas posso levar você até lá.

— Como? — Eu perguntei, estudando-o.

— Enquanto todos vocês passam o tempo brincando com magia, eu leio. Essa biblioteca é meu pátio, Willow — disse ele, apontando para as plantas ao seu redor. — Talvez eu não tenha mais magia no mundo real...

— Mas você faz isso nos livros — eu disse, balançando a cabeça em concordância. Houve um tempo, quando eu era mais jovem, quando tudo que eu queria fazer era me enterrar em livros que falavam de missões e magia, sendo que eu não podia passar todo o tempo assistindo minha mãe praticar.

Ele sorriu, o maneirismo era um fantasma do que era quando ele olhou para mim. Virando-se para liderar o caminho para a biblioteca, ele nos guiou pelos corredores. Mantive a cabeça baixa, tentando não chamar a atenção para mim ou para onde estávamos indo. Se algum dos arquidemônios descobrisse meu plano, eu nunca seria capaz de impedi-los de destruir esta escola e todos nela.

Ainda sentia a lembrança das mãos de Belzebu na minha cabeça quando ele quebrou meu pescoço, e a possibilidade dele fazer isso com Margot foi exatamente o que me motivou a continuar apesar dos riscos. Ela merecia muito mais do que um homem que era capaz de machucar uma mulher inocente que ele não conhecia daquele jeito.

Eu zombei, imaginando a reação de Belzebu ao eu me imaginar inocente. Ele alegaria algo muito diferente se e quando descobrisse meu plano para livrar este mundo dos demônios que foram banidos há muito tempo.

Era a única maneira de consertar as coisas depois de destruí-las. Gray pode alegar que queria construir uma casa em Crystal Hollow, mas quantos anos levaria para ele querer expandir seu território?

Agora que ele não estava limitado pela necessidade de sangue de bruxa para sobreviver, ele logo perceberia que havia outros pontos de poder neste reino. Outras bruxas, outros covens e outros ligados à terra, apesar dele não ter aberto a porta.

Se ele conseguisse colocá-los ao seu lado, se pudéssemos torná-los parte do Coven, então não havia como dizer quais limites ele cruzaria em sua busca pelo poder. Lúcifer foi expulso do céu por causa de seu desrespeito pela vida humana e pelo livre arbítrio que seu pai valorizava.

O que seria necessário para ele se lembrar disso?

— Conte-me sobre esta seção proibida da biblioteca — eu disse, me distraindo da minha linha de pensamento. Se eu pudesse devolvê-los, nunca mais teria que me perguntar.

Eu simplesmente ficaria sozinha novamente.

Afastei o pensamento insidioso, concentrando-me na vida que poderia ter sem nenhuma das complicações que Gray trouxe. Eu não o escolhi para mim. Eu poderia ter a chance de escolher por mim mesma, em vez de ter meu destino determinado séculos antes de eu nascer.

— O Covenant costumava proibir qualquer pessoa de entrar. Eles disseram que estava cheio de magia que só eles poderiam usar — disse Iban, balançando a cabeça. — Mas nunca vi nenhum dos dois entrar naquela sala.

— Então como você conseguiu acesso? — Della perguntou, franzindo a testa daquele jeito que dizia que ela achava que ele estava falando merda.

— Susannah me pediu para catalogar tudo para ela durante o verão. Ela me deu a chave e me jurou segredo. Eu não era fisicamente capaz de falar sobre a sala com ninguém, exceto o Covenant, até...

— Até me tornar o Covenant ontem à noite — eu disse, bufando de descrença.

Nova se aproximou dele, bloqueando nosso caminho pelos corredores vazios da escola. A maioria dos alunos tinha ido para a próxima aula, sendo que por mais que o nosso mundo inteiro tivesse sido perturbado, Hollow's Grove queria fingir que tudo estava normal.

Eu não poderia assistir às aulas como estudante quando deveria liderar o Coven. Eu simplesmente teria que aprender de outra maneira, mas ainda me sentia culpada por meus amigos estarem perdendo uma parte essencial de sua educação.

— O que você ganha com isso? — Ela perguntou, cruzando os braços sobre o peito. Seu rosto era severo e solene, enquanto ela o estudava como se já soubesse.

— Pude ler sobre as magias mais fortes do mundo — disse ele, mas o sorriso desconfortável em seu rosto fez meu corpo congelar. Ele fez um acordo com o Covenant e concordou em fazer isso por ela em troca de algo que ele queria.

— Iban, o que você fez? — Eu perguntei enquanto ele contornava Nova. Agarrei seu braço, puxando-o para parar. — O que

ela deu a você? — As possibilidades eram infinitas e nenhum dos presentes que o Covenant poderia ter oferecido era confiável. Qualquer um deles poderia ter segundas intenções.

— Você — ele disse finalmente, olhando para o chão com vergonha. Eu empalideci, um suspiro me deixando. Eu sabia que o Covenant preferia Iban como meu companheiro, mas não tinha percebido que Iban estava participando ativamente desse plano. — Ela me disse que havia outra bruxa Madizza e que ela iria estudar em Hollow's Grove no outono. Ela prometeu deixar claro para os outros machos Bray que eu havia conquistado o direito ao primeiro cortejo.

Della gemeu, esfregando as têmporas de frustração enquanto se virava e subia as escadas. Agarrando o braço de Nova, ela arrastou sua amiga com ela para nos dar privacidade, murmurando um suave “idiota” enquanto caminhava.

Considere suas palavras, repassando a linha do tempo. Nos *dias* após a morte da minha mãe, antes de o Covenant ter enviado Gray para vir me buscar, Iban estava negociando para se casar com uma mulher que ele nem conhecia. Eu esperava esse comportamento de Gray, o diabo literal em carne e osso. Considerando que, de alguma forma, eu esperava mais do homem que afirmava ser meu amigo. — Você nem me conhecia — eu disse, tentando ignorar a dor.

Eu não era ingênua o suficiente para acreditar que meu sobrenome não tivesse influenciado a forma como Iban me abordou. Eu sabia que era a única bruxa verde com quem ele poderia fazer par. Eu apenas pensei que ele estava acima de tal política e acreditei em todas as suas mentiras sobre encontrar alguém que ele amasse. — Você nunca se perguntou por que nenhum dos outros Brays se aproximou de você? Você é nossa única esperança se quisermos que nossos filhos tenham a mesma magia que nossas famílias — perguntou ele.

— Eu não pensei nada sobre isso. Seu tio me odiava, então pensei que você fosse diferente da sua família — eu disse, me afastando dele. Continuei meu caminho até a biblioteca, determinada a aproveitar a notícia de que alguém que eu considerava um amigo havia agido de forma tão egoísta. Se o que ele disse fosse verdade, os outros Brays ainda não tinham me abordado por algum motivo.

Ele reivindicou-me quando não tinha direito.

— Willow, me escute — disse ele, estendendo a mão para agarrar minha mão. Eu o sacudi, girando para ele com um olhar

furioso. Ele ergueu as mãos de forma apaziguadora, um pedido silencioso de desculpas por me tocar. Nova e Della continuaram em direção à biblioteca, deixando-nos entregues à nossa briga. — Eu não pensei nada sobre isso na época. Achei que você viria e eu teria a chance de conhecê-la antes dos outros. Se não houvesse nenhuma conexão, eu teria dito à sua avó que não estava interessado em ser escolhido como seu companheiro.

— Então por que você não disse isso a ela? Por que os outros Brays nunca se aproximaram de mim? — Eu perguntei, minha raiva alimentando minhas palavras. Fiquei muito magoada para perceber que não deveria ter feito à pergunta quando não estava pronta para a resposta.

Eu estava com muita raiva para perceber que abri a caixa de Pandora e nunca conseguiria colocar a verdade de volta.

— Porque então eu conheci você. Você veio aqui e estava... — ele parou, olhando para a janela que dava para os jardins. A vida havia retornado para eles desde que cheguei a Crystal Hollow, meu sangue era a única razão para o retorno da vibração a tudo que nos cercava. — Cheia de vida — disse ele, deixando-me saber que seus pensamentos tinham ido para o mesmo lugar que os meus. Ele olhou para mim, dando um passo mais perto, embora não ousasse me tocar.

— Iban — murmurei, fechando os olhos enquanto tentava pensar em uma maneira de desfazer isso.

— Você é linda e inteligente. Você se preocupa com as pessoas daqui mais do que com a maioria dos que passaram a vida em lutas mesquinhas pelo poder. A maioria das bruxas teria olhado para mim apenas para me avaliar como companheiro. Não tenho poder, o que significa que não tenho nada a oferecer a ninguém além de ser marido e pai. Eu escolhi essa vida, mas não parei para pensar no que estava abrindo mão fora da minha magia. As pessoas pararam de me ver — disse ele, pegando lentamente minha mão na sua. — Minha própria família parou de me tratar como se eu fosse importante para eles, mas você era diferente.

— Pare.

— Você olhou para mim e viu uma pessoa. Você olhou para mim e me viu. Você me fez perceber tudo que eu havia desistido, visto que a magia que abandonei não era nada parecida com a sua! Mas poderia ter sido se eu tivesse alguém como você para me ensinar. Você me deu esperança, Willow. Você me fez ter esperança de que um dia eu teria

uma garotinha que *sentisse* as plantas ao seu redor como você. Não estou dizendo que estou apaixonado por você. Não estou dizendo que você será a mulher com quem me casarei um dia, mas estou dizendo que não estava pronto para abandonar a esperança desse futuro só porque você foi distraída por um Receptáculo que pensei que não duraria — ele admitiu.

— Você deveria ter me contado sobre seu acordo com o Covenant — eu disse desamparadamente. A triste realidade que Iban ainda não havia enfrentado era que nenhum de nós sabia o que minha magia faria com meus filhos quando passasse.

Posso ter sido a última Madizza, mas também fui a última Hécate. Fui a primeira bruxa com mais de uma magia nas veias e não sabia o que isso significava para meus filhos. Eles herdariam ambas? Eles herdariam uma?

Iban poderia facilmente ter acabado com uma criança que invocava os mortos sendo a vida que ele tanto desejava.

— Eu deveria ter contado a você — ele concordou com um aceno sutil de cabeça. — No entanto, pensei que, pelo menos, poderia manter o resto dos Bray afastados por um tempo.

Eu sorri com uma pequena risada. — Existe isso. Para começar, nunca estive interessada em casamento.

Ele passou o dedo sobre o anel na minha mão. — Mais uma razão para se livrar do seu marido então — disse ele, me liberando para subir as escadas que levavam à biblioteca. Eu segui atrás dele, sem ousar dizer mais uma palavra.

Se me livrar do meu marido era exatamente o que eu queria, então por que pensar nisso fazia meu estômago doer?

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

WILLOW



Iban e eu entramos na biblioteca e nos encontramos com Della e Nova enquanto elas espreitavam pelas janelas. Iban tirou uma chave mestra do bolso enquanto se dirigia para uma das salas dos fundos, liderando o caminho quando nos aproximávamos. Ele olhou por cima do ombro enquanto puxava um dos livros sem identificação da estante, revelando uma fechadura escondida na parede.

Certificando-me de que não havia Receptáculos para descobrir o tesouro secreto.

Fiquei olhando fascinada enquanto ele inseria a chave, girando a fechadura lentamente. O tilintar das engrenagens de metal movendo-se umas contra as outras veio de trás da estante quando ele puxou a chave e devolveu o livro.

Della moveu-se enquanto a prateleira deslizava para frente, revelando uma passagem estreita entre ela e a parede. Iban a interrompeu, entrando e puxando uma corda. A luz encheu o espaço enquanto nós três o seguíamos e quando a prateleira deslizou de volta no lugar e nos trancou lá dentro, estremeci.

Iban não perdeu tempo examinando as lombadas dos livros enquanto Della e Nova exploravam. Passei um dedo sobre o couro, o sussurro da magia dentro daqueles livros roçando em mim. — Você pode sentir isso, não é? — Iban perguntou, puxando um livro da estante quando encontrou o que queria. Ele o colocou sobre a mesa com cuidado, folheando as páginas até encontrar uma que me chamava e fazia o mesmo na frente dele. Della e Nova demoraram mais para

explorar, retirando os livros antes que inevitavelmente os devolvessem.

— Estão todos em Latim — eu disse, abrindo o livro sobre a barganha de Charlotte e folheando a primeira página. Eram os detalhes de sua vida antes de fazer a barganha e listou os nomes dos homens que a acusaram de bruxaria.

O nome de Jonathan estava em negrito, fiquei horrorizada ao pensar no que ele fez para ganhar um lugar entre os Amaldiçoados. Ele acusou uma dúzia de mulheres antes de Charlotte, forçando-as a provar sua inocência mergulhando-as no rio.

Quando sobreviveram, ele os condenou à força.

Parecia muito diferente do gato dormindo pacificamente em minha bolsa carteiro, ronronando feliz enquanto sonhava. Deixei a bolsa cair no chão lentamente, acalmando-o, embora ele provavelmente não merecesse tal gentileza de minha parte.

Se ele nunca tivesse acusado Charlotte, nada disso teria acontecido.

A página seguinte contava a história de como ela havia ido para a floresta, toquei com um dedo a letra cursiva bem rabiscada na página. Quantos anos depois ela voltou e contou sua história, expondo-a aqui para quem veio depois dela?

— Este é o diário de Charlotte — eu disse, olhando para Iban.

Ele assentiu, olhando para ele. Ele claramente já tinha lido ou pelo menos folheado o conteúdo o suficiente para reconhecê-lo quando Della e Nova se sentaram. — Você deveria levar isso com você. Ela iria querer que você ficasse com isso.

Balancei a cabeça, deixando o diário de lado enquanto me levantava. Se eu fosse levá-lo comigo, queria encontrar algo que pudesse conter a resposta para Gray nos textos que ficariam para trás. Se Iban já tivesse lido o diário, presumi que não nos daria as respostas de que precisávamos.

— Aqui está — disse Iban, virando outra página e ficando de pé. Mudei-me para ficar atrás dele, olhando por cima do ombro enquanto ele apontava para o desenho na página. A arma na página era rústica, com um cabo esculpido em osso e encaixado em aço. Li as palavras na página, passando os olhos por elas e engolindo o protesto imediato.

Diabolus Interfectorem.

Assassino do Diabo.

— Isso os mata. Achei que estávamos procurando uma maneira de mandá-los de volta para o Inferno — falei, tentando manter a calma. Voltei para as prateleiras, folheando as lombadas enquanto ignorava o silêncio incisivo dos outros atrás de mim. Minha pulsação soou na minha cabeça, abafando todos os sons enquanto tocava os livros. As palavras ficaram confusas, a tontura tomou conta de mim ao pensar no que eles poderiam me pedir para fazer.

— Willow, você está bem? — Della perguntou, sendo a primeira a cruzar o espaço e se aproximar de mim. Ela tocou meu braço, puxando-o das prateleiras e me forçando a olhar para ela.

— Estou bem — eu disse, concentrando minha atenção novamente nas prateleiras.

— Então talvez devêssemos pelo menos ver o que Iban descobriu e o que isso exigiria — disse ela, com a voz muito gentil.

— Juliet nunca vai te perdoar se nós os matarmos — eu sussurrei, sem saber se Iban estava ciente de seu relacionamento.

O rosto dela suavizou-se. — Você me deixa me preocupar com isso. — Ela me guiou de volta à mesa, forçando-me a olhar para a adaga que fez um buraco afundar em minhas entranhas.

Lúcifer poderia ser morto.

— Iríamos infundi-la com a magia de cada casa — disse Iban, indo em direção a uma das prateleiras. Ele pegou um baú da prateleira de cima, puxou-o para baixo e colocou-o sobre a mesa. Ele abriu-o lentamente, girando-o para que pudéssemos ver a adaga dentro do estojo. Todas as criações tinham uma sensação distinta da Fonte dentro delas, e o cabo esculpido em osso deveria significar que eu sentia a magia disso dentro de mim. Mas essa adaga era diferente.

Onde deveria haver *alguma coisa*, havia apenas um vazio esperando para ser preenchido.

— É muito arriscado. Ele matará qualquer um envolvido nisso — eu disse, balançando a cabeça enquanto cruzava os braços sobre o peito.

— Não será nada arriscado, Willow — disse Iban, com o rosto suavizando. — Porque será você quem fará isso e terá apenas que ter certeza de seguir em frente.

Engoli em seco, olhando para a adaga com horror. — Mandá-lo de volta é uma coisa, matá-lo é outra completamente diferente. Eu não estou... — eu parei. Eu não podia admitir que não era forte o suficiente para ver a respiração desaparecer de seus pulmões e a luz diminuir de seus olhos. Fazer isso quebraria algo em mim, mesmo que eu não quisesse admitir.

— Meu maldito Deus — disse Iban, recuando como se eu tivesse dado um tapa nele. — Você tem sentimentos por aquele monstro?

— Eu não disse isso — eu disse, balançando a cabeça enquanto os olhos de Della se arregalavam.

— Ele esfaqueou você! Ele mentiu para você durante todo o tempo em que você o conheceu! Ele matou doze de nossas bruxas! — Ele gritou.

Levantei minhas mãos, gesticulando com elas enquanto procurava palavras para negar a acusação em seu olhar. — Você acha que eu não sei disso?! — Eu gritei de volta, pronta para arrancar meus cabelos. — Eu sei o que ele fez!

— Então como você pode ter sentimentos por ele? — Iban perguntou, e a pergunta tácita pairou entre nós. *Por que ele? Por que não eu?*

— Ele me vê — respondi, tentando ignorar a expressão magoada no rosto de Iban. — Ele me vê por inteiro e me aceita como sou. Não apenas quem ele quer que eu seja.

— Eu vejo você — Iban disse suavemente, sua voz triste enquanto suas mãos caíam ao lado do corpo.

Sorri, a tristeza em meu peito diminuindo quando levantei o queixo. — Você nem me conhece.

Iban endireitou os ombros, balançando a cabeça enquanto suas narinas dilatavam. — Você tem razão. Se você é capaz de amá-lo, então eu não te conheço de jeito nenhum. Se você quiser se livrar dele, esta é a única maneira.

— Encontre outra pessoa — eu disse, olhando para a adaga sobre a mesa e ignorando o julgamento no olhar de Iban.

— Querida — ele disse, estendendo a mão para tocar minha bochecha. A gentileza doeu mais do que sua raiva teria, como se ele pudesse ver o quão perto isso me levaria do ponto de ruptura. — Você

é a única que pode chegar perto o suficiente. Você acha que outros não tentaram seduzi-lo para encontrar uma vulnerabilidade? É só você.

Lutei contra o grunhido crescente na minha garganta, a torção dos meus lábios que mostrava que eu me importava demais. Jonathan saiu da bolsa carteiro no chão, pulou na minha cadeira e depois saltou sobre a mesa para cheirar a lâmina.

Ele sibilou, saltando para trás com a coluna arqueada.

— Podemos mandá-los de volta então. Vou abrir o selo novamente — eu disse.

— E morrer no processo? Absolutamente não — argumentou Nova de seu assento.

— Tem que haver outra maneira! — Eu gritei, estremecendo quando Jonathan girou e se aproximou da borda da mesa, esfregando sua cabeça contra o meu lado.

— Não há — disse Iban.

— Willow, se você não consegue fazer isso, está tudo bem. Encontraremos uma maneira de coexistir por enquanto, sempre poderemos fazer isso depois que você tiver tempo para pensar sobre isso — disse Della, com voz esperançosa. Por mais que ela tentasse fingir que o conflito que isso causava com Juliet não iria rasgá-la em duas, eu sabia que iria.

— Ele não pode ficar aqui, Del. Cada dia que passo com ele é...

— Outro dia ele passa te irritando — disse ela, com compreensão em seu rosto enquanto tirava a adaga da caixa. Ela girou-a na mão, levantando-se e aproximando-se do outro lado da mesa. Ela parou ao meu lado, segurando a lâmina nas palmas das mãos estendidas. — Então você tem que fazer uma escolha.

Engoli em seco, respirando fundo enquanto seu olhar frio segurava o meu. Meu lábio inferior tremia com a raiva que eu continha, mas fiz a única coisa que poderia fazer se quisesse fazer o que era certo.

Eu peguei a adaga.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

WILLOW



Della e Nova saíram primeiro da biblioteca, deixando Iban colocar os livros de volta em seus lugares. A adaga estava em um bolso externo da minha bolsa carteiro, cuidadosamente inclinada para evitar Jonathan enquanto eu a colocava no ombro. Ele se enrolou no lado totalmente oposto da bolsa, rosnando enquanto eu a movia.

Não me preocupei em me despedir de Iban enquanto saía pela pequena fenda entre a prateleira e a parede onde Nova a havia aberto, precisando de tempo para processar tudo o que havia acontecido.

E o que eu concordei em fazer, mas não consegui.

Mesmo sabendo que era a coisa certa a fazer, não achei que seria capaz de matar Gray sozinha. Balancei a cabeça enquanto caminhava pelo corredor em direção à escada, quebrando a cabeça freneticamente em busca de uma alternativa. Tinha que haver outra pessoa.

Alguém mais.

— Willow, espere! — Iban chamou, saindo correndo da biblioteca atrás de mim. Fiz uma pausa, embora não quisesse nada além de chegar aos jardins abaixo, enterrar as mãos na terra e sentir a terra. Eu precisava do lembrete de que havia algo mais em mim. Que me foi permitido ter sentimentos e pensamentos próprios, apesar do que o mundo parecia pensar.

— O que você quer? — Perguntei, girando para imobilizá-lo com um olhar que transmitia todo o desespero que sentia.

Ele ajeitou sua bolsa no ombro, sorrindo tristemente com o que viu em meu rosto. Ele não parou de empurrar enquanto continuava a invadir meu espaço e se aproximar mais um passo. Em qualquer outra situação, a proximidade poderia ter sido um conforto, mas em vez disso parecia sufocante. — Você está fazendo a coisa certa — disse ele, com a voz calma. Eu senti isso como um galho quebrando entre nós, o estalo em meu coração ecoando pelo espaço até que eu não consegui conter meu bufo indignado.

— Mas será que estou? — Eu perguntei, observando enquanto o horror fazia aquele sorriso gentil desaparecer de seu rosto em confusão. Alguns alunos passaram por nós, entrando na biblioteca com os olhos voltados para baixo, evitando olhar em minha direção. Eu passei de pária a responsável, mas nada mudaria o julgamento e o medo que vinha das bruxas devido à minha conexão com Gray.

— O que você está falando? — Iban perguntou, aproximando-se. Recuei, balançando a cabeça e levantando a mão para mostrar a ele que precisava que ele mantivesse distância.

— O que exatamente estou lutando para proteger aqui? Pessoas que nunca me aceitarão? — Eu perguntei, acenando com a mão quando a porta da biblioteca bateu atrás das bruxas. Iban e eu estávamos sozinhos novamente, o silêncio das paredes de pedra pressionando-me e os meus pés muito distantes da terra abaixo.

Parecia uma tempestade assolando meu sangue, como se eu estivesse a dois minutos de uma catástrofe que engoliria Hollow's Grove com raiva.

— Apenas dê-lhes tempo. Se você fizer isso, eles irão adorar você — disse Iban com uma risada. Ele achou engraçado, mas nós dois sabíamos que era verdade. Um ato de serviço para conquistar o carinho de pessoas que poderiam ter sido minha família em outra vida.

Outro teste para provar meu valor para pessoas que deveriam me amar.

Meus lábios pressionaram firmemente, o ranger dos meus dentes fazendo minha cabeça latejar. — Willow... — Iban disse, parecendo perceber que havia dito algo errado.

— Alguma vez lhe ocorreu que talvez, apenas talvez, eu mereça ser aceita por quem sou e não pelo que tenho a oferecer? — Eu perguntei, dando outro passo para trás dele. Pelo menos Gray não fingiu ser inocente e assumiu suas ações. Eu precisava da distância

para não fazer algo de que me arrependesse, como atacar com a magia que cobria minha pele de raiva. Até Jonathan miou, enfiando a cabeça para fora da minha bolsa e olhando para mim em alerta. — Pela primeira vez, eu gostaria de poder fazer algo por mim mesma, e não porque a porra do Coven depende de mim para consertar essa merda.

— Eu conheço você. Você não *o* quer. Você está confusa, eu entendo isso. Ele é um mestre manipulador, querida. Ele sabe exatamente o que dizer para fazer você virar as costas para tudo que é importante para você. Isso é mais uma razão para você lutar, para se libertar dele. Especialmente porque nós dois sabemos que ele nunca vai deixar você ir enquanto estiver aqui — disse Iban, apoiando o ombro na parede de pedra.

Olhei para a pequena janela no topo da escada, olhando para a floresta com a lembrança do acordo que havíamos feito. Enquanto ele permanecesse, eu nunca estaria livre deste lugar.

— Você não sabe disso — eu disse, encolhendo os ombros. — Ele poderia ficar entediado.

— Ele não vai — Iban disse enquanto meus ombros caíam no lugar. O desânimo substituiu a raiva, sabendo que não importa o que eu fizesse, teria que escolher entre o Coven e Gray. Eu não poderia ter os dois, não se quisesse que o Coven me valorizasse da mesma forma que queria ser valorizada.

Talvez Gray e eu não fôssemos tão diferentes no final, pois a tristeza que pairava em meu peito não era porque eu nunca poderia deixar Crystal Hollow.

Era porque eu só queria um lugar para chamar de lar... um lugar ao qual pertencer.

Iban se aproximou, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Seus dedos roçaram minha pele, o calor deles me deixando muito consciente do frio que tomou conta de mim. — Eu não faria isso — disse ele, com a voz triste.

Eu afastei seu toque, olhando para ele em advertência. Suas palavras eram uma manipulação silenciosa, brincando comigo quando sabia que eu estava vulnerável. Minha opinião sobre ele caiu ainda mais, engoli em seco enquanto me concentrava em não pensar naquela perda, além da dor potencial que já estava diante de mim se eu assassinasse meu marido a sangue frio.

— Não é justo — admiti, balançando a cabeça e cruzando os braços sobre o peito. — Por que tem que ser eu? Por que sou *sempre* eu?

— Eu sei que não é justo. Eu tiraria isso de você se pudesse, mas... — ele parou.

— Eu sei — eu disse, franzindo os lábios.

Eu não tinha dúvidas de que Iban estaria mais do que disposto a cravar a lâmina no coração de Gray, acabando com sua vida e me libertando. Talvez eu não estivesse muito familiarizada com os pensamentos dos homens, embora não fosse preciso ser um gênio para presumir que via o benefício em livrar o mundo de Gray por mais de um motivo.

Um deles era egoísta. O outro não era.

— Acho que deveria ficar com a adaga por enquanto — disse Iban, enfiando a mão na bolsa pendurada do meu lado. Coloquei minha mão sobre a dele, meu instinto natural me dizendo para manter o objeto poderoso ao meu alcance. — Não terminaria bem se Gray descobrisse antes que tivéssemos a chance de concretizar isso contra ele. — Mesmo que suas palavras fizessem sentido, eu não conseguia tirar a bolsa de onde ele havia deslizado a mão. — É inútil sem você, Willow. Precisamos que você concretize com sua magia para que funcione — disse Iban, suas palavras tranquilizando e afastando a culpa que me incomodava.

Afastei as suspeitas, percebendo a verdade daquela afirmação e soltando um suspiro. Assentindo, puxei minha mão para trás e permiti que ele colocasse a lâmina em sua bolsa discretamente. A troca nos colocou muito perto, seu rosto inclinado sobre o meu enquanto ele se inclinava contra a parede.

A respiração engatou em meus pulmões quando ele abaixou a cabeça lentamente, seus olhos escurecendo enquanto eu simplesmente olhava para ele. Ele se movia em um ritmo vagaroso, com os olhos cheios de perguntas e esperando pela rejeição que eu não conseguia dar.

Eu precisava saber se a compulsão de Gray ainda me mantinha prisioneira, se isso era parte do motivo pelo qual eu reagi a ele daquele jeito. Se eu sentisse algo com Iban, saberia que era uma atração genuína.

Sua boca tocou a minha suavemente, o toque mais suave da pele e apenas um sussurro de beijo. Fiquei perfeitamente imóvel, sem ousar me mover por medo do que meu instinto me dizia.

Eu precisava saber.

A ponta do seu nariz roçou no meu enquanto ele se inclinava, uma carícia afetuosa que parecia errada. Ele pressionou seus lábios nos meus com mais firmeza, sua mão deslizando sob a cortina do meu cabelo escuro para segurar meu queixo e me manter imóvel. Deixei meus olhos se fecharem, bloqueando a visão do rosto do homem que o mundo gostaria que eu escolhesse. Eu não suportava olhar para ele, arrancando a verdade que me encarava.

Somente quando fechei os olhos, tudo que vi foi a imagem do sorriso arrogante de Gray olhando para mim. Tudo o que senti foi a carícia suave de sua boca na minha, a maneira como ele me abria e me forçava a dar tudo.

A boca de Iban era muito gentil, muito persuasiva, enquanto ele tentava me trazer à superfície. Não havia batalha ou guerra em seu toque, apenas doçura onde eu queria paixão.

Recuei, batendo a cabeça na parede atrás de mim enquanto separava minha boca da dele. Cobri a boca com a mão, abrindo os olhos para observar a abertura de Iban muito mais lentamente. — Willow — disse ele, com a voz baixa e rouca. Ele parecia totalmente inconsciente do meu desinteresse, como se tivesse experimentado um beijo totalmente diferente.

— Isso foi um erro — eu disse, rapidamente me livrando do estresse enquanto limpava freneticamente os lábios nas costas da mão. Deslizando entre Iban e a parede, corri em direção às escadas e fugi para os jardins.

— Ele não merece sua lealdade! — Iban gritou, mas não havia raiva nas palavras. Apenas a pontada desanimada da rejeição.

Ainda assim, fiquei irritada apenas com o julgamento da declaração. — Você está certo. No entanto, se formos completamente honestos? — Eu perguntei, balançando a cabeça em concordância. — Nem você.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

GRAY



Willow desceu as escadas apressadamente, fugindo da cena de sua indiscrição. Não deveria ter me incomodado que ela tivesse permitido que ele a tocasse por um tempo tão limitado, não quando o resultado final foi exatamente o que eu queria.

Ela não foi capaz de aguentar o beijo dele, sabendo que eu era o único que deveria colocar os lábios nela.

Eu não conseguia nem ficar com raiva dela, porque eu a entendia melhor do que ninguém. Ela queria encontrar algo para si mesma, queria lutar contra o destino que determinara sua vida muito antes de ela nascer. Ela não tinha experiência suficiente para saber que era inútil, que não havia como lutar contra o tipo de conexão que tínhamos.

Saí do corredor onde assisti ao final da conversa deles, tendo ido em busca de minha esposa errante para ver como ela estava. Eu a encontrei tendo uma discussão tranquila com Iban, a postura do corpo dele e a cabeça pendurada sobre a dela deixaram muito pouco para a imaginação.

A minha parte furiosa queria interceder imediatamente, mas a outra parte precisava ver isso. Eu precisava saber como Willow se comportava quando ela pensava que eu não a estava observando, para ter certeza de que não estava imaginando o carinho que ela demonstrou por mim nos últimos dois dias.

Enfiei as mãos nos bolsos enquanto Iban se virava para olhar para mim, suas narinas dilatadas ao perceber que eu tinha visto sua humilhação. — Presumo que não saiu como planejado? — Perguntei.

Ele cerrou os dentes, sem dúvida lutando contra a vontade de me dar um soco na cara. Não terminaria bem para o homem humano, ele tinha que saber quando estava em desvantagem.

— Você é um bastardo por fazer isso com ela — disse ele, direcionando seu olhar para Willow enquanto ela descia correndo a escada em espiral, alheia à altercação que acontecia acima dela.

— Por fazer o que com ela, exatamente? Estar ao lado dela quando ela chora? — Eu perguntei, sem fazer nenhum movimento para tocá-lo. Apenas deixando sua própria vergonha deixá-lo secar. Nada que eu pudesse fazer a ele iria doer tanto quanto o que Willow já havia conseguido, escolhendo um bastardo como eu em vez do homem que a faria acreditar que ele era moralmente superior. — Ou foi a parte em que ela grita meu nome todas as noites, enquanto ela não consegue nem tolerar um beijo patético seu?

— É por isso que você não a merece — ele cuspiu, sua expressão enojada. — Eu nunca falaria dela desse jeito.

Inclinei-me para frente, abaixando-me um pouco mais perto do nível dele. Iban não era baixo, mas também era mais baixo que eu em sua forma humana, totalmente frágil e fraco. — Isso é fofo, mas tem muito mais a ver com você não ter a capacidade de agradá-la do que com qualquer integridade moral.

— Acho que descobriremos quando ela finalmente te expulsar — disse ele. Inclinei a cabeça, olhando para ele enquanto me mantinha ereto.

Eu não pude evitar a risada suave que retumbou em meu peito, minha diversão com sua resposta inconsciente aumentando. — O que exatamente você acha que aconteceu aqui?

— Você viu o que aconteceu. Precisa que eu explique para você? — Ele perguntou, cruzando os braços e ficando mais ereto. — Ela me deixou beijá-la e então fugiu de mim por causa do que isso a fez sentir. É apenas uma questão de tempo até que ela queira mais do que você pode dar a ela — disse ele.

Se eu já não tivesse uma opinião terrível sobre ele, o fato de ele não ter demonstrado nenhuma preocupação com o que eu poderia fazer a Willow em retribuição se eu realmente acreditasse em suas palavras solidificou isso.

Balancei a cabeça em concordância porque, em teoria, ele estava certo. Do jeito que ele me via, eu tinha certeza que ele pensava que

Willow algum dia iria querer uma vida real... uma família própria e um lugar onde ela pudesse trazer Ash e criá-lo com segurança.

Iban não tinha como saber que não havia *nada* que eu não daria a Willow, incluindo um legado que se estenderia por toda a história.

— Talvez você esteja certo, embora você seja um idiota se acha que ela algum dia recorrerá a você — eu disse, virando as costas para ele e indo seguir minha feiticeira.

Ela estava quase chegando ao fim da escada quando desci da biblioteca pela primeira vez. Eu sabia exatamente onde ela iria depois de algo assim. Ela não se sentiria confortável em recorrer a mim quando pensasse que tinha me ofendido, então recorreria à única outra coisa em que podia confiar.

Seus jardins.

Eu transaria com ela para lembrá-la exatamente onde ela pertencia, presa entre mim e a terra.

— Você vai matá-la, porra, se não deixá-la ir — disse Iban, suas palavras me paralisando no lugar. Eu não era um idiota, não tinha dúvidas de que o Coven ainda esperava me tirar completamente da situação, exceto que Willow deveria ter conquistado a lealdade deles com a verdade que ela lhes deu na noite anterior.

— O que você acabou de me dizer? — Perguntei, dando aquele único passo até o chão da biblioteca.

— Você se preocupa com ela, em qualquer nível que você seja capaz. Eu já vi isso — disse Iban, engolindo em seco enquanto olhava para mim.

Apertei os lábios, olhando para o corrimão, pensativo. — Ela é minha esposa — eu disse, sem responder à sua pergunta não feita. Ele não precisava saber até onde eu iria para mantê-la segura, pois isso não importava.

A única coisa que eu nunca faria seria deixá-la ir.

— Eu me importo com Willow, e até eu sei que usá-la é a melhor maneira de machucar você. Um dia, você vai irritar alguém o suficiente para que ele a use, será tudo culpa sua quando eles a matarem para fazer você sangrar — disse Iban, sem entender o quão verdadeiras eram suas palavras.

Willow e eu estávamos conectados em mais de um aspecto.

— Quantos outros suspeitam que eu a amo? — Eu perguntei, observando como seu desgosto e confusão flutuavam em seu rosto em igual medida.

— Amor? — Ele zombou, o sorriso transformando seu rosto. — Você não é capaz de amar. Eu sou o único que sabe que ela é mais que um troféu para você.

Assenti, batendo a mão no ombro de Iban. Ele se encolheu, mas eu o segurei firme enquanto sorria para ele. A arrogância fugiu de seu rosto, percebendo que havia caído em algum tipo de armadilha.

— Bom — eu disse simplesmente, aproveitando um momento para me deleitar com o medo em seu rosto.

Foi de curta duração.

Com um único e firme empurrão, empurrei Iban por cima do parapeito.

E então eu o vi cair.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

WILLOW

Willow

Parei no final da escada, olhando confusa para a porta enquanto alguém gritava.

O som parecia me cercar, eu não conseguia identificar de onde vinha quando me virei e olhei ao meu redor. Não havia ninguém para ser encontrado. Todos os alunos foram trancados em suas aulas durante o dia.

— Que porra é essa? — Sussurrei para mim mesma, me perguntando se de alguma forma me encontrei presa em outra visão. Olhei de volta para a biblioteca de onde vim, me perguntando se de alguma forma havia imaginado todo o momento com Iban.

Os olhos dourados de Lúcifer olharam para mim do alto da grade, penetrando na escuridão enquanto algo despencava em minha direção.

Porra.

Movi-me, correndo para o centro do átrio. Reconheci as roupas balançando ao vento, mesmo com Iban de costas para mim. Ele caiu em direção ao chão de pedra mais rápido do que parecia possível, colocando uma energia frenética em minhas veias.

Procurei em volta algo para usar, o desespero me impulsionando para frente enquanto Iban caía cada vez mais perto do chão. Se ele acertasse a pedra no fundo, não haveria a menor chance de sobreviver.

Levantando um pé, pisei na pedra da mesma forma que Charlotte fez quando enterrou meu pai vivo. Ela quebrou sob meus pés, permitindo-me enfiar as mãos na terra por baixo. O musgo cresceu, espalhando-se da terra num frenesi enquanto eu empurrava tudo o que tinha naquela terra.

Ela atendeu ao chamado, criando uma cama macia na qual Iban caiu. Ele quicou na superfície, aterrissando novamente com um baque e depois quicando na lateral. Seu rosto bateu contra a pedra, o som me fazendo estremecer enquanto contornava o musgo. Ele retornou à terra muito mais lentamente, rastejando de volta ao lugar de onde eu o convoquei. Ajoelhei-me ao lado de Iban, virando-o lentamente de costas e olhando para o sangue escorrendo de seu nariz.

Ele empurrou minhas mãos com um gemido, sentando-se lentamente enquanto olhava para mim. Olhei para trás e vi Gray olhando para nós, não tive dúvidas de que ele não esperava que eu ainda estivesse no pé daquela escada. Não consegui explicar o que me fez parar, por que não fui imediatamente para os jardins.

Algo me levou a encontrar Gray, presumi que era minha própria culpa pelo que permiti que acontecesse. Eu poderia não ter escolhido o que quer que estivesse acontecendo entre Gray e eu, mas a ideia dele beijando outra mulher me tornava uma assassina.

Eu só podia imaginar como ele se sentia em relação ao que havia acontecido, quando bateu duas vezes no corrimão e se virou, indo em direção às escadas, não tive a menor dúvida de que ele sabia exatamente o que havia acontecido.

Porra.

— Você está bem? — Perguntei finalmente a Iban, voltando minha atenção para ele.

Ele se esforçou para ficar de pé, segurando o nariz quebrado. — Eu vou ficar bem — disse ele, movendo os dedos pelo rosto.

— Deixe-me — eu disse, pegando o musgo no chão. Agarrei um punhado dele, levantando-o em direção ao seu rosto.

— Você já fez o suficiente. — Iban retrucou, fazendo-me recuar quando deixei cair o musgo no chão. Assim que ele recuou para baixo da pedra, desenhei um círculo com meu sapato e observei a pedra se endireitar novamente.

— Você sabia o que estava arriscando quando me beijou — eu disse, levantando a sobancelha. Só um tolo não acreditaria que iria provocar a ira do meu marido quando me tocasse, Iban era muitas coisas, mas não era um completo idiota. Ele apenas pensou que não seria pego.

Iban zombou, deixando cair a mão. Quando seu lábio se curvou em uma careta cruel, uma nova gota de sangue deslizou sobre seu lábio inferior. — Sim, eu apenas pensei que valeria a pena.

Ele se virou, colocando a bolsa no ombro. Enfiando a mão nela e vasculhando, seus ombros caíram de alívio. Essa era a confirmação que eu precisava sobre a adaga, pelo menos. Dirigindo-se para a família que ele sabia que iria curá-lo sem quaisquer complicações que surgiram comigo, ele fugiu do local. Eu ignorei a dor de suas palavras, por mais

idiotas que pudessem ter sido, entendendo que elas vieram de um lugar de medo e raiva.

Eu tinha dito e feito coisas piores em minha própria dor e na recusa em reconhecê-lo, mas estaria mentindo para mim mesma se não admitisse que a parte mais mesquinha de mim odiava a falta de apreciação pelo fato de *eu ter salvado sua vida*.

Isso aconteceria mais tarde, quando ele percebesse o quão perto da morte estivera e a adrenalina diminuísse.

Virei-me, abandonando minha jornada até os jardins em favor do confronto que me esperava nos cômodos que Gray e eu dividíamos. Por mais que eu estivesse tentando me infiltrar sob sua pele, isso não poderia ficar sem resposta.

Os alunos deixaram suas aulas enquanto eu caminhava em direção ao escritório e quarto de Gray, passando por eles e indo na direção oposta. Ele deveria ter dado uma aula própria até concordar com um substituto, mas seu último período do dia já foi ocupado pelas novas bruxas que foram trazidas este ano.

Antes que ele as massacrasse.

Minha raiva aumentou quando empurrei a porta e o encontrei parado perto da janela com o uísque na mão. Ele tirou o paletó, jogando-o no encosto do sofá enquanto esperava por mim. As palavras de Iban me afetaram mais do que eu queria admitir. Essa dor, combinada com a maneira como Gray me traiu e agora tentava matar alguém que eu considerava um amigo, era inaceitável, independentemente do evento desencadeador.

Bati a porta atrás de mim, entrando na sala e cruzando os braços sobre o peito. Gray virou seu corpo para me encarar, arqueando uma sobrancelha em impaciência. — Bem? Vamos ouvir então — disse ele, a completa falta de remorso me atingindo muito mais do que qualquer argumento que ele pudesse ter oferecido.

Ele não se importou.

Ele não fez isso com raiva ou fúria, mas tomou uma decisão fria e calculada. Meus braços caíram para os lados enquanto eu ria incrédula, balançando a cabeça e me virando para o quarto.

Eu teria entendido que suas ações vinham de traição. Eu teria entendido a raiva e a fúria quando ele olhou para mim depois do que

fiz, mas isso era diferente. Este foi apenas mais um passo em um plano mestre que eu não conhecia.

E eu não queria nenhuma porra de parte nisso.

Fui até a cômoda, juntei uma braçada de roupas e joguei-as na cama. Então fui até o armário, procurando por uma bolsa para enfiá-las enquanto Gray bloqueava a porta. — O que você está fazendo, Feiticeira?

— Como é? Não vou mais ficar aqui — gritei do armário, voltando para deixar a bolsa na cama. As roupas foram desdobradas quando eu as peguei novamente, jogando-as na mochila o mais rápido que pude.

— Caramba, você não está — Gray argumentou, estufando o peito como se para provar que ele bloqueou a única porta de saída. Jonathan saiu correndo da minha bolsa enquanto eu a colocava na cama, correndo para a sala como o covarde que era.

— Você tentou matar meu amigo — eu disse, virando-me para encará-lo. — Eu sabia que você era um assassino, mas pensei que você pelo menos pouparia as pessoas de quem eu gostava depois do que você disse na floresta naquele dia.

Ele tensionou a mandíbula, endireitando ainda mais o corpo enquanto dava um passo em minha direção. — Você beija todos os seus amigos assim?

— Talvez eu faça — eu disse, inclinando-me em seu rosto. — Que diferença faria se eu fizesse isso? Sua compulsão significa que eu não posso nem aproveitar isso, seu idiota.

Gray parou por um momento, examinando meu rosto antes de sorrir amplamente. Sua risada era zombeteira quando ele diminuiu a distância entre nós, parando apenas quando preencheu minha visão e destruiu tudo, menos ele. — Você morreu, amor. Eu trouxe você de volta usando meu próprio sangue e magia. Não há mais compulsão.

Olhei para ele, franzindo a testa enquanto considerava o impensável. — Você está mentindo.

— Minha magia não pode funcionar contra você agora porque você tem a mesma magia em suas veias. Simplesmente não está interessado nele — disse Gray, dando mais um passo em minha direção. O comprimento de seu corpo pressionado contra o meu, me deixando sem escolha a não ser olhar para ele quando ele segurou

minha bochecha. A gentileza com que ele me tocou foi uma oposição tão direta à forma como ele deve ter lidado com Iban que me fez estremecer. — Você não pode estar interessado nele quando eu já tenho seu coração.

— Você não tem — eu respondi, recuando e colocando distância entre nós. — Só um monstro jogaria um homem por cima da grade porque se atreveu a me beijar. Não sou como você e não vou desperdiçar meu amor com um homem como esse.

— Você é minha esposa — disse Gray, torcendo a cabeça com frustração enquanto passava a língua pelos dentes inferiores. — Farei o que quiser com qualquer um que tocar em você. Talvez seja sensato você interpretar isso como um aviso e garantir que isso nunca aconteça novamente. Mas quero que você saiba que não o abordei com a intenção de matá-lo. Ficou claro para mim que você não gostou, e fiquei contente em deixar sua rejeição ser um castigo suficiente.

— Realmente? — Eu perguntei, cruzando os braços sobre o peito. — Porque acho isso muito difícil de acreditar.

— Eu também sabia que você provavelmente acharia difícil me perdoar por matá-lo na hora, não me importei particularmente em lidar com você fingindo que não queria ficar comigo até que o fizesse — explicou ele. Virei-me para sentar na beira da cama, olhando para ele confusa.

— Mas você o jogou por cima da grade — eu disse, afirmando o óbvio. Não combinava com a história dele.

— Ele poderia ter mencionado que se soubesse que eu me importava com você, outros também o fariam. Ele disse que qualquer um com meio cérebro iria juntar tudo e usar você como minha fraqueza para chegar até mim. Ele disse que eu faria com que você fosse morta. — Gray explicou, encostando-se na cômoda em frente à cama.

— Ele estava errado? — Eu perguntei, olhando para o homem que de alguma forma sobreviveu por séculos, mas tinha a inteligência emocional de um recém-nascido que tinha um ataque sempre que não conseguia o que queria.

— Eu não disse isso.

— Então você o jogou por cima da grade porque ele disse algo que você não gostou? Mesmo sendo verdade? — Eu perguntei, abrindo

a gaveta da mesa de cabeceira e enfiando o carregador do meu telefone na mochila.

Gray encolheu os ombros, seu sorriso indicando que não via nada de errado em suas ações. — Eu matei por menos...

O humor em sua voz não deveria ter me feito rir, mas o humor distorcido me atingiu. Cobri minha boca com a mão para esconder meu sorriso, ignorando o frio na barriga quando olhei para Gray e vi o sorriso lindo e doloroso que aqueceu seu rosto.

Absolutamente não. Eu não foderia o assassino.

Ele se levantou, vindo em minha direção com um sorriso enquanto eu lutava para afundar novamente na minha raiva. Eu ainda estava furiosa por ele ter pensado que era apropriado matar alguém, muito menos um amigo meu. O pensamento de que poderia ser Della, Margot ou Nova foi o que finalmente fez o sorriso desaparecer do meu rosto, minha raiva retornando quando ele parou na minha frente.

Ele deslizou os dedos sob meu queixo, inclinando meu rosto para olhar para ele. — Acho que você gosta da ideia de eu estar tão consumido pelo ciúme que mataria qualquer um por você, então deixe-me deixar uma coisa bem clara para você. Não importa se ele é seu amigo ou não, a próxima pessoa que você deixar tocar em você morrerá pelas minhas mãos, e eu farei com que ele sofra.

— Às vezes eu acho que você quer que eu te odeie — eu disse, minha voz pesada com advertência enquanto me levantava. Passei por ele, ignorando a maneira como meu corpo deslizava contra o dele enquanto me movia para pegar mais roupas na cômoda.

— Isso é porque às vezes você precisa de mim para distraí-la das emoções que você ainda não está pronta para processar, Feiticeira. Você tem que me odiar agora, porque nós dois sabemos que se você pode me perdoar por isso, você pode me perdoar por qualquer coisa — ele disse.

Eu zombei, balançando a cabeça diante de sua arrogância. — Eu não te perdoo. Eu não te perdoo por nada disso — eu rebati, pegando minha mochila e bolsa carteiro. Fui até a porta, afastando-me dele com passos seguros.

A pior parte é que era verdade, ele e eu sabíamos disso. *Isso era imperdoável.*

E eu ri.

Gray me agarrou pelo braço, me girando de volta para encará-lo enquanto as bolsas deslizavam até nossos pés. Uma explosão de ar irrompeu pelo quarto enquanto ele me movia, batendo a porta do nosso quarto enquanto sua boca batia na minha.

Foi uma conquista brutal, uma posse, quando ele agarrou meu rosto com a mão e me abriu para seu ataque. Eu gemi, soltando as alças da minha bolsa para empurrar seu peito. A magia distinta do ar roçou minha pele, uma brisa forte o fez recuar um passo enquanto ele inclinava a cabeça para o lado e olhava para mim.

Olhei para minhas mãos com horror, a compreensão me ocorreu enquanto Gray sorria com pura satisfação masculina. Ele me deu parte dele: seu sangue, sua magia.

O mesmo que ele deu ao Covenant.

Não importava que Susannah fosse uma Madizza, ela possuía a magia de todos os legados para que fosse imparcial com qualquer elemento.

— Aí está minha bruxinha malvada — disse Gray, dando um único passo em minha direção. Desta vez, quando ele me alcançou, eu o encontrei no meio do caminho. Minha boca bateu contra a dele enquanto eu agarrava o tecido de sua camisa, eventualmente, rasguei-a com as unhas.

Gray gemeu quando eu raspei sua pele, deixando vergões vermelhos em meu rastro até que finalmente tirei a pele dele. Ele puxou minha camisa pela cabeça, jogando-a para o lado enquanto eu desabotoava o sutiã e o deixava cair no chão. Sua boca estava na minha novamente, sua mão enterrada em meu cabelo enquanto eu lutava com a fivela de seu cinto e abria o zíper de sua braguilha, nem mesmo me importando o suficiente para tirar sua calça antes de direcionar minha atenção para a minha. Eu as empurrei para baixo, tirando as botas e lutando para nunca deixá-lo tirar a boca da minha.

Ele se virou, me agarrando pelos quadris e me jogando na cama. Eu pulei uma vez antes de me acomodar nos travesseiros. Os olhos de Gray em mim aqueceram meu corpo enquanto ele tirava minhas calças dos tornozelos, levando minha calcinha com ela antes de montar em minha cintura e prender minhas mãos ao lado da minha cabeça. As rosas que eu mantinha na minha mesa de cabeceira floresceram, crescendo como uma videira espinhosa que se espalhava dela.

Havia apenas um problema. Pela primeira vez, não era eu quem estava no controle.

— Gray — eu sussurrei, voltando minha atenção para ele enquanto ele me segurava imóvel. A videira se enrolou nas colunas da cama, apertando-se antes de se estender em minha direção e envolver meus pulsos. Elas se posicionaram com cuidado, aninhando a ameaça dos espinhos na minha pele. Eu só senti o aperto delas quando me mexi quando Gray me soltou, inclinando-se para trás para olhar para mim.

Ele se levantou, tirando as calças e deixando aquele olhar quente percorrer meu corpo. Eu senti isso como uma carícia, o doce toque de ar passando pela minha pele vindo diretamente dele. Meus mamilos endureceram contra a brisa fresca, o roçar entre minhas pernas me forçando a fechá-las.

Gray riu enquanto batia no topo das minhas coxas, a picada me fazendo sacudir tanto que os espinhos perfuraram minha carne. Ele sorriu enquanto se inclinava sobre mim, lambendo o sangue da minha pele com um gemido.

Eu me perguntei se ele sentia falta disso ou se gostava de não ter necessidade disso. Um homem como Gray não gostava de depender de nada nem de ninguém. Eu sabia disso, pois também não.

Ele sorriu maliciosamente para mim, formulando seu plano.

Eu estava tão ferrada.

CAPÍTULO VINTE E SETE

GRAY



O gosto do sangue dela na minha língua me fez querer ficar selvagem. Eu queria mais, queria provar sempre. Posso não ter mais as presas ou os desejos físicos, mas isso não significava que não desejasse a intimidade que isso trazia com minha feiticeira.

Eu montei em seu peito, agarrando meu pau e guiando-o até seus lábios. Ela os apertou firmemente, o desafio brilhando naquele olhar desafiador. Ela ainda estava com muita raiva de mim, mas também não podia negar a necessidade que sentia. A violência da dança entre nós significava que poderíamos simultaneamente querer sangrar um ao outro e querer foder; duas tempestades opostas colidindo.

Só tínhamos que torcer para permanecermos depois da chuva.

— Abra a porra da sua boca, Feiticeira. Não é meu sangue que você vai beber desta vez — eu disse, sorrindo enquanto seus olhos se arregalavam. Ela abriu a boca para me xingar e eu aproveitei a oportunidade para entrar. Willow resmungou perto da cabeça do meu pau enquanto eu empurrava para o fundo de sua garganta, deslizando a mão sob sua cabeça e inclinando seu pescoço no travesseiro para que eu pudesse ir mais fundo.

Ela murmurou, lutando para pronunciar as palavras. Eu não permiti isso, nunca me retirando totalmente do refúgio de seu calor enquanto fodia seu rosto. Eu não precisei ouvir as palavras para saber o que ela disse, o brilho em seus olhos só serviu para deixar meu pau mais duro.

Seu maldito idiota.

Estava escrito em seu rosto.

Empurrei mais fundo em sua garganta, não lhe dando a oportunidade de engolir em volta de mim. Ela engasgou, seus olhos lacrimejando enquanto o olhar se aprofundava. — Não finja que sua boceta não estará encharcada quando eu lhe der minha boca, meu amor — eu disse, minha voz repreendendo enquanto Willow engolia em seco e me deixava entrar.

Movi-me em estocadas sem pressa, sendo mais gentil do que seria se a tivesse colocado de joelhos na minha frente por causa do ângulo.

Ela estava à minha mercê porque queria estar, não importa o que ela tentasse argumentar. A coisa tortuosa foi uma droga quando eu puxei para fora de sua garganta, permitindo que ela respirasse.

— Porra — eu gemi, a sensação de ela pegar o que queria o suficiente para me atormentar. Desejei poder sentir as unhas dela cavando na minha bunda, senti-la me puxando cada vez mais para dentro dela. Em vez disso, me conformei com pouco, deixando-a fazer sua mágica com a língua até que eu ultrapassasse o limite.

Bati a palma da mão contra a parede, inclinando-me para frente enquanto Willow chupava até eu gozar. Ela manteve os olhos nos meus enquanto engolia em seco, deixando-me mover dentro de sua boca até terminar.

Ela ainda estava fervendo de raiva quando eu saí de sua boca, olhando para a boca vermelha e inchada e deslizando pelo seu corpo. Eu me acomodei entre seus quadris, meu pau amolecido pressionando contra seu calor úmido.

— Viu? Você está encharcada — eu disse, dando um beijo prolongado em sua boca antes de passar um dedo entre o vale de seus seios. Com minhas necessidades imediatas saciadas, aproveitei para desenhar círculos ao redor de seus seios e mamilos, observando enquanto arrepios aumentavam ao longo de sua pele.

— Não seja um idiota — ela sibilou, se contorcendo sob meu toque.

— Eu nunca faria isso — eu disse, fingindo insulto enquanto me inclinava para frente, puxando seu mamilo em minha boca e mordendo-o levemente. Ela arqueou as costas debaixo de mim enquanto eu segurava seu outro seio com a mão, a carne ampla se espalhando enquanto eu apertava.

Aproveitei cada segundo enquanto beijava cada centímetro de seu peito e barriga, explorando cada declive e vale e guardando-os na memória. Passei mais tempo em suas costelas, concentrando-me no local onde a esfaqueei para libertar a costela de Charlotte. Sua respiração engatou como se ela soubesse exatamente o que eu estava fazendo, e não perdi a mudança em sua respiração ou sua raiva.

Esta não era a raiva da justiça, mas a raiva que vinha de feridas profundas e purulentas que não cicatrizariam até que ela me permitisse acalmá-las. Eu poderia ter feito o que tinha que fazer para garantir que ela saísse viva do outro lado, mas Willow nunca esqueceria que eu poderia simplesmente ter escolhido não fazer isso.

Com o tempo, ela compreenderia que era necessário que tivéssemos um futuro, que eu não teria sido capaz de sobreviver uma vida inteira *sabendo* que a amava, mas incapaz de sentir isso. Assim como a vaga lembrança do que era o amor depois de perdido, eu sabia que Willow era importante para mim.

Eu simplesmente não consegui sentir a marca dela em minha alma até que minha alma e meu coração estivessem unidos em um só corpo.

Passando meus lábios por sua barriga, pressionei meus polegares no pequeno vale próximo aos ossos do quadril, deleitando-me com a forma como ela se contorcia. O local era sensível para Willow, como um botão fácil que eu poderia apertar para fazê-la abrir mais as pernas. Ela fez exatamente isso, espalhando-se para mim enquanto eu me acomodava mais confortavelmente entre suas coxas e passava minha boca sobre ela.

Inalei seu perfume, a combinação única de flora e mulher que só Willow poderia alcançar. Deslizando um dedo dentro dela, eu ri quando ela o apertou. — Você está sendo cruel — disse ela, olhando para mim enquanto eu me inclinava para frente e tocava minha língua onde meu dedo bombeava lentamente dentro dela. Arrastando-o ao longo de sua boceta, fiz um caminho lento e vagaroso até seu clitóris.

Evitando cuidadosamente o local onde eu sabia que ela queria meu toque mais do que qualquer coisa, explorei cada cume e parte dela. Mergulhando minha língua nele, beijando sua carne, gostei do jeito que ela se contorceu debaixo de mim, em um esforço para me posicionar onde ela queria. O cheiro de seu sangue ficou mais forte enquanto ela lutava, os cortes superficiais em seu pulso reabrindo com seu movimento.

— Gray, por favor — ela implorou, finalmente me dando o que eu queria. Willow poderia andar comigo e lutar comigo o quanto quisesse durante o dia, mas apenas uma pessoa estava no comando quando nossas roupas fossem tiradas.

— Você o deixou tocar em você — eu disse, as palavras saindo mais como um grunhido do que qualquer coisa. Ele estava com as mãos no pescoço dela, a boca na dela.

E não importa o que eu soubesse sobre sua natureza temporária e sobre sua espera, eu precisava apagar a imagem deles da minha mente. Eu não conseguia pensar em nenhuma maneira melhor de fazer isso do que forçar Willow a admitir que era minha.

— Foi apenas um beijo — disse ela, o silêncio dessas palavras traindo a emoção que ainda permanecia sob a superfície. O sexo era uma distração para ela, uma forma de se separar das coisas que ela ainda não estava pronta para admitir que sentia. Eu gostaria de poder dizer que ela estava apenas mantendo isso em segredo de mim, mas eu sabia que não era isso.

Willow ainda não tinha admitido isso para si mesma.

— Então é isto — eu disse, pressionando suavemente a minha boca na carne da sua boceta. Eu não dei a ela o que ela queria, ganhando um grunhido de frustração dela. — Você gostaria que eu beijasse outra mulher?

— Eu vou te matar por isso — ela rosnou, sua raiva forçando sua magia a responder. Pulsava ao longo de sua pele, uma eletricidade tentadora que eu sabia que poucos poderiam sentir. Quando ela investiu tanto nisso, as vinhas responderam ao seu chamado, seu sangue as satisfez enquanto elas recuavam de seus braços. Ela enterrou as mãos no meu cabelo, agarrando-me com força enquanto olhava para mim. — Se você tocar em outra mulher, eu vou...

— O quê? Jogá-la escada abaixo? — Eu perguntei, sorrindo para minha esposa e para a fúria em seu rosto.

— Não — disse ela, surpreendendo-me com um sorriso implacável. — Vou jogar *você* no chão e depois enterrá-lo vivo. — Ela me pressionou em direção ao seu centro, me posicionando onde ela me queria. Com sua admissão de ciúme pairando entre nós, dei-lhe um breve adiantamento do que ela queria. Envolvendo meus lábios em torno de seu clitóris inchado, chupei levemente enquanto ela resistia debaixo de mim.

— Cuidado, Amor. Ciúme como esse seria difícil de acreditar se você não me amasse. — Eu disse, murmurando contra ela antes de circulá-la com minha língua. Suas bochechas coraram com sua raiva por ter sido pega e o que isso implicava, me deixando rindo enquanto a aproximava de seu orgasmo. Ela tremia embaixo de mim, suas pernas balançando ao lado da minha cabeça enquanto ela se aproximava.

Então parei, olhando para ela.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou, seus olhos se arregalando de pânico. Ela estava tão molhada, inchada e gananciosa, tão desesperada, enquanto eu me arrastava para cobrir seu corpo com o meu. Eu não dei a ela meu pau, olhando para ela e prendendo-a ainda. Não havia como escapar do meu olhar, nem recuar diante do conhecimento de que eu a veria.

— Se você quiser gozar, terá que admitir que é minha. Sua boquinha cruel é minha — eu disse, inclinando-me para beijá-la. Ela afundou os dentes em meu lábio inferior, tirando sangue de uma forma que só me deixou mais duro. — Sua boceta perfeita é minha. Toda você é minha, e da próxima vez que deixar alguém tocá-la, encontrarei uma maneira de garantir que você nunca mais poderá fazer isso. Está entendido, Feiticeira?

Willow sorriu, arqueando as costas e arrastando os quadris para cima da cama. Ela esfregou sua boceta ao longo do meu comprimento, tentando me provocar para que eu desse a ela o que ela queria. Quando não cedi, sua testa ficou tensa. — Gray.

— Diga as palavras, Willow — eu ordenei, não lhe dando escolha a não ser escolher.

Ela poderia manter seu orgulho e optar por gozar sozinha, ou poderia simplesmente admitir a verdade, e eu transaria com ela até que ela não conseguisse respirar.

Ela baixou os olhos, olhando para o labirinto que ela havia impresso em meu peito. Agarrei seu queixo, encontrando seu olhar com o meu de uma forma que comunicava exatamente o que eu queria. Ela se enganou se pensou que eu aceitaria sua recusa e a deixaria em paz.

Eu tinha toda a intenção de atormentá-la até que ela cedesse.

Deslizei minha mão entre suas pernas, esfregando a palma da mão contra seu clitóris e enfiando dois dedos dentro dela. Ela choramingou, o desafio em sua expressão crescendo quando ela

percebeu exatamente o que aconteceria se ela não me desse o que eu queria. Eu não hesitaria em usar seu corpo contra ela, tocando-a como meu instrumento favorito até que ela tocasse minha música favorita.

— Meu corpo é seu — ela disse, seus lábios se afastando dos dentes em algo entre um sorriso e um rosnado.

— Oh não, Feiticeira. Não foi *isso* que eu pedi — disse eu, continuando a brincar com boceta dela. Inclinei-me para frente, enterrando meu rosto em seu pescoço e atormentando-a com beijos suaves e o roçar da minha língua em sua pele. Ela estremeceu, ofegando quando cravei meus dentes em sua pele. Eu gostaria de poder avançar. Eu ansiava pela intimidade do sangue dela fluindo pela minha garganta.

Seu corpo cedeu debaixo de mim, a obediência vencendo seu desespero por gozar. Sua devoção quando ela estava abaixo de mim me agradou, mesmo que fosse uma admissão hesitante.

As coisas que foram fáceis na vida nunca valeram tanto quanto as vitórias que vieram com sangue, suor e lágrimas.

— Eu sou sua — disse ela, com a voz baixa, mesmo enquanto olhava para mim. Ela pressionou meus ombros, me empurrando para trás com uma explosão de ar que me fez perceber que ela não estava totalmente no controle. Isso ajudou a pavimentar o caminho quando ela me virou de costas, caindo em cima de mim enquanto se aproximava e me guiava até sua entrada. Ela deslizou sua boceta pelo comprimento do meu pau, envolvendo-me em seu calor. Ela estava tão molhada e preparada para o meu tormento que afundou o mais fundo que pôde na primeira queda, acomodando-se contra minha virilha enquanto eu me esticava e a agarrava pela nuca.

Puxando-a para mim, capturei sua boca com a minha enquanto minha feiticeira começava a se mover. Ela pegou o que queria, dançando seus quadris sobre mim para que seu clitóris se encostasse em mim a cada impulso. Ela apertou em torno de mim com algumas estocadas, seus olhos tremulando enquanto ela choramingava em minha boca. Eu a virei de costas, continuando a foder com ela mesmo quando suas coxas tremiam, ela enfiou a mão entre nós para tentar me impedir.

Ela estava muito sensível quando gozou, precisando de um alívio que eu não dei a ela. Peguei tudo o que ela tinha a oferecer, fodendo com ela durante seu orgasmo e pegando suas mãos nas minhas. Eu os juntei com uma mão, prendendo-os acima de sua cabeça enquanto

minha outra mão deslizou atrás de seu joelho e empurrei sua perna para cima para que eu pudesse ir mais fundo.

Os seus seios saltaram enquanto eu batia nela, fodendo-a com mais força do que antes. Seu corpo era mais resistente, menos frágil e mais capaz de me encontrar enquanto ela o segurava. Suas unhas cravaram em minhas mãos, arranhando-me quando ela voltou do tormento de seu orgasmo. Eu finalmente a soltei, movendo minha mão para sua garganta e agarrando-a ali. Seus olhos se arregalaram por um momento enquanto eu restringia sua respiração, mas ela não lutou contra o toque possessivo.

Inclinei-me em direção a ela, tocando minha testa na dela enquanto ela se aproximava de mim e cravava as unhas na carne da minha bunda. Puxando-me para seu corpo com mais força, ela encorajou a fúria em minhas estocadas.

A determinação de ter certeza de que ela me sentisse me movendo dentro dela por dias me levou adiante, batendo nela com rapidez e força. — Minha — eu rosnei, observando enquanto seus olhos incompatíveis brilhavam.

Ela se levantou, pegando meu lábio entre os dentes e mordendo-o com força suficiente para tirar sangue. O som de sua garganta era mais animal que humano, vindo dos instintos mais profundos de nosso vínculo. — *Meu* — ela praticamente ronronou.

Empurrei minha mão livre entre nossos corpos, esfregando seu clitóris enquanto a fodia. Ela gemeu, seu rosto relaxando enquanto ela jogava a cabeça para trás e arqueava as costas. — Não posso — disse ela, agarrando meu braço com uma das mãos para me impedir.

— Dê-me outro, Feiticeira — eu disse, ignorando seu protesto. Apertei minha mão em volta de sua garganta, cortando seu ar enquanto ela gaguejava embaixo de mim.

Implacável, eu a fodi e ataquei implacavelmente seu clitóris, levando-a ao limite enquanto ela lutava para respirar. Sua boca se abriu sem emitir nenhum som. O medo cruzou sua visão, o momento em que ela se perguntou se havia cometido um erro.

Somente quando seus olhos ficaram preguiçosos eu soltei sua garganta, observando enquanto seus pulmões se expandiam com ar. Ela gritou, agarrando seu orgasmo em minhas costas enquanto eu empurrava profundamente nela e gozei, enchendo-a comigo.

Ela ficou mole embaixo de mim, seu corpo relaxado e os olhos fechados enquanto eu me libertava dela. As suas pernas caíram para a cama, bem abertas para eu olhar para a sua boceta inchada e cor-de-rosa. Toquei meus dedos nela, reunindo a umidade que se seguiu à minha retirada e empurrando-a de volta para dentro dela.

Ela se encolheu com o toque, seu corpo muito sensível quando eu abri mais suas pernas e deslizei meus dedos de volta para dentro dela. Ela os fechou em volta da minha cabeça, tentando deslizar para cima da cama para me evitar enquanto eu cuidadosamente beijava seu clitóris e a tocava.

Sua liberação saturou meus dedos, facilitando a passagem mesmo enquanto seu corpo tentava me expulsar. — Gray, eu não posso...

— O que há de errado, Feiticeira? Achei que você queria gozar? — Eu perguntei, minha voz zombeteira enquanto ela olhava para mim em estado de choque.

— É demais — disse ela, balançando a cabeça.

— Terminaremos quando eu disser que terminamos, e nem um momento antes. — Eu sorri, baixando minha cabeça para sua boceta novamente.

Willow não dormiria naquela noite.

CAPÍTULO VINTE E OITO

WILLOW



Caminhei pelo corredor até a sala onde eu sabia que os legados estavam sofrendo durante a aula de canalização. Deveria ter sido a mais divertida das aulas. Foi uma oportunidade de abraçar a magia que corre em nossas veias, mas o professor que a ensinou havia se perdido.

Era difícil canalizar quando sua magia não atendeu seu chamado por causa de sua negligência.

Esperei do lado de fora a campainha tocar, encostada na parede. Meu corpo doía a cada passo, mas eu estava determinada a não permitir que isso me impedisse de fazer o que precisava ser feito. Tudo o que a noite passada fez foi provar que eu precisava fazer o que fosse necessário para livrar este mundo de Lúcifer.

Eu precisava fazer o que fosse necessário para tirá-lo da minha vida e do meu corpo o mais rápido possível.

Iban saiu da aula com um grupo de amigos do sexo masculino ao seu lado, olhei por cima do ombro para encontrar o olhar de Della. Balancei a cabeça para ela sem dizer uma palavra, observando enquanto ela achatava a boca e assentia. Eu odiava o que minhas ações fariam com o relacionamento dela, exceto que a alternativa era impensável.

Se Gray já tinha me afetado tão profundamente em um tempo tão limitado, o que ele faria se tivesse anos para me manipular? Quanto tempo até que ele me tivesse tão profundamente enraizado nele que eu

acreditasse que ele me amava? Pior ainda, que eu o amava o suficiente para perdoar suas falhas?

— Willow — disse Iban, com a voz hesitante. Seus amigos olharam para ele interrogativamente, mas ele apenas acenou para eles e me pegou pela mão, guiando-me em direção a uma alcova isolada. — O que você está fazendo aqui?

— Eu farei isso — eu disse, minha voz mais firme do que ontem. — Você pode reunir as pessoas que precisaremos para o feitiço?

Ele inclinou a cabeça para o lado, soltando meu braço e mantendo distância. Sua proximidade com a morte parecia fazer maravilhas para fazê-lo respeitar meu espaço pessoal. — O que fez você mudar de ideia? Eu sei que você não concordou totalmente ontem. Ele fez alguma coisa com você?

Corei, minhas bochechas esquentando com a lembrança de todas as coisas que ele tinha feito comigo na noite anterior. Parecia tanto um castigo quanto uma recompensa, como se ele não conseguisse decidir se estava furioso comigo ou aliviado por eu ter sido honesta por não sentir nada com o beijo de Iban.

— Ele tentou matar você — eu disse, a mentira pesando na minha garganta. Que tipo de pessoa eu tinha me tornado que não foi a força motriz por trás da minha decisão de me livrar de Gray?

Iban parecia não acreditar em mim, sua cautela pesando em seus traços bonitos de menino. Ele não me denunciou pela mentira, balançando a cabeça e olhando por cima do meu ombro. — Farei com que eles nos encontrem na biblioteca em uma hora. Você pode fazer isso funcionar?

Olhei para o corredor que levava à sala de aula de Gray, a indecisão guerreando dentro de mim. A gaiola em volta do meu coração se quebrou por ele, deixando-me inquieta e nervosa. Eu não conseguia afastar a sensação de que esse seria o maior erro da minha vida, mas só conseguiria reconstruir aquele abrigo se ele fosse embora.

Posso não ter nascido sem um coração como o do seu Receptáculo, mas isso não significava que eu não preferisse o entorpecimento de mil cortes irregulares em minha alma.

A vida havia me quebrado. Meu pai tinha me quebrado.

Mas Gray tinha me *destruído*.

Eu não daria a ele tempo e oportunidade para fazer isso de novo, mesmo que isso significasse me condenar de volta àquele lugar onde nada realmente importava. A ironia não passou despercebida por mim.

Gray não tinha um coração para me amar, mas estava disposto a fazer qualquer coisa para recuperá-lo.

Só para eu estar disposta a jogar o meu fora.

— Eu estarei lá — eu disse, sorrindo suavemente para as costas de Iban enquanto ele se virava sem dizer uma palavra. Deixei que ele reunisse aqueles que precisávamos, sabendo que Della e Nova pelo menos ficariam ao meu lado e seriam um apoio silencioso até que eu tivesse que sair para fazer a única coisa que eu queria evitar mais do que qualquer coisa.

— Você está bem? — Nova perguntou, vindo ao meu lado. Della evitou meu olhar, correndo para encontrar Juliet. Eu só podia esperar que ela não confessasse nada para ela, embora eu não fosse capaz de culpá-la, mesmo que ela contasse. Só porque eu estava disposta a sacrificar meu coração, não significava que esperaria o mesmo dela.

Nem todos tiveram que escolher entre o amor e o dever, entre fazer o que queriam e o que era certo. Alguns amores simplesmente faziam sentido. Eles caíram no que era realista e esperado de um relacionamento, parecendo mais o lento crescimento de raízes abaixo da superfície do que um raio atingindo os galhos. Gray e eu queimaríamos o mundo se eu permitisse que nosso amor crescesse, aceitando-o como parte de mim quando não fosse natural.

— Não — admiti, olhando nos olhos cinzentos da minha amiga.

Nova sorriu tristemente, balançando a cabeça como se entendesse.

Mas ela não entendia. Nenhum deles entendi isso.

— Sabe, não há problema em não estar bem. Você nem sempre precisa ser forte por nós — disse ela, apoiando a cabeça em cima da minha.

Lutei contra a dor das lágrimas, balançando a cabeça. — Posso precisar que você seja forte por um tempo, mas por enquanto, tenho que continuar lutando — admiti, recusando-me a olhar para ela. — Porque é quem eu sou.

O eco das palavras de Gray atingiu profundamente meu peito, e não passou despercebido que essas eram as pessoas a quem recorria

em busca de conforto. Não foi a lembrança do abraço de minha mãe ou de seu incentivo, mas do próprio homem que eu planejava matar naquela noite.

Afastei-me de Nova lentamente, caminhando em direção à sala de aula de Gray. Ele ficou na frente, aparentemente despreocupado com a falta de sono na noite anterior. Eu me senti quase morta quando me aproximei dele, forçando-me a ignorar aqueles que nos observavam pela porta aberta.

Ele girou, erguendo a sobrancelha quando me encontrou ali. — Feiticeira? — Ele perguntou, colocando o giz na bandeja de metal na parte inferior do quadro e esfregando as mãos.

— Eu te odeio — eu disse, as palavras calmas. Ele ficou tenso, preparando-se para a discussão que eu sabia que ele esperava. Tínhamos cantado essa música e dançado muitas vezes para que ele esperasse outra coisa, eu torci as mãos, cutucando as unhas enquanto procurava as palavras para lhe dar.

Se eu fosse tirá-lo da minha vida, se fosse me despedir, então pelo menos queria admitir minha verdade pelo menos uma vez.

— Willow... — Sua frustração vazou em sua voz, me forçando a dar mais um passo em direção a ele. Ele me encontrou ao lado da mesa, seu rosto suavizando ao perceber a inquietação. Ele sabia o que eu estava tentando dizer. Ele sabia que eu não estava realmente dizendo que o odiava. — Eu sei — ele acrescentou suavemente.

— Você sabe? — Eu perguntei, inclinando minha cabeça para o lado. — Você sabe o que é não querer nada mais do que arrancar você da porra do meu coração? Você sabe o quanto eu odeio que a pessoa que me mostrou mais bondade seja a única pessoa que eu deveria desprezar?

— Eu sabia que você era minha no momento em que te vi, então passei os próximos cinquenta anos esperando por você. Eu odiei você por muito tempo, Feiticeira. Você ameaçou tudo que eu vinha planejando e construindo há séculos. Então, sim, Eu entendo — disse ele, passando as costas dos dedos pela minha bochecha. — A diferença entre você e eu é que não me importo com o que é moralmente certo. Aceito o que quero sem vergonha. Você prefere se tornar uma mártir para se sentir melhor com seus sentimentos por mim.

— Isso não é justo — eu disse, recuando diante da frustração em sua voz.

— Não é? O que você deve a essas pessoas que você lutaria tanto para defender? Algumas semanas atrás, você teria rido se eu tivesse dito que você era um deles — disse Gray, eu odiei isso. Eu não poderia negar a verdade dessa afirmação.

Eu não queria nada mais do que viver minha vida com Ash, deixando o Coven com seus próprios problemas.

— Eles são da minha espécie. Sem o Covenant no caminho...

— Você só pode usá-los como escudo por um certo tempo, Feiticeira — disse ele, pegando um livro de sua mesa. — Preciso me preparar para minha próxima aula, então se você veio apenas para discutir, sugiro que saia.

Suspirei, tocando meus dedos no topo de seu livro e empurrando-o para baixo. Ele olhou para mim por cima da superfície da página, forçando-me a engolir minha frustração com ele. — Não estou usando-os como escudo.

— Você não está? — Ele perguntou, tirando meus dedos de seu livro.

— Por que você tem que ser tão difícil? — Eu perguntei, virando as costas para ele. Fui até a porta, determinada a dar-lhe a privacidade que ele tão desesperadamente queria apenas um momento antes.

— Eu? — Ele perguntou, bufando de tanto rir. — Você veio aqui apenas para começar uma briga, então tem a coragem de ficar com raiva de mim quando eu lhe faço perguntas que você não está pronta para fazer a si mesma.

Suspirei, deixando meus braços caírem ao lado do corpo enquanto a luta me abandonava. — Eu não vim aqui para brigar — admiti.

— Não tenho certeza se você sabe como não começar uma briga — disse ele, mas havia um sorriso se espalhando em seu rosto. — O que você precisa, meu amor?

— Eu queria pedir desculpas. Eu estava errada ontem, quando deixei Iban me beijar. Isso não vai acontecer de novo — eu disse, observando a cabeça de Gray inclinar para o lado. Ele colocou o livro de volta no lugar com cuidado, diminuindo a distância entre nós. Quando ele inclinou a cabeça para o lado, havia apenas dois pensamentos em sua mente.

Ou ele estava prestes a ser cruel ou pensou que eu estava prestes a quebrar.

Eu não sabia qual reação dele doeria mais naquele momento, sabendo o que eu estava prestes a fazer. Sua crueldade machucaria agora, mas facilitaria mais tarde, sua gentileza seria o oposto.

Seus passos eram lentos quando ele se aproximou de mim, parando bem na minha frente para tirar o colar da minha mãe de onde estava pendurado no meu pescoço. Ele brincou com isso, sustentando meu olhar. — Eu sei que não, e agradeço suas desculpas — disse ele, deixando o colar cair no meu pescoço novamente. — Mas não foi isso que você veio aqui me dizer, certamente não é isso que eu quero ouvir.

Engoli em seco, lamentando a escolha que fiz ao ir até ele. Não consegui encontrar as palavras que pareciam tão fáceis quando não tinha seu olhar dourado sobre mim.

Um olhar dourado que provavelmente só veria mais uma vez, quando a vida dele desaparecesse completamente.

— Isso foi um erro — eu disse, balançando a cabeça e recuando.

Gray me pegou pela nuca, usando seu aperto para me virar de volta para encará-lo. Sua boca desceu sobre a minha rudemente, sua língua me forçando a abrir. Ele se afastou de repente, deixando-me seguindo atrás dele. — Diga.

— Eu odeio que você me fez amar você — eu disse, as palavras desesperadas saindo como um simples sussurro. Eu não podia negar a necessidade que pulsava em meu coração, a maneira como cada ato doce e atencioso dele se insinuou sob minha pele. Ele poderia ter sido o diabo e capaz de um grande mal, mas também cuidou de mim de uma maneira que eu nunca havia feito.

Ele me mostrou o que eu significava para ele sempre que teve a chance, e esses momentos, mais do que tudo, me desgastaram até que apenas aquela verdade permanecesse.

— Eu sei que sim, Feiticeira — disse ele, sua boca se abrindo em um sorriso deslumbrante. Seus olhos brilharam como se eu tivesse dado a ele mais magia do que ele sabia conter, o sol refletindo nele e fazendo-o parecer o anjo que ele já foi.

— Tenho certeza de que essa é a parte em que você deveria responder — eu disse, fazendo beicinho para ele.

Seu sorriso se alargou quando ele se inclinou, tocando sua boca na minha com muito mais delicadeza. Ele permaneceu ali, compartilhando a respiração comigo e sustentando meu olhar. — Eu te amo, Feiticeira. Por tudo que você é e por tudo que você não é.

Suspirei de alívio, sorrindo em meio à dor agriçoce.

Um único momento de felicidade para chamar de meu antes que a memória se tornasse angustiante.

Fiquei na ponta dos pés, beijando-o enquanto passava meus braços em volta de seu pescoço. Lúcifer passou os braços em volta da minha cintura, me levantando e me segurando com força.

Eu esperava que ele não visse a faca chegando mais tarde.

Eu esperava que ele não sentisse dor.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

WILLOW



Entrei na biblioteca, batendo suavemente na porta secreta. Esperando que ninguém nas salas principais da biblioteca me ouvisse enquanto eu esperava impacientemente para entrar.

Iban finalmente abriu a porta, apressando-se em me arrastar para dentro antes que eu pudesse ser localizada. O pequeno espaço estava lotado demais, com um representante de cada casa herdada amontado dentro. Mas foi a lâmina no centro da mesa que roubou o fôlego dos meus pulmões.

Eu vim aqui sabendo o que planejava fazer, mas isso não tornava tudo mais fácil.

Entrei na sala, sem tirar os olhos da arma. O som foi filtrado, minha cabeça se encheu de estática. Senti como se tivesse mergulhado na água, como se a única maneira de sobreviver a isso fosse ficar totalmente entorpecida. Eu estava me afogando, sufocando sob a superfície.

De pé na cabeceira da mesa ao lado de Iban, coleí a máscara no rosto. Nova percebeu minha expressão, seus lábios se movendo com sons que eu não conseguia ouvir. Balancei a cabeça, tentando afastar a sensação de não conseguir respirar. Foi pior do que quando Gray me sufocou na noite anterior.

O entorpecimento sempre foi pior que o medo.

A figura de um homem apareceu contra a parede dos fundos, sua forma nebulosa enquanto ele lançava um olhar vagaroso para cima e para baixo em meu corpo. Ele me estudou, me avaliou e me achou

gravemente deficiente, se a maneira como ele riu e virou as costas para mim fosse alguma indicação. A leve sombra de asas brancas escondia seus olhos. Ainda assim, eu me encontrei lutando por ele de qualquer maneira.

Iban tocou meu braço, tirando-me do transe que me consumia. A respiração voltou aos meus pulmões, forçando-me a bater a palma da mão na mesa para me conter enquanto sugava goles de ar gananciosos.

— Você está bem? — Nova perguntou, contornando o grupo de pessoas que se reuniram para me ver desmoronar.

Balancei a cabeça, limpando a garganta que parecia rouca. — Estou bem. Apenas uma visão — eu disse, me afastando como se fosse inconsequente.

— Lorelei também as tinha — disse uma bruxa mais velha, com seus olhos azuis brilhando enquanto me estudava. Virei-me para olhar para ela, encontrando conforto no fato de que minha tia não tinha conseguido esconder o lado mais misterioso dos poderes de Hécate. Todos presumiram que apenas ressuscitamos os mortos ou trouxemos zumbis de volta sem a memória de quem eles haviam sido.

Poucos sabiam a verdade. Tínhamos que comungar com os mortos e saber que não podíamos dar-lhes aquilo que eles queriam mais do que tudo.

Vida.

Lorelei sempre falava sobre guiar aqueles com assuntos inacabados em sua jornada rumo à paz. De acordo com meu pai, ela considerava essa sua verdadeira vocação e a verdadeira magia que tinha a oferecer.

— Fico feliz em saber que não estou sozinha — eu disse simplesmente, tentando deixar de lado meu constrangimento por ter sido testemunhada no meio de uma visão. Principalmente porque eu sabia que aquela visão havia sido motivada pela minha agonia em relação ao que eu estava prestes a fazer. — Iban contou a todos vocês por que estão aqui?

Iban pigarreou, balançando a cabeça enquanto estendia a mão para envolver o cabo de osso da lâmina. Engoli em seco, odiando ver ele sendo o único a segurá-la. Parecia mais uma camada da minha traição, como se trabalhar com Iban de alguma forma tivesse piorado o assassinato de Gray.

— Você realmente acha que pode fazer isso? — Um dos homens na mesa perguntou. Eu não o conhecia, mas ele estava vestido de amarelo, a cor acentuando sua pele morena e quente.

— Você se tornou vulnerável ao dormir com aquele monstro. O que faz você pensar que ele não sabe exatamente o que você planejou? — A mulher ao seu lado perguntou. Ela usava o branco das bruxas de cristal, seus cabelos prateados soltos sobre o vestido. Seus olhos também eram roxos, mais escuros que a maioria da linhagem Hécate.

— Existe um momento em que um homem fica mais vulnerável do que quando seu pau está para fora? — Eu perguntei, observando a maneira como a mulher mais velha se recuperava da minha vulgaridade. Eu não faria rodeios e certamente não toleraria a insinuação de que eu era a única que estava em risco por causa do nosso relacionamento.

Eu vim aqui para encontrar sua fraqueza e explorá-la.

Eu só não sabia que seria eu o tempo todo.

— Suponho que não — disse a bruxa, balançando a cabeça enquanto colocava os cristais sobre a mesa. Ela fez um círculo ao redor do centro, colocando uma única pedra em cada ponta do pentagrama. Iban voltou a lâmina para o centro enquanto os olhos de todos voltavam para mim.

Um feitiço como esse exigia três coisas.

Pedra.

Sangue.

Osso.

Acenei com a mão para os ossos que circundavam meu quadril, observando-os se moverem conforme eu ordenava. Eu não tinha entendido a princípio, pensando que Gray era o único capaz de determinar onde os ossos repousavam contra mim.

Naquele momento eu entendi.

Eles eram parte de mim, tudo que eu precisava fazer era reconhecer isso, eles eram meus para controlar. A ressurreição e a morte de Lorelei me mostraram a verdade, permitindo-me aceitar as partes mais sombrias da minha realidade.

Os ossos saíram do meu quadril, movendo-se em um arco e se espalhando pela mesa. Eles cercaram o centro do pentagrama,

espalhando-se aleatoriamente onde quer que pousassem. Só eu alcancei o pentagrama central, curvando-me sobre a mesa para estender a mão.

Arrastando a lâmina sobre a palma da mão, estremeci com as gotas de sangue que pingavam na superfície. Parecia um desperdício permitir que algo que poderia trazer tanta vida fosse usado para trazer a morte.

— *Sanguis terrae et os*³ — eu disse, observando enquanto os ossos chacoalhavam na mesa em reconhecimento à minha oferenda. O pentagrama formado pelos cristais alinhava-se com as vinhas que se soltavam da madeira, desenhando o símbolo em cima da mesa.

Em seguida, entreguei a lâmina para Nova, ignorando a maneira pontiaguda com que ela olhou para mim. Ela fez o mesmo, inclinando-se para frente e cortando a mão. Ela não hesitou em oferecer seu sangue ao feitiço, embora tal magia tivesse sido proibida durante o reinado do último Covenant. Eu não tinha dúvidas de que eles já teriam tentado matá-lo antes, mas não tinham a magia necromancia dos Petros para ajudá-los.

Uma brisa soprou pela sala enquanto se enchia com seu ar, lavando minha pele e me gelando até os ossos. Ela entregou a lâmina para Della ao seu lado, a leve chuva caindo na sala deixando pequenas gotas dentro do nosso círculo mágico.

A bruxa Amarela se cortou, as vinhas que cresceram na mesa se encheram de chamas. Elas agiam como um limite, contendo o fogo que machucaria quando eu precisasse colocar a lâmina de volta no meio. O sangue queimou ali, tornando-se um com as chamas enquanto o cheiro acre enchia a sala.

A bruxa vermelha ao seu lado se virou para passar a lâmina em sua mão, uma onda de necessidade se espalhando por nós. Iban ficou tenso ao meu lado, mas me forcei a ignorá-lo quando ele se aproximou. A magia das Vermelhas era potente, mas não poderia criar o que já não existia.

E não foi para ele que meu corpo cantou.

A bruxa branca adicionou seu sangue, o zumbido dos cristais abafando todos os sons além do nosso círculo. A bruxa roxa terminou o círculo quando Iban saiu do caminho, expulso por causa de sua falta de magia. Seu descontentamento por ter sido excluído do plano que ele

³ Sangue da terra e dos ossos.

havia colocado em prática era palpável, mas eu odiava a maneira como ele permanecia atrás de mim.

Ele precisaria ser tratado assim que Gray fosse embora, os limites definidos muito claramente. Não havia futuro para ele e eu, mesmo sem Gray em cena.

Estrelas brilhavam no teto, caindo no círculo e se espalhando entre nós enquanto eu olhava com admiração. A bruxa roxa me entregou a lâmina, permitindo-me dar o passo final para imbuir toda a nossa magia na adaga.

Engoli em seco enquanto a pegava dela, olhando para o pentágono em chamas. Eu me esforcei para me mover, guiando minha mão para aquelas chamas. O fogo lambeu minha pele, queimando e deixando rachaduras pretas e carbonizadas quando coloquei a lâmina sobre a mesa. A dor era uma agonia, queimando os ossos enquanto eu cerrava os dentes.

Para suportar o poder, eu precisaria dar mais de mim.

Eu me retirei, observando enquanto minha pele se curava novamente enquanto puxava meu braço de volta para mim. A pele rosada fresca substituiu a preta carbonizada.

A lâmina descansou nas chamas, até que lentamente elas desapareceram. A adaga pulsava com luz dourada, absorvendo o fogo e o sangue que queimava com ele. Minhas vinhas recuaram quando passei a mão sobre a mesa, convocando meus ossos de volta para mim. Eles circularam minha cintura novamente, voltando para casa enquanto a bruxa branca reunia seus cristais da mesma maneira.

Estendi a mão para dentro do círculo, envolvendo meus dedos em torno do cabo da adaga. O calor fresco do poder me esquentou, arrancando um suspiro dos meus pulmões quando aceitei o manto. Eu senti profundamente dentro de mim, o estrondo do poder antigo preso naquela lâmina.

Agarrei-a com força, levantando os olhos para encarar aqueles que esperavam ao redor da mesa. A bruxa vermelha olhou para Iban, balançando a cabeça enquanto ele se virava para a porta. — Espero que não tenhamos cometido um erro ao confiar em você, Covenant — ela me disse finalmente, seus olhos vermelhos estreitados enquanto ela saía da sala.

— Esperemos que funcione — eu disse enquanto os outros saíam lentamente. Sentei-me à mesa, esperando e rejeitando todas as

conversas de Della, Nova e Iban. Eventualmente, eles me deixaram também.

Até que só existisse eu.

CAPÍTULO TRINTA

WILLOW



Eu me movi por instinto.

Não parecia que minhas pernas estivessem presas ao meu corpo, e mesmo que a lâmina não estivesse mais em minhas mãos, eu podia sentir o eco de seu poder dentro de mim, como aquele que a colocou nas chamas. Enfiada em segurança na bolsa carteiro ao meu lado, subi lentamente as escadas.

Os alunos passaram por mim, mas aproveitei os poucos momentos preciosos que tive para me permitir sentir a dor pelo que tinha que fazer. Assim que coloquei os pés naquele escritório, não consegui sentir pena de mim mesma. Haveria apenas meu engano.

Haveria apenas a tarefa que eu vim fazer aqui, terminar o trabalho que sempre foi destinado a ser meu.

Eu poderia ser a esposa do diabo ou a mulher que se sacrificou para salvar o mundo da sua corrupção.

Conhecia o modo como ele deslizava sob a pele de todos aqueles que tocava, o modo como ele conseguia nos virar contra nós mesmos.

Eu sabia como era fácil cair nas mentiras dele, mesmo sabendo que ele era tudo que estava errado.

Dobrei o corredor, parando do lado de fora da nossa porta. Respirei fundo algumas vezes, centrando-me e afastando minha dor e medo. Eu esperava que ele tivesse a misericórdia que eu não tive, a morte rápida e fácil que eu nunca teria. Seus arquidemônios me fariam

sofrer quando soubessem o que fiz, e o resto do poder de Lúcifer deixaria este mundo comigo.

Forcei um sorriso hesitante no rosto, abrindo a porta e entrando na sala. Gray estava recostado no sofá, com um livro no colo enquanto folheava as páginas. Ele parecia tão confortável, tão relaxado na nova casa que ele criou para si mesmo aqui.

Ele ergueu os olhos do livro, sorrindo quando me viu aproximar. Ele leu a expressão em meu rosto, interpretando-a erroneamente como constrangimento por causa da minha confissão anterior.

Fazendo exatamente como planejei, encobrindo a emoção que entupiu minha garganta e me manteve em silêncio. Meu pai queria que eu fosse implacável, que matasse sem pensar ou me importar e seduzisse com habilidade.

Não havia mais nada disso em mim quando me aproximei, parando bem na frente de Gray.

Coloquei minha bolsa carteiro no encosto do sofá, deixando-a descansar ali enquanto Gray abria as pernas e puxava meus quadris entre elas. Seus dedos roçaram os ossos enquanto ele me tocava, seus polegares fazendo círculos sobre mim enquanto ele olhava para mim. — Não há necessidade de se sentir estranha, Feiticeira. Isso não muda nada entre nós.

Eu balancei a cabeça. Ele estava certo.

Meu amor por ele não mudou *nada*.

Sorri quando ele deslizou os polegares por baixo da bainha da minha camisa, respirando fundo quando tocou minha pele nua. — Você está zumbindo com poder — disse ele, inclinando-se para frente para inspirar profundamente. Acalmei-me, esperando o momento em que ele percebesse que o poder preso dentro de mim não era inteiramente meu.

Ele não disse nada enquanto eu dava um passo para trás, curvando-me para segurar seu rosto com a mão. Inclinei seu rosto para o meu, olhando para o anjo diante de mim. Neste momento, ele era muito mais o Morningstar do que o diabo, olhando para mim como se eu fosse o seu mundo inteiro. Toquei minha boca na dele, beijando-o suavemente.

Dando um beijo de despedida nele.

Ele gemeu durante o beijo, deixando-me colocar minhas mãos em seus ombros e empurrá-lo de volta. Ele caiu contra o encosto do sofá, sorrindo para mim enquanto eu levantava a barra da minha saia e deslizava minha calcinha para baixo, chutando-a para o lado. Sua testa se arqueou quando me aproximei dele, desafivelando seu cinto e abrindo o zíper de sua braguilha.

— Bruxinha gananciosa — disse ele, a risada nessas palavras me fazendo estremecer. Eu ignorei isso enquanto montava em sua cintura, batendo minha boca na dele com mais força. Estendi a mão entre nós, guiando-o até minha entrada.

A onda de necessidade da bruxa vermelha desapareceu com o meu estresse sobre o que eu precisava fazer. Gray parecia muito grande agora, já que eu não estava molhada. A pontada de dor me prendeu, fazendo-me choramingar em sua boca enquanto girava meus quadris. Subindo e caindo com estocadas superficiais, deixei meu corpo assumir o controle. Ele sabia o que fazer, respondendo ao deslizamento de seu pau dentro de mim e à pressão de seus lábios nos meus. Gray gemeu enquanto eu trabalhava em seu comprimento, deixando-me me abrir.

Inclinei minha cabeça, enredando minha língua na dele. Isso foi muito mais gentil do que eu queria que fosse. Parecia muito mais fazer amor do que foder. Gray agarrou minha bunda, segurando cada nádega enquanto me deixava definir o ritmo. Ele me apoiou enquanto eu me levantava e abaixava sobre ele, movendo-se lentamente enquanto eu o distraía com meu beijo.

Segurando seu rosto em minhas mãos, coloquei tudo o que tinha para fazê-lo acreditar em mim. Por um único momento, eu queria que ele soubesse que eu estava falando sério.

Queria que ele soubesse que era amado, mesmo que eu não pudesse ser egoísta o suficiente para nos escolher.

— Feiticeira — ele murmurou, seus olhos permanecendo fechados quando eu finalmente me afastei. Esse apelido atingiu a parede que eu tentei colocar em volta do meu coração para fazer isso, a superfície rachando quando percebi que seria a última vez que ouviria sua voz profunda murmurá-lo.

A última vez que ele me chamou de Feiticeira.

Olhei para ele enquanto seus olhos se abriam, liberando seu rosto e colocando minhas mãos nas costas do sofá atrás dele. Usei a

alavanca para levá-lo mais fundo, girando meus quadris com mais fervor. Ele gemeu meu nome, seu pau se contorcendo dentro de mim como um sinal de sua libertação iminente.

Movi-me lentamente, colocando minha mão dentro da bolsa e puxando a adaga. Inclinando-me, tomei sua boca com um último beijo, o roçar suave dos meus lábios contra os dele o fez sentir como se já fosse um fantasma.

Eu sabia que havia lágrimas em meus olhos quando finalmente me afastei, colocando a lâmina ao meu lado. Ele abriu os olhos, inclinando a cabeça em preocupação enquanto segurava minha bochecha. — O que há de errado, meu amor? — Ele perguntou.

Meu lábio inferior tremeu quando cedi à ameaça das lágrimas, incapaz de contê-las por mais tempo. — Sinto muito — eu disse, ofegando com a respiração que não era fácil.

Lutei por isso, tentando reprimir meu pânico diante da confusão em seu olhar.

Então enfiei a adaga em seu coração.

CAPÍTULO TRINTA E UM

WILLOW



Ele ofegou um som úmido e áspero.

Sua testa franziu quando ele olhou para a adaga que se projetava de suas costelas, num ângulo perfeito para chegar ao órgão carnudo abaixo. Ele olhou de volta para mim, a dor em seus olhos arrancando um soluço estrangulado de mim.

— Sinto muito — eu disse novamente, torcendo a adaga para levar comigo o máximo que pude de seu coração.

Ele ofegou, cuspendo embaixo de mim. Eu puxei a adaga, jogando-a para o lado enquanto seu sangue escorria do ferimento sem obstrução. Ele caiu no sofá, manchando o tecido bege com sua vida.

— Por quê? — Ele perguntou, sua voz rouca e áspera. Eu não conseguia me separar dele, deixá-lo no sofá.

Eu não queria que ele ficasse sozinho.

Eu precisei enganá-lo para que isso funcionasse, então por que a pergunta dele me fez sentir ainda pior? — Você sabe o porquê — eu disse, balançando a cabeça enquanto permanecia com ele.

Seu sangue continuou a derramar, sua visão ficou fora de foco. Ele ergueu a mão até meu rosto, a palma manchada de sangue. Ele segurou minha bochecha, a umidade manchando minha pele. — Eu te amo — disse ele, a determinação de aço naquela voz me surpreendendo. Não havia nenhuma fraqueza que eu esperaria de um homem à beira da morte, apenas um aviso firme envolto em palavras calorosas.

Ele me amava, mas isso não significava que eu não sofreria pelo que fiz...

Voltei meu olhar para seu ferimento, para a mancha em sua camisa e percebi que o fluxo de sangue havia parado. Meus olhos voltaram para os dele, a fúria calma em seu olhar era mais aterrorizante do que qualquer raiva externa poderia ter sido.

Pressionei minha mão em seu ferimento em pânico, afundando meus dedos na fenda de sua camisa. Não havia facada, apenas pele fresca cobrindo o que eu tinha feito.

Se não fosse pela poça de sangue manchando o sofá, eu poderia ter pensado que tinha imaginado tudo.

Recuei, estremecendo quando o movimento o libertou de mim. Ele me observou sair, sentado naquele sofá enquanto eu estava na sala de estar. Não me incomodei em correr, sabendo que não iria muito longe antes que ele buscasse sua vingança. Eu não permitiria que mais ninguém fosse pego pela sua ira.

Gray enfiou-se de volta nas calças, ficando de pé suavemente, sem qualquer sinal de dor. — Gray — eu disse, fechando a boca. Não havia nada que eu pudesse dizer, nada que eu pudesse implorar.

Eu tentei matá-lo, porra.

E eu falhei.

— Eu fui tão horrível com você? — Ele perguntou, aproximando-se de mim lentamente. Jonathan sibilou e recuou para baixo do sofá, deixando-me entregue ao meu destino.

— Isso não é...

— Não é isso, Willow? — Ele perguntou, sua raiva pulsando nele. — Por que você tentou me matar?

— Você me usou! — Eu gritei, estremecendo quando ele recuou. Ele pensou que estávamos além do que ele fez para nos trazer até aqui, mas eu não achava que seria capaz de superar isso. — E nós dois sabemos que você fará isso de novo.

— Você está certa — disse ele, balançando a cabeça. — Eu usei você para conseguir o que queria, então tentei fazer tudo que pude para compensar você. Eu nunca iria te machucar novamente. Nunca faria isso. Eu nunca nos jogaria fora.

— Você não entende? Nunca foi sobre nós! — Eu gritei, dando um passo para trás quando ele se aproximou.

— Sempre a maldita mártir — ele retrucou, suas palavras afundando mais profundamente em mim. Fui criada para ser uma mártir, criada para me sacrificar para conseguir os ossos que meu pai não conseguiu para si mesmo.

Eu não sabia quem eu era sem esse propósito.

— Deixe-me explicar para você, Willow. Isso *sempre* foi sobre nós. — Grey rosnou, dando passos lentos em minha direção. Não tive escolha a não ser me retirar para o quarto, olhando ao redor enquanto ele me seguia. Ele agarrou a porta, fechando-a de modo que bateu atrás dele. Estremeci ao pensar em meus amigos esperando notícias minhas, imaginando se eles sentiriam o modo como a própria escola parecia vibrar com a força disso. — Você queria se livrar de mim porque é fraca demais para me *escolher*.

— Você vai *me quebrar*! — Eu gritei, o som estridente chocou até a mim enquanto subia pela minha garganta. Congelei no centro do quarto, recusando-me a recuar mais. Eu dei a ele terreno suficiente e me encurralei em um canto. Ele poderia me matar, ele poderia me machucar, e não havia nada que eu pudesse fazer para impedir isso.

Eu mereceria isso depois do que fiz. Minha culpa me oprimia, mas me forcei a não pensar nisso. Ele tinha feito pior.

— Sua tola ingênua — Gray retrucou, minha boca se abriu em estado de choque. — Você estava quebrada muito antes de eu te encontrar.

Pisquei para ele do outro lado do quarto, tudo em mim parando. — Você está errado — eu disse, cerrando os dentes de raiva. Eu queria machucá-lo, queria esfaqueá-lo novamente.

— Eu não tinha coração quando machuquei você, e foi a experiência mais miserável da minha existência. Você tem um coração, Feiticeira, mas prefere matar o homem que ama a aceitar que se preocupa com alguém! — Ele gritou, sua voz aumentando.

— Oh, vá se foder — eu rosnei, caminhando em direção a ele. Determinada a passar por ele, fui até a porta do quarto. — Admito que me importo com muitas pessoas em minha vida. Elas merecem meu amor, *ao contrário de você*.

— É por isso que você os mantém à distância? É por isso que você nem consegue dizer que *ama muitas pessoas* na sua vida? — Ele perguntou, sua voz zombeteira enquanto cutucava todos os pequenos buracos em mim onde aquela emoção deveria estar.

Eu me importava. Eu protegia.

Exceto que eu só amava minha mãe e Ash.

E agora ambos se foram.

Balancei a cabeça, encerrando a discussão simplesmente não lhe dando uma resposta. Não havia nada que eu pudesse dizer quando nós dois sabíamos que ele estava certo, só que isso não importava. Corri para a porta.

— Nós ainda não terminamos — Gray gritou, envolvendo os dedos em volta do meu braço. Ele me agarrou com força, me puxando para perto e olhando para mim.

— Nós nem começamos — eu disse com uma zombaria, puxando meu braço até que ele teve que escolher entre me machucar ou me soltar. Onde ele poderia ter me deixado ir uma vez para evitar me machucar, ele me segurou com mais força.

— Você está com medo do fato de me amar. Você passa todos os dias petrificada com a possibilidade de que eu faça algo para machucá-la novamente — disse ele. Eu o empurrei, empurrando-o para trás e arrancando com força meu braço de seu aperto. Eu me afastei dele enquanto ele recuperava o equilíbrio, correndo para a porta mais uma vez.

Meus dedos envolveram a maçaneta, abrindo-a. A palma de Gray bateu contra a madeira, fechando-a enquanto eu me virava para encará-lo. Dei um soco no estômago dele, mirando no ferimento que fiz entre suas costelas. Ele grunhiu, envolvendo os dedos em volta da minha garganta e batendo minhas costas na porta.

Ele me segurou ali, apertando o polegar e os dedos apenas o suficiente para transmitir seu aviso. — Chega, Willow.

— Faça isso — eu rosnei, fazendo sua testa franzir com o meu comando. — Apenas me mate já.

Ele afrouxou o aperto em minha garganta, me mantendo imóvel enquanto suspirava e se inclinava para frente. Descansando a testa contra a minha, ele parou por um momento. Fiquei tensa quando ele

tocou minha testa com a boca, me soltando e me puxando para longe da porta.

Ele foi para a sala e eu não tive escolha a não ser segui-lo quando ele pegou a adaga que eu usei para esfaqueá-lo. Senti a pressão de sua magia no momento em que ele tocou, certa de que ele já havia decidido terminar comigo. — Você quer tanto que eu morra? — Ele perguntou, olhando para a faca e girando-a na mão.

Eu não pude responder. Minha boca se encheu de areia enquanto observava a tristeza em seu rosto. — Gray — eu disse.

— Responda-me. Você me quer morto? Você realmente me odeia tanto que prefere passar sua vida toda e nunca mais me ver? — Ele perguntou. Esfreguei as mãos no rosto desesperadamente, tentando me livrar das lágrimas que não conseguia conter.

Gray virou a lâmina enquanto vinha em minha direção, pressionando-a em minha mão. Meus dedos envolveram o cabo, exceto que não foi para seu peito que ele a guiou.

Era o meu.

— Esta lâmina foi criada para me matar, não se engane. Porém, não é minha fraqueza, Feiticeira — disse ele, soltando minhas mãos e me deixando ali parada enquanto segurava a adaga em meu próprio coração. — Você é.

— O que você está dizendo? — Eu perguntei, fungando, enquanto ele colocava distância entre nós.

Eu queria mais, mas de repente queria que ele me abraçasse também. Esse foi o conflito do nosso amor – o constante empurrão e puxão de duas pessoas que não deveriam trabalhar juntas – mas de alguma forma trabalharam.

— Estou dizendo que seu erro foi *me* esfaquear. Essa lâmina foi feita para você — disse ele, forçando-me a baixar o olhar para a ponta da adaga onde ela me tocou.

— O que faz isso...

— Eu uni nossas vidas quando trouxe você de volta, Willow. Se você morrer, eu a seguirei. — Ele respondeu, as palavras pairando entre nós enquanto ele esperava. Esperando que eu escolhesse. — E é assim que você morre.

O martírio que fui criada para desejar, ou uma vida com ele ao meu lado.

— Eles mandaram você para cá sabendo que muito provavelmente você morreria — disse ele. Eu não conseguia nem reunir energia para discutir, considerando que todos sabíamos que as probabilidades não estavam a meu favor. Sucesso significava morte, nenhum deles tinha qualquer motivo para acreditar que Gray se importava comigo o suficiente para poupar minha vida depois de um atentado contra a dele. — Você vale muito mais do que um maldito sacrifício, Willow. Eu falhei com você se você não entende isso.

Movi a adaga em minha mão, observando enquanto ele se encolheu em minha direção quando pensou que eu iria enfiá-la em meu próprio coração. — Você me deixaria fazer isso? Mesmo sabendo que você morreria também? — Eu perguntei, precisando da resposta para sua pergunta como eu precisava da minha próxima respiração.

Eu não conseguia entender isso, não conseguia entender como chegamos aqui. Este era um precipício, eu sabia que nunca mais seria o mesmo quando ele abrisse a boca.

A sinceridade em seu rosto quebrou tudo o que restava dentro de mim. — Nada aqui tem valor sem você. Você é minha casa — disse ele, incapaz de tirar os olhos dos meus. Eu mantive aquele olhar, esperando que ele continuasse. — Eles sacrificariam você de bom grado se isso significasse que o mundo sobreviveria, mas eu não o faria. Eu nunca mais andaria neste mundo se isso significasse ter você ao meu lado no Inferno.

Olhei para a adaga em minha mão, olhando para ela. Parecia o símbolo de tudo que eu pensava saber sobre mim mesma, da mulher que fingia ser forte enquanto escondia o medo da dor e do abandono.

Eles me sacrificariam para se salvarem, mas ele não o faria. Pode não ter sido a liberdade que pensei que ele me daria ou a escolha que eu esperava. No entanto, era meu mesmo assim.

Só de deixar tudo tão claro eu estremei.

Afastei a adaga do meu peito, segurando-a de lado e deixando-a cair no chão ao meu lado.

Gray estava sobre mim no instante seguinte, puxando-me em seus braços enquanto minhas pernas cederam sob mim. — Sinto muito — eu sussurrei, deixando-o me levantar. Passei meus braços em volta

de sua cabeça, segurando-o com força e tentando freneticamente me aproximar.

Ele me carregou para o quarto, me deitando suavemente na cama e empurrando minha saia até minha cintura.

Colocando seu peso em cima do meu, ele entrou.

Voltando para casa.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

GRAY



Um dia desses, Willow aprenderia a aceitar que lhe era permitido querer algo para si mesma. Colocar suas necessidades em primeiro lugar de vez em quando não a tornava egoísta, porque ela *nunca* seria como eu. Ela nunca se colocaria no controle do mundo ao seu redor e do que era melhor para seu Coven regularmente.

Ela choramingou enquanto eu entrava nela, suas emoções a rasgando em duas. Willow nunca esteve tão em desacordo consigo mesma, não quando todo o desafio foi arrancado dela pelo pai de merda abusivo que eu desejava que Charlotte não tivesse tirado de mim.

Eu teria dado quase tudo para fazê-lo sofrer lentamente. Eu o teria enterrado vivo só para desenterrá-lo e forçá-lo a lutar por sua vida ou passar a noite de joelhos.

Afastei esses pensamentos, concentrando-me nas lágrimas silenciosas que escorriam do rosto de Willow. Era como se ela não pudesse parar agora que começou, seu próprio horror por suas próprias ações a transformaram em uma bagunça. Eu queria a bruxa forte que veio para Hollow's Grove de volta, queria que ela encontrasse o caminho de volta para a pessoa que ela era antes de eu adicionar minha manipulação à mistura de traições que ela sofreu ao longo de sua vida.

Minha esposa precisava de um propósito que a impulsionasse, algo em que manter seu foco, para que ela não passasse o dia inteiro se preocupando e pensando nas possíveis dores de cabeça que surgiriam

em seu caminho. Eu lidaria com isso pela manhã, daria a ela o que ela precisava mais do que qualquer coisa.

Depois que descobrir quem a ajudou a enfeitiçar aquela adaga e os matar por isso.

Bati minha boca contra a dela, movendo-me dentro dela para distraí-la por enquanto. Ela envolveu seus braços e pernas em volta de mim, agarrando-se a mim como se eu fosse sua tábua de salvação.

Só que eu não era, ela precisava de um lembrete de algo que sempre soube.

Só porque ela não estava mais sozinha, não significava que ela precisava de mim. Tive certeza de admitir que precisava dela muito mais do que ela jamais precisou de mim. Embora eu não pudesse suportar a ideia de uma vida sem ela, ela estava disposta a me arrancar de sua alma.

O pensamento foi suficiente para trazer minha raiva de volta, um grunhido retumbando em minha garganta enquanto suas pernas se apertavam e tentavam me segurar contra ela. Ela era macia e flexível em meus braços, quase me fazendo arrepender-se do que faria para lembrá-la de quem éramos.

Eu queria que ela fosse minha. Eu queria que ela se abrisse para mim e me recebesse com braços abertos.

Mas eu *nunca* quis perder a feiticeira que estava mais do que disposta a me sangrar quando eu a irritava.

Eu me libertei de seu corpo, empurrando seus braços e pernas para longe de mim enquanto me manobrava até o final da cama. Os olhos de Willow se arregalaram quando ela se levantou, apoiando-se nos cotovelos enquanto olhava para meu pau duro incisivamente. Eu estava longe de terminar com ela, e ela pareceu perceber que estava em perigo no momento em que olhou para a máscara vazia que era meu rosto.

Ela se virou, indo até o lado oposto da cama e tentando abaixar a saia para se cobrir. Eu a teria arrancado de seu corpo se não quisesse que ela a usasse na sala do trono quando eu terminasse com ela, uma demonstração contundente de minha vitória.

Willow estava coberta com meu sangue, quando eu terminasse com ela, eu me certificaria de que todos os homens naquela sala soubessem que eu a havia preenchido comigo também.

Agarrei seus quadris, puxando-a de volta para mim. Seus joelhos deslizaram pelas cobertas, as unhas agarrando o tecido enquanto ela lutava para conseguir algo sólido. Eu a puxei para a beira da cama, tirando seus joelhos de debaixo dela. Quando seu corpo caiu na beirada da cama, os dedos dos pés mal tocaram o chão, deixando-a se esforçando para se sustentar. Suas coxas ficaram tensas com o esforço enquanto ela as apertava para me manter fora.

Eu ri, inclinando meu peso sobre ela. Meu pau aninhou-se na fenda de sua bunda, permitindo-me fazer estocadas superficiais contra ela enquanto lutava para agarrá-la pelos pulsos. Torcendo-os atrás dela, preendi-os na parte inferior de suas costas e preendi-os entre nossos corpos. — Você realmente achou que escaparia tão facilmente, Feiticeira? Depois do que você fez? — Eu sussurrei, observando enquanto ela estremecia.

Havia aquela mistura deliciosa de medo e raiva em seu rosto quando ela se virou para mim, carrancuda, por cima do ombro, torcendo os braços para o lado enquanto tentava lutar comigo. Se eu fosse qualquer outra pessoa, ela provavelmente teria conseguido.

Minha feiticeira nem reconheceu sua própria força, pois seria necessário um esforço mínimo para contê-la.

Reposicionei seus pulsos, prendendo-os com uma das mãos. Eu adorei a curva de seus ombros enquanto eles arqueavam para trás com seus braços, a curva que isso dava ao seu corpo me fazendo desejar poder passar minha língua ao longo de sua coluna.

Então fiz exatamente isso, usando minha mão livre para tirar o cabelo dela do meu caminho enquanto avançava. Ela estremeceu sob o toque da minha língua, arrepios de prazer irromperam por toda a sua pele.

Finalmente alcançando seu pescoço, brinquei com a pele delicada onde eu a teria mordido se ainda tivesse presas. De qualquer maneira, cedi à tentação, afundando meus dentes em sua carne com força suficiente para que ela gritasse e lutasse debaixo de mim. Determinado a deixar minha marca nela, mordi com mais força enquanto ela lutava, mantendo-a imóvel enquanto machucava sua garganta.

Mantive a minha boca ali, apreciando o sabor da sua carne ferida contra a minha língua. A mão que não a prendeu empurrou o vestido para que ficasse no centro das costas e fora do meu caminho. Então descii meu toque até suas coxas, deslizando entre elas. Ela estava molhada apesar da aspereza da minha mordida, seu corpo

respondendo à dor que Willow estava apenas começando a apreciar. Ela moveu os quadris enquanto eu deslizava contra sua boceta, deslizando dois dedos nela com facilidade.

Com os dentes em sua garganta e as mãos presas nas costas, Willow se fodeu nos dedos que ofereci, tomando tudo que eu daria a ela. Sorri contra ela enquanto removia meus dedos, substituindo-os pelo meu pau e entrando nela. Ela gritou, resistindo contra mim para enfrentar meu impulso enquanto eu a agarrava pela parte de trás do joelho. Eu levantei sua perna para pousar um daqueles joelhos na beirada da cama, abrindo-a bem quando finalmente soltei sua garganta.

Seu pescoço estava vermelho, a marca distinta dos meus dentes já estava roxa. Não foi um protesto ou discussão que saiu da sua boca enquanto eu batia a palma da mão contra a carne da sua bunda, observando-a saltar enquanto lhe batia com o meu pau.

— Mais forte — ela gemeu, inclinando os quadris para que eu desse o que ela desejava.

— Uma bruxa tão boa — murmurei, batendo nela com mais força. Sua bunda ficou vermelha embaixo de onde eu a golpeei, minha marca de mão parecendo perfeita pra caralho contra sua carne. — Você quer que eu te castigue, não é?

Ela choramingou, o som indo direto para minhas bolas.

Esta mulher foi feita para mim, cada maldita parte dela.

— Gray — ela disse. Meu nome nunca soou mais reverente do que quando veio dela no auge da paixão. Seus apelos eram muito mais belos do que os de qualquer uma das almas que oraram ao meu pai, muito mais impressionantes do que os de qualquer um dos condenados que me imploraram por misericórdia.

Ela me fez um deus e seu corpo era meu altar.

— Responda-me — eu disse, penetrando fundo. Fiz uma pausa no final dela, deixando-a sentir a cabeça do meu pau nas partes mais profundas da sua boceta. Ela recuou um pouco, a pontada de dor misturada com seu prazer enquanto seu olhar se suavizava. Ela afundou os dentes no lábio inferior, fechando os olhos de vergonha ao admitir o limite sombrio de seu desejo.

— Sim — ela disse, sua voz sumindo. Puxei meus quadris para trás, movendo-me dentro dela lentamente quando ela finalmente abriu

os olhos. Havia determinação naquele olhar enquanto ela deixava de lado seus sentimentos de vergonha, a mulher vibrante e desafiadora recusando-se a ouvir o que deveria ou não querer de mim. O que ela fez na privacidade da nossa cama não era problema nosso, ela não poderia saber que ninguém mais saberia que ela se tornou meu brinquedinho perfeito no momento em que eu a tocasse.

Esse conhecimento era só meu, e eu queimaria o cérebro de qualquer um que pensasse nela dessa forma.

— Eu quero as palavras, Feiticeira — eu disse, sustentando seu olhar. Eu não agiria se ela não quisesse, se ela não fosse forte o suficiente para admitir seus desejos e me pedir para realizá-los.

Willow e eu sabíamos que ela precisava da minha punição para limpar a lousa entre nós. Ela ansiava por isso para si mesma tanto quanto eu.

— Eu quero que você me castigue pelo que eu fiz — ela disse finalmente, as palavras fazendo meu pau se contorcer dentro dela. Eu gemi, empurrando para baixo a necessidade que crescia em minhas bolas.

Não seria na boceta dela que eu terminaria esta noite.

— Faça isso ir embora — ela implorou, permitindo-me abaixar a perna que eu tinha apoiado na beira da cama. Coloquei-a no chão, observando enquanto ela ficava tensa enquanto ela se esforçava para alcançar o chão.

— Eu não posso dizer não para você, meu amor. Não quando você me implora tão lindamente. — Eu admiti, batendo minha mão na bunda dela novamente. Ela gemeu, levantando-se para receber meu golpe. Eu ri, alcançando a gaveta da mesa de cabeceira. — Você vai ficar quieta ou vou amarrá-la. Você me entende? — Perguntei, sabendo que o que eu estava planejando fazer com ela exigia uma precisão cuidadosa.

Eu queria que isso doesse, mas não queria que isso a machucasse o suficiente para que ela nunca desejasse isso de mim. Sua confiança era um equilíbrio cuidadoso a ser mantido, dando-lhe apenas o suficiente sem ultrapassar os limites. Ela assentiu em aceitação, estremecendo imediatamente quando ouviu a tampa do frasco se abrir.

— O que é isso? — Ela perguntou, esticando-se para olhar por cima do ombro. Mantive o frasco fora de vista, baixo o suficiente para que ela não pudesse ver. Virando-o, deixei algumas gotas caírem na

base do meu pau. Usei o seu corpo para espalhar através dela, deslizando para dentro e para fora da sua boceta enquanto os seus olhos se alargavam e a sua boca se abria.

O elixir foi escrito com a magia dos vermelhos, um intensificador que eu criei só para ela. Eu sabia que esse dia chegaria eventualmente... meu desejo de tomar Willow inteira e torná-la minha era forte demais para eu ignorar. Eu sabia que ela hesitaria em me dar essa parte dela, e ela teria sido uma tola se não o fizesse.

Ela choramingou enquanto eu a fodia em movimentos longos e lentos, seu lindo rosto contorcido em êxtase. — Por favor — ela implorou, praticamente se contorcendo na cama. Ela não seria capaz de ficar parada quando me levasse em sua bunda, não com a forma como sua pobre boceta seria negligenciada.

O elixir duraria horas, era minha intenção trazê-la para a sala do trono quando ela estivesse desesperada pelo meu pau. Em um mundo ideal, eu deixaria que seu castigo fosse ser forçada a sentar-se sem se mover enquanto o Coven assistia.

Soltei seus braços por um momento, observando se ela obedecia à minha ordem de ficar parada. Ela se moveu um pouco, recuperando-se e acalmando-se quando percebeu o que tinha feito. Eu ri, sabendo que os próximos momentos terminariam com ela enrolada em trepadeiras com tanta força que ela não conseguiria se mover.

Reguei o elixir na mão, concentrando-me nos dedos antes de colocar o frasco em cima da mesa de cabeceira. Meus dedos estavam molhados quando toquei o local onde Willow e eu estávamos unidos, esfregando esses dedos contra meu pau e dando-lhe mais magia que a tornaria insaciável.

Ela gozou quando eu deslizei dois deles dentro dela ao lado do meu pau, enchendo-a de mim. Seus braços se soltaram de suas costas, deslizando para baixo para agarrar o lençol em seus punhos enquanto ela gemia, o som longo e baixo indo direto para meu pau.

Tão apertada pra caralho.

Movi-me dentro dela, bombeando meus dedos em um ritmo oposto e aproveitando cada momento da fricção. Willow mordeu o lençol, seu gemido estrangulado me encontrando enquanto seus cílios escuros tremulavam. Soltei meus dedos enquanto ela estava no auge de seu orgasmo, deslizando-os mais para cima e tocando-os em sua bunda.

Ela se acalmou, seus olhos se arregalaram quando ela soltou o lençol e se apoiou nos braços. A estrutura de madeira da cama explodiu em trepadeiras ao meu comando, espalhando-se pelo chão e pela cama até chegar a Willow.

Uma videira enrolada em cada um de seus tornozelos, espalhando-os na largura dos ombros e mantendo-a firme enquanto eu pressionava meus dedos molhados contra seu buraco. — Gray! — Ela protestou, sua voz estridente enquanto aquelas vinhas cresciam e cobriam suas costas, amarrando-a ao colchão e juntando seus braços. Ela caiu na superfície. Seus seios pressionaram firmemente contra ela enquanto a enrolavam, agindo como a corda que a manteria exatamente onde eu a queria.

— Não seria um castigo se você quisesse, amor — eu disse, arrastando minha mão livre por sua espinha. Agarrei as vinhas, ignorando a pontada de dor dos espinhos e usando-a para me segurar enquanto fodia sua boceta. Ela apertou em torno de mim, seu corpo inchado e necessitado, apesar de sua apreensão.

Amarrada assim para mim, ela era o banquete perfeito.

Meus dedos pressionaram-na com mais força enquanto eu movia meus quadris. Eles se moviam em pulsos superficiais, a lubrificação do elixir facilitando a reação de seu corpo. — Relaxe — murmurei, a gentileza da minha voz contradizendo diretamente a maneira como a prendi aqui.

Willow respondeu de qualquer maneira, fechando os olhos enquanto soltava um suspiro lento. Seu corpo seguiu, sua bunda abrindo e me permitindo deslizar gradualmente um dedo dentro dela. Ela estava quente e apertada, me agarrando como um torno com meu pau em sua boceta e um dedo em sua bunda. Movendo-me com estocadas superficiais, diminuí a velocidade para um ritmo fácil.

Meu pau e meu dedo se moviam em sintonia, um fazendo-a se divertir enquanto o outro a abria para mim. Alinhei um segundo dedo, deslizando-o ao lado do primeiro enquanto ela gemia longo e baixo. — Você gosta disso, não é? — Eu perguntei, rindo quando Willow estreitou os olhos para mim de onde eu observava seu rosto.

Por mais que foder a bunda dela fosse sobre mim e pegar o que eu queria, eu não faria isso às custas de ela nunca mais me deixar fazer isso de novo. Eu pretendia passar minha vida dentro dela, o que significava transar com ela onde e quando eu quisesse.

Mesmo em sua linda bunda.

— Foda-se — Willow rosnou, mesmo quando suas palavras perderam o veneno quando eu abri meus dedos, fazendo seus olhos tremerem.

Entrei profundamente em sua boceta, estabelecendo-me ali enquanto trabalhava meus dedos dentro de sua bunda e a espalhava o melhor que podia. Agarrando o frasco de elixir da mesa de cabeceira, espalhei mais entre suas nádegas, passando um terceiro dedo por ele antes de pressionar contra ela. — Trabalhando nisso, Bruxa — eu disse, rindo baixinho quando ela se concentrou em sua respiração.

O terceiro dedo deslizou para dentro, sua bunda resistindo à intrusão mais do que os dois primeiros. Eu os separei, preparando-a para meu pau. Ainda seria uma luta para mim caber dentro dela pela primeira vez, mas eu não tinha dúvidas de que Willow conseguiria aguentar.

Ela poderia aceitar qualquer coisa que eu desse a ela.

Quando o meu terceiro dedo foi ajustado o mais profundamente possível, movi-me dentro da sua boceta novamente. A sua humidade contra o meu pau era obscena, os ruídos da sua boceta enchiam o quarto. Inclinei-me para frente, tocando minha boca na marca em seu ombro. Ela estremeceu com o contato, o raspar dos meus dentes fazendo-a se mexer embaixo de mim.

Eu lentamente deslizei meus dedos, tomando cuidado para não machucá-la enquanto me endireitava. Olhando para sua boceta bem aberta para acomodar meu pau, e sua bunda esperando só por mim, senti a primeira verdadeira sensação de contentamento que não sentia há séculos.

Quem precisava do céu quando eu tinha o corpo da minha esposa pronto e esperando por mim?

Movi a minha mão para baixo entre nós, agarrando a base do meu pau enquanto saía da sua boceta. Ela apertou o ar quando eu saí, lutando para se agarrar a mim quando eu a abandonei. Ela gemeu de necessidade quando eu deslizei sobre a carne fina entre seus buracos, guiando-o até sua bunda e derramando mais do elixir em mim.

Ela ficou tensa quando deslizei minha mão limpa sob seus quadris, tocando seu clitóris com meus dedos e fazendo pequenos círculos. — Respire fundo — eu disse, minha voz suave enquanto me inclinava e pressionava a cabeça do meu pau nela. Ela estremeceu, seu

corpo se espalhando enquanto eu aplicava uma pressão gradual e constante.

Suas respirações eram superficiais, a dor ameaçava consumi-la além do prazer. Movi meus dedos mais rápido, trazendo-a de volta à beira do orgasmo e depois desacelerando antes que ela pudesse gozar para mim. — Você goza quando leva meu pau na sua bunda. Nem um momento antes — eu disse, empurrando para frente.

Willow parou de respirar, suas respirações pararam enquanto ela se concentrava em reunir ar em seus pulmões. Ela soltou um suspiro profundo, seu corpo relaxando o suficiente para me deixar entrar com sua expiração. Entrei, a cabeça do meu pau saltando através do anel de músculo que estava firmemente determinado a me manter fora. A boca de Willow se abriu em um 'o' silencioso, minha mão livre se movendo para desenhar círculos suaves sobre seu quadril.

Empurrando para frente e depois me retirando, gemi quando sua bunda sufocou meu pau. Eu nunca deixei a cabeça sair do refúgio de seu corpo, aproveitando cada impulso superficial para ganhar mais um centímetro dela para mim. — Você é tão linda — eu disse, batendo em sua bunda. Senti o movimento dela contra a lateral do meu pau, usando seu momento de choque para avançar em um último e firme deslizamento.

Minhas bolas se aninharam contra sua boceta, batendo contra sua carne inchada e arrancando dela um gemido. — Eu nunca vou parar de foder sua bunda apertada agora, amor — eu disse, recuando lentamente. Ela estremeceu quando eu arrastei cada centímetro de carne sensível dentro dela, empurrando para frente com mais firmeza do que antes. Olhei para seu rosto enquanto a dor passava por ele, circulando meus dedos apenas o suficiente para vê-la recuar daquela borda e voltar ao prazer.

Ela era o instrumento e eu o maestro. Nossa música era de dor e êxtase, embora fosse nossa mesmo assim.

As minhas ancas bateram no seu rabo enquanto encontrávamos o ritmo que funcionava para nós, as minhas bolas batendo na sua boceta enquanto os meus dedos brincavam com o seu clitóris. Willow lutou contra seu orgasmo, tentando negar o prazer que sentia com isso.

— Você ama meu pau na sua bunda, sua bruxa suja — eu disse, rindo enquanto sua bunda apertava em volta de mim. Seus olhos se fecharam, seu orgasmo a alcançou enquanto eu penetrava profundamente. Concentrei-me em sua boceta, circulando seu clitóris

com meu polegar enquanto me inclinava e deslizava três dedos dentro dela.

Sua boca se abriu com um grito, sua bunda apertando como um torno. Eu passei por isso, usando seu aperto para encontrar minha própria libertação. Meu calor a encheu, a ardência escaldando suas entranhas enquanto Willow ficava mole contra a cama.

Sua respiração se estabilizou, seu corpo saciou-se por um breve momento antes que o elixir pudesse fazer efeito novamente.

Eu lentamente saí de sua bunda, notando como ela estremeceu, e fui para o banheiro. Limpando-me, peguei um pano e molhei para Willow. As vinhas recuaram enquanto eu voltava para ela, usando o pano para limpá-la. Mesmo sem as vinhas, Willow nunca se movia sozinha.

Eu sorri quando a levantei, movendo-a para deitá-la de costas com as pernas penduradas na beirada da cama. Eu as espalhei, olhando para ela e para a bagunça molhada que eu tinha feito em sua boceta. Inclinando-me para frente, arrastei minha língua por ela.

Ela gemeu imediatamente, abrindo os olhos para me encarar entre suas pernas.

Ela sorriu enquanto levantava o braço, enterrando a mão no meu cabelo e me posicionando onde ela queria.

Foi a vez de Willow pegar o que queria.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

WILLOW



Acenei com a mão sobre as portas da sala do Tribunal enquanto nos aproximávamos, as engrenagens girando imediatamente para me permitir entrar. A sala estava vazia quando entramos, todos os sinais da carnificina que ocorreu na última vez que coloquei os pés na sala circular foram apagados.

Virei-me para Gray, observando o estado desgrenhado de suas roupas. Sua camisa estava rasgada onde eu o esfaqueei, o corte distinto da minha lâmina quando ela afundou em sua pele. Seu torso estava coberto de sangue, e eu sabia que se tocasse suas calças, elas ficariam com crostas de sangue seco.

Minha própria saia preta que eu usava estava dura por causa do sangue dele. Meu corpo parecia abusado, o espaço entre minhas coxas doía pela maneira como ele me fodeu.

Eu ainda podia senti-lo dentro de mim, a dor desconhecida não fazendo nada para apaziguar a necessidade que o elixir ainda causava.

— O que estamos fazendo aqui? — Eu perguntei, girando no centro da sala.

Os olhos de Gray escureceram, lendo nas entrelinhas das minhas palavras. Eu preferiria estar na privacidade do nosso quarto, especificamente no chuveiro.

Gray agarrou meu braço, guiando-me até o trono do Covenant no estrado. Ele me sentou ali, olhando para mim como se realmente apreciasse me ver em uma posição de poder. Era um grande contraste com homens como meu pai e Itan, que não suportavam a ideia de uma

mulher ser colocada como igual. — Você vai convocar o Coven — disse ele, abaixando-se para segurar minha bochecha. Ele passou o polegar sobre meu lábio inferior, afastando-o dos meus dentes e afundando a ponta na minha boca.

Um grunhido retumbou em minha garganta, fazendo-o inclinar a cabeça para o lado com um sorriso malicioso. — Garota suja — ele disse quando eu o mordi, puxando seu polegar para trás. Ele chupou em sua própria boca para aliviar a dor, olhando atentamente para mim. O bastardo sabia exatamente que tipo de tortura cada momento era para mim nesse momento, que a ideia de enfrentar meu Coven nesse momento era horrível.

Eu mal conseguia ficar parada.

— Por que eu convocaria o Coven? — Eu perguntei finalmente enquanto Gray se inclinava para o meu espaço. Ele agarrou minha mão, manobrando-a até o braço para que eu pudesse descansar a palma contra os espinhos. Ele pressionou com firmeza, o espinho cortando minha carne até os ossos. Um suspiro assustado de dor soou dos meus lábios entreabertos.

Ele repetiu isso com a outra mão, empalando-me nos espinhos. Meu sangue penetrou nos ossos e nas rosas, centralizando-me em meu assento de poder. Susannah e George não convocavam o Coven, apenas ordenavam que os membros do Tribunal se juntassem a eles. Nas raras circunstâncias em que fizeram isso desde que cheguei a Crystal Hollow, eles enviaram um mensageiro para reunir pessoas.

Eu não tinha entendido na época. No entanto, enquanto meu sangue escorria pelas vinhas e afundava nas linhas do chão, de repente eu o fiz.

Eles nunca tiveram a capacidade de convocar o Coven desta forma, sendo que nunca foram feitos para ocupar este lugar.

Tinha sido de Charlotte por direito.

Susannah e George apenas ocuparam o local na ausência dela e não tinham sangue para derramar.

Os espinhos pressionaram o outro lado da minha mão, projetando-se entre os ossos das costas. Cerrei os dentes em meio à dor, observando meu sangue viajar pelo círculo no centro da sala. Cada cadeira foi alimentada com o sangue que forneci, enviando um chamado até que a sala se enchesse com a magia de todo o meu povo.

Nosso povo, eu me corrigi. As bruxas eram criação de Gray tanto quanto os demônios e os Receptáculos, algo que ele tinha feito para ganho egoísta... mas não menos.

— Estamos convocando o Coven para mostrar a eles que sua tentativa de assassinato falhou — disse Gray, fazendo-me virar meu olhar chocado para ele. — Se eles presumissem que você nem mesmo tentou fazer isso, eles nunca jurariam lealdade a você.

— Então você acha que a solução é me fazer parecer um fracasso? — Eu perguntei, bufando de indignação. Se eu falhei em minha primeira tarefa como Covenant, o que isso dizia sobre minha capacidade de liderar?

— Você não falhou. Você fez exatamente o que foi pedido a você, até ser capaz de me esfaquear em primeiro lugar. O plano *deles* falhou, e eles vão pagar por mandá-la para a morte — explicou Gray, saindo do caminho. As engrenagens da sala do Tribunal se moveram ao longe quando a primeira das bruxas respondeu ao meu chamado. Ele se moveu para ficar ao lado do meu trono, apoiando seu peso na lateral dele com um sorriso arrogante.

— Você não pode puni-los pelo que tentaram sem me dar o mesmo destino — eu disse. Não era justo que eles sofressem quando eu não o fiz, não quando fui eu quem desferiu o golpe.

— Observe-me — Gray rosnou, o aviso nessas palavras me chocando.

— Alguns deles são meus amigos — admiti, esperando que ele os condenasse de qualquer maneira. Aparentemente, eu poderia perdoá-lo pela maioria de seus erros, acreditando que eles vieram do lugar certo. No entanto, se ele matasse Della e Nova, não haveria volta para nós.

— Quais? — Ele perguntou, suspirando de irritação enquanto uma bruxa esperava na entrada. Eu não a reconheci e ela certamente manteve distância até que mais rostos familiares chegassem.

— Della, Nova e... — Eu parei, sabendo que o próximo nome o enfureceria. Deixei claro que não permitiria que Iban me tocasse novamente, em vez disso, planejei com ele matar o meu marido. Eu não o considerava mais um amigo, não da mesma forma que considerava Della e Nova, mas também não queria que ele morresse por seu papel.

Porra.

— Diga — disse Gray, olhando para mim. Ele já sabia a resposta, sabia o único nome que eu diria que me faria pensar.

— Iban. Iban foi quem encontrou a adaga e o livro — eu disse, engolindo o nervosismo.

— Então foi ele quem sabia que você morreria fazendo isso? — Gray perguntou, suas palavras letais estranhamente calmas. O frio tomou conta de mim quando pensei no aviso que ele deu a Gray antes de jogá-lo escada abaixo.

Alguém vai me usar como sua fraqueza.

— Ele não faria isso — eu disse, balançando a cabeça em objeção. — Se ele soubesse, teria simplesmente me dito para me matar, Gray. Não faz sentido.

— Isso pode ser por enquanto, mas nada o impede de juntar as peças — argumentou ele, virando-se para encarar o grupo que entrou na sala. Nossa conversa terminou porque havia testemunhas suficientes que se aproximaram o suficiente para nos ouvir, enquanto enchiam a sala lentamente.

Foi um fluxo constante a partir daí, a maior parte do Coven veio em suas roupas de dormir para obedecer ao meu comando. Della e Nova entraram juntas na sala, seus olhares pousaram em minhas mãos que estavam empaladas pelo trono.

Aproveitei para levantá-las, retirava os espinhos na minha carne sem olhar. A dor era uma agonia, mas enquanto me levantava, forcei meu rosto a assumir uma máscara estoica. Todos os olhos na sala pousaram em minhas mãos enquanto a luz dourada brilhava sobre a ferida, curando-as enquanto eu voltava minha atenção para onde Gray esperava.

Ele empurrou o trono, caminhando em minha direção e ficando ao meu lado. Não perdi o suspiro ao ver sua camisa manchada de sangue, ou a forma como aqueles que sabiam do plano de Iban olharam entre nós.

Chocados ao me verem respirando, percebi, engolindo meu desgosto.

Eu me deixei ser manipulada novamente, tão perdida na noção de que era minha responsabilidade consertar o que tinha feito. Eu nunca deixaria de ser um peão até começar a agir por mim mesma,

abandonando todos os pensamentos sobre os objetivos dos outros e fazendo o que era *certo*.

Eu faria o que fosse certo para mim daquele ponto em diante.

Gray capturou meu queixo com os dedos, virando meu rosto para encontrar seus olhos. O que quer que ele tenha visto ali o fez assentir, um sorriso de aprovação aparecendo nos cantos de sua boca. A expressão quase roubou o fôlego dos meus pulmões, muito mais íntima do que qualquer coisa que ele fez comigo na privacidade do nosso quarto.

Ele exibia sua aprovação e orgulho abertamente em seu rosto, não deixando dúvidas para ninguém que assistisse a nossa conversa de que ele havia me perdoado pelo que eu tinha feito.

— Nós tentamos do seu jeito — disse Gray, olhando através do Coven reunido. — Vocês enviaram minha esposa para fazer o que vocês tinham medo de tentar sozinhos. Como vocês pode ver, ela foi cruel o suficiente para me esfaquear. — Ele riu enquanto dizia as palavras.

Eu não tinha acabado de esfaqueá-lo. Eu torci a lâmina em seu coração, determinada a rasgá-lo em pedaços que nunca iriam sarar.

Empalideci com a lembrança recente, a sensação do sangue dele encharcando minhas mãos e se misturando com o meu próprio sangue que secou na minha pele enquanto ele falava. Quando eu era criança, tudo que eu queria era uma vida tranquila em uma casa perto do bosque, cercada de jardins como o da minha mãe.

Esta poderia ser a minha casa, mas eu sabia que a veria encharcada no sangue daqueles que se opuseram a mim muito antes de eu ter a paz que desejava.

— Ainda assim, aqui está você — disse a bruxa roxa enquanto dava um passo à frente. Seus olhos brilhavam como estrelas, um aviso em seu olhar enquanto ela era ousada o suficiente para falar. Identificando-se como uma daquelas que Gray consideraria uma traidora, mesmo sabendo quais seriam as consequências. — E ela está viva e bem.

— Claro que ela está — disse Gray, suas palavras ditas com os dentes cerrados. Seus lábios se abriram enquanto ele continuava, a brutalidade naquela expressão fazendo a bruxa roxa recuar ligeiramente. — Ela é minha esposa, e só porque você estava tão disposta a sacrificá-la por sua própria tolice, não significa que eu o seja.

— Ela sabia o que estava arriscando — disse a bruxa roxa, erguendo o queixo enquanto voltava os olhos para mim. Ela esperou que eu falasse, que eu a salvasse do destino que a esperava. Eu não poderia interceder por ela. Não quando eu também comecei a questionar o quanto queria dar para proteger alguém que me enviava voluntariamente para a morte.

Se os papéis tivessem sido invertidos, eu não teria sido tão rápida em permitir que alguém morresse por um bem maior. Eu não tinha isso em mim.

Nós não éramos iguais.

— Sim — concordei, juntando as mãos na minha frente. — Isso não significa que isso deveria ter sido solicitado a mim.

Ela zombou, olhando para Iban, onde ele permanecia no meio do grupo. Ele deu um passo à frente, torcendo as mãos e parando a uma distância apropriada com apenas um olhar de Gray. Seus olhos castanhos olharam para mim no estrado, sua expressão suplicante.

Exceto que, pela primeira vez, quando olhei para ele, não vi o amigo que pensei que estaria me apoiando. Eu vi alguém que viu minha fraqueza e as paredes ao meu redor, jogando-as contra mim para alcançar o que ele achava que este Coven precisava.

— Tivemos *séculos* de conflito entre as bruxas e os Receptáculos — eu disse, falando não para Iban, mas para todo o Coven. Ele abriu a boca como se pudesse me interromper, mas eu o silencieei estendendo a mão. — Você não teve o suficiente?

— O que você sabe sobre nossos séculos de conflito? — Uma bruxa branca mais velha perguntou. — Você está aqui há cinco minutos e suportou apenas uma Colheita. Você não sabe nada sobre nossa história.

— Você está certa — admiti, balançando a cabeça. — Eu não cresci aqui. Não passei minha vida imersa no ódio como você, mas fui criada para vir aqui e destruir os Receptáculos, independentemente do custo. Se eu estiver disposta a deixar isso de lado pela paz, por que você não está?

— Porque eu não vou foder o bastardo responsável por isso! — Ela gritou, resultando em um murmúrio de concordância.

— Esse bastardo também é responsável por você ter magia em primeiro lugar — eu disse, descendo um degrau no trono. Aproximei-

me dela, parando diante dela e inclinando-me em seu rosto. — Talvez você prefira que ele retire isso.

Ela empalideceu com isso, da mesma forma que qualquer uma das bruxas teria feito quando confrontada com a ideia de não ter sua magia. Em algum momento, isso se tornou quem éramos, a única maneira de nos identificarmos.

Havia mais em nós do que a magia em nossas veias.

Gray ficou ao meu lado, permitindo-me interagir com o Coven e suas rebeliões. Eu tinha mais apreço por ele nesses momentos do que nunca, por sua disposição de se afastar e me deixar travar minhas próprias batalhas. Se eu realmente substituísse o Covenant, eles não ganhariam respeito por mim por ele interferir a cada passo.

Não perdi os arquidemônios indo para o fundo da sala, espreitando silenciosamente em preparação para o momento em que Gray teria que lidar com sua penitência sozinho. Assim como ele não tinha interferido agora, eu recuaria e permitiria que ele fizesse o que fosse necessário para o seu povo.

Mesmo que isso significasse punir aqueles que uma vez estiveram ao meu lado e me sacrificaram como um cordeiro.

Juliet se moveu no meio da multidão, alcançando Della e Nova e agarrando cada uma delas com uma mão calma. Ela as conduziu para fora da sala enquanto elas olhavam para mim e eu suspirei de contentamento. Pelo menos elas estavam seguras, poupadas do que estava por vir devido à relutância de Gray em me fazer odiá-lo novamente.

— Você não merece ocupar o lugar do Covenant — disse a bruxa roxa, com um sorriso de desgosto em seu rosto que eu teria odiado ver em algum momento.

Agora, isso só me encheu de determinação quando a encarei. — O Covenant não usava sapatos, então acho difícil imaginar que não possa preenchê-los — eu disse, pensando em como seus ossos batiam no chão a cada passo. Gray bufou do trono, o som aquecendo minha alma. — Mas se o legado que eles deixaram foi a destruição da própria magia que afirmamos amar, esse não é um legado do qual eu queira fazer parte.

— Querida, este Coven opera com base na tradição há séculos — disse Iban, olhando ao redor da sala quando Gray rosnou um aviso sobre o carinho indesejado de Iban.

— Tem? — Eu perguntei, franzindo a testa. — Séculos de tradição exigiram magia de sangue e sacrifício para devolver o que tiramos da Fonte. Este Coven se perdeu décadas atrás, e eu o verei retornar ao que deveria ter sido.

— Está tudo muito bem, mas você não pode esperar que eles aprovelem você se você estiver com ele ao seu lado! — Iban disse, elevando a voz enquanto olhava para mim. Ele parecia mais com seu tio nesse momento do que nunca, a contorção de suas feições de raiva fazendo-o parecer cruel e rancoroso.

— Não preciso da aprovação deles, embora espere que isso chegue a tempo — eu disse, subindo alguns passos no estrado. Sentei-me no trono enquanto olhava para Iban. — Por que não discutimos o que realmente está causando sua raiva, Iban? O ciúme não fica bem em você.

Ele franziu os lábios, olhando para o lado enquanto a atenção se voltava para ele. — Você pode reivindicar o que quiser, mas o bem do Coven deve vir em primeiro lugar. Aliar-se a ele é bom. Entretanto, ele nunca poderá fazer aquilo que você deve fazer pelo bem da Fonte. Você não pode permitir que suas magias terminem com você, e ele nunca poderá lhe dar filhos!

Eu me encolhi com a chicotada que a mudança de conversa me causou, reconhecendo plenamente que meu desespero o fazia agarrar-se a qualquer coisa que pudesse usar. Eu considereei isso brevemente uma vez, mas não importa o que ele pensasse que era minha obrigação com meu Coven, eu não queria filhos agora. Esse era um problema de amanhã, para uma mulher que não tinha certeza se viveria tanto tempo.

— Não posso? — Gray perguntou, acalmando tudo em mim. Forcei-me a não olhar para ele, concentrando-me na minha respiração e mantendo o rosto como uma máscara vazia. Eu não podia permitir que meus pensamentos aparecessem em meu rosto, não quando aqueles que me observavam procuravam falhas em nosso casamento.

— Os Receptáculos não podem gerar filhos — disse Iban, mas sua voz era muito menos segura quando me virei para olhar o rosto arrogante de Gray.

Meu marido sorriu enquanto Iban empalidecia, a realidade da situação não havia ocorrido a nenhum de nós. Não sabíamos quase *nada* sobre Lúcifer Morningstar e menos ainda sobre os

arquidemônios que ele trouxera consigo. — Ah, mas nós dois sabemos que não sou um Receptáculo — ele disse simplesmente.

Tudo em mim congelou, mesmo quando forcei minha expressão para uma de indiferença. Engoli em seco, tentando não pensar em quantas vezes fizemos sexo. Eu tomei o tônico para prevenir o parto mensalmente, mantendo minha menstruação sob controle desde que me lembrava.

Eu estava segura.

Mas eu não sabia se meu marido sabia disso. Eu não sabia se ele estava ciente das medidas que eu havia tomado para evitar a gravidez no caso de um homem aceitar o que eu não ofereci. Meu mundo era duro e brutal, eu não sabia em que situações poderia me encontrar quando chegasse ao Coven.

Eu nunca estive mais grata do que agora pela minha paranoia.

— A criança seria uma bruxa? Ou Nephilim? — Um dos Devoes perguntou, dando um passo à frente para fazer uma pergunta. Ele estava calmo, coletando as informações enquanto seu cérebro analisava as opções à nossa disposição. — Uma criança Nephilim não continuaria o legado de nossas casas fundadoras.

— Não há como saber com certeza — respondeu Gray, devolvendo a atitude calma e controlada do homem. — Mas eu também sou o único ser vivo que pode criar novas bruxas. Posso simplesmente conceder o poder de um Verde e de um Preto aos mortais de minha escolha, caso os filhos de Willow e meu, provem ser poderosos demais para preencher o papel.

Contive meu suspiro assustado, odiando que estivéssemos negociando com o potencial de crianças que eu nem sabia se queria. Fiquei quieta, confiando que Gray sabia o que estava fazendo. Eu discutiria com ele mais tarde, quando os olhos curiosos do Coven não estivessem mais examinando cada movimento que fazíamos.

— E o que você esperaria em troca de tal barganha? — Perguntou o Devoe, arqueando a sobrancelha.

— O Coven abraçará Willow como prometeram na noite em que você se curvou a ela, e quando chegar a hora certa, ela abrirá o selo permanentemente e permitirá que nosso povo entre e saia entre nossas terras como quiser — disse Gray, eu mal consegui conter meu suspiro de dor.

Outra motivação, outro objetivo que não havíamos discutido.

— Discutiremos isso em particular — disse o Devoe, erguendo o queixo.

— Eu não esperaria nada menos — disse Gray, vindo para o meu lado. Ele pegou minha mão, levando-a à boca para dar um beijo suave nas costas da minha mão. Isso acalmou minha dor no momento, permitindo-me prosseguir com esse show para que eu pudesse rasgar sua garganta em particular, se eu quisesse.

— Você não pode ficar bem com isso — disse Iban, forçando-me a voltar minha atenção para ele. — A garota que eu conhecia nunca permitiria...

— A garota que você pensava que conhecia não existia — eu disse, minha voz suave enquanto pronunciava palavras que sabia que iriam doer. Foi minha culpa que Iban tenha distorcido nosso relacionamento além do que era. Eu o usei para deixar Gray com ciúmes e permiti que ele me beijasse quando eu sabia que meu coração pertencia a outro. — Porque ela foi algo que você criou em sua mente. A verdadeira Willow não vive para sua aprovação ou faz escolhas com base no que você pensa delas. Aceite isso ou não — acrescentei, cruzando as pernas e me acomodando completamente em minha cadeira. — Você e eu terminamos de qualquer maneira.

Iban suspirou, seus ombros caindo enquanto ele olhava para mim. Eu esperava que ele tivesse o bom senso de ir embora, de perceber que um fórum público como este não era o lugar para discutirmos os detalhes se quiséssemos preservar qualquer aparência de amizade. — Estou decepcionado com você — disse ele, balançando a cabeça.

A minha parte mesquinha não podia deixá-lo dar a última palavra, não quando isso poderia me fazer parecer fraca quando eu precisava parecer forte. — Então me chame de rainha da decepção, e acrescentarei isso à lista de coisas para as quais não dou à mínima — retruquei, imediatamente me arrependendo das palavras duras. Eu só queria voltar para o nosso quarto, tomar banho e cuidar do desejo muito mais urgente do que o ego ferido de Iban.

— Chega. Nomeie seus co-conspiradores — disse Gray, aproximando-se de mim. Seus olhos se fixaram nos meus, o comando naquele olhar me forçando a afastar meus pensamentos de remorso. Gray tinha visto isso crescendo em mim, percebi, impedindo-me de

retirar a dura reprimenda que eu suspeitava que Iban e eu precisávamos.

Eu não era mais seu igual aos olhos do Coven, ele precisava aprender a respeitar os novos limites da nossa amizade se quiséssemos ter uma.

— Não sei os nomes deles — admiti, mesmo enquanto meus olhos vagavam por cada um deles.

Fui responsável por tantas pessoas e nem consegui nomeá-las enquanto as enviava para a morte.

Fechei os olhos quando Gray dirigiu sua atenção para a pessoa que eu havia isolado como líder do ataque. — Então você vai — disse ele, balançando a cabeça.

Belzebu e Leviatã se moveram, abrindo caminho pela multidão para segurar um dos braços de Iban. Eles o levantaram, carregando-o pelas portas da sala do Tribunal enquanto Gray os seguia. Ele se virou no último momento, seu olhar vindo para o meu com uma ordem que eu obedeceria, mesmo que eu precisasse de tudo para não desafiá-lo.

Eu exigiria a retribuição exata se um dos seus fizesse mal às bruxas.

— Ninguém vai embora até que eu tenha as respostas que preciso.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

GRAY



Leviatã e Belzebu arrastaram Iban para uma das salas de aula próximas, deixando-o cair no chão, no centro das carteiras. O homem ficou de pé, olhando para mim enquanto Belzebu se afastava para me permitir passar.

— Tenho que admitir, você a fez virar as costas muito mais cedo do que eu esperava — eu disse, dando alguns passos até parar bem na frente dele. — Estou quase feliz por você ter sobrevivido à sua pequena queda no outro dia. Ver você bater e queimar sozinho valeu a pena. Achei que teria que esperar anos para me livrar de você, mas você tornou isso tão dolorosamente fácil.

Ele empalideceu quando dei outro passo, levantando as mãos para se defender, embora eu não tivesse me movido para machucá-lo. — Você não pode me machucar. Ela não vai te perdoar por isso — disse ele, seu cérebro racional tentando se agarrar à sua única esperança.

— Ela me viu levar você para algum lugar privado — eu disse, franzindo o nariz de irritação. O sangue seco penetrou na minha camisa, esfregando a superfície da minha pele de uma forma que parecia irritante. Eu queria acabar com esse negócio para poder levar Willow para o chuveiro e atender às suas necessidades enquanto removia todos os sintomas de sua traição do meu corpo. — O que exatamente você acha que ela acredita que está acontecendo?

— Ela não está pronta para me ver morrer — disse Iban, balançando a cabeça. Mesmo que Willow tivesse se distanciado de seu ex-amigo e admitido que ele defendia seus próprios interesses, ela

ainda não o queria morto. Desde o momento em que traiu pela primeira vez a garota que nem conhecia, prendendo-a em um acordo sem se importar com seus sentimentos, ele agiu com um propósito em mente.

Servindo a si mesmo.

Ele apenas continuaria provando isso a ela a cada respiração que respirasse, levando-a mais profundamente em meus braços. Uma mulher como Willow sufocaria em um casamento que tinha tanto a ver com controle quanto com fazer o que se esperava dela.

Ela precisava desafiar as expectativas, prosperar com o homem que apreciava sua tendência de esfaquear primeiro e fazer perguntas depois e esconder suas vulnerabilidades com palavras cuidadosamente farpadas.

— Quem disse alguma coisa sobre matar você? — Eu perguntei, inclinando minha cabeça para o lado. Eu não tinha intenção de acabar com a vida de Iban, não quando sua vida ofereceria muito mais sofrimento. — Quero os nomes das bruxas que participaram do feitiço daquela adaga.

— E se eu não der? — Iban perguntou, ficando mais alto.

Soltei uma risada, piscando e abraçando a onda de luz das estrelas que consumia a sala. Mergulhamos na escuridão total, além das luzes cintilantes que se acumulavam em sua pele, pequenas alfinetadas de fogo ardente que o escaldavam onde se fixavam.

Ele deu um tapinha nos braços nus, tentando freneticamente afastá-los e recuando com a queimadura que atingiu suas mãos.

— Você vai — eu disse simplesmente enquanto Leviatã derrubava um vaso sobre a mesa. A água derramou-se sobre a madeira, permitindo-me juntá-la numa bola que levei à cara de Iban com apenas um pensamento. Ele empalideceu quando a água cobriu seu nariz, consumindo sua boca.

Seu peito não se moveu enquanto ele lutava para prender a respiração, determinado a não permitir que eu o afogasse. Segurei seu olhar, esperando pacientemente pelo momento em que ele percebesse que não poderia lutar comigo. Homens como Iban eram tão egoístas; não haveria como negar seu instinto.

Ele resmungou, o som vindo através da água como bolhas. Só quando ele finalmente inalou e engasgou com a água eu a soltei,

deixando o resto cair no chão em uma poça a seus pés. — Você tem algo para me dizer?

Ele cuspiu para respirar, sugando uma profunda golfada de ar. — Você vai matar Della e Nova? Porque é isso que você terá que fazer para punir se quiser livrar o Coven de todos aqueles que se opuseram a você — disse Iban, cuspiendo a água restante.

— Não, porque ao contrário de você, acredito que as duas só agiram porque pensaram que era o que Willow queria. Elas estavam dispostas a ficar ao lado dela se fosse sua escolha, e ficariam ao lado dela enquanto ela trabalhava para unir o Coven comigo. Os outros só queriam se livrar de mim, você e eu sabemos disso — eu disse, agarrando-o pela garganta.

Apertei a carne sensível que havia danificado com a água, oferecendo um último aviso. Eu queimaria pedaços dele em seguida, observaria a pele derreter de suas pernas até que ele me desse o que eu queria.

Ele baixou o olhar, sua voz era um sussurro rouco enquanto pronunciava o primeiro nome.

O resto veio logo depois.

— Vou te contar um segredinho — eu disse quando ele terminou, inclinando-me para que as palavras fossem um sussurro entre nós. — Eu já sabia quem enfeitiçou aquela adaga. Posso *sentir* a magia deles, mesmo sem saber seus nomes.

— Então por quê? — Ele perguntou, seu resmungo sendo de derrota e confusão.

— Eu queria ver você quebrar e saber que você estava disposto a desistir deles para se salvar de um pouco de dor — eu disse, me levantando e ajustando minhas roupas. — Eu queria que você soubesse que mesmo nisso você se coloca em primeiro lugar.



Entrei na sala do Tribunal, deixando Iban na sala com Belzebu e Leviatã. Passando pelas bruxas reunidas, me inclinei e beijei Willow

gentilmente. — Vejo você na cama — eu disse, observando enquanto ela levantava as sobrancelhas em descrença.

— Você não pode esperar que eu simplesmente vá embora — disse ela, argumentando quando eu sabia que ela o faria. Por mais que eu desejasse que ela respeitasse meu desejo de tê-la escondida em segurança, onde ela não pudesse testemunhar minha brutalidade, eu entendi por que ela precisava testemunhar isso.

Suas ações contribuíram para a morte deles. O mínimo que ela podia fazer era testemunhar.

— Muito bem — eu disse, virando-me para encarar a multidão. Satanás ficou na porta, bloqueando a saída de qualquer um que pudesse tentar escapar. — Blair Beltran, Uriah Peabody, Kass Madlock e Teagan Realta entrem no círculo.

Os quatro intervieram, olhando em volta ao perceberem que duas bruxas estavam faltando em seu esquema e não sofreriam o mesmo castigo. Em quaisquer circunstâncias normais, Della e Nova teriam sofrido o mesmo destino.

A bruxa Realta voltou seu olhar para Willow. — Espere um minuto, sua maldita...

Cerrei minha mão em punho, puxando o poder que incuti neles através de sua linhagem. Eles gaguejaram, apertando o peito enquanto a magia subia por suas gargantas. A bruxa Realta sufocou com sua própria magia, caindo de joelhos enquanto suas palavras odiosas ficavam presas em sua garganta.

Outra bruxa Realta deu um passo à frente, movendo-se para interceder na dor de seus familiares. Willow ergueu a mão, atravessando a sala com uma rajada de ar que ondulava como um tornado. Moveu-se entre a mulher e a Realta que sofria, criando uma barreira que a bruxa cósmica não conseguia romper.

Minha esposa se levantou, relaxando os ombros com um suspiro enquanto ela encarava aquela que teria intercedido. A outra bruxa bateu contra a parede de vento, os punhos raspando com a força do ar. Ela se afastou enquanto Willow se mantinha firme, olhando para a bruxa que agora liderava o Coven com olhos arregalados.

Eles a viram usar sua necromancia e magia da terra, mas este foi o primeiro momento em que Willow revelou a extensão de *quão* parecida com o Covenant anterior ela havia se tornado.

Leal a ninguém, a magia de todas as casas corria em suas veias. Ela era a bruxa perfeita para liderá-los, sem vínculos familiares que a fizessem se comportar de uma forma que não era justa.

— Eles injustiçaram Lúcifer e me injustiçaram quando me enviaram para matá-lo — disse Willow, sua voz saindo alta e clara. Puxei minha mão de volta, libertando a magia daquelas bruxas que estavam tão dispostas a que ela morresse.

Parecia apropriado que aquilo que elas valorizavam mais do que qualquer coisa se tornasse parte dela.

Em vez de permitir que a magia voltasse para mim, retornando para a casa da qual passou muitos séculos separada, deixei-a rastejar pelo chão. Todas as quatro bruxas se ajoelharam enquanto o líquido se soltava de suas bocas, derramando-se no chão enquanto elas engasgavam. Ela deslizou insidiosamente, as cores variadas se misturando em uma névoa que se movia sobre o azulejo à medida que se aproximava do estrado.

A testa de Willow franziu enquanto girava ao redor dela, envolvendo seu corpo e envolvendo-a em seu abraço.

Tocou o centro de seu peito, pressionando a linha que uma vez desenhei ali para fazê-la acreditar que eu tiraria sua magia. Mesmo que a ferida já tivesse cicatrizado há muito tempo, a pele de Willow se desprende da linha fina para revelar uma luz dourada brilhante dentro dela, onde residia toda a sua magia.

A névoa desapareceu dentro dela lentamente, uma longa faixa de fumaça que fez suas costas arquearem até que tudo voltasse para onde eu queria.

Minha casa e a casa de tudo o que importava para mim.

Os olhos de Willow brilharam com luz enquanto sua ferida cicatrizava, seus olhos pousaram nos meus enquanto eu sorria para ela. Não dei tempo para ela questionar minha decisão, girando e atacando com uma massa de ar noturno. Ele se dividiu no centro do círculo, cortando as cabeças das quatro bruxas sem magia ajoelhadas e pensando que sua punição havia sido aplicada.

Até Willow engasgou quando suas cabeças rolaram para o chão, seus corpos desabando para o lado. Na multidão de espectadores, alguém gritou de tristeza, fazendo Willow cerrar os dentes.

Suas narinas dilataram-se de irritação, mas ela se recuperou rapidamente e falou com o Coven. Mantendo a paz, como qualquer líder decente faria em tempos de conflito.

— Sua justiça foi cumprida, espero que ele seja igualmente rápido em me permitir tomar nossa própria vingança caso algum dos Receptáculos ou Demônios prejudiquem as bruxas dessa maneira — ela exclamou, o desafio pela justiça acontecendo com o público perfeito.

Ela entregou sua mensagem àqueles que eram leais a mim, anunciando que viria buscá-los se tocassem no que ela considerava seu.

Eu sorri.

Lá estava minha feiticeira favorita.

— Eu não aceitaria de outra maneira, Covenant — eu disse, fazendo uma reverência que seria zombeteira se fosse qualquer outra pessoa que não Willow.

Por ela, eu passaria minha vida de joelhos se ela me pedisse isso.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

WILLOW



Atravessei o quarto, Jonathan girando em volta dos meus pés. Gemi de frustração enquanto ele miava para mim, constantemente atrapalhando. Foi preciso todo o equilíbrio que eu tinha para me impedir de cair de cara no chão regularmente.

Meu pé bateu nele, mas o gato não mostrou nenhum sinal de irritação.

Ele não sibilou do jeito que normalmente faria para me mostrar seu descontentamento.

Franzi a testa, olhando para o gato preto por um momento antes de me abaixar para coçar seu pescoço. Minha mão passou por ele, movendo-se para o outro lado enquanto tudo dentro de mim ficava tenso.

— Estou impressionado — disse uma voz masculina, forçando-me a levantar rapidamente e girar para encará-lo. Ele esperou na porta, sua forma sozinha o suficiente para preencher a lacuna que levaria à sala de estar e ao escritório além dela.

Se seu corpo não fosse suficiente, as asas brancas e emplumadas que se estendiam atrás dele teriam feito isso.

Seu rosto era tão parecido com o de Gray que doeu, me atingindo como um soco no estômago. Ele estava bem-apessoado, com o cabelo devidamente aparado e suas feições gentis. Seus lábios se curvaram em um sorriso que parecia mais falso do que qualquer um dos sorrisos zombeteiros que Gray me deu durante seu engano.

Caminhei em direção a ele, engolindo em seco ao perceber quem ele deveria ser.

— Miguel — eu disse, minha voz tão apreensiva quanto eu me sentia.

— Willow Hécate — disse ele, ignorando propositalmente meu nome de casada.

— Willow Morningstar — eu o corriji incisivamente, erguendo o queixo.

Ele riu, dando um passo em minha direção. Ele se moveu até ficar perto demais para ser confortável, mesmo no reino dos sonhos, onde nenhum ser normal poderia me tocar. Eu não sabia que magia ele tinha, ou se era semelhante à de seu irmão gêmeo, especialmente porque Gray conseguiu me marcar em um sonho uma vez.

— Não aos olhos de Deus, você não é — disse ele, com os lábios se abrindo ainda mais. Os dentes atrás deles eram perfeitamente brancos e retos, despretensiosos e sem brilho. No entanto, algo nele me fez pensar se ele era ainda mais implacável do que Gray, se sua justiça era uma arma a ser empunhada.

Dei de ombros, indo até a janela para olhar os jardins. Estavam escuros, sem a iluminação das estrelas que normalmente brilhavam nas lanternas acima. — Nunca dei muita importância ao que o seu Deus pensa de mim — eu disse, encarando-o.

Encará-lo era desarmante, seus olhos eram do mesmo azul chocante que o Receptáculo de Gray possuía. Certa vez pensei que sentiria falta do azul daquele olhar quando o perdi para o dourado e a compreensão do que ele era, mas olhando para Miguel não pude deixar de perceber que ele não era nada, exceto uma pálida imitação.

— Eu não esperaria que alguém como você se importasse. Nós dois sabemos para onde você irá quando morrer, Bruxa — disse Miguel, a palavra muito mais maliciosa do que o carinho que Gray me deu.

— Isso é jeito de falar com sua cunhada? — Eu perguntei, sorrindo para ele e canalizando a atitude que Gray abraçou tão abertamente em mim. Miguel apenas olhou para mim com desprezo, como se eu não valesse a sujeira de seus lindos sapatos brancos.

— Ele não é meu irmão — ele rosnou, entrando ainda mais na ilusão do quarto que ele criou em minha mente.

— Então por que você não vai direto ao ponto e me diz o que diabos você quer para que eu possa voltar a dormir? — Eu perguntei, enfrentando aquele rosnado com um dos meus.

Miguel zombou. — Você é tudo o que Ele disse que você seria — disse ele, arrancando um sorriso de mim.

— Estou feliz que minha reputação me preceda — eu disse, acenando com a mão para dizer a ele para ir em frente.

— Você tem a capacidade de abrir o Selo do Inferno novamente — disse Miguel. E eu levantei uma sobrancelha para ele, cruzando os braços sobre o peito. — Ele quer que você faça isso e traga toda a sua espécie e a família de Lúcifer de volta para onde eles pertencem.

— Minha espécie nasceu aqui — eu disse, descruzando os braços e cerrando os punhos ao meu lado. — Este lugar é só nosso.

— Vocês são abominações que nunca deveriam ter existido. Vocês venderam suas almas ao diabo e deveriam ir aonde pertencem todos os que escolhem seu abraço — disse Miguel, ficando mais alto. Ele inchou as asas como se seu tamanho pudesse me intimidar.

— O quê tem pra mim? — Eu perguntei, inclinando a cabeça para o lado enquanto o estudava.

— Ele não lida com os condenados — disse ele, um aviso na fúria calma de sua voz.

Aproximei-me, pegando sua gravata azul e ajeitando-a enquanto olhava para ele por entre meus cílios, zombeteiramente. — E se eu não quiser ser pagã? Ele me aceitaria no céu, então?

Ele recuou, repulsa em seu rosto pela ameaça do meu toque. Ele era sólido mesmo no estado de sonho, palpável e tangível.

Capaz de ser morto em teoria.

— Claro que não. O uso que você faz da Fonte macula sua alma — disse ele, eu entendi as palavras muito claramente.

— Eu não uso a Fonte. Eu faço parte dela, e Ele não suporta isso, não é? — Eu perguntei, minha risada enchendo o quarto. — Você quer me dizer que quaisquer boas ações que eu possa cometer nunca terão importância? Não há nenhum abraço celestial para mim?

Ele ergueu o queixo, sua indignação clara ao me observar. — Você não pode mudar o que você é.

Eu sorri. — Obrigada, Miguel — eu disse, virando as costas para o arcanjo e começando a brincar com as pétalas da rosa que eu mantinha na mesa de cabeceira. Eu não conseguia tocá-la, meus dedos a filtravam, embora ainda servisse ao seu propósito e me deixasse com uma sensação de fortificação.

— Para quê? — Ele perguntou, aquele rosto enganosamente bonito se contorcendo em confusão.

— Me dando a desculpa que eu precisava para fazer o que eu quisesse de agora em diante — eu disse, diminuindo a distância entre nós, aquela magia da vida fluindo sobre minha pele como um sussurro do que era real. — Diga ao seu pai que eu disse vá se foder, garoto mensageiro.

Coloquei minhas palmas contra seu peito, encontrando carne sólida enquanto seus olhos se arregalavam. Eu o empurrei para trás, forçando-o a passar pela porta aberta do quarto. O arcanjo cambaleou de volta para a escuridão, desaparecendo de vista tão rapidamente quanto apareceu.

Eu mudei...

Sentei-me na cama, olhando para o meu lado e encontrando Gray dormindo inquieto ao meu lado, como se pudesse sentir a presença de seu irmão. Estendendo a mão, acariciei as pétalas de flores que toquei em meu sonho. Elas se transformaram em cinzas sob meu toque, a vida que eu havia tirado delas desapareceu.

Enrolei-me de volta na cama, prometendo substituir as rosas pela manhã.

Tive a sensação de que precisaria delas.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

WILLOW



Gray entrou no quarto na manhã seguinte, fazendo-me acordar assustada. Uma calça de moletom cinza estava pendurada em seus quadris. Havia uma bandeja de café da manhã em suas mãos, uma coisa ornamentada de madeira imaculadamente esculpida e que definitivamente não tinha vindo do refeitório da escola.

Ajustei a roupa de cama em volta da minha cintura enquanto me acomodava mais confortavelmente, olhando para a variedade de frutas e doces que ele colocou em pratos para nós.

— Bom dia, meu amor — disse ele, inclinando-se para tocar suavemente minha testa com sua boca. O toque foi tão doce que odiei interromper o momento, ficando em silêncio pela sua consideração em me trazer o café da manhã.

— Você não precisava fazer isso — eu disse, pegando um copo de água. Tomei alguns goles, deixando esfriar minha garganta, que estava quente demais. Eu não sabia o que fazer com essa versão de Gray, com os gestos gentis que eram tão estranhos em comparação com o que eu estava acostumada.

— Eu queria — disse ele, pegando um morango. Ele mordeu a fruta, meus olhos acompanhando o movimento de sua boca ao redor da casca carnuda. Fiquei com vergonha da maneira como reagi a algo que deveria ser tão inocente, mas houve uma constatação que era mais importante do que meus próprios hormônios.

— Acho que nunca vi você comer — eu disse, a observação o fazendo rir.

— Não preciso, embora isso não signifique necessariamente que eu também não possa — disse ele, terminando o morango e depositando o caule na bandeja. — Gosto principalmente de frutas maduras.

— Não seja nojento — eu disse, revirando os olhos enquanto pegava um pedaço de abacaxi.

Coloquei-o na boca, mastigando lentamente enquanto aproveitava o tempo para pensar em como abordar essa conversa. Eu normalmente não me importava se o que eu dissesse irritasse Gray ou levasse a uma briga, mas esse novo terreno onde estávamos tentando um relacionamento real me deixou desconfortável.

Casais normais não *queriam* brigar.

Será que Gray e eu éramos capazes de ter paz?

— Apenas diga, Feiticeira — disse ele, erguendo a sobrancelha enquanto me observava mastigar. Corei, irritada com a forma como ele parecia ver através de mim. Ele sempre sabia quando algo estava em minha mente, e eu gostaria de ter a mesma habilidade para lê-lo.

— Por que você não disse nada sobre poder ter filhos? — Eu perguntei depois de engolir.

Ele sentou-se na cama, apoiando-se em um dos braços enquanto se acomodava. Havia uma facilidade em sua postura que me disse que ele sabia que essa conversa aconteceria depois de sua revelação na noite anterior. — Eu sei que você está tomando o tônico — disse ele, me surpreendendo. Eu não tinha tomado na frente dele, já que sempre fez parte da minha rotina matinal no primeiro dia do mês. — Não parecia que precisávamos conversar sobre isso enquanto isso. Não quando nosso relacionamento era tão complicado como era.

Fiz uma pausa, odiando que a nossa história significasse que eu teria que questioná-lo. Eu precisava saber a verdade, especialmente porque sabia exatamente do que ele era capaz. — Então você não escondeu isso de mim na esperança de que eu parasse de tomar meu tônico pensando que estávamos seguros?

Gray riu, balançando a cabeça. Não foi uma risada zombeteira como eu esperava, mas uma que aqueceu minha pele. — Não, Willow. Quando eu quiser você grávida, vou deixar você perfeitamente ciente das minhas intenções — Ele pegou uma das frutas, mas em vez de levá-la à boca, guiou-a até a minha. A ponta pressionou meus lábios e eu os abri lentamente para permitir que ele me oferecesse uma mordida.

Com seu olhar inebriante sobre mim, não pude evitar o calor que arrepiou minha nuca.

Mastiguei e engoli, sustentando seu olhar. — Quando *você* me quiser grávida? E o que eu quero? — Eu perguntei, fingindo indiferença, embora sua resposta fosse muito importante para mim. Passei minha vida sabendo que o Coven me veria como nada além de uma criadora, uma linhagem para continuar um legado. Suas palavras na noite anterior despertaram em mim o medo de ter escapado de uma pessoa que queria isso para mim apenas para pular no fogo com outra.

— Confie em mim — disse ele, pegando minhas mãos nas suas. Ele se inclinou e a sinceridade brilhando em seu olhar me deixou em silêncio. Tudo o que eu estava prestes a dizer desapareceu, perdido naquele olhar sombrio em seu rosto. — Os filhos são um presente, eu nunca forçaria você a tê-los se não os quisesse. Nem todo mundo está apto para ser pai, e grande parte da capacidade de ser uma boa mãe vem do *desejo* de ser.

Minha garganta queimou com a ameaça de lágrimas, pensando em minha própria mãe, que me queria mais do que tudo. Ela me amou, realmente me amou, apesar dos desafios que eu apresentei a ela e do homem que não a via como nada além de algo para usar.

— Mesmo se eu decidisse que não os quero de jeito nenhum? — Perguntei, notando a dor dessa possibilidade em seu rosto. Se havia uma coisa que eu sabia ser verdade, era que Lúcifer Morningstar, ansiava por uma família própria mais do que qualquer coisa.

A dele o abandonou, forçando-o a começar uma nova. Ele queria alguém que não pudesse abandoná-lo, que não fosse embora só porque não concordava com algo que ele fazia.

Ele ansiava pelo amor incondicional e pela inocência que vinha do amor de uma criança.

— Mesmo assim — disse ele, surpreendendo-me enquanto se recompunha. — Enquanto eu tiver você, posso aceitar essa decisão se for necessário.

Sorri, minha expressão mais suave do que o normal quando me inclinei e o beijei suavemente. — Acho que essa foi possivelmente a resposta perfeita.

Ele sorriu contra minha boca, devolvendo meu beijo com um beijo gentil. — Eu quis dizer isso.

Eu me afastei, deixando-o ver o quanto eu quis dizer cada palavra. — Eu sei que você fez. Foi isso que tornou tudo perfeito.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

WILLOW



Gray e eu seguimos caminhos separados depois de nos prepararmos para o dia. Ele foi para sua sala de aula, onde insistiu em manter por enquanto, e eu me vi vagando em direção aos jardins.

À luz da nossa conversa naquela manhã, eu precisava me ancorar utilizando a terra.

Eu precisava da lembrança de minha mãe, da alegria que minha família me trouxe.

Eu não tinha considerado a possibilidade de ter filhos antes, mas será que nunca queria reivindicar isso para mim? Eu estaria mentindo se meu mundo ideal não envolvesse trazer Ash para Crystal Hollow quando de alguma forma encontramos uma maneira de acalmar a dissidência entre os arquidemônios e o covenant.

A Escolha não seria mais necessária para ele, não quando eu já tivesse cumprido o destino que o Covenant anterior tentava impedir.

As flores me cercaram enquanto eu caminhava por elas, balançando em minha direção na esperança de que eu fizesse uma oferta. Estendi um braço, permitindo que as hastes envolvessem meu antebraço e apertassem até tirarem sangue. Elas recuaram depois de apenas provar, voltando para os canteiros do jardim. As feridas em volta do meu braço pareciam uma corda delicada, a pele brilhando e cicatrizando diante dos meus olhos. Havia algo tão reconfortante na familiaridade dos jardins que pegavam o que precisavam, lembrando-me que, apesar de todas as mudanças, essa coisa se mantinha verdadeira.

Este era o lugar onde eu pertencia.

Passei a ponta do dedo pelas pétalas de uma flor, deixando sua textura penetrar dentro de mim. Os jardins floresceram com vida desde que cheguei, um retorno de algo que nunca deveria ter saído. Miguel passou pela minha mente e não pude evitar a onda de culpa por não contar a Gray sobre a interferência de seu irmão. Ele me disse que não havia lugar no Céu para mim, que minha alma havia sido vendida ao Diabo desde o momento em que nasci, pela maneira como corrompi a Fonte.

Só que isso não parecia corrupção. Parecia harmonia, como duas metades de um todo que deveriam estar sempre unidas.

Não com Gray, mas com a Terra que era minha e a Fonte que eu poderia alcançar e tocar com apenas um pensamento.

Sorri, sentindo a brisa fresca flutuando na água quando me alcançou no jardim. Os penhascos ao longe estavam cobertos de névoa, os prismas das baías de cristal abaixo, escondidos da vista. Além desses penhascos ficava o cemitério que agora estava quase vazio, apenas as bruxas verdes enterradas nele, que agora haviam sido libertadas de seus caixões.

Fui em direção a esse chão contra minha vontade, meus pés me levando em direção à outra metade da minha herança. Senti a magia pulsante dos Verdes se espalhando pela terra ali, o chão acima do cemitério, uma massa de flores silvestres e grama verde e fresca que não parava de crescer.

A magia daqueles que vieram antes de mim finalmente foi devolvida ao seu devido lugar, eu fui até a beira do cemitério para prestar meus respeitos. Um dia, eu encontraria uma maneira de trazer o corpo de minha mãe de volta para cá, para que ela pudesse fazer parte de sua cidade natal também.

Por enquanto, sentei-me, afundando as mãos nas folhas de grama. A magia da morte e da vida pulsava na terra aqui, atravessando o solo até tocar minha pele. Soltei um suspiro de alívio com a magia que se espalhou pelo meu corpo, arranhando minha garganta e me mantendo cativa.

Mas, ao contrário do medo que senti pela primeira vez quando toquei na minha necromancia, já não a temia. Tornou-se parte de mim, juntando-se a todas as outras magias que eu precisava conhecer.

Então mergulhei nisso, espalhando aquela magia ainda mais pela terra, tocando as fontes naturais profundamente enterradas e sentindo o fluxo frio sobre meu corpo. O sol no céu me aqueceu contra aquele frio, a estrela mais brilhante queimando mesmo à luz do dia enquanto o lado cósmico da minha magia se estendia para cima e para fora. Os cristais na beira dos penhascos pareciam rígidos e inflexíveis, lançando um prisma de cores sobre minha visão. Havia as brasas fracas e ardentes de uma chama dentro das tochas que quase se apagara à luz do dia, tremeluzindo contra mim como o calor de uma lareira.

A magia dos Vermelhos era mais complexa para eu explorar, a magia que cresci usando vinha de fora do meu corpo. A magia dos Vermelhos veio tanto de dentro quanto dos corpos das pessoas ao seu redor. Afundei naquele sentimento de saudade que surgia sempre que pensava em Gray. Da sensação que suas mãos no meu corpo me proporcionaram.

No momento em que esse desejo ganhou vida, respirei fundo. Tocando todas as partes da Fonte de uma só vez, experimentei a magia da própria criação. Ela desceu pela minha garganta como fases das estações, um padrão que existia desde o início dos tempos.

Meus olhos se fecharam, minha respiração desacelerou até que eu não tinha certeza se estava viva ou se havia me tornado um com a Fonte. Era uma parte de mim, percorrendo meu corpo e tocando cada canto. Eu não conseguia imaginar como seria ser Gray, ter vivido com esse sentimento por séculos e ainda estar preso longe de tudo isso.

Abri os olhos ao ouvir um galho quebrar, *sentindo* o estalo como se fosse um dos *meus* ossos.

O Amaldiçoado saiu da floresta, forçando-me a ficar de pé lentamente. Havia mais deles do que eu pensava quando entraram na luz. Suas figuras eram tão horríveis quanto eu lembrava, o movimento lento e antinatural de lobos andando sobre duas pernas peludas, mas humanas, atingindo profundamente minha alma.

Eu poderia salvá-los. Desfazendo-os do jeito que fiz com Jonathan, mas eu sabia que precisava colocar minhas mãos neles para que isso funcionasse.

Eram onze, eu não poderia lutar contra todos eles de uma vez.

Olhei para eles enquanto se moviam, observando como se espalhavam pelo cemitério. Eles não chegaram muito perto de mim, a

maioria deles manteve distância, exceto aquele que parou a poucos metros de distância.

Ampliando minha postura, afastei meus pés na largura dos ombros. A magia da Fonte fluiu em minhas veias, passei muitos e muitos anos lutando pela minha vida nas jaulas projetadas para me enfraquecer e me menosprezar.

O Amaldiçoado mais próximo de mim ficou lá, inclinando a cabeça para frente silenciosamente. O movimento foi claramente submisso, e eu o estudei enquanto dava alguns passos à frente.

A brutalidade implacável que o Amaldiçoado me mostrou em minha primeira tentativa de fuga desapareceu quando todos os outros fizeram o mesmo, imitando sua postura quando cheguei perto o suficiente para tocá-lo. Engoli em seco, encontrando a intensidade de seu olhar. Ele não fez nenhum movimento para me tocar, permanecendo perfeitamente imóvel, me perguntei se ele queria que eu o libertasse. Se eles de alguma forma sabiam o que eu fiz por Jonathan...

Estendi a mão trêmula e toquei-a na lateral do rosto dele. Seu pelo era áspero sob minha palma, áspero onde eu queria que fosse liso.

Seus olhos se fecharam enquanto eu tentava invocar a mesma magia negra que usei para libertar Jonathan.

A resposta foi diferente, mais forte, com vontade própria. A Fonte de toda magia surgiu em mim, entrelaçada em uma magia viva e respirante que exigia o sacrifício que havia sido oferecido. Tentei puxar minha mão para trás rapidamente, me afastando, quando os olhos do Amaldiçoado se arregalaram. De repente, os outros imitaram o movimento, com pânico em seus rostos, como se também sentissem a atração do que quer que eu tivesse invocado.

O Amaldiçoado na minha frente me agarrou pelo pulso, me segurando imóvel para que eu não pudesse tirar minha mão. — Pare — eu sussurrei, mas ele assentiu como se entendesse o que estava por vir.

Só que eu não.

As pernas do Amaldiçoado se torceram nas raízes de uma árvore, ancorando-o no chão enquanto ele uivava de dor. Mesmo assim, ele não me libertou. Nem mesmo quando galhos se soltaram de seu torso, espalhando sangue e carne por toda a vegetação que se seguiu. Folhas brotaram nos galhos que vieram dele quando ele finalmente me soltou, me fazendo tropeçar para trás e cair de bunda.

Seu corpo desapareceu completamente de vista, engolfado pela cerca viva que se formava em círculo. Ele passou para o próximo Amaldiçoado, até que um por um engoliu todos eles inteiros. Libertando-se de seus corpos, o labirinto que apareceu na minha frente era familiar demais.

Caminhei ao redor do perímetro, estremecendo ao avistar cada cabeça dos Amaldiçoados onde permaneciam montadas no topo dos pilares que formavam o labirinto. Seus olhos estavam vazios e cegos, suas vidas entregues à Fonte que surgiu novamente com sua oferta. Corri, percorrendo todo o círculo do labirinto. Havia três aberturas, três caminhos, que eu sabia que levariam ao centro se eu pudesse ter uma visão panorâmica dele.

Eu sabia porque era o mesmo símbolo que marquei no peito de Gray quando o marquei como meu.

Eu tropecei e parei em frente à entrada que apareceu diante de mim, olhando para o rosto morto e lupino do Amaldiçoado que eu havia tocado.

Engoli meu medo, a apreensão do que a Fonte estava tentando me dizer.

E entrei no labirinto.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

GRAY



Hesitei em meus passos enquanto contornava minha mesa, olhando para a janela e olhando para o pátio além. Willow não estava em lugar nenhum dentro deles, mas eu sabia que ela havia encontrado um lugar para invocar sua magia e se firmar mais uma vez.

Minha feiticeira ficava abalada; ela poderia dobrar, mas nunca quebrou.

Eu sorri, uma risada escapando livremente. Leviatã deu um passo em minha direção enquanto meus alunos começavam a entrar na sala. — Bruxinha esperta do caralho — eu disse, balançando a cabeça enquanto me virava para encará-lo.

— O que sua esposa fez agora? — Leviatã perguntou, sua diversão combinando com a minha.

— Ela tocou a Fonte — eu disse, sentindo a magia na minha própria pele em resposta à dela. No passado, Willow usou a magia em suas veias para chamar a Fonte até ela. Desta vez?

Desta vez, ela enfiou as mãos profundamente nela, pegando-a para si e deixando-a deslizar dentro dela.

— É mesmo possível? — Leviatã perguntou, girando para olhar pela janela. Ele também procurou por Willow, sabendo que ela estaria no pátio ou nos jardins se estivesse tocando a magia tão profundamente. Esses eram os lugares onde ela se sentiria mais confortável mergulhando no desconhecido.

Eu sorri, balançando a cabeça com ternura. — Parece que nem mesmo a Fonte pode dizer não à minha esposa — eu disse, encarando os estudantes que estavam reunidos. Houve menos do que eu esperava em um determinado dia, alguns membros do Coven decidindo que não queriam mais que seus filhos assistissem a uma aula com o diabo.

Essa era sua prerrogativa, mesmo que os estudantes não fossem membros plenos do Coven até se formarem em Hollow's Grove. Percebi a ironia e a hipocrisia daquela afirmação, considerando que eram liderados por uma bruxa que não havia completado um único ano.

Parte de mim desejava que houvesse alguém que pudesse ocupar aquele trono até Willow se formar, dando-lhe a oportunidade de frequentar a escola como qualquer outro. Disse a mim mesmo que teríamos uma conversa mais tarde, para que ela soubesse que encontraríamos uma maneira de ela continuar seus estudos, se assim desejasse.

A outra parte de mim não queria nada mais do que me ajoelhar diante dela e encorajar seu reinado de terror.

— Ela é uma ameaça — disse Leviatã. No entanto, foi uma reprimenda silenciosa que mais parecia uma afetuosa irmã mais velha. Não havia nenhuma ameaça para mim na maneira como ele olhou para Willow, apenas admiração pela mulher que tornou possível sua presença aqui.

Se ao menos Belzebu fosse tão amigável com ela. O demônio que a matou ainda estava frustrado com sua existência, mesmo que a bruxa que ele queria cortejar fosse amiga de minha esposa.

Pobre Margot.

A bruxa não teve chance.

— Você deveria impedi-la? — Leviatã perguntou, levantando uma sobrancelha. Brincar com a Fonte trazia riscos, embora normalmente isso ocorresse quando alguém tentava entrar à força. A magia que revestia minha pele como uma extensão de Willow não era maliciosa, era o calor acolhedor de um abraço familiar.

Ela a reconheceu e a convidou para participar.

— Não — eu disse, balançando a cabeça enquanto pegava um pedaço de giz e começava a rabiscar notas no quadro-negro. — Deixe-a brincar. A Fonte dirá a ela quando ela for longe demais.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

WILLOW



Vagueei pelo labirinto, ignorando a forma como as sebes se estendiam para me tocar. Elas não estavam procurando por sangue. O Amaldiçoado saciou essa necessidade. Elas apenas se esforçaram para tocar minha pele nua, roçando folhas e flores em mim.

Toda a terra estava viva, exceto que isto era diferente.

Parecia que continha segredos.

Segui pelo caminho, seguindo-o enquanto ele serpenteava pela vegetação. O chão sob meus pés parecia estranho, estranho como nunca antes. Não era a terra que conheci durante toda a minha vida, quase como se este labirinto existisse entre reinos.

Um lugar próprio.

Dobrei a esquina mais uma vez, meio que esperando que algo saltasse sobre mim. Em vez disso, o que me encontrou foram as asas brilhantes das borboletas enquanto elas voavam pelo caminho. Uma pousou na minha mão, as asas azuis brilhantes pareciam tanto com um cristal que olhei para ela por um momento antes de continuar meu caminho. A magia deste lugar cobriu o ar, me cercando como as profundezas do oceano depois de cair no fundo.

Eu senti isso em meus pulmões. Senti isso no meu estômago e na minha mente.

Eu era isso, e fui eu. Enquanto caminhava para o círculo central, entendi por onde havia vagado.

No coração da própria Fonte.

CAPÍTULO QUARENTA

WILLOW



Aproximei-me das três estátuas dos Amaldiçoados que esperavam no centro do círculo, colocando a mão em cima da que estava mais próxima de mim. Ele apontou para o anel que formavam, guardando-o como sentinelas enquanto olhavam para cada um dos três caminhos. Um ficava à minha esquerda, as sebes daquele caminho eram mais antigas. Eles eram os ramos espinhosos e retorcidos da morte. Projetando-se em direção ao curso como se pudessem cortar qualquer um que entrasse; eles eram uma relíquia do passado.

À minha direita, o labirinto crescia com o brilho da primavera. O caminho estava repleto de flores e as sebes brilhantes. O verde era novo e fluorescente, enquanto o meu era o verde de uma planta madura.

Olhei para o pedestal no centro, franzindo a testa para o símbolo da deusa tripla olhando para mim. A lua cheia no centro estava cercada por duas crescentes voltadas para fora, os arcos curvando-se ligeiramente em direção aos dois caminhos que eu ainda tinha que seguir.

O movimento à minha esquerda me fez cambalear, girando para trás da deusa tripla e do que eu não conseguia entender, para encarar a figura se movendo entre os espinhos. Ela saiu do caminho, vestindo um vestido preto que cobria seus braços e caia no chão, arrastando-se pela grama enquanto se aproximava de mim.

Ela era exatamente como eu me lembrava dela, seu rosto tão parecido com o meu, mesmo agora que ela havia sido presenteada com a mais verdadeira das mortes.

— Charlotte — eu disse, minha voz quase um sussurro. Lágrimas arderam em meus olhos, embora eu entendesse que era tolice ficar tão feliz em vê-la. Eu só conheci a bruxa Hécate mais velha uma vez, embora ela tenha segurado minha mão quando eu mais precisei.

Ela sorriu tristemente, cruzando a distância entre nós para ficar ao lado de uma das luas crescentes. — Willow — sua voz era suave, tão carinhosa quanto eu me lembrava de minha mãe quando tive um pesadelo e me arrastei para sua cama à noite quando era uma garotinha. Charlotte estendeu a mão para a deusa tripla, segurando suavemente meu rosto. — Eu disse que sempre estaria com você.

— Como isso é possível? Como estou aqui? — Eu perguntei, olhando ao redor do labirinto.

O sorriso dela se alargou. — Garota esperta, você já descobriu onde está?

— Eu posso sentir isso — admiti com um aceno de cabeça, levantando as mãos na minha frente. Eles me lembraram dos olhos de Gray, da magia dourada que brilhava dentro de mim quando eu curava uma ferida. Porém, neste lugar, minha pele parecia simplesmente brilhar com isso.

— Você está aqui porque se rendeu à Fonte — disse Charlotte, traçando o formato da lua crescente mais próxima dela com o dedo indicador. — Assim como fiz quando dei minha vida para salvar a sua.

— Mas não estou morta — eu disse, olhando para trás, para a entrada do labirinto. Eu estava viva quando entrei, e o pensamento de que teria deixado Gray sem saber depois de tudo que passamos...

Ele também estaria morto.

— Não, você não está morta, Willow. Meu propósito na vida era cumprir meu acordo, terminar o preço que Lúcifer exigia. Lúcifer acreditava que seu propósito terminava no momento em que você abria aquele selo, até aquele sonho em que ele decidiu que queria ficar com você de qualquer maneira — ela explicou, pegando minha mão nas dela.

Ela tocou meus dedos na lua no centro da deusa tripla, uma centelha de poder tremeluzindo quando a toquei. — Mas eu sabia que você tinha que viver. Foi por isso que fiz Lúcifer prometer que me certificaria de estar sempre com você. Para que eu pudesse estar lá no final para protegê-la.

— Eu não entendo — eu disse, retirando minha mão da deusa tripla.

— Lúcifer faz parte da Fonte tanto quanto você e eu. Assim como seu pai e seus irmãos. Há muito tempo, Deus se ofereceu à Fonte para ganhar sua confiança e poder para criar vida. No entanto, desde então ele virou as costas nessas criações em sua própria ganância por adoração. Ele se desviou da Fonte, levando consigo poder suficiente para tornar qualquer luta impossível. Ele usou sua influência para fazer as pessoas virarem as costas aos velhos costumes e tradições. A Fonte enfraqueceu com cada pessoa que a abandonou e com cada bruxa que a negligenciou. Seu trabalho é devolver esse poder para que sejamos fortes o suficiente para lutar contra o exército de Deus — disse Charlotte, sua voz ficando distante. Ela olhou para o lugar vazio onde a outra lua crescente esperava, a vida nascente aguardava.

— Os anjos — eu disse, balançando a cabeça. Minha memória de Miguel era tão vívida. Sua afirmação de que as bruxas deveriam ser condenadas era algo em que ele realmente acreditava.

Charlotte assentiu. — Eles carregam o poder que Deus roubou dentro deles. Nós carregamos o poder da Fonte, diretamente dela. Não somos os mesmos e não seremos demonizados por tocar no que nos foi proibido no Jardim do Éden — disse ela, tirando uma maçã do bolso do vestido. Ela jogou para mim, obrigando-me a pegá-la com as duas mãos enquanto se afastava da deusa tripla.

Olhei para a maçã vermelha em minha mão, a tentação proibida pulsando com magia em minhas mãos.

— Como Lúcifer conseguiu acessar a Fonte diretamente se seu pai lhe deu as costas? — Eu perguntei, direcionando meu foco para ela.

— O diabo não é o único que sabe como usar as pessoas, doce Willow — disse Charlotte, olhando para a deusa tripla. — O destino fala de três mulheres que vão mudar tudo. Das três mulheres que vão trazer a nova ordem.

Eu exalei, olhando para o símbolo da deusa tripla com uma nova compreensão.

A Donzela.

A Mãe.

A Velha.

— Eu fiz minha parte ao fechar o acordo que permitiu a Lúcifer caminhar nesta terra ao seu lado. Mas o equilíbrio deve ser mantido — disse ela, seus olhos gentis enquanto eu olhava para o roxo familiar deles.

— Assim como é em cima, é embaixo — eu disse, parecendo distante. Meus ouvidos tocaram, sinos de alerta soaram na minha cabeça.

— O diabo não está mais no Inferno, isso significa que chegou a hora de alguém *arrancar* Deus do Céu — disse ela, a crueldade em seu rosto tão semelhante ao ódio que senti quando Miguel me disse que *nada do* que eu já fiz valeria a pena perdoar.

Eu seria condenada simplesmente por ousar tocar num poder que ele achava que eu não tinha o direito de ter.

Engoli em seco, sem saber se queria a resposta. — Eu? — Perguntei, observando o sorriso suave de Charlotte se transformar em um sorriso de pura satisfação.

— Não, Willow — ela disse, estendendo a mão para cruzar a distância entre nós. Ela descansou a palma da mão aberta contra minha barriga, seus dedos curvando-se em torno dela de forma significativa. — *Ela*.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

WILLOW



Eu tropecei para trás com seu toque, balançando a cabeça. — Eu não estou grávida — eu disse, franzindo os lábios. A ideia de que toda escolha poderia ter sido tirada de mim, quando eu já tinha decidido que poderia querer isso... algum dia... parecia impossível. Aceitar o futuro não significava aceitar *agora*.

— Não, você não está — ela disse, e meus pulmões se encheram de alívio.

Eu não estava pronta.

Não importa qual decisão eu tivesse tomado antes, dado esse aviso, eu não tinha certeza se algum dia o faria.

— A Donzela *virá* — disse Charlotte, com voz simpática. — Você já decidiu que pode querer ter filhos um dia. Isso não muda nada. — Essas palavras foram ditas em sintonia com os pensamentos que eu já tinha em minhas reflexões.

Sempre comigo, até na minha cabeça, às vezes parecia.

— Ele sabe? — Perguntei. A ideia de que tudo isso veio tão rapidamente depois de nossa discussão sobre crianças não me agradou, mas a Fonte envolveu-me, o toque nitidamente reconfortante enquanto eu olhava para o caminho primaveril da Donzela.

O caminho que minha filha um dia percorreria quando submetesse a si mesma e a seu corpo à Fonte.

— Não. Mesmo Lúcifer não sabe o preço que a Fonte vai pedir a ele — disse Charlotte, pegando minha mão nas dela.

— O preço? — Eu perguntei, minha confusão deixando minha testa tensa. O labirinto tremeu ao nosso redor enquanto Charlotte me afastava da deusa tripla. Sua preocupação era evidente quando ela olhou para trás em meu caminho. O toque quente e calmante da Fonte mudou para algo mais sombrio, uma ponta de medo formigando pela minha pele.

— Sua filha liderará a luta um dia. Ela será a arma que nos permitirá corrigir o mundo para o que sempre deveria ser — disse ela, empurrando-me em direção ao meu caminho.

— Não estou pronta para ser mãe — eu disse, observando enquanto ela seguia seu próprio caminho. Ela olhou para mim, seus olhos conhecedores.

— Eu sei. A Fonte esperou por séculos. Esperará mais mil se for necessário — disse Charlotte, entrando na boca de seu caminho. — O tempo não tem significado para algo mais antigo que toda a existência. — Não houve adeus quando ela desapareceu de vista, tomando o caminho fornecido para ela e somente ela escapar.

Corri pelo meu, correndo ao longo dele, enquanto as paredes tremiam ao meu lado. Era como se a própria Fonte estivesse sob ataque, como se alguém tivesse golpeado as paredes e exigido a entrada. Eu não queria parar para pensar no que poderia ter causado o tremor.

Meus pulmões pesavam enquanto eu corria, determinada a sair antes que qualquer retaliação estivesse se formando. Meus pés me carregaram o mais rápido que puderam, dobrando a esquina até a entrada que me chamava. A área externa estava desfocada, mas corri em direção a ela.

Pulei para fora do labirinto quando ele desabou ao meu redor, me jogando no ar enquanto caí no chão que parecia nunca encontrar. Meus braços se agitaram, o vento da minha queda balançando meu cabelo atrás de mim.

Caindo. Caindo.

Aterrisei em meu próprio corpo e sentei-me como antes do labirinto se formar, olhando para o cemitério onde ele se formou. Não havia pilares criados pelos Amaldiçoados, nem cabeças decepadas apoiadas em sebes. O solo à minha frente era plano e uniforme, uma mistura de grama e flores silvestres cobrindo os túmulos das gerações anteriores de Brays e Madizzas.

Como se o labirinto só existisse dentro da minha cabeça.

Tirei minhas mãos do chão, recuando diante do corte da magia em que havia mergulhado. Olhando para as palmas das mãos em estado de choque, nunca vi o galho balançando para o lado da minha cabeça.

Senti a dor, minha têmpora explodindo em agonia no momento em que atingiu. O bastão quebrou ao meio quando caí para o lado, forçando-me a rolar e ficar de pé enquanto me virava para encarar a pessoa responsável. A bruxa que estava diante de mim era jovem, membro da minha classe herdada.

Um grupo de seis estava atrás dela, cada um reunindo seus próprios galhos. Meu corpo parecia machucado quando voltei, meus braços cobertos de hematomas e arranhões que não senti a princípio.

Quanto tempo eles ficaram ali, me batendo enquanto eu sonhava com a Fonte?

Não foi a Fonte sob ataque na visão que eu pensei ser realidade.

Fui eu.

Fiquei tão ereta quanto pude, olhando para eles com desdém. Meu corpo balançou para o lado, sentindo que poderia cair. A Fonte estendeu a mão para me agarrar, um berço suave sustentando meu peso enquanto minha visão girava.

A primeira bruxa engoliu em seco enquanto jogava o galho quebrado no chão, e eu voltei minha atenção para as outras.

Pisquei, enviando o chamado com minha magia. A Fonte deslizou pelo chão, rastejando como insetos até tocar aqueles galhos. Torcendo-os em nós, eles se voltaram contra aqueles que os empunhavam e golpearam seus corações.

Uma bruxa gritou quando ela largou o dela, as outras seguiram o exemplo enquanto olhavam para mim.

— Tudo bem — disse o bruxo, balançando a cabeça para o lado. Ele usava as vestes brancas das bruxas de cristal, seus músculos salientes e duros como pedra. — Sem mágica então.

Ele avançou, correndo para diminuir a distância entre nós. Meu corpo entrou naquele lugar de memória muscular e adrenalina, movendo-me para o lado para evitar seu ataque. Bati meu cotovelo

contra sua coluna, fazendo-o cair no chão quando me virei e peguei a próxima bruxa com a palma da mão em sua garganta.

Suas mãos lutaram para se firmar, suas unhas arranhando a superfície da minha pele antes que ela caísse de joelhos e respirasse com dificuldade.

Passei por ela, deslizando para frente com pés seguros. A magia em minhas veias alimentou meu corpo, fazendo-me sentir invencível apesar dos ferimentos. Em todos os meus anos lutando nas gaiolas em que meu pai me colocou, nunca senti tanta raiva.

Eu bati meu punho no baço da próxima bruxa, enfiando meu joelho em seu nariz quando ela se curvou de dor.

Dois dos outros se viraram para voltar para a escola, mesmo enquanto eu guardava seus rostos na memória. Não seria Gray quem aplicaria a punição desta vez.

Seria eu.

— Que patético — murmurei, virando-me para encarar o primeiro bruxo que se levantou. Ele olhou para o outro que ainda não havia atacado, esperando enquanto eles se entreolhavam. — Bater em uma mulher quando ela está sonhando. — O desgosto no meu tom era evidente, deixando poucas dúvidas sobre o que eu pensava deles e da sua bravura em me atacar.

Eu os peguei de surpresa, correndo em direção ao grande. Ele estendeu a mão enquanto se virava na tentativa de escapar, me dando as costas. Passei meu braço em volta de sua barriga, agarrando-o e usando-o para deslocar meu peso. Ele tropeçou quando coloquei minhas pernas em volta de seu pescoço, apertando-o com força e transferindo meu peso para o outro lado para desequilibrá-lo. Segurando sua cabeça firmemente entre meus joelhos, usei minhas pernas para puxá-lo para frente e virá-lo, batendo suas costas no chão embaixo de mim.

Ele gemeu quando eu me levantei, avançando para ir em direção ao outro bruxo, que ergueu as duas mãos como se não fosse uma ameaça. Como se ele não tivesse visto uma mulher num momento de fraqueza e decidido usar isso contra ela.

Eu não tinha tolerância com agressores.

Avancei, passando por cima das bruxas descartadas que deixei no chão diante de mim. Convocando a magia que existia na ponta dos meus dedos, chamei os mortos no solo abaixo de nós.

A terra tremeu, o chão se partiu quando as bruxas que ousaram colocar as mãos em mim lutaram para se levantar. As mãos ossudas das bruxas Madizza e Bray emergiram da terra, rastejando para fora da terra e endireitando seus ossos para ficarem eretos.

Ao voltar para a escola, não falei uma palavra enquanto os mortos desciam sobre aqueles que haviam me ofendido, certamente não observei enquanto eles os despedaçavam.

Os sons foram detalhados o suficiente.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

WILLOW



A sala do Tribunal esperava por mim, o trono no topo do estrado me chamando para frente. Eu convocaria o Coven, sabendo que aqueles que escapassem não resistiriam ao chamado do Covenant. Se permanecessem em Crystal Hollow, seriam forçados a responder por seus crimes.

Eles seriam forçados a responder a *mim*.

Atravessei o círculo central, minha irritação me impulsionando para frente. Eu estava tão cansada das besteiras divisórias dentro do Coven. Se o que Charlotte me disse fosse verdade, precisávamos encontrar uma maneira de ficarmos juntos. Fazíamos todos parte do mesmo plano, dois lados da mesma magia. Mas não poderíamos fazer isso se estivéssemos tão em desacordo um com o outro que nos matássemos na escuridão.

A ideia de que deveríamos nos opor um ao outro era uma causa perdida. Charlotte pode ter cometido um erro ao colocar tudo isso em movimento, ao abrir o mundo para uma guerra que o dividiria em dois. Só o tempo diria. Mas não podíamos voltar atrás e mudar quando demos os primeiros passos. Tudo o que podíamos fazer era aceitá-lo e seguir em frente.

Eu quase alcancei meu trono, meu corpo pulsando de agonia enquanto a adrenalina da luta começava a fugir do meu sistema. Tudo latejava, minha cabeça girava de raiva e tontura.

Miguel saiu dos quartos privados do Covenant que eu não tinha interesse em reivindicar para mim. A lembrança da ancestral que

quase arruinou tudo era demais para eu suportar como meu espaço privado.

Parei no meio do caminho, olhando para o arcanjo diante de mim. Por um momento, me perguntei se teria entrado direto em outra visão, a dor induzindo o estado de sonho.

Não.

Isto não foi um sonho.

Ele não se moveu em minha direção, mas eu não fui burra o suficiente para pensar que seria forte o suficiente para lutar sozinha contra o arcanjo. Miguel era gêmeo de Gray, seu equivalente em fogo celestial.

— Olá, Willow — ele disse, o sotaque suave de sua voz polida. Eu odiava o modo como seu rosto era tão parecido com o de Gray, desprezava o modo como ele podia ser tão parecido com o homem que nunca permitiria que nada me machucasse, e ainda assim tão errado.

Girando, voltei para as portas da sala do Tribunal. Sinos de alarme soaram na minha cabeça, o conhecimento de que isso não era uma alucinação tomando conta de mim. Eu deveria ter contado a Gray sobre a visita de seu gêmeo aos meus sonhos, mas não fui capaz de encontrar as palavras devido à conversa que tivemos naquela manhã.

Já havia peso suficiente entre nós. Eu não queria acrescentar nada.

Eu bati em um peito masculino enquanto girava, mãos familiares me agarrando pela cintura e me firmando.

Iban estava atrás de mim, com o rosto sombrio enquanto me mantinha imóvel. Minhas mãos pousaram em seus ombros enquanto eu me firmava, seus dedos curvando-se no tecido da minha camisa.

Uma dor quente e branca irrompeu em minha barriga, queimando-me por dentro enquanto ele sustentava meu olhar. O pedido de desculpas em seus olhos não significou nada quando eu tropecei um passo para trás, olhando para o familiar cabo de osso branco que se projetava da minha barriga.

Minha confusão tomou conta de mim, sem entender como Iban tinha a faca que Gray havia trancado em seu cofre por segurança. O arcanjo nas minhas costas riu como se pudesse ouvir os pensamentos girando, percebi que aquela tinha sido a noite em que Miguel visitou meu sonho.

Meus olhos reviraram para trás, mãos fracas alcançando a lâmina. A magia da Fonte me partiu ao meio, puxando mais da minha magia para a adaga e me deixando esgotada. Eu tropecei para o lado, meus dedos envolvendo o punho enquanto Iban pegava minhas mãos nas suas e me virava para encarar Miguel. Ele prendeu meus braços ao lado do corpo, mantendo-me prisioneira quando eu mal conseguia encontrar forças para ficar de pé.

Eu me senti como um ser humano totalmente indefeso e sabia que nunca mais estaria certa enquanto aquela lâmina permanecesse plantada em meu corpo.

— Sinto muito — Iban murmurou, as palavras um lembrete amargo do que eu ofereci a Gray quando fiz o mesmo com ele. Ele trabalhou com Miguel de alguma forma para planejar isso.

Não havia dúvida em minha mente de que essa sempre fora sua intenção. Ele precisou que eu enfeitiçasse a adaga e me manipulou para que eu fizesse isso pensando que estava livrando o mundo de Lúcifer.

Ele sabia que iria falhar. E ele sabia que usaria isso para me matar.

— Como você pôde? — Murmurei, balançando a cabeça de um lado para o outro para me livrar da fraqueza que assolava minha alma. — Você está traindo sua própria espécie e ele não tem *nada* a lhe oferecer. — Eu sabia disso tanto quanto Miguel, com a oportunidade patética que ele me deu de fazer o mesmo.

Eu estava além da salvação por causa do que eu era.

— Desisti da minha magia por uma família. Nunca corrompi a Fonte como você fez. Posso me arrepender — explicou Iban, tropeçando em meus pés enquanto me guiava em direção ao selo no chão, no centro do círculo.

— Seu idiota fodido — eu gritei, caindo no vidro do espelho. O portal para o Inferno estava cheio de pedras, bloqueando a visão que eu conhecia. Iban deixou-me cair, o meu corpo apoiando-se na estranha mistura de vidro e pedra.

Ele cobriu meu corpo com o dele, deitando-se em minhas costas, onde me ajoelhei sobre minhas mãos e joelhos. Eu fiz uma careta, me afastando de seu toque mesmo assim.

Sua mão envolveu o cabo da adaga, torcendo-a dentro da minha barriga, de modo que um novo jato de sangue escorreu pela superfície do espelho.

Uma oferenda.

Recuei, lutando contra ele enquanto ele me levantava do vidro e a superfície derretia, dando-me uma visão panorâmica do abismo do Inferno.

Ele agarrou cada uma das minhas mãos, lutando com meu corpo enfraquecido. Eu não pude lutar ou fazer nada enquanto minha vida e magia desapareciam naquela lâmina.

Iban guiou minhas mãos até a borda do espelho, batendo-as no rosto que era meu. A magia se agarrou a mim imediatamente, tirando ainda mais de mim do que eu tinha para dar. Estremeci de volta, tentando cortar a conexão.

O selo segurou firme, sugando-me mais profundamente enquanto o vidro se estilhaçava.

E o portão do Inferno se abriu mais uma vez.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

GRAY



DEZ MINUTOS ANTES

Peguei o livro na minha mesa no meio da aula. — Vá para a página 193 — eu disse, folheando as páginas para encontrar o número.

Já havíamos passado pela história da barganha que criou o coven, mas eu queria discuti-la de um ponto de vista diferente. Belzebu e Leviatã esperaram no fundo da classe, sua presença desnecessária. Porém, Belzebu estava sempre comigo se não pudesse estar com Margot.

Era como se o bastardo não pudesse mais funcionar sozinho.

— Discutimos o acordo que fiz com Charlotte no início desta aula — eu disse, largando o livro. — Mas não discutimos isso do meu ponto de vista. Agora que a verdade foi revelada, pensei que poderíamos reservar algum tempo hoje para responder a quaisquer perguntas que vocês possam ter.

Leviatã ergueu a sobrancelha no fundo da sala, seu rosto perpetuamente intrigado não correspondendo à enormidade de seu tamanho e à intimidação que o acompanhava.

— Por que você está dando essa aula? Você não tem coisas melhores para fazer? Bruxas para comer? — Um dos alunos perguntou, com o rosto vermelho de medo enquanto falava.

— Em primeiro lugar, só há uma bruxa que faz parte do meu plano de dieta — eu disse, resultando na risada assustada de alguns

dos outros alunos. — Em segundo lugar, acredito que as nossas maiores conquistas vêm dos empreendimentos da geração que vem depois da nossa. A melhor coisa que podemos fazer pelo mundo é dar aos nossos filhos a oportunidade de prosperar. Conhecimento é poder, e é o melhor presente que posso dar a todos vocês no ambiente em mudança ao seu redor — eu disse, chocando o único garoto e fazendo-o ficar em silêncio.

O medo desapareceu de seu rosto lentamente, seu olhar caindo para minha barriga. Uma dor cegante se seguiu, me fazendo tropeçar na lateral da minha mesa.

Toquei minha barriga com a mão, olhando para ela quando a puxei. Sangue brilhante e viscoso cobria-a, escorrendo de um ferimento em minha barriga para o qual eu não tinha explicação.

Belzebu e Leviatã se levantaram, com expressões chocadas enquanto olhavam para meu abdômen. Encontrei seus olhares, já indo em direção à porta.

— Willow — eu disse, minha voz misturada com o pânico que sentia. Para ela estar ferida gravemente o suficiente para me afetar, para nenhum de nós estar se recuperando...

— Chame os outros — eu disse para Leviatã, observando enquanto o enorme arquidemônio saía da sala de aula.

Segui a dor de Willow, deixando-a me guiar escada abaixo. Tropecei nos degraus, o vínculo entre nós foi retirado da minha magia para mantê-la viva. A Fonte deslizou através de mim, usando-me como um canal para evitar que minha esposa morresse, mas eu não conseguia compreender isso de forma alguma.

Willow precisava de tudo.

Belzebu e eu nos movemos rapidamente, mesmo quando o sinal tocou e os alunos se amontoaram no corredor. Empurrei-os para o lado, sangrando por todo o chão, enquanto me dirigia até ela. Eu gemi, agarrando o corrimão enquanto a dor no meu estômago revirava, rasgando minhas entranhas em um eco do que Willow estava sofrendo.

Apenas uma arma poderia ter feito isso, apenas uma lâmina poderia machucá-la dessa maneira.

Pode não ter me matado, mas a vida de Willow escorregou entre meus dedos enquanto eu tentava alcançá-la. A Fonte só poderia

sustentá-la por um certo tempo. Meu único conforto e alívio era que eu iria segui-la e estar com ela no Inferno.

Mas ela nunca mais seria a mesma quando fosse separada da própria terra que ela tanto amava.

— Gray, ela já pode ter ido embora — disse Belzebu, com a voz tensa enquanto olhava o fluxo fresco de sangue escorrendo pelas minhas calças e caindo no chão.

Eu grunhi, afastando aquele pensamento horrível. — Eu também estaria — eu disse, dissipando isso com a única lógica que eu conseguia manter naquele momento. — Ela está agarrada à vida.

— Onde ela está? — Belzebu perguntou, sabendo que eu podia senti-la. Ele me olhou como se eu fosse fraco, um obstáculo para ele chegar até ela a tempo.

Eu odeio isso. Odeio que, pela primeira vez em séculos, eu estivesse vulnerável.

E foi a primeira vez que isso importou.

— A sala do Tribunal — eu disse, seguindo a corda até Willow. Sua dor era como uma âncora, irradiando pelos corredores escuros de Hollow's Grove. — Vá! — Eu retruquei, observando enquanto ele batia suas asas. Ele mergulhou na escada, voando para chegar até minha esposa mais rápido do que eu.

Sem minhas asas, as cicatrizes inúteis em minhas costas eram tudo o que restava, e sem nenhum poder para reivindicar para mim mesmo, não poderia chegar até ela tão rapidamente quanto ele.

Eu só esperava que ele a alcançasse a tempo.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

WILLOW



Olhei para o abismo do Inferno. Demônios correram em massa para as escadas, mas eu sabia que eles nunca nos alcançariam. Miguel retirou-se para os aposentos privados do Covenant, emergindo com Margot ao seu lado. Ela estava amordaçada, com as mãos amarradas na frente do corpo enquanto lágrimas silenciosas escorriam por seu rosto.

Resisti contra Iban, lutando contra minha fraqueza. Ele me segurou firme, sua força maior que a minha. Era a mais fraca que já estive desde a infância, meu corpo se sentiu inteiramente à mercê de seus caprichos. — Você vai ser uma boa menina e ficar parada por mim, Willow, ou então me ajude, vou cortar a garganta dela e fazer você vê-la morrer — disse Miguel, o aviso deslizando sob minha pele.

Quase desabei sobre o vidro, olhando para o poço. A ideia de me deixar cair veio à minha mente espontaneamente, a consciência de que, se eu fosse embora, ninguém jamais poderia me usar para abrir a porta novamente.

Gray me mataria ele mesmo.

Margot balançou a cabeça, as narinas dilatadas de raiva. Sua força alimentou ainda mais a minha chama, uma compreensão passando entre nós. Nós lutaríamos.

Nós morreríamos.

Mas nunca desistiríamos.

Eu sabia de algo que Miguel não sabia. Eu sabia por que ele estava tão desesperado para se livrar de mim agora. Ele não tinha tempo a perder, pois um dia minha filha iria se levantar.

Um dia, minha filha mataria todos eles.

Parei de lutar contra o aperto de Iban, deixando-o ficar confortável em me segurar. Afundei naquele toque, reunindo a pouca força que tinha e me preparando para usá-la contra ele. A Fonte permaneceu na ponta dos meus dedos, mas não ousei tocá-la até que estivesse pronta. Não com a forma como a adaga parecia ter tirado tudo de mim.

Não do jeito que a Fonte sozinha me manteve viva.

— Ela não deveria estar respirando — disse Miguel, avisando Iban enquanto eu deixava meus olhos vagarem. Deixei-os se fecharem, deixando-o ver o que ele queria ver no meu enfraquecimento.

Iban passou a mão pelo meu cabelo, afastando-o do meu rosto enquanto me virava ligeiramente para olhar para mim. — Querida — disse ele, a ilusão em sua voz quase me fazendo perder o controle e atacar naquele momento. Eu não era forte o suficiente para lutar contra Miguel e precisava esperar que Gray me alcançasse. Eu não conseguia senti-lo, a dor silenciava tudo fora do meu corpo. Mas eu sabia que ele viria atrás de mim. — Não é tarde demais para você se arrepender.

— Você é ainda mais burro do que eu pensava se acredita nisso — eu disse, as palavras sumindo.

As portas do Tribunal se abriram quando uma forma masculina voou pelo ar. Belzebu pousou na sala, olhando para mim e dando um único passo à frente. Ele fez uma pausa enquanto seu olhar varria o espaço quase vazio para avaliar a ameaça.

Eu soube o momento em que ele viu Margot. Tudo nele ficou sólido, seu corpo congelou enquanto ele estava preso entre seus sentimentos por ela e sua lealdade a Gray.

Sorri para ele quando ele cerrou a mandíbula, balançando a cabeça simplesmente para comunicar que entendi. Ele foi para Margot, e estremeci quando Miguel a jogou para o lado. Ela caiu em direção ao poço, incapaz de se segurar enquanto rolava.

— Margot! — Eu gritei, tentando arrancar minhas mãos do selo para detê-la.

— Ela é sua amiga! — Gritei, repreendendo Iban quando ele não fez nenhum movimento para ajudá-la. Ele me segurou firme enquanto ela caía sobre o poço, tentando se segurar com as pernas que abriu no último momento. Suas longas pernas eram a única coisa que lhe permitia se segurar, mas mesmo essas começaram a escorregar no rastro do meu sangue.

Ela resmungou contra a mordaca, o pânico em sua voz paralisando meu coração.

— MARGOT! — Gritei novamente, observando enquanto suas pernas cederam e escorregaram pela borda da porta.

Ela caiu no selo, caindo fora de alcance enquanto eu gritava a plenos pulmões. Belzebu abandonou sua briga com Miguel, virando-se para encontrar meu olhar enquanto eu implorava silenciosamente a ele. Empurrando Miguel, ele mergulhou em direção ao poço e deslizou pelo buraco, apertando bem as asas para perseguir minha amiga.

Observei em pânico enquanto ele acelerava em direção a ela, esforçando-se para alcançá-la antes que ela pudesse atingir o chão abaixo. Suas asas se abriram no último momento, envolvendo-a em um abraço apertado apenas alguns segundos antes de atingirem a terra vermelha abaixo. Ele torceu o corpo pouco antes de pousarem, suportando o impacto da queda e cobrindo Margot com as asas. Belzebu escondeu-a de vista, mas foi também ele quem afundou na terra, amassando-a com a força da sua queda.

Nenhum deles se moveu enquanto eu esperava, mudando minha atenção para Miguel apenas quando ele deu um passo em minha direção. Seu rosto estava cheio de fúria, suas mãos se estendendo para criar um vórtice de ar. A tempestade varreu a sala do Tribunal, recolhendo o sangue que escorria do meu ferimento e pressionando-o contra o chão e o trono no estrado. Senti o chamado do Covenant se espalhar por mim, convocando o Coven para a sala do Tribunal, onde Miguel os enviaria para o Inferno.

— Iban, não é tarde demais para parar com isso. Podemos salvar Margot. Podemos salvar sua família — implorei, olhando para baixo e esperando por qualquer sinal de vida de Belzebu ou Margot, onde eles foram engolidos pela multidão de demônios se reunindo para subir as escadas que pareciam levá-los para fora.

A porta do Tribunal se abriu novamente e eu sabia em meu coração quem encontraria entrando na sala. Ele ainda usava seu terno, não tendo perdido tempo em chegar até mim. Seu rosto era de pura

fúria ondulante quando encontrou Iban inclinado sobre mim, me prendendo, e a adaga ainda enfiada em meu abdômen.

Uma bola negra de pelo passou por ele, passando por entre suas pernas. Jonathan correu em minha direção, saltando no ar. Ele se mexeu no meio do salto, seu corpo crescendo enquanto seu pelo preto se alongava. A pele lisa e clara aparecia de suas pernas enquanto elas se estendiam. Seu focinho se curvava, seus dentes se alongavam em presas que saíam de sua boca. Ele balançou a cabeça quando caiu de quatro, suas patas enormes enquanto ele se endireitava para ficar em pé, assumindo sua forma Amaldiçoada mais uma vez.

— Por favor — implorei, voltando minha atenção para Margot. Eu não sabia quanto tempo mais eu poderia ganhar para eles saírem de lá antes que eu tivesse que sucumbir à dor e à morte que espreitavam logo além da Fonte ou revidar.

— Consorte — Jonathan disse, sua voz me assustando. Era mais profunda que sua forma humana, hipnotizante pela forma como parecia um rosnado.

— Salve-a. Salve Margot, por favor — implorei, voltando meu olhar choroso para ele. Com Gray aqui, eu tinha esperança de que juntos seríamos capazes de fechar o selo.

No entanto, eu não poderia fazer isso até que Belzebu a tirasse de lá.

Jonathan assentiu com a cabeça de lobo, curvando-se em um gesto de despedida. Perdê-lo foi como perder uma parte de mim, mas também não podia deixar Margot apodrecer. — Como desejar, Consorte.

Jonathan saltou para dentro do poço, sem se importar com a queda que teria matado um humano. Ele caiu com os joelhos dobrados, espalhando-se para frente para diminuir o impacto. Enrolando o corpo para correr de quatro, observei-o lutar para ir até onde Belzebu ainda cobria o corpo de Margot com suas asas... imóvel e silencioso.

— Miguel — disse Gray, forçando-me a desviar o olhar da cena abaixo. Seus olhos âmbar se voltaram para seu gêmeo surpresos, a dor brilhando em sua expressão enquanto ele olhava entre nós e ligava os pontos. Percebi que ele provavelmente não via o irmão há séculos, desde sua queda. O que poderia ter sido um reencontro tornou-se terrível. — O que você está fazendo?

— Ele baniu você para o Inferno. Você deve voltar — disse Miguel, apertando a mandíbula com algo que pensei que poderia ser remorso. O que quer que tenha acontecido entre eles, o que quer que Deus tenha instilado neles, eles já foram uma família.

A família mais próxima poderia ser.

Isso não impediu Miguel de se aproximar de Gray e colocar as mãos em volta de seus ombros enquanto meu marido olhava para ele em estado de choque. Ele jogou Gray no chão, inclinando-o para o buraco no chão. Gray lutou quando saiu de sua confusão, enfiando o cotovelo no estômago de Miguel e batendo a parte de trás da cabeça em seu rosto.

— O Diabo pertence ao Inferno! — Miguel gritou, grunhindo de dor enquanto apontava o punho para o rosto de Gray. Eles lutaram, lutando um contra o outro enquanto Satanás e Mammon irrompiam na sala para ajudar.

O movimento vindo de baixo me distraiu da luta. A visão de Belzebu abrindo suas grandes asas de couro renovou minha esperança. Ele se sentou ao lado de Margot, puxando-a para seu colo enquanto lutava com sua mordaca e desamarrava suas mãos.

Ela estava viva.

Ele tocou o rosto dela, segurando-o com tanta doçura que me perguntei se precisava reconsiderar minha antipatia pelo enorme demônio. Ela freneticamente passou os braços em volta do pescoço dele enquanto ele olhava para cima, ficando de pé com ela nos braços. Jonathan lutou ao lado deles, golpeando e mordendo qualquer coisa que se aproximasse demais. Os demônios eram cruéis, tentando derrubá-lo onde ele estava.

A rajada de ar que Miguel enviou pela sala quase me fez cair no buraco. Somente a conexão do selo preso à minha magia me manteve firme. Iban agarrou-se a mim, deslocando a adaga dentro do meu abdômen para que ela deslizasse um pouco mais para fora do meu corpo.

— Você poderia estar livre! — Miguel gritou, eu me virei para vê-lo lutar com Gray.

Satanás e Mammon foram pegos em sua tempestade, relâmpagos rompendo o tornado que ele formou com o vento. Ele os arrastou pelo chão, suas mãos se agarrando e lutando para se agarrar enquanto os aproximava cada vez mais do selo.

Gray lutou, trocando golpes com seu irmão que o deixou machucado e sangrando. Gray nunca alcançou sua magia, deixando a Fonte intocada.

Guardando-a para mim, percebi enquanto revestia minha pele de poder.

Salvando-o porque era a única coisa que me mantinha viva enquanto minha força vital escorria para o selo para mantê-lo aberto.

— Mande-o de volta! Você poderia ser livre, Bruxa! — Miguel gritou novamente, torcendo Gray em seus braços. Ele passou o antebraço em volta da garganta do meu marido, conduzindo-o lentamente em direção ao poço.

Segurei o olhar âmbar de Gray, temendo abandoná-lo muito mais do que o que poderia esperar por ele no Inferno. Eu mantive seu olhar enquanto pronunciava minhas palavras quase inaudíveis sobre o ciclone que arrastava Satanás e Mammon de volta ao Inferno. Eles desapareceram no buraco, forçando Belzebu a arrastar Margot para o lado.

Eles nunca chegariam a tempo.

Ainda assim, voltei meu olhar para Gray. — Eu já estou — eu disse com firmeza, falando mais para meu marido do que para Miguel. Se era assim que tudo terminava, se era assim que morreria, eu queria que ele soubesse.

Eu não me arrependi de nada disso.

Ele me mostrou o que era escolher.

E eu o escolhi.

Gray resistiu ao aperto de Miguel com energia renovada, jogando a cabeça para trás enquanto jogava seu irmão no chão. Miguel se levantou rapidamente enquanto Gray gritava para mim, seus olhos comunicando tudo o que sua voz não transmitia. — Agora, Willow!

Bati com a nuca no nariz de Iban, sentindo-o estalar sob a força. Suas mãos se ergueram para agarrar seu nariz quebrado, me libertando enquanto eu me isolava da magia com um grito de agonia que arrancou a pele dos meus ossos. Envolvendo a palma da mão arruinada em torno do cabo da adaga de osso enterrada dentro de mim, agarrei-a com firmeza e puxei-a.

Sangue fresco inchou quando eu girei de joelhos, estendendo meu braço em um arco único e suave.

A lâmina atingiu Iban na garganta, e a linha fina demorou um pouco para mostrar o sangue inchado. Ele gaguejou, olhando para mim antes de seu olhar cair para o fio lento que caía em sua camisa.

Reprimi minha tristeza pelo que aconteceu conosco, ficando de pé desajeitadamente com a adaga na mão. Seu poder deslizou através de mim, afundando de volta no lugar onde pertencia no meu centro. Tudo entrou em foco quando senti Gray. Senti seu próprio acesso à Fonte se fortalecendo quando ela parou de me alimentar.

Gray chutou Miguel no peito com uma nova explosão de magia cinzenta, fazendo-o cambalear para trás. Empurrei o corpo de Iban em seu caminho, deslizando-o através de seu próprio sangue e observando Miguel tropeçar e cair para trás. Seus braços se estenderam, agarrando a borda do selo enquanto ele tentava fechar sem minha magia para mantê-lo aberto.

Mesmo quando fechou, senti a atração do meu poder. Na minha alma, pois exigia uma vida.

Tudo seria em vão se eu não pudesse satisfazer o custo.

Agarrei Iban, empurrando-o para cima do corpo de Miguel enquanto Gray pisava na mão de seu irmão. Miguel soltou o poço, o seu corpo cedendo abaixo da borda enquanto Iban despencava no poço. Seu corpo explodiu em uma massa de sangue e carne no momento em que ele passou; o sacrifício foi concluído.

O vidro cobriu o poço, cortando os dedos de Miguel e separando-os de seu corpo enquanto o selo se fechava sobre minha amiga e meu familiar que ainda estavam presos abaixo. Um demônio atacou, acertando seu golpe com três marcas no peito de Jonathan enquanto eu observava. Meu familiar mudou para sua forma felina, correndo para Margot, onde Belzebu rugiu de raiva e os demônios estremeceram.

Caí de joelhos no vidro, olhando para Margot lá embaixo enquanto seu olhar cheio de medo olhava para mim. Ela segurou Jonathan contra seu peito, meu gato sangrando, mas vivo enquanto seu olhar violeta também encontrava o meu.

Vidro revestido de pedra.

E ambos se foram.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

WILLOW



Agarrei a pedra, desesperada para cavar. Minhas unhas arranharam a superfície, sangue vazando no selo enquanto eu me movia para a borda e me preparava para prender minhas mãos nele.

— Não! — Gray gritou, mergulhando em minha direção. Ele passou os braços em volta da minha cintura, me puxando para longe do selo enquanto eu lutava contra seu aperto. Meu sangue vazou da ferida que não cicatrizava, deslizando para o meu lado.

Gray me segurou firme enquanto me virava de bruços no chão da sala do Tribunal. — Me deixe ir! — Eu gritei, me debatendo em seu aperto. Mesmo agora, meu corpo estava tão cansado que consumiu tudo de mim. Somente a adrenalina me manteve em movimento, a Fonte recusando-se a me deixar ir.

— Você não é boa para ela se estiver morta! — Ele gritou, me colocando de costas. Ele levou o pulso à boca, mordendo-se e rasgando a pele com dentes cegos e semelhantes aos humanos. Estremeci quando sua carne se abriu, rasgando e escorrendo em meu rosto.

Ele pressionou-o contra minha boca, batendo-o contra meus dentes com tanta força que senti meus lábios machucarem sob a força. Balancei a cabeça de um lado para o outro, rejeitando o sangue de seu braço rasgado.

Ainda assim, ele pressionou na minha boca, forçando meus lábios a se separarem. Seu sangue deslizou pelos espaços entre meus dentes, tocando minha língua. Seu sabor estava tão requintado como sempre, explodindo na minha língua e com gosto de magia pura e não diluída.

Eu sabia agora que era a Fonte fluindo através dele, o sabor de todas as coisas de vida e morte que existiam dentro dele.

Agarrei seu braço, puxando-o para mais perto enquanto o sangue escorria pela minha garganta. Incapaz de parar, completamente extasiada pela magia que me rejuvenescia, eu sabia que beberia dele até que ele não tivesse mais nada para dar.

Eu estava vagamente consciente das vozes enquanto Gray falava com outra pessoa, o tom profundo da voz do outro homem era familiar. Eu não me incomodei em olhar enquanto bebia, o calor se espalhando pelo meu lado enquanto finalmente curava o dano da adaga.

A adaga de osso que eu ainda segurava firmemente em minhas mãos.

— Feiticeira — disse Gray, segurando minha bochecha finalmente. Ele tentou afastar o pulso da minha boca, mas eu segurei rápido, afundando os dentes em sua pele em minha recusa.

Ele riu quando outro homem veio, agarrando minhas mãos e afastando-as de seu braço. Gray soltou o braço, deixando meus pulmões arfando enquanto eu o observava cair de bunda. Ele agarrou o braço, a ferida cicatrizando mais lentamente do que deveria.

Leviatã me ajudou a sentar, levantando minhas costas do chão com um toque gentil e fraterno.

Meus olhos foram imediatamente para o selo, um soluço estrangulado preso na minha garganta quando percebi que teria que contar a Della e Nova que Iban estava morto e Margot...

Porra.

— Olhe para mim — disse Gray, seu rosto preenchendo minha visão. Ele se colocou entre mim e o selo, capturando meu rosto com as mãos. — Belzebu nunca deixará nada acontecer com ela. Você me entende?

Balancei a cabeça, agarrando-me a essa lógica com tudo o que tinha. Eu não conhecia Belzebu bem o suficiente para saber se poderia confiar nele ou se ele seria um aliado ou um inimigo, mas o que eu sabia era que a maneira como ele olhava para Margot teria que ser suficiente por enquanto.

— Ela é para ele o que você é para mim, meu amor — disse Gray, tocando sua testa na minha. — Vamos recuperá-los quando pudermos.

— Teremos que fazer isso. Precisaremos deles quando o preço de você estar aqui cair sobre nós — eu disse, abaixando a cabeça. Charlotte disse que ele não sabia qual seria o seu preço, eu acreditei nela pela maneira como ele me estudou.

— O que você está falando? — Gray perguntou.

— A Donzela. A Mãe. A Velha — eu disse, observando enquanto o rosto de Gray empalidecia. Ele compartilhou um olhar com Leviatã, seus olhos arregalados quando finalmente voltaram para mim. — Perturbamos o equilíbrio trazendo você aqui, e nossa filha será quem consertará isso.

— Charlotte era a velha — disse Leviatã, compreendendo-o enquanto Gray olhava para mim.

— E você é a mãe — disse meu marido, baixando a mão para tocar a ferida em minha barriga.

— Ainda não, mas serei — admiti.

Gray balançou a cabeça, sua negação aumentando imediatamente. — Isso não muda nada. Se você não quer filhos, não teremos filhos. É simples assim — disse ele, levantando-se e puxando-me para seus braços. Ele me levantou do chão, indo até as portas da sala do Tribunal enquanto o coven entrava.

Leviatã acenou para que continuássemos, sinalizando que ele lidaria com as bruxas por enquanto.

— Mas o equilíbrio — argumentei.

— Foda-se o equilíbrio. Vou ver o mundo queimar antes de permitir que ele a force a fazer algo que você não quer — disse ele. O aperto de cabeça de Gray afundou dentro de mim, acalmando as bordas desgastadas da minha alma. Esta noite, eu choraria pelos amigos que perdi.

Amanhã, eu encontraria uma maneira de seguir em frente.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

GRAY



Levei Willow para o banheiro, tirando-a de suas roupas. Ela não se moveu enquanto eu cuidava dela, olhando para a parede como se ela pudesse conter as respostas para seus problemas. Ela já havia parado de chorar há muito tempo quando eu dei instruções ao Leviatã sobre como lidar com os membros do Coven invadindo a sala do Tribunal, levando-a para a privacidade de nosso quarto para que ela pudesse ficar em paz. A umidade se acumulou no fundo de seus olhos, mas ela nunca deixou as lágrimas caírem enquanto eu rasguei sua camisa ao meio e a tirei.

Meus dedos foram para a nova pele rosada de seu abdômen, logo acima do umbigo. Tremendo quando toquei a ferida, observei-a recuar com o toque. Seus olhos ficaram selvagens, seu corpo recuou fisicamente quando ela saiu do transe.

Ela estava em choque, seu corpo trabalhando para proteger sua mente do que ela havia experimentado. — Sou só eu, Feiticeira — eu disse, levantando as mãos na frente dela. Esperei que seus olhos se fixassem nos meus, que ela assentisse sutilmente enquanto o reconhecimento brilhava em seu olhar.

— A culpa é minha — ela murmurou enquanto eu corria para tirar sua calça, puxando-a para baixo em suas pernas. Sua pele estava fria demais ao toque, como gelo, em comparação com o calor reconfortante que ela normalmente oferecia. — Se eu não tivesse enfeitiçado aquela adaga...

— Não se atreva — eu rebati, odiando como ela recuou diante da violência em meu tom. — Você não precisa carregar o peso do mundo

toda vez que alguém te fode. Às vezes, as pessoas simplesmente fazem coisas de merda. Ele tentou sacrificar você e todos que ele conhecia. A culpa é dele.

Willow assentiu, entrando no chuveiro quando fiz um gesto para ela entrar. Observei pela porta aberta enquanto ela estava sob a cascata, deixando a água fluir em seu rosto. Seus olhos se fecharam, seus pulmões arfando com o calor repentino. Ela se virou, inclinando a cabeça para trás para permitir que o chuveiro enxaguasse seu cabelo, seu corpo escorregadio e molhado antes mesmo de enxugar as gotas dos olhos.

Ela fez uma pausa, olhando para mim de repente onde eu estava. — O que você está fazendo? — Ela perguntou, sua voz dolorosamente suave. — Você não vem?

Fiz uma pausa, considerando o estado dela e pesando minhas escolhas. Eu poderia ser honesto com ela, comunicar minhas necessidades e dar-lhe a escolha ou simplesmente permitir que ela sofresse em paz. — Não posso — eu disse, pensando apenas nela.

— Mas você está coberto de sangue — disse ela, olhando para minhas próprias roupas manchadas de sangue.

— Vou tomar banho quando você terminar — eu disse.

— Gray — ela argumentou, franzindo a testa. Seu lábio inferior tremeu com um lampejo de vulnerabilidade, seus braços se envolveram.

Avancei, parando apenas quando parei do lado de fora da porta do chuveiro. — Quase perdi você — eu disse, a confissão saindo de minhas partes mais profundas. Eu não queria admitir o quão perto Willow estava da morte quando ela finalmente conseguiu arrancar aquela adaga da sua barriga, mas senti o chamado da vida após a morte vindo dela.

Eu tinha visto o ceifador esperando nas sombras.

— Você não fez isso — disse ela, a gentileza de sua voz me atingindo no coração. Ela quase morreu e ainda assim se preocupava em como isso me afetaria.

— Mas quase consegui, se eu entrar aí com você, tudo que vou querer é sentir você em meus braços. Para me lembrar que você ainda está aqui, porque se não estivesse... — parei. Mesmo sabendo que a

seguiria até o Inferno, entendi que a Willow que eu amava teria ido embora.

Ela nunca mais seria a mesma depois de sua morte. Nunca mais seria a mesma enquanto vive seu primeiro dia no Inferno.

No entanto, eu não poderia dizer isso a ela, considerando que isso apenas revelaria a ela tudo o que Margot estava vivenciando naquele momento.

— O que faz você pensar que não quero que você me lembre que ainda estou viva? — Willow perguntou, a gentileza dessas palavras conflitando com o calor de seu olhar.

— Você está de luto — eu disse, balançando a cabeça em negação. Eu não tiraria vantagem dela.

Assim não.

A umidade em seus olhos finalmente cedeu, seu rosto se contorcendo. Isso não me deixou escolha a não ser entrar no chuveiro, abraçando-a. A água encharcou minhas roupas, fazendo-as grudar na minha pele enquanto Willow passava os braços em volta do meu pescoço. Ela me puxou para sua altura, capturando minha boca com a dela.

Foi uma exigência gentil, sua necessidade de toque comunicada pelo aperto frenético de seus dedos em minha nuca.

Tirei minha camisa, jogando-a no chão do banheiro atrás de mim. O barulho esmagador não me forçou a afastar meus lábios de minha esposa, recusando-me a cortar nossa conexão enquanto eu desabotoava meu cinto e empurrava minhas calças pelas coxas.

Separei-me dela apenas o tempo suficiente para tirar o tecido molhado das minhas panturrilhas, chutando-as e minha cueca boxer para o canto do chuveiro. Willow ergueu uma de suas pernas em sintonia comigo enquanto eu agarrava sua coxa, usando esse aperto para levantá-la em meus braços e guiá-la para o canto oposto. Ela apoiou um único pé na saliência destinada ao barbear, oferecendo apoio enquanto guiava uma única mão entre nossos corpos.

Não houve preâmbulo ou preliminares enquanto ela guiava meu pau até sua entrada, tirando a mão do caminho para que eu pudesse empurrar dentro dela. Sua testa descansou contra a minha, sua respiração ficando irregular quando eu a abri para mim.

Willow se agarrou a mim como se sua vida dependesse disso, como se seu próprio ser precisasse do lembrete de que eu era real.

Sua respiração se enroscou na minha, eu sabia que nunca daria valor a nenhuma daquelas respirações. Seu coração batia contra meu peito, seu pulso batendo em sintonia com o meu. Senti cada batida daquele coração dentro de mim, atingindo profundamente a Fonte com a atração do destino.

— Eu te amo — Willow murmurou, suas palavras ditas com ternura contra meus lábios. Ela me beijou enquanto eu empurrava dentro dela, seu corpo se abrindo para eu fazer amor com a mulher que quase perdi.

— Feiticeira — gemi, a magia dos vermelhos cobrindo minha pele. Willow segurou meu rosto entre as mãos, seus olhos brilhando com o poder da Fonte enquanto ela olhava para mim.

— Eu escolho você, todos os dias — disse ela. Essas palavras foram a garantia de tudo que eu sempre quis ouvir.

Tudo que eu precisava para ficar em paz.

Devorei sua boca com a minha, inclinando minha cabeça para beijá-la longa e profundamente. Movi-me dentro dela com movimentos lentos e lânguidos, trazendo-lhe prazer e dando-lhe o lembrete que ambos procurávamos quando finalmente atingimos o clímax como um só.

Nós estávamos aqui. Nós estávamos juntos.

Estávamos em casa.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

WILLOW



Entrei nas salas do Tribunal, recusando-me a olhar para o selo com medo de perder a cabeça. Apenas um dia se passou desde que tudo aconteceu, e a perda de Margot nunca foi mais palpável do que quando o Coven se reuniu na sala onde eu a perdi.

Os membros recém-selecionados do Tribunal esperaram em seus próprios tronos enquanto eu caminhava em direção ao estrado, com suas famílias espalhadas pela sala ao lado deles.

Della e Nova estavam no estrado à minha direita, vestidas com lindos vestidos que representavam suas casas. Seus rostos sombrios ecoavam os meus, a bruxa desaparecida se parecia ainda mais pesada à luz do dia que havia chegado tão rapidamente.

Gray estava no centro, todo vestido de preto. Ele usou uma gravata verde floresta para mim, Leviatã estava ao seu lado junto com Asmodeus. Nós dois sabíamos que Belzebu teria ficado com eles se não estivesse perdido com Margot.

Nós os recuperaríamos. Tínhamos que recuperá-los.

Mas primeiro eu precisava ficar mais forte. Eu precisava ser capaz de manter o selo aberto por tempo suficiente para que eles escapassem, sem arriscar minha vida. Quem eu poderia sacrificar em meu lugar de outra forma?

Talvez a próxima bruxa que ousasse me desafiar fosse de muito maior utilidade.

Subi no estrado, colocando minha mão na de Gray. Seus olhos estavam quentes quando pousaram em mim, fluindo pelas suaves linhas de renda do meu vestido preto. A vibração que fluía atrás de mim se transformou em um brilho esmeralda cintilante, um aceno para minha mãe no dia que nenhum de nós era capaz de prever.

— Tenho uma última surpresa para você, antes que você se torne minha novamente — disse Gray, concentrando sua atenção nas portas da sala do Tribunal. Virei-me, encarando-o enquanto Juliet entrava na sala. O garoto ao seu lado agarrou-se a ela em busca de apoio, seus olhos castanhos arregalados enquanto varriam o Coven.

Levantei meu vestido, correndo pelo estrado, sem me importar com sua aparência. Os olhos de Ash estavam arregalados quando caí de joelhos na frente dele, passando a mão em volta de sua cabeça. Eu o esmaguei contra mim, absorvendo as lágrimas de felicidade que ele chorava com o tecido do meu vestido.

Afastando-me, toquei seu rosto e examinei-o mais detalhadamente.

Mesmo em apenas algumas semanas, ele cresceu.

Juliet o vestiu com um terno para a ocasião, e uma risada soluçante subiu pela minha garganta enquanto eu olhava para ele. — Low — disse Ash, o som daquela vozinha me atingindo profundamente no coração.

— Ei, Bug — eu disse, sorrindo em meio às lágrimas. Fiquei de pé, pegando sua mão na minha, imediatamente me senti em casa quando me virei e encontrei os olhos âmbar de Gray me encarando.

Ele sorriu, Ash me chocou quando ele se aproximou e se aninhou ao lado de Gray. Ele respondeu à minha pergunta silenciosa: — tivemos algum tempo enquanto você estava se arrumando hoje.

Mudei meu olhar para Ash, me perguntando como ele lidaria com o conhecimento de tudo o que havia mudado. — Você está... — eu parei, sorrindo quando percebi que não conseguiria lidar com a resposta se fosse um não. Eu não poderia funcionar se eles não suportassem um ao outro. — Está tudo bem para você? — Eu perguntei, me sentindo mais nervosa neste momento do que no dia em que Gray bateu na minha porta, chamando a si mesmo de um convite que eu não queria.

— Eu só quero que você seja feliz, Low — disse Ash, olhando para mim com aqueles gentis olhos castanhos que foram o centro do meu universo por tanto tempo.

Agora eu tinha dois.

Balancei a cabeça, contendo as lágrimas por tempo suficiente para sorrir para ele novamente. Leviatã se aproximou, pegando a mão de Ash e guiando-o para ficar na fila de padrinhos de Gray com ele. O significado não passou despercebido para mim, mesmo enquanto eu falava com a garganta entupida. — Por favor, não o mande embora novamente.

— Ele está exatamente onde pertence, Feiticeira — disse Gray, pegando minhas mãos nas suas.

Eu balancei a cabeça, apertando suas mãos enquanto ele se virava para as janelas. A luz dourada fluía nelas, brilhando tão intensamente que tive que apertar os olhos.

A deusa atravessou o vidro, aparecendo diante de nós numa exibição deslumbrante. Ela sorriu para Gray, estendendo a mão para segurar seu rosto afetuosamente. Um por um, os líderes do Tribunal subiram ao pé do estrado, colocando símbolos da sua magia aos nossos pés como oferenda.

Petra e Beltran trouxeram cristais de todas as cores, os verdes vívidos aquecendo meu coração.

Realta e Amar trouxeram potes cheios de luz das estrelas.

Bray trouxe um único galho.

Aurai e Devoe colocaram um sino de vento no chão, os cacos de vidro batendo uns nos outros enquanto davam vida a eles.

Tethys e Hawthorne trouxeram uma jarra de água e uma concha.

Erotes e Peabody trouxeram elixires e poções do amor.

Collins e Madlock trouxeram lanternas.

Tirei minhas mãos das de Gray, girando-as em um círculo enquanto fechava os olhos. Uma única rosa cresceu em minhas palmas e eu a coloquei ao lado do osso que havia tirado do túmulo de Lorelei naquele dia para oferenda.

— O Coven de sua amada fez uma linda oferenda em nome dela, Lúcifer Morningstar — disse a deusa, com os olhos cheios de malícia enquanto olhava para seu irmão.

Ele sorriu, sem tirar os olhos de mim enquanto considerava sua resposta. — Você pode ter o que quiser, deusa — disse ele, dando um passo mais perto de mim. Eu olhei para ele, seu rosto tão perto do meu. — Contanto que eu possa tê-la.

Ele segurou meu rosto com a mão, o calor daquele abraço me envolvendo.

— Então tudo que peço é que você seja feliz, querido irmão — disse a deusa, apoiando a mão em cada um dos meus ombros.

Sua luz mergulhou dentro de mim, enchendo-me de calor enquanto Gray selava nosso acordo final com um beijo.

Uma pechincha por uma eternidade ao seu lado.

Uma pechincha por amor.

EPÍLOGO

MARGOT



Os olhos de Willow estavam arregalados e em pânico enquanto o vidro preenchia a fronteira entre os planos, suas mãos batendo freneticamente contra a superfície como se ela pudesse romper. Observei suas unhas arranhando o vidro, seu sangue manchando o vidro.

A pedra que lentamente se espalhou para cobrir o selo era bege onde repousava sobre as manchas de sangue que ela havia deixado para trás. Eu não conseguia tirar os olhos daquele selo, não conseguia me concentrar na luta que acontecia ao meu redor. Belzebu gemeu, gritando enquanto sua asa batia contra mim.

— Tire ela daqui! — Asmodeus gritou, balançando a mão e cortando um dos demônios que lutavam contra ele.

As mãos de Belzebu seguraram meu rosto, embalando meu rosto com uma gentileza tão diferente da violência dos demônios ao nosso redor. — Preciso que você saia dessa, Pássaro Canoro — disse ele, aquele nome me atingindo no peito. Isso me forçou a me livrar do trauma, estremecendo quando suas asas me puxaram para perto.

Satanás lutou com Miguel, o arcanjo lutando sem dedos. Levaria algum tempo para que sua magia o curasse neste lugar que estava tão distante do Pai que o forneceu em primeiro lugar, mas suas asas abriram e bateram contra Satanás.

Eu o senti estremecer quando algo arranhou sua asa, rasgando o tecido fibroso enquanto eu acenava para ele.

Ele acenou de volta, colocando as mãos na minha cintura. Eu me afastei do toque por instinto, balançando o movimento para encorajá-lo a continuar.

Ele me agarrou com força, puxando-me para seu corpo enorme. O calor pulsou naqueles símbolos dourados rabiscados em seu peito, a luz contida neles brilhando mais forte enquanto minhas mãos roçavam sobre eles, onde apareciam na gola de sua camisa.

Obriguei-me a passar os braços em volta de seu pescoço, imprensando Jonathan entre nós. O sangue do gato vazou lentamente em meus braços, suas feridas eram superficiais o suficiente para que eu soubesse que ele ficaria bem.

Se conseguíssemos sobreviver.

Belzebu me esmagou contra seu peito, dobrando os joelhos enquanto eu me agarrava a ele. Ele pulou no ar, a enorme extensão daquelas asas de morcego se espalhando amplamente. Eles pegaram o vento enquanto os demônios se aproximavam de nós – de mim – eu percebi. Eles não tinham interesse em Belzebu, apenas tentavam passar por ele para chegar até mim.

Suas asas bateram, enviando uma rajada de ar em direção ao chão. Os demônios mais próximos de onde estávamos caíram no chão enquanto decolamos. Belzebu voou enquanto o sangue escorria de sua asa para pousar no chão abaixo de nós, aquele rasgo em sua asa nos forçando a seguir um caminho tortuoso. Ele fez uma careta de dor, sem nunca parar, seu caminho nos levando por intermináveis colinas de terra vermelha profunda.

Demônios eram raros abaixo de nós enquanto viajávamos, os corpos espalhados pela terra vermelha mudando à medida que colocamos distância entre nós e o poço. Sua carne vermelha e mutilada se destacava muito menos na terra abaixo de mim do que as almas perdidas que vagavam sem rumo.

— O Primeiro Círculo — disse Belzebu, sua voz alta o suficiente para abafar o som do ar viajando. Ele parou de bater as asas, estabelecendo-se em um deslizamento suave enquanto o silêncio e a paz do voo o dominavam.

Um pouco da tensão deixou suas feições, uma calma que eu nunca tinha visto no homem tenso, fazendo-o parecer muito menos severo. Seu queixo quadrado suavizou-se como se ele vivesse em

constante estado de ranger os dentes, seus olhos escuros vagando pelo chão abaixo.

— Limbo — eu disse, balançando a cabeça em compreensão. Eu não sabia em que parte do Inferno o selo se abria, mas fazia sentido que fosse a fronteira mais externa. O círculo para aqueles que não haviam jurado a Deus, mas viviam vidas virtuosas, o Limbo era o menos severo dos Nove Círculos.

Era um Círculo no qual eu não teria permissão de permanecer quando morresse, porque o pecado da minha magia me condenaria em outro lugar.

O solo abaixo de nós tornou-se mais acidentado, o fluxo e refluxo da terra parecendo mais natural do que as planícies planas e planos de terra vermelha abaixo do próprio selo. Um edifício permanecia à distância, uma pedra ônix projetando-se da encosta. Os topos do palácio eram pontiagudos como torres, lembrando-me a arquitetura gótica de igrejas como Notre Dame.

As janelas da frente brilhavam com a luz dos vitrais, refletindo na terra vermelha da frente. Belzebu desviou para a esquerda em uma curva fechada, deslizando em direção ao palácio. Descemos gradativamente, atravessando o portão em frente ao prédio. Belzebu me moveu em seus braços, arrancando um suspiro assustado de mim enquanto rapidamente colocava a mão atrás dos meus joelhos e me embalava em seus braços.

Ele pousou suavemente, sem sequer parar enquanto mudava para um andar uniforme e caminhava em direção às portas do palácio. Um demônio macho abriu as portas, sua pele do mesmo marrom claro que a de Belzebu.

— Belzebu — disse o demônio, afastando-se para segurar a porta enquanto o arquidemônio me carregava para dentro. Jonathan pulou do meu aperto imediatamente assim que passamos pela soleira, sacudindo a poeira que havia assentado sobre ele durante nossa fuga. Ele torceu o corpo imediatamente, lambendo as três marcas em seu peito.

— Pare com isso — eu o repreendi enquanto Belzebu me colocava de pé. Agachando-me, dei-lhe um tapa no focinho. — Gatinho mau.

Ele olhou para mim com aqueles olhos roxos misteriosos, um olhar de pura descrença enquanto golpeava meu dedo em desafio.

— O gato precisa de pontos — eu disse, interrompendo Belzebu, onde ele falava com o demônio. Estendendo a mão com cautela, passei meus dedos ao redor da borda da asa de Belzebu, puxando-a para que pudesse examinar o rasgo na membrana de sua asa. — Assim como você.

Ele emitiu um som que era meio gemido e meio rosnado – tudo menos ameaçador – e virou a cabeça para olhar para mim. Engoli em seco, franzindo os lábios enquanto mantinha seu olhar intenso e sombrio.

O outro demônio pigarreou. — Devo chamar o curandeiro de Raum? — Ele perguntou, olhando para a área onde eu ainda segurava a asa de Belzebu em meus dedos.

Eu a soltei, dando um passo para trás e desviando os olhos.

— Leve o gato ao curandeiro — disse Belzebu, sem tirar os olhos do meu rosto. Eu senti isso com o canto do olho, mas não pude suportar encará-lo. Não quando tive a nítida sensação de que tinha acabado de cometer algum tipo de preliminar.

Na frente de outro homem.

— E você, senhor? — Perguntou o demônio, abaixando-se para pegar Jonathan em seus braços. O gato sibilou, afundando as garras na carne do macho.

— Meu Pássaro Canoro cuidará de mim — disse Belzebu, essas palavras enviando uma onda imediata de pânico através de mim.

Eu não tenderia a *nada*.

— Eu não sou uma curandeira — argumentei, levantando meu olhar para encará-lo. Ele sorriu para a raiva no meu rosto, aquela resposta estranha que eu sempre recebia quando ele finalmente me empurrava além dos meus limites.

— Não é nada que alguns pontos não possam consertar — disse ele, dando um passo em minha direção. Ele pegou minha mão, me guiando em direção à escada na parte de trás do grande hall de entrada. — Satanás e Asmodeus estarão aqui em breve! — Ele falou por cima do ombro, me deixando sem escolha a não ser segui-lo enquanto suas pernas muito longas se dirigiam para as escadas.

— Não sei fazer pontos! — Protestei, tentando deslizar minha mão para fora do seu aperto de ferro.

— Você sempre poderia me curar de outras maneiras, Pássaro Canoro — ele brincou, nós dois sabendo que a maioria dos Vermelhos apenas lhe ofereceria prazer e usaria essa energia para curá-lo.

— Pare de me chamar assim! — Eu argumentei, puxando sua mão. Ele me guiou até o topo da escada, parando em frente a uma porta. Ele finalmente testou a maçaneta, conduzindo-me para a privacidade de um lindo quarto.

Tentei ignorar o quão bonito tudo era apesar da paleta de cores mais escuras, sentindo-me totalmente à vontade com o vermelho que me rodeava. — Por quê? Então você não precisa admitir o quanto gosta disso? — Ele perguntou, fechando a porta atrás dele.

Ele foi até a cômoda, abriu uma gaveta e tirou uma agulha e algo que parecia um cruzamento entre linha e linha de pesca.

Engoli em seco, sem saber como encontrar palavras para admitir por que odiava tanto aquele maldito apelido.

No dia em que ele me deu, na primeira vez que coloquei os olhos em Belzebu, ele me pegou cantando para mim mesma. Foi apenas um leve zumbido, pensando que eu estava sozinha no pátio que Willow tanto amava. Adorei como as flores dela se desviaram em minha direção, como se elas também não pudessem resistir à magia da minha música.

Eu não poderia imaginar que havia um demônio me observando, me ouvindo cantar e sendo vítima do meu feitiço.

Cada vez que ele me chamava assim, cada vez que fazia referência à magia em minhas veias, era apenas mais um lembrete.

Ele foi pego pelo meu feitiço, quer eu gostasse ou não. E não importa o que eu fizesse, uma coisa permanecia certa.

Eu não consegui libertá-lo. Eu tinha arrancado seu livre arbítrio tão duramente quanto Itan havia tirado o meu.

Belzebu pode não ter sentido nenhum sofrimento imediato por minha violação, e provavelmente nunca sentiria. Ainda assim, se eu não pudesse cantar para ele e não tocá-lo, um dia o feitiço desapareceria sozinho. Então, ele seria capaz de seguir em frente com sua vida.

Deixando-me em paz, finalmente.

O PASSÁRO CANORO

BELZEBU



Estava muito frio.

Lúcifer nos prometeu um refúgio, e conseguimos uma tundra meio congelada onde a geada cobria a grama pela manhã. Nunca pensei que sentiria falta do calor do Fogo do Inferno por perto, mas será que iria matá-los ter as lareiras acesas?

Minhas asas roçaram no arco enquanto eu atravessava um dos corredores mais estreitos, forçando-me a prendê-las bem e abaixar a cabeça se quisesse passar. Raspar minhas asas contra as paredes de pedra pode não ter causado nenhum dano, mas com certeza serviria a um único propósito.

Me irritando pra caramba.

Lúcifer estava louco dando tanto de seu sangue para sua Consorte, eu os deixei na fronteira da floresta me sentindo totalmente inseguro. Eu não sabia como ela conseguiu envolvê-lo com tanta eficiência, não era como se ela fosse uma bruxa vermelha e o tivesse corrompido com a natureza viciante do sexo.

Ela não era *nada* especial, apenas mais uma humana. Ele tinha visto inúmeras outras pessoas que estariam dispostas a aquecer sua cama e seriam muito menos complicadas no final.

Eu as tinha visto bajulá-lo no Inferno, só podia imaginar como elas o adularam no plano dos vivos.

Caminhei pelos corredores, indo em direção aos quartos que Lúcifer havia dado aos arcanjos nesse meio tempo. Era um corredor

minúsculo e isolado perto das salas do Tribunal e do pátio que estava cheio de plantas que praticamente se contorciam de vida.

O que quer que as bruxas tenham feito, aquela parte do mundo exalava poder.

Eu passei o resto do dia depois de deixá-los cuidando dos negócios que Lúcifer *deveria* estar cuidando sozinho. Mantendo os arquidemônios na linha, ensinando-os a não comer as bruxas no almoço.

Para manter as mãos longes até que Lúcifer descobrisse como ele via tudo isso acontecendo. Governá-los sempre foi a intenção.

Ele ter uma esposa bruxa não fazia parte desse plano.

Eu vacilei no passo, o som suave de uma melodia inocente ecoando pela noite. Todas as bruxas foram para a cama antes de escurecer, como se temessem o que os arquidemônios poderiam fazer com elas se fossem pegas fora de seus quartos à noite.

As plantas no pátio balançavam em sintonia com a melodia suave, a voz da mulher rouca e baixa. Deslizei para frente com pés firmes e seguros, incapaz de resistir ao chamado daquele tom. Eu não conseguia vê-la, não pela forma como as plantas a protegiam de vista.

Abafando a música dela, percebi. Mantendo isso privado.

Mesmo assim, segui em frente, atraído por aquele som de uma forma que não conseguia explicar. Aproximei-me do muro de pedra ao lado do Pátio, passando por cima dele com facilidade. As rosas formavam um arco no centro do jardim, quase como uma passarela que foi criada para mim.

Uma mulher permaneceu no fim do túnel que elas formaram, de costas para mim. O cabelo loiro ondulado caía sobre os ombros em camadas, fazendo com que parecesse fofo e mais macio do que qualquer coisa que eu já senti. A súbita necessidade de tocá-lo tomou conta de mim, fazendo-me dar mais um passo enquanto meu olhar percorria a extensão suave de seus ombros. Sua blusa vermelha escura caía nas costas, revelando a curva de sua coluna. Ela tatuou notas musicais no centro, a tinta se espalhando em mechas ao encontrar a linha definida de músculos nas laterais da coluna.

Sua saia xadrez era curta, muito curta, as meias brancas até a coxa abraçavam suas pernas longas e a definição suave delas. Não havia um caroço fora de vista, nem um fio de cabelo fora do lugar.

Dei outro passo, estremecendo ao som de um galho estalando sob minha bota.

A mulher girou de repente, sua música parando enquanto seu cabelo virava para revelar seu rosto bonito e chocado.

Bonito não era uma palavra forte o suficiente.

Ela era um anjo, seus olhos cor de mogno arregalados e seus lábios curvados perfeitos entreabertos em estado de choque. Seus olhos se fecharam quando ela me viu, eu não consegui parar o rosnado que retumbou em meu peito.

Ela não reconheceu o predador em seu meio?

Avancei, parando apenas quando ela tropeçou um passo para trás com medo. Suas maçãs do rosto eram altas, cortadas como vidro e seu nariz era um botão perfeito no centro do rosto. Seu uniforme revelava uma linha de decote, seus seios eram amplos o suficiente para encher minha mão.

— Eu não queria que ninguém me ouvisse — ela disse, sua voz era uma melodia rouca. Havia uma aspereza que me lembrou da paixão numa noite quente de verão, que me fez pensar no ar ameno e nos corpos suados.

— Eu ouvi você, Pássaro Canoro — eu disse, dando mais um passo à frente.

A mulher estremeceu, como se eu a tivesse batido fisicamente. — Você não vai ouvir isso em breve — disse ela, contornando-me. Ela manteve a cabeça baixa enquanto tentava passar por mim, seu corpo inteiro lutando freneticamente quando eu a alcancei e meus dedos roçaram seu braço.

Minha testa franziu, estreitando a expressão de pânico em seu rosto. Não havia dúvidas sobre a cautela ali. O medo de ser tocada.

Quem?

Eu não expressei a pergunta, enfiando as mãos nos bolsos da calça para acalmá-la. Ela acompanhou o movimento, seu corpo tenso.

Seus pés estavam separados na largura dos ombros, preparada tanto para lutar quanto para fugir. Só isso já conquistou meu respeito, saber que ela aceitou tudo o que aconteceu com ela e ficou mais forte.

O tônus muscular de seu corpo delicado apenas confirmava isso.

— Qual o seu nome? — Eu perguntei, observando enquanto ela passava a língua no lábio para molhá-lo. Meu mundo inteiro se reduziu ao movimento, meu corpo tenso com a necessidade de sentir aquele calor úmido no meu...

— Não importa. Você vai me esquecer em breve — disse ela, girando nos calcanhares. Ela se movia com saltos como uma profissional, apesar da sujeira sob seus pés, abrindo caminho pela borda da meia parede de pedra. Seus saltos estalaram contra o chão de pedra enquanto ela fugia rapidamente, mas não correu.

Deixando-me olhando para a mulher misteriosa, me perguntando como *alguém* poderia esquecê-la.

FIM